



literatura  
livre

# Contos de amor de loucura e de morte

HORACIO  
QUIROGA

*Cuentos de amor de locura  
y de muerte (1917)*

Tradução: Renato Roschel  
e Adriana Zoudine

Edição bilíngue:  
PORTUGUÊS • ESPANHOL

Sesc



— •  
literatura  
**livre**

# **Contos de amor de loucura e de morte**

Horacio Quiroga

Edição Bilingue

**Sesc** **mojo**.org



— •  
literatura  
**livre**

# **Contos de amor de loucura e de morte**

Horacio Quiroga

*Tradução:*

Renato Roschel e Adriana Zoudine.

Edição Bilingue

Português-Espanhol

**sesc** **mojo**<sup>org</sup>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP**

---

Q84 Quiroga, Horacio (1878-1937)  
Contos de amor de loucura e de morte / Horacio Quiroga. Tradução de Renato Roschel e Adriana Zoudine. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).  
E-Book: PDF, ePUB, MOBI  
Disponível em: <https://mojo.org.br>

*Título Original: Cuentos de Amor de Loucura y de Muerte.*

*Edição bilingue: Português - Espanhol.*

ISBN 978-65-89008-21-7

1.Literatura Uruguaia. 2. Conto. 3. Literatura Fantástica. 4. Amor. 5. Loucura. 6. Morte. I. Título. II. Série. III. Uma estação de amor. IV. Os olhos sombrios. V. O solitário. VI. A morte de Isolda. VII. O inferno artificial. VIII. A galinha degolada. IX. Os barcos suicidas. X. O travesseiro de penas. XI. O cão raivoso. XII. Á deriva. XIII. A insolação. XIV. O arame farpado. XV. Os mensuais. XVI. Yaguai. XVII. Os pescadores de toras. XVIII. O mel silvestre. XIX. Nosso primeiro cigarro. XX. A meningite e sua sombra. XXI. Roschel, Renato, Tradutor. XXII. Zoudine, Adriana, Tradutora. XXIII. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. XIV. Literatura Livre. XV. Fortaleza, Horacio Silvestre Quiroga (1878-1937).

CDU 821.134.2(8)

CDD 868.9939

---

**Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154**

# Prefácio

**E**m um conto bem feito”, comenta Horacio Quiroga em seu texto *Manual del Perfecto Cuentista*, “as três primeiras linhas possuem quase a mesma importância que as três últimas”. Essa frase se assimila e muito à ideia concebida por um dos grandes mestres de Quiroga, o escritor Edgar Allan Poe, em resenha sobre uma obra de Nathaniel Hawthorne, escrita em 1842, na *Graham’s Magazine*: “Um habilidoso artista literário construiu o [seu] conto. Se for sábio, ele não moldou os seus pensamentos para acomodar acasos; mas sim, tendo concebido, com cuidado deliberado, produzirá um efeito único e singular. Então, ele forja tais circunstâncias — ele combina tais eventos para que possam ajudá-lo a estabelecer um efeito preconcebido. Se sua primeira sentença não produzir esse efeito, ele falhou em seu primeiro passo”.

No decorrer das páginas de *Contos de amor de loucura e de morte*, o leitor irá perceber que, diferente do preconizado por escritores argentinos famosos, como Jorge Luis Borges e Bioy Casares, os quais diziam que Quiroga era mera

“superstição uruguaia”, ele sabia o que fazer em cada uma de suas histórias. Muito diferente do apontado pelos dois, o uruguaio não era uma cópia dos seus grandes mestres, alguém que reproduzia, com menor qualidade, o que outros já haviam feito. Poe, Maupassant, Kipling e Tchékhov eram fontes de inspiração e, como todos sabem, fazer literatura é reproduzir o conhecido de forma única.

Horacio Quiroga, da mesma maneira que foi influenciado, influenciou muitos autores, como Julio Cortázar e seu surrealismo, e tendências, tanto naturalista quanto preocupado com o esteticismo e o sobrenatural, o escritor foi precursor de muitos movimentos, como o realismo mágico e o existencialismo. Além de introduzir um estilo literário repaginado, foi um mestre no que diz respeito aos contos contemporâneos, gênero que precisa levar o leitor, de uma única vez, ao *phatos*.

Essa coletânea fala tão intrinsecamente com o escritor e a sua triste vida quanto com o próprio leitor, pois é um título que mostra como a vida humana pode ser trágica e como a tragédia é essencialmente humana. Quiroga, desde jovem, teve que lidar com a morte: de seu pai suicida; de seu padrasto suicida; de seu melhor amigo que morreu acidentalmente quando o escritor manejava uma arma; e também com o amor e a morte, através de sua primeira esposa, que

também se suicidou. Assim, desde o princípio, o horror está presente na vida do escritor e, por causa disso, não é estranho que Edgar Allan Poe e Maupassant o tenham influenciado tanto. Mesmo a temática das mulheres, forte na literatura de Poe, é possível ser vista tanto na vida do autor uruguaio como em sua literatura.

Da mesma forma que o escritor norte-americano, há em Quiroga racionalidade e cientificismo, os quais podem ser considerados pilares dentro da estrutura psicanalítica de seus textos. No caso de *Contos de amor e loucura e morte*, tem-se a psicanálise freudiana em destaque já no título. Freud, apropriando-se da mitologia grega, utiliza as figuras de Éros (Amor) e Thanatos (Morte) para explicar as teorias das pulsões. De acordo com o psicanalista, todos os indivíduos possuem simultaneamente o desejo pelo prazer, que é a pulsão de vida, e a atração pela morte, ou seja, a pulsão de morte. Assim, nesse entremeio, o que nos resta senão a loucura?

Compilados em 1917, os contos presentes nesta coletânea são intensos e, muitas das vezes, por mais óbvios que possam parecer à primeira vista, também são absurdos ou absurdamente trágicos. Diferente do estilo prolixo de Poe, Quiroga é cirúrgico no que diz respeito ao tamanho de seus contos e do que eles transmitem. Ele apresenta o necessário, traz misticismo e realidade, horror e violência, sentimentos

amorosos e voluptuosa ganância humana: é essencialmente humano, como diria Nietzsche; e, mais ainda, terrivelmente humano.

# Contos de amor de loucura e de morte

Uma estação de amor .....	13
Os olhos sombrios .....	47
O solitário .....	61
A morte de Isolda .....	71
O inferno artificial .....	83
A galinha degolada .....	97
Os barcos suicidas .....	111
O travesseiro de penas .....	119
O cachorro louco .....	125
À deriva .....	141
A insolação .....	147
O arame farpado .....	159
Os mensuais .....	177
Yaguai .....	197
Os pescadores de toras .....	215
O mel silvestre .....	227
Nosso primeiro cigarro .....	237
A meningite e sua sombra .....	253

Cuentos de amor de locura y de muerte. . . . .	301
Una estación de amor . . . . .	303
Los ojos sombríos . . . . .	335
El solitario . . . . .	347
La muerte de isolda . . . . .	357
El infierno artificial . . . . .	369
La gallina degollada . . . . .	381
Los buques suicidantes . . . . .	393
El almohadón de pluma . . . . .	399
El perro rabioso . . . . .	405
A la deriva . . . . .	421
La insolación . . . . .	427
El alambre de púa . . . . .	439
Los mensú . . . . .	457
Yaguái . . . . .	475
Los pescadores de vigas . . . . .	493
La miel silvestre . . . . .	505
Nuestro primer cigarro . . . . .	515
La meningitis y su sombra . . . . .	531

Manifesto pela democratização do domínio público .....	571
Literatura Livre .....	572
Instituto Mojo .....	573
Ficha técnica .....	574



# UMA ESTAÇÃO DE AMOR

## PRIMAVERA

**E**ra terça-feira de carnaval. Nébel acabara de entrar no corso, ao entardecer. Enquanto tentava se livrar das serpentinas, olhou para a charrete da frente. Sem conseguir reconhecer um rosto, cujo não tinha visto na noite anterior, perguntou a seus companheiros:

— Quem é? Não me parece feia.

— Um demônio! É lindíssima. Creio que sobrinha, ou coisa do tipo, do doutor Arrizalbalaga. Chegou ontem, me parece...

Nébel fixou atentamente seus olhos naquela criatura ingênua. Era uma menina muito jovem, talvez por volta dos quatorze anos, mas completamente núbil. Tinha, sob o cabelo muto escuro, um rosto de suprema brancura, do tipo acetinado que é patrimônio exclusivo da cútis mais fina. Olhos azuis e grandes perdiam-se nas têmporas e no cerco

de seus cílios negros. Levemente separados, eles, logo abaixo de uma testa lisa, davam a ela um ar de muita nobreza ou de grande teimosia. Porém, em razão de suas peculiaridades, tais olhos preenchiam aquele semblante em flor com a luz de sua beleza. Ao senti-los voltados à sua direção, Nébel ficou completamente deslumbrado.

— Que encanto! — murmurou imóvel, com um dos joelhos apoiado na almofada do assento da carroça. Um momento depois as serpentinas voavam em direção à vitória. As duas charretes acabaram enlaçadas pela ponte de fitas, o que levava a jovem a sorrir, de quando em vez, para o jovem galanteador.

Aquela situação, no entanto, já se aproximava da falta de respeito às pessoas, aos cocheiros e até mesmo à charrete: sobre o ombro, a cabeça, chicote, para-lama, as serpentinas que choviam sem cessar. A coisa demorou tanto que duas pessoas sentadas atrás da jovem, ainda que estivessem sorrindo, viraram suas cabeças para examinar atentamente o extravagante rapaz.

— Quem são eles? — perguntou Nébel em voz baixa.

— O doutor Arrizabalaga, acredito que você o conhece; e a outra é a mãe da sua garota. Ela é cunhada do doutor.

Após o exame, Arrizabalaga e a senhora sorriram francamente frente aquela exuberância de juventude.

Nébel achou que deveria saldá-los e o fez com jovial condescendência.

Este foi o princípio de um idílio que durou três meses, ao qual Nébel dedicou toda a capacidade de adoração que sua apaixonada adolescência permitia. Enquanto seguia o corso, e em Concordia isso pode ir até as mais altas horas, Nébel esticou intensamente seu braço para frente, tanto que o punho da sua camisa, solto, bailava sobre sua mão.

No dia seguinte, a cena se repetiu; e, como desta vez o corso retornava às ruas para uma batalha de flores, Nébel esgotou quatro imensas cestas de flores em 15 minutos. Arrizabalaga e sua senhora riam, voltando sua atenção para o rapaz com certa frequência, ao passo que a jovem não tirava os olhos de Nébel. Ele se desesperou quando percebeu que os cestos estavam vazios. Sua salvação foi um pobre ramo de sempre-vivas e jasmins-do-caribe. Nébel saltou com ele sobre a roda da surrey, quase torceu o tornozelo e, correndo para a vitória, ofegante, empapado de suor e com o entusiasmo estampado no rosto, ofereceu o ramo à jovem. Desenfreada, ela buscou outro ramo para dar em troca, mas não havia nenhum. Seus companheiros de charrete riam.

— Calma, sua louca! — disse a mãe, apontando para o peito da jovem. — Você tem um ramo aí!

A carruagem avançava. Nébel, que havia descido do estribo, aflito, correu para alcançar o ramo que a jovem oferecia, com o corpo quase fora do coche.

Nébel estava na cidade há três dias. Morava em Buenos Aires, onde concluía seu bacharelado. Permanecera sete anos na capital, por essa razão, seu conhecimento da sociedade de Concordia, sua cidade natal, era mínimo. Ficaria por mais quinze dias lá, em pleno sossego de alma, mas talvez não de corpo. Porém, logo no segundo dia, ele já havia perdido completamente sua serenidade. O motivo, no entanto, era um encanto!

— Que encanto! — ele repetia, pensando naquele raio de luz, flor e carne feminina que vira naquele coche. Reconhecia estar real e profundamente deslumbrado, além de apaixonado.

E se ela o quisesse! O queria? Nébel, para elucidar a situação, confiava menos no ramo que levava no peito e muito mais na precipitação aturdida da jovem para encontrar algo para lhe oferecer. Evocava claramente o brilho dos olhos dela quando o viu chegar correndo, a inquieta expectativa com que o esperava e, em outra ordem, a morbidez do jovem peito ao lhe oferecer o ramo.

Mas agora tudo estava acabado! No dia seguinte, ela deveria seguir para Montevideo. Que importância teriam as

outras pessoas, Concordia, seus amigos de antigamente ou até mesmo seu pai? Pelo menos, iria com ela até Buenos Aires.

Efetivamente, fizeram a viagem juntos e, durante o trajeto, Nébel atingiu o mais alto grau de paixão que pode alcançar um jovem romântico de dezoito anos, que se sente querido. A mãe da jovem acolheu o quase infantil idílio com afável complacência. Ria muito ao ver o casal falando pouco, rindo sem parar e olhando-se infinitamente.

A despedida foi breve, pois Nébel não quis perder o último vestígio de sanidade que lhe restava. O jovem mudou de rumo depois dela.

Voltaria para Concordia no inverno. Talvez uma temporada. Ele iria? “Ah, eu é que não vou voltar!” E enquanto Nébel caminhava pelo cais, olhando para trás a cada momento, ela, apoiada no batente, a cabeça um pouco baixa, o seguia com os olhos. Ao mesmo tempo, os marinheiros sorriam ao ver aquele idílio e o vestido curto da terníssima noiva.

## VERÃO

Em 13 de junho, Nébel voltou para Concórdia. E ainda que soubesse desde o primeiro momento que Lidia estava lá, passou uma semana sem se inquietar nem um pouco por ela. Quatro meses são tempo de sobra para um relâmpago

de paixão, o qual, nas águas adormecidas de sua alma, era capaz de produzir resplendor suficiente para dominar seu amor-próprio. Estava, sim, curioso para vê-la. Mas um pequeno incidente foi o suficiente para perfurar sua vaidade e arrastá-lo novamente. No primeiro domingo, Nébel, como todo bom rapaz do interior, esperou na esquina a saída da missa. Ao fim, Lidia e sua mãe, olhando sempre adiante, avançaram por entre as filas de moços.

Nébel, ao vê-la novamente, sentiu que seus olhos se dilataram somente para sorver em toda plenitude a figura bruscamente adorada por ele. Esperou com ânsia quase dolorosa o instante no qual os olhos dela, em súbito resplendor de ditosa surpresa, o reconheceram entre as pessoas.

Mas ela seguiu, com seu olhar frio, adiante.

— Parece que não se lembra mais de você — disse um amigo, que havia assistido a cena.

— Não muito! — Sorriu. — É uma pena, porque eu gostava dela de verdade.

Quando ficou sozinho, Nébel chorou sua desgraça. Agora que voltara a vê-la! Como sempre quis! Ele queria dormir e não acordar mais!

— Acabou-se tudo! Pum, pum, pum! — ele repetia sem se dar conta. — Pum! Está tudo acabado!

De repente: E se ela não me viu...? Claro! Mas claro! Seu rosto se animou novamente, acolhendo essa probabilidade profundamente razoável com plena convicção.

Às três horas, batia na porta da casa do doutor Arrizabalaga. Sua ideia era elementar: consultaria o advogado sobre qualquer assunto mixuruca de advogados e, nesse meio tempo, tentaria vê-la. Uma súbita correria pelo pátio foi a resposta à campainha, e Lidia, para deter o impulso, teve de se segurar violentamente na janela. Viu Nébel, lançou uma exclamação e, ocultando com seus braços a leveza doméstica de sua roupa, fugiu mais rápido do que chegou.

Um instante depois, a mãe abria a porta do consultório para recebê-lo com a mesma viva complacência de quatro meses atrás. Nébel não cabia em si de alegria. Como a senhora não parecia se interessar com as preocupações jurídicas de Nébel, ele preferia um milhão de vezes mais a presença dela à do advogado.

Com tudo isso, ele se viu completamente tomado pelo calor das brasas de uma felicidade ardente e, como tinha 18 anos, desejava sair dali para desfrutar sozinho, e sem hesitação, sua imensa alegria.

— Já vai? — disse a senhora. — Espero que possamos vê-lo novamente, não é verdade?

— Sim, senhora!

— Todos aqui ficaríamos muito felizes... eu suponho que todos! Quer que eu faça uma consulta? — Ela sorriu com a burla maternal.

— Oh, com toda a alma! — respondeu Nébel.

— Lidia, venha cá, por favor! Há aqui uma pessoa que conhece você.

Nébel já tinha sido visto por ela, mas não se importava.

Lidia chegou quando ele estava de pé. Avançou até seu encontro, os olhos faiscando de felicidade, ofereceu ao jovem um grande ramo de violetas, de maneira adoravelmente desajeitada.

— Se você não se importa — prosseguiu a mãe —, pode vir todas as segundas. O que acha?

— Que é muito pouco, senhora! — respondeu o jovem.

— Às sextas também, se me permitir. Me permite?

A senhora começou a rir.

— Que apressado! Não sei... vamos ver o que diz Lidia. O que você acha, Lidia?

A jovem inocente, que não tirava os seus olhos risinhos de Nébel, disse “sim...!” logo de cara, já que devia a ele sua resposta.

— Muito bem! Então, até sexta, senhor Nébel.

Nébel objetou:

— A senhora me permitiria vir essa noite? Hoje é um dia extraordinário...

— Muito bem! Esta noite também! Acompanhe o jovem até a porta, Lidia.

No entanto, Nébel, tomado por uma louca necessidade de movimentos, despediu-se ali mesmo, fugindo com seu ramo, cujo quase se desfez de tanto que ele apertava, pois sua alma estava mais preocupada em se projetar ao último céu da felicidade.

## II

Durante meses, todos os momentos nos quais eles se viam, todas as horas que os separavam, Nébel e Lidia se adoraram. Para ele, romântico até sentir o estado da dolorosa melancolia que provoca uma simples garoa que acinzentava o pátio, aquela criatura ingênua, com seu rosto angelical, seus olhos azuis e sua plenitude precoce, encarnava a soma possível do ideal. Para ela, Nébel era varonil, bom moço e inteligente. Não havia em seu mútuo amor nenhum empecilho, nem mesmo o fato de Nébel ser menor de idade. O rapaz, deixando de lado os estudos, a carreira e qualquer coisa do gênero, queria se casar. De fato, havia apenas duas coisas: para ele, era *absolutamente* impossível viver sem sua Lidia; e ele levaria aquela situação adiante a qualquer custo. Pressentia — ou melhor, sentia — que iria malograr rudemente.

Seu pai, em efeito, desgostando profundamente de ver Nébel perder o ano letivo para perseguir um amor de carnaval,

devia, a qualquer momento, colocar os pingos nos is de maneira vigorosa. Ao final de agosto, teve uma conversa definitiva com o filho:

— Me disseram que você continua com suas visitas aos Arrizabalaga. É verdade? Por que você não tem a dignidade de me dizer uma palavra sobre isso?

Nébel viu a tormenta que se aproximava sob aquele manto de *dignidade*. Sua voz tremeu um pouco.

— Se não te disse nada, papai, é porque sei que você não gostaria de me ouvir falando sobre isso.

— *Bah!* Sobre eu gostar, de fato, você nem precisa se dar ao trabalho... Quero saber em que estado as coisas estão. Você vai até essa casa como namorado da moça?

— Sim.

— E eles te recebem formalmente?

— Acredito que sim — gaguejou.

O pai o olhou fixamente e tamborilou sobre a mesa.

— Está bem! Muito bem! Agora ouça, porque tenho o dever de lhe mostrar o caminho. Você sabe o que está fazendo? Já pensou no que pode acontecer?

— O que poderia acontecer...?

— Vamos imaginar que você se case com essa moça. Mas preste atenção: você já tem idade suficiente para refletir a respeito disso, pelo menos. Sabe quem são? De onde são?

Você conhece alguém que saiba como é a vida que eles levam em Montevideú?

— Papai!

— Sim, o que eles fazem lá! *Bah!* Não fique com essa cara... Não me refiro a sua... namorada. Essa é uma criança e, como tal, ela não sabe o que faz. Outra coisa: você sabe do que eles vivem?

— Não. Não me importa, porque mesmo que você seja meu pai...

— *Bah, bah, bah!* Deixe isso para depois. Não estou falando como seu pai, mas como qualquer homem honrado deveria falar contigo. E já que você ficou tão indignado com as minhas perguntas, averigüe com alguém que queira lhe contar quais são os tipos de relações que a mãe da sua namorada tem com o cunhado. Pergunte!

— Sim! Eu já sei o que ocorreu!

— Ah! Então você sabe que ela é a amante de Arrizabalaga? E que ele ou outro é quem sustenta a casa em Montevideú? E você não se importa com isso!

— ...!

— Sim, já sei, sua namorada não tem nada a ver com isso! Já sei! Não há impulso mais belo do que o seu; mas tome cuidado, porque você pode chegar tarde! Não, não! Tenha calma! Não tenho a menor intenção de ofender sua namorada,

e acredito, como disse a você, que ela não está contaminada ainda pela podridão que a rodeia. Porém, se a mãe pretende vender a filha em matrimônio, pensando na fortuna que vai herdar quando eu morrer, diga a ela que este velho Nébel aqui não está disposto a tais negociatas. Prefiro que o diabo me carregue do que consentir isso. Não tenho mais nada para dizer a você.

O jovem amava muito de seu pai, apesar de seu jeito duro. Saiu cheio de raiva por não conseguir desaguar sua ira, tão violenta quanto injusta, como ele mesmo sabia. Há muito tempo, ele fingia não saber sobre essa situação: a mãe de Lidia manteve um relacionamento amoroso com Arrizabalaga enquanto o marido dela ainda era vivo, além de continuar com ele por cerca de quatro ou cinco anos depois. Eles ainda se viam vez ou outra, os dois se encontravam pelas tardes, mas o velho libertino, tomado agora por sua artrite de solteirão doente, estava longe de ser movido pelo respeito de sua cunhada. Ele mantinha mãe e filha apenas por uma espécie de compaixão de ex-amante, beirando o egoísmo vil e, principalmente, para autorizar as fofocas atuais que alimentavam sua vaidade.

Nébel pensava na mãe de Lidia. Tomado pelo estremecimento de moço louco por mulheres casadas, recordava certa noite que, olhando juntos e reclinados uma *Illustration*, ele sentira seus nervos subitamente tensos e uma respiração

profunda de desejo que surgia em razão daquele corpo que roçava o seu. Ao levantar os olhos, Nébel percebeu o olhar dela, lânguido, pousar pesadamente nele.

Estava equivocado? Ela era terrivelmente histérica, mas tinha alguns raros momentos transbordantes. Seus nervos desordenados repicavam-no por dentro: em um momento, mudava de súbita tenacidade para um disparate completo, abandonava convicções bruscamente. Nos prenúncios das crises, surgia a obstinação crescente, convulsiva, edificando grandes blocos de absurdos. Abusava da morfina por angustiosa necessidade e por elegância. Tinha trinta e sete anos, era alta, com lábios grossos e brilhantes, que umedeciam sem cessar. Sem serem grandes, seus olhos pareciam um pouco fundos e tinha cílios grandes, que formavam um conjunto admirável de fogo e sombra. Se maquiava. Vestia-se, como a filha, com perfeito bom gosto, e era essa, sem dúvida, sua maior sedução. Certamente teve, como mulher, profundo encanto; agora a histeria havia maltratado seu corpo — sofria de doenças no ventre. Quando o efeito da morfina passava, seu olhar se tornava perdido e, no canto dos seus lábios e na pálpebra globular, surgia uma série de rugas. No entanto, apesar disso, a mesma histeria que destruíra seus nervos era o alimento, um pouco mágico, que mantinha sua tonicidade.

Amava Lidia carinhosamente. E, com a moral das histéricas burguesas, rebaixava a filha para torná-la feliz — isto é, para proporcionar-lhe aquilo que teria feito sua própria felicidade.

Assim, as inquietações do pai de Nébel a esse respeito tocavam o filho nas mais profundas cordas de amante. Como Lidia havia escapado? Porque a limpidez de sua cútis e a franqueza de sua paixão de menina, que surgia na adorável liberdade de seus olhos brilhantes, eram, já não prova de pureza, mas de passo de nobre alegria pela qual Nébel ascendia o triunfal desejo de arrancar de supetão a planta podre da flor que clamava por ele.

Essa convicção era tão intensa que Nébel jamais havia beijado sua amada. Uma tarde, depois de almoçar, quando passava pela casa de Arrizabalaga, sentiu um louco desejo de vê-la. Sua sorte foi total, pois a encontrou sozinha, com os cachos sobre a face. Nébel a reteve contra a parede, ela, rindo e tremendo, se encostou no muro. O jovem, quase a tocando, sentiu em suas mãos inertes a alta felicidade de um amor imaculado, que tão facilmente poderia ter sido manchado.

Isso não demoraria! Quando ela fosse sua mulher! Nébel antecipava o casamento o máximo possível. Sua maioridade, conquistada durante esses dias, permitia a ele, graças à sua mãe, a lidar com as despesas. Faltava o consentimento do

pai. Ele sabia que a mãe de Lidia pressionaria para que esse detalhe não faltasse.

A situação dela, cheia de mal-entendidos em Concordia, exigia uma sanção social que deveria começar, imediatamente, pelo futuro sogro de sua filha. Sobretudo, ela tinha o desejo de humilhar, de forçar a moral burguesa a dobrar os joelhos diante da mesma inconveniência que havia desprezado.

Ela já tinha tocado no assunto com seu futuro genro diversas vezes. Fazia alusões, dizendo: “meu sogro..”, “minha nova família..”, “a cunhada de minha filha..”. Nesses momentos, Nébel ficava calado e, então, os olhos da mãe brilhavam com mais e mais fogo.

Até que um dia a chama se levantou. Nébel havia marcado 18 de outubro como a data de seu casamento. Faltava mais de um mês, mas a mãe de sua noiva deixou claro que queria a presença do sogro em sua casa naquela noite.

— Será difícil — disse Nébel após um silêncio mortal.  
— É muito difícil ele sair de noite... Não sai nunca.

— Ah! — exclamou a mãe, mordendo rapidamente o lábio. Então outra pausa seguiu a primeira, mas essa já era um mau presságio.

— Você não está se casando clandestinamente, certo?

— Oh! — Nébel sorriu, todo atrapalhado. — Meu pai seria contra isso.

— Então?

Um novo silêncio, agora mais profundo, tomou conta do lugar.

— É por minha causa que o senhor seu pai não quer vir?

— Não, não, senhora! — exclamou Nébel, impaciente.

— É o jeito dele de ser! Conversarei com ele novamente, se a senhora quiser.

— Eu? Eu querer? Eu não quero nada! — A mãe sorriu, dilatando as narinas. — Faça o que lhe pareça melhor... Você pode ir agora, Nébel? Não estou me sentindo bem.

Nébel deixou a casa profundamente desgostoso. O que iria dizer ao seu pai? Sabia que ele sustentava uma profunda oposição ao casamento. Além disso, ele já havia encontrado maneiras para não necessitar da aprovação paterna.

— Você pode fazer isso, até muito mais do que isso! Faça tudo o que tiver vontade de fazer! Mas jamais darei meu consentimento para que essa “tida e mantida” seja sua sogra! Jamais!

Depois de três dias, Nébel decidiu resolver de uma vez por todas aquela situação. Para isso, aproveitou-se de um momento em que Lidia não estava presente.

— Falei com meu pai — Nébel começou. — E ele me disse que será completamente impossível vir até aqui.

A mãe ficou um pouco pálida, porém, ao mesmo tempo, seus olhos brilhavam com um súbito fulgor.

— Ah, é!? E por quê?

— Não sei — Nébel respondeu baixinho.

— Ou seja... o senhor seu pai teme manchar sua reputação se colocar os pés aqui, não é?

— Não sei — Nébel repetiu com inconsciente obstinação.

— É uma ofensa gratuita que nos faz esse senhor! Quem ele pensa que é? — questionou, com a voz alterada e os lábios tremendo. — Quem é ele para fazer isso?

Então Nébel sentiu o golpe do chicote com essa reação, o qual se virava contra o cerne de sua família.

— Quem ele é, eu não sei! — respondeu, quase engolindo as palavras de tanta pressa. — O fato é que, além de se negar a fazer uma visita, ele não quer dar o seu consentimento ao casamento.

— O quê? Se nega? Por quê? Quem ele acha que é?

Nébel se levantou:

— Senhora...

Ela havia se levantado também.

— Sim, ele! Você é uma criança! Pergunte a ele onde é que ele conseguiu sua fortuna, que foi roubada de seus clientes! E agora me vem com esse ar de superioridade, de imaculado! Enche a boca para falar isso! Sua família... Diga

a ele para lhe dizer quantas paredes precisava saltar para dormir com sua mulher antes de casar! Essa é boa! E agora me vem com essa conversa de família... Muito bem! Pode ir embora, estou por aqui dessas hipocrisias! Passar bem!

### III

Nébel ficou quatro dias vagando no mais profundo desespero. O que ele poderia esperar depois do que ocorreu? No quinto dia, perto do anoitecer, recebeu um bilhete:

*Octavio,*

*Lidia está bastante enferma, só sua presença poderá acalmá-la.*

*María S. de Arrizabalaga.*

Era um truque, não tinha dúvidas. Porém, se sua Lidia, realmente...

Ele foi na mesma noite, a mãe da moça o recebeu com uma discrição que assombrou Nébel, sem sua afabilidade excessiva, nem tão pouco com o ar de pecadora que pede desculpas.

— Se você quiser vê-la...

Nébel entrou com a mãe e viu seu adorado amor na cama, o rosto sem maquiagem e com a frescura própria que

só é possível aos catorze anos; e o corpo recolhido sob as roupas que dissimulavam notavelmente sua plena juventude.

Sentou-se ao lado dela. A mãe, por sua vez, esperou que eles dissessem algo um para o outro: não faziam mais do que se entreolhar e sorrir.

Quando Nébel sentiu que estavam sozinhos, a imagem da mãe surgiu nítida em sua mente: “que o amor reconquistado o leve a perder a cabeça e, consecutivamente, ao matrimônio forçado”. Mas, naquele quarto de hora de gozo final, o qual lhe ofereciam em antecipação e gratuidade o adiantamento do casamento, o rapaz, de dezoito anos, sentiu — como se estivesse outra vez colocando sua namorada contra a parede — o prazer sem a mais leve mancha, o amor puro em toda sua auréola de poético idílio.

Só Nébel poderia dizer quão grande era sua fortuna, recuperada após o naufrágio. Ele também esquecia da explosão de calúnia da mãe da namorada, sua ânsia raivosa em insultar os que não merecem ser insultados. No entanto, ele estava friamente decidido a retirar a mãe dela de suas vidas após o casamento. A lembrança de sua terna namorada, pura e sorridente na cama, abrindo um espacinho para ele ficar, acendia a promessa de uma voluptuosidade íntegra, da qual não havia roubado nem o menor diamante.

Na noite seguinte, ao chegar à casa de Arrizabalaga, Nébel encontrou o saguão escuro. Depois de um longo tempo, a empregada entreabriu a janela:

— As senhoras não estão.

— Saíram? — perguntou, estranhando a situação.

— Não, foram para Montevidéu... Foram até Salto para dormir a bordo.

— Ah! — Nébel murmurou aterrorizado. Restava ainda uma esperança.

— E o doutor? Posso falar com ele?

— Não está, foi para o clube após comer...

Quando retornou à rua escura, Nébel ergueu e deixou cair os braços com desalento mortal:

— Tudo está acabado!

Sua felicidade, sua fortuna reconquistada no dia anterior, perdida novamente e para sempre! Pressentia que dessa vez não havia redenção possível. Os nervos da mãe tinham saltado à boca, tocando em assuntos delicados, e ele não podia fazer mais nada.

Nesse momento, começava a chover. Caminhou até a esquina e, desde lá, imóvel sob a luz da rua, contemplou fixa e estupidamente a casa rosada. Deu uma volta no quarteirão e parou novamente sob a luz. Nunca! Nunca!

Ele continuou a fazer o mesmo até as onze e meia. Por fim, foi para casa e carregou o revólver. Nesse instante, lembrou-se da promessa que havia feito a um pintor alemão: tinha prometido que, antes de cometer suicídio — Nébel era adolescente —, iria vê-lo. A amizade que tinha com o velho militar era fruto das longas conversas filosóficas que os dois mantinham.

Na manhã seguinte, ainda bem cedo, Nébel entrava no pobre quarto do amigo. A expressão de seu rosto era muito explícita.

— É agora? — o amigo perguntou paternalmente, apertando com força a mão de Nébel.

— *Pst!* Sem dúvida... — respondeu o jovem, olhando para outro lado.

O pintor, com grande calma, contou então seu próprio drama de amor.

— Vá até sua casa — concluiu —, e se até as onze você não mudar de ideia, volte para almoçar comigo. Depois faça o que bem entender. Você promete?

— Prometo — Nébel respondeu, apertando com força a mão do amigo enquanto sentia muita vontade de chorar.

Em sua casa, um bilhete de Lidia o aguardava:

*Idolatrado Octavio,  
Meu desespero não pode ser maior, mas mamãe me  
fez entender que se eu me casasse com você, eu teria  
uma vida de grande sofrimento. Eu compreendi, com  
a ajuda dela, que o melhor é nos separarmos. Juro que  
nunca o esquecerei,  
tua Lidia.*

— Ah! Tinha de ser assim! — falou o jovem ao mesmo tempo em que via seu rosto transtornado pelo desespero no espelho. — A mãe era quem havia inspirado a carta. Ela e sua maldita loucura! Lidia não poderia ter escrito aquilo. A pobre menina, transtornada, chorava seu amor ao escrever. Ah! Se eu pudesse vê-la algum dia, dizer como a quero, quanto a quero agora, adorada da minha alma!

Tremendo, foi até a cômoda, pegou o revólver e se lembrou da promessa. Por um momento, ficou imóvel, limpando obstinadamente com a unha uma mancha no tambor.

## OUTONO

Uma tarde, em Buenos Aires, Nébel acabara de subir no bonde, quando o mesmo se deteve por um momento. Ele, que estava lendo, olhou e viu uma mulher avançar com os

passos lentos e difíceis. Após um rápido olhar para aquela incômoda pessoa, retornou para a leitura. A dama se sentou ao seu lado e, ao fazê-lo, olhou atentamente para Nébel. Este, ao perceber que a mulher continuava o observando, prosseguiu com sua leitura. Mas, por fim, cansou-se e levantou o rosto enfadado.

— Me parecia que era você — disse a mulher —, eu estava na dúvida... você não se lembra de mim, certo?

— Sim — Nébel respondeu, arregalando os olhos. — A senhora de Arrizabalaga.

Ela viu a surpresa no rosto de Nébel e sorriu com ar de velha cortesã, a qual ainda tenta parecer bem para um rapaz.

Da mulher que Nébel conheceu onze anos atrás só restava os olhos, ainda mais fundos, porém apagados. A pele amarelada, com tons esverdeados nas sombras, rachava-se em sulcos empoeirados. As maçãs do rosto saltavam agora; e os lábios, sempre grossos, pretendiam ocultar uma dentição toda cheia de cáries. Sob o corpo emagrecido, via-se viva a morfina que corria entre os nervos esgotados e as artérias aquosas, até se converter naquele esqueleto: a elegante mulher que um dia folheou a *Illustration* ao seu lado.

— Sim, estou muito envelhecida... e doente. Sofri vários ataques renais... e você — disse, olhando-o com

ternura — me parece igual, sempre igual! É verdade que não tem trinta anos ainda... Lidia também está igual.

Nébel ergueu os olhos:

— Solteira?

— Sim... Como ela se alegrará quando eu contar que encontrei você! Por que você não dá esse gosto para a pobrezinha? Não quer ir nos visitar?

— Com muito prazer — murmurou Nébel.

— Sim. Vá logo. Estamos em Boedo, 1483, apartamento 14. Nossa casa é pequenina...

— Oh! — disse ele, levantando-se para ir embora. — Prometo ir muito em breve.

Doze dias depois, Nébel precisava retornar ao engenho, mas antes quis cumprir sua promessa. Foi até lá — em um miserável apartamento do subúrbio.

A senhora Arrizabalaga o recebeu, enquanto Lidia se arrumava.

— Então... onze anos! — observou novamente a mãe. — Como o tempo passa! E pensar que você poderia ter uma infinidade de filhos com Lidia!

— Seguramente — sorriu Nébel, olhando ao redor.

— Oh! Não estamos muito bem! Imagino como deve ser a sua casa... Sempre ouço falar de seus canaviais... É seu único negócio?

— Sim, em Entre Ríos também...

— Que maravilha! Se eu pudesse ir em um desses. Sempre quis passar alguns meses no campo, sempre tive esse desejo!

Calou-se e olhou de maneira fugaz para Nébel. Este, com o coração apertado, revivia nítidas impressões enterradas há onze anos em sua alma.

— E tudo isso por falta de boas relações... É tão difícil ter um amigo nessas condições!

O coração de Nébel se contraía cada vez mais até Lidia entrar no recinto.

Ela também estava muito mudada, porque o encanto da candura e do frescor da jovem de quatorze anos não se encontra mais na mulher de vinte e seis. Porém, continuava bela. Seu olfato masculino sentiu na mansa tranquilidade daquele olhar, no seu pescoço macio e em tudo aquilo que devia guardar com zelo para sempre: a lembrança da Lidia que ele conheceu.

Falaram de coisas triviais com a perfeita discrição das pessoas maduras. Quando ela saiu por um momento, a mãe recomeçou:

— Sim, ela está um pouco fraca. E quando penso que no campo ela se recuperaria imediatamente... Veja, Octavio: permita-me ser franca? Você sabe que gosto de você como se

fosse meu filho. Nós não poderíamos passar uma temporada na sua fazenda? Faria muito bem para Lidia!

— Sou casado — respondeu Nébel.

A senhora teve um gesto de viva contrariedade e, por um instante, sua decepção foi sincera, mas, em seguida, fez um sinal de espanto com as mãos:

— Você? Casado? Oh, que desgraça, que desgraça! Me perdoe, você sabe, eu não sei o que digo! A sua senhora vive com você no engenho?

— Sim, geralmente. Agora, ela está na Europa.

— Que desgraça! Quer dizer... Octavio! — completou, abrindo os braços com lágrimas nos olhos. — Para você, eu posso falar porque é como se fosse meu filho... Estamos praticamente na miséria! Por que não quer que eu vá com Lidia? Vou fazer a você uma confissão de mãe — e ela disse após dar um sorriso pastoso e baixar a voz—, você conhece bem o coração de Lidia, certo?

Esperou a resposta, mas Nébel se manteve calado.

— Sim, você a conhece! Pensa que Lidia é mulher capaz de esquecer o quanto foi amada por você?

Agora, ela tinha reforçado sua insinuação com uma leve piscadela. Nébel percebeu rapidamente o abismo em que poderia ter caído antes. Era a mesma mãe, porém envelhecida ainda mais por sua própria alma decrépita, pela morfina

e pela pobreza. E Lidia... Ao vê-la novamente, sentiu um brusco golpe de desejo pela mulher atual, com voz rouca e já estremeçada pela vida. Frente ao tratado comercial que lhe ofereciam, ele se jogou nos braços daquela rara conquista que o destino lhe reservara.

— Veja só, Lidia — ela disse alvoroçada, quando a filha retornou —, Octavio nos convidou para passar uma temporada em sua fazenda. O que você acha?

Lidia contraiu as sobranceiras bem de leve, mas recuperou a serenidade rapidamente.

— Que bom, mamãe.

— Ah! Você sabe o que ele me contou? Você não sabe! Está casado. Tão jovem! Somos quase da sua família.

Então Lidia voltou os olhos para Nébel e o encarou por um momento, com dolorosa gravidade.

— Faz muito tempo? — murmurou.

— Quatro anos — respondeu em voz baixa e sem ânimo para encará-la.

## INVERNO

Não fizeram a viagem juntos, por último escrúpulo de homem casado e por ser muito conhecido naquela linha. Porém, ao saírem da estação, subiram todos no *brec* da casa.

Quando Nébel estava sozinho no engenho, apenas uma velha índia fazia os serviços domésticos da casa — para atender sua frugalidade —, pois sua mulher levava com ela todos os serviços da casa. Assim, ele apresentou as duas acompanhantes para a fiel nativa, dizendo que eram sua tia e sua prima, as quais estavam ali para recuperar a saúde.

Aquilo era completamente crível, já que a mãe de Lidia decaía vertiginosamente. Ela chegara até ali completamente desfeita, a pele pesadíssima e incerta, o rosto angustiosamente marcado pela morfina, da qual havia ficado em abstinência por quatro horas seguidas a pedido de Nébel e que agora rogava, aos gritos, uma dose para reanimar aquele cadáver ambulante.

Nébel, que havia abandonado os estudos após a morte do pai, sabia o suficiente para prever uma rápida catástrofe. Os rins, intimamente atacados, paravam perigosamente de funcionar em razão do uso constante da morfina.

Ainda no coche, não podendo resistir mais, ela olhava para Nébel tomada pela angústia.

— Se me permite, Octavio... não posso mais! Lidia, fique na frente.

A filha, tranquilamente, ocultou a mãe, enquanto Nébel ouviu o barulho da roupa violentamente recolhida para dar espaço à agulha.

Subitamente, os olhos dela se acenderam e a plenitude da vida a cobriu como uma máscara aquele rosto agônico.

— Agora estou bem... que felicidade! Me sinto bem!

— Deveria parar com isso — Nébel disse em tom rude, olhando-a de canto de olho. — Quando chegarmos, você estará pior.

— Oh, não! Eu preferiria morrer aqui mesmo.

Nébel passou o dia desgostoso. Estava decidido a ver em Lidia e em sua mãe nada mais do que duas pobres doentes. Porém, ao cair da tarde, como as feras que começam a afiar suas garras, o zelo de varão começou a percorrer sua cintura sob a forma de diversos calafrios.

Comeram cedo, pois a mãe, aquebrantada, desejava dormir. Não houve tampouco meio de fazê-la tomar um copo de leite.

— Ui! Que repugnante! Não consigo beber isso. Vocês querem que eu sacrifique os últimos anos da minha vida, agora que eu posso morrer contente?

Lidia não titubeou. Havia falado apenas poucas palavras com Nébel e, só no final do café, o olhar dele se cravou no dela, porém Lidia baixou o rosto imediatamente.

Quatro horas depois, Nébel abria sem ruído a porta do quarto de Lidia.

— Quem é? — soou de repente a tão desejada voz.

— Sou eu — murmurou Nébel em voz baixa.

Um movimento de roupas, como o de uma pessoa que se senta bruscamente na cama, seguiu suas palavras, antes de o silêncio reinar novamente. Quando a mão de Nébel tocou o braço túbio na escuridão, o corpo tremeu em um choque profundo.

\*\*\*

Logo, inerte ao lado daquela mulher que já havia conhecido o amor antes que ele chegasse, subiu do lugar mais recôndito da alma Nébel, o santo orgulho de nunca a ter tocado em sua adolescência, de não ter roubado nem um beijo sequer daquela criatura que agora o olhava com radiante candura.

Pensou nas palavras de Dostoiévski, que até o momento não havia compreendido: “Nada há de mais belo e que fortaleça mais a vida do que uma recordação pura”. Nébel havia guardado essa recordação sem manchas, pureza imaculada de seus dezoito anos, que agora estava ali, ofegando sobre uma cama de empregada.

Então, sentiu em seu pescoço duas lágrimas pesadas, silenciosas. Ela, por sua vez, também se recordava. E as lágrimas de Lidia continuaram uma atrás da outra, regando

como uma tumba o abominável fim de seu único sonho de felicidade.

## II

Durante dez dias, a vida prosseguiu tranquila, apesar de Nébel passar praticamente o dia todo fora. Por um acordo tácito, Lidia e ele se encontravam poucas vezes a sós, mesmo se vendo todas as noites, passavam boa parte do tempo calados.

Lidia também tinha muitas tarefas de cuidados com sua mãe, finalmente prostrada. Como não havia possibilidade de reconstruir aquilo que já estava apodrecido, mesmo em troca do perigo imediato que causava, Nébel pensou em suprimir a morfina. Mas ele se conteve numa manhã, ao entrar bruscamente na sala de jantar e surpreender Lidia, a qual rapidamente baixou as saias. Tinha em suas mãos uma seringa. Seu olhar era de espanto.

— Faz muito tempo que você usa isso? — ele perguntou.

— Sim — Lidia murmurou, dobrando a agulha em meio a uma convulsão.

Nébel a olhou por algum tempo e deu de ombros.

Porém, como a mãe repetia suas injeções com uma frequência terrível, tudo para apaziguar as dores que sentia nos rins, os quais a morfina tratava de ajudar a matar,

Nébel decidiu então tentar a salvação daquela desgraçada, retirando-lhe a droga.

— Octavio! Você vai me matar! — ela suplicava, com a voz rouca. — Meu filho Octavio! Eu não conseguiria viver um dia!

— Não viverá sequer duas horas se eu deixar que você use isso! — Nébel retrucou.

— Não me importo, Octavio. Me dê, me dê a morfina!  
Nébel deixou que os braços se estendessem inutilmente em sua direção e saiu com Lidia.

— Você sabe a gravidade do estado em que sua mãe se encontra?

— Sim... Os médicos já me disseram.

Ele a olhou fixamente.

— Ela está muito pior do que você imagina.

Lidia ficou lívida. Olhava para fora com os olhos cerrados e mordia os lábios para não chorar.

— Não há um médico aqui?

— Aqui não. Nem a dez léguas de distância, mas nós buscaremos um.

Naquela tarde, chegou uma correspondência enquanto eles estavam sozinhos na sala de jantar. Nébel abriu a correspondência.

— Notícias? — Lidia perguntou, levantando inquieta os olhos.

— Sim — respondeu Nébel, que prosseguiu na leitura.

— Do médico? — Lidia questionou já sem conseguir esconder a ansiedade.

— Não, da minha mulher — ele respondeu em um tom duro e sem erguer a vista.

Às dez da noite, Lidia entrou correndo no quarto de Nébel.

— Octavio! Minha mãe está morrendo!

Correram até o quarto da enferma. Uma intensa palidez cadaverizava seu rosto. Tinha os lábios desmesuradamente inchados e azuis e, por entre eles, escapava um arremedo de palavra, num tom gutural que lhe enchia a boca:

— Pla... pla... pla...

Nébel viu sobre a cômoda um frasco de morfina praticamente vazio.

— É claro que está morrendo. Quem foi que deu isso para ela? — perguntou.

— Não sei, Octavio! Há pouco ouvi um ruído... Certamente, ela foi ao seu quarto pegar o frasco enquanto você não estava lá. Mamãe, pobre mamãe! — caiu, soluçando sobre o miserável braço que pendia na direção do piso.

Nébel mediu a pulsação dela, o coração quase não dava mais sinal e a temperatura caía. Aos poucos, os lábios se calaram e não se ouvia mais o “pla... pla...”. Na pele dela, surgiram grandes manchas violeta.

Era uma da madrugada quando a senhora morreu. No dia seguinte, de tarde, após o enterro, Nébel esperou que Lidia terminasse de se vestir enquanto os peões carregavam as malas até a carruagem.

— Tome isso — ele disse ao se aproximar dela, oferecendo-lhe um cheque de dez mil pesos.

Lidia estremeceu violentamente. Seus olhos vermelhos se fixaram em cheio nos de Nébel. Porém, ele não abaixou o olhar.

— Tome! — repetiu surpreso.

Lidia pegou o cheque e o guardou em sua bolsa. Nébel se inclinou sobre ela.

— Me perdoe — ele disse. — Não me julgue pior do que eu sou.

Na estação, esperaram alguns momentos sem se falar, perto da escadinha do vagão, enquanto o trem se preparava para sair. Quando o apito soou, Lidia lhe estendeu a mão e se voltou para subir. Nébel segurou sua mão e a encarou. Em seguida, avançando, segurou Lidia pela cintura e a beijou vigorosamente na boca.

O trem partiu. Imóvel, Nébel seguiu com o olhar a janelinha que se distanciava.

Mas Lidia não apareceu.

# OS OLHOS SOMBRIOS

**C**erta noite, semanas após meu rompimento com Elena, não pude evitar de participar de um baile. Encontrava-me sentado há um bom tempo e profundamente entediado quando Julio Zapiola, ao me ver, veio me cumprimentar. Era um homem jovem, dotado de rara elegância e força de caráter. Eu o admirava anos atrás. Agora, ele retornava da Europa, após uma longa ausência.

Nossa conversa, que em outras ocasiões não superava oito ou dez frases, desta vez se prolongou em longa e aliviada sinceridade. Descobri que ele havia se casado; sua mulher estava ali, naquela noite. Eu, por minha vez, contei do meu noivado com Elena — e nosso recente rompimento. Possivelmente acabei me queixando da minha amarga situação, inclusive me recorde de ter dito para ele que minha situação com ela chegara em um ponto que um retorno era absolutamente impossível.

— Não acredite nesses solavancos — Zapiola falou com ar tranquilo e sério. — Quase nunca se sabe como

começam, o que acontecerá ou o que se fará depois. A novela do meu casamento é mais complicada do que a sua, porém, isso não foi obstáculo para que eu me tornasse o marido mais feliz da terra. Ouça-me, porque poderá lhe ser de grande proveito.

\*\*\*

Há cinco anos, eu encontrava Vezzera com muita frequência. Ele era um amigo de colégio, pelo qual, um dia, tive muito apreço e, sobretudo, era um sujeito que sentia muito apreço por mim também. Tudo o que ele prometia ser quando jovem se realizou ao se tornar adulto. Era inconstante, apaixonado, depressivo e com exultações femininas. Todas as suas ânsias e suspeitas eram doentias. Não se ignora como é possível sofrer e fazer sofrer com esse tipo de conduta. Um dia, ele me disse que estava apaixonado e que, possivelmente, se casaria em breve. Apesar de ter me falado com louco entusiasmo sobre a beleza de sua noiva, essas observações sobre a formosura dela não tinham nenhum valor aos meus olhos. Vezzera insistiu. Por fim, acabou se irritando com meu orgulho.

— Não sei se o orgulho tem alguma coisa a ver com isso — observei.

— Sim, é isso! Eu sou doentio, excitável, exposto a contínuas miragens e devo estar sempre errado. Você, não! O que você diz é a ponderação justa do que você viu!

— Eu juro...

— *Bah!* Deixe-me em paz! — ele concluiu, cada vez mais irritado com minha tranquilidade, que era para ele outra manifestação de orgulho.

Nos dias seguintes, cada vez que nos reencontrávamos, ele estava mais exaltado com seu amor. Estava mais magro. Seus olhos, envolvidos por olheiras, brilhavam de febre.

— Quer saber? Hoje à noite, nós vamos até a casa dela. Eu já mencionei seu nome para ela. Finalmente, você poderá ver se é ou não verdade o que lhe digo.

Fomos. Não sei se você já sofreu uma impressão semelhante, porém, quando ela estendeu a mão e nós nos olhamos, eu senti, mesmo durante esse contato fugaz, a esplêndida beleza daqueles olhos e daquele corpo mudo se infiltrando por todo o meu ser sob o formato de uma onda de calor.

Quando saímos, Vezzera me disse:

— E aí? É como eu havia dito?

— Sim — respondi.

— As pessoas impressionáveis serão capazes de comunicar uma impressão conforme a realidade?

— Desta vez, sim. — Não pude deixar de rir.

Vezzera me olhou de canto de olho e ficou calado por um longo tempo.

— Parece — me respondeu — que você não quer reconhecer a inegável beleza dela.

— Você está louco? — disse.

Vezzera encolheu os ombros como se eu tivesse me esquivado de respondê-lo. Continuamos caminhando. Ele permaneceu calado boa parte do percurso, estava visivelmente descontente. Em certo momento, voltou seus olhos febris na minha direção e perguntou:

— Você jura que achou ela linda?

— Claro que achei, seu idiota! É lindíssima. O que mais você quer que eu diga?

Depois disso, ele se acalmou. Numa reação inevitável dos seus nervos femininos, passou comigo uma hora de louco entusiasmo, abraçando-me toda vez que se lembrava de sua noiva.

Fui várias outras vezes à casa dela com Vezzera. Uma noite, após um novo convite dele, disse que não estava me sentindo bem e que deveríamos deixar aquela visita para outro momento. Dez dias depois, respondi o mesmo. Na semana seguinte a isso, fiz a mesma coisa. Desta vez, Vezzera me olhou fixamente e perguntou:

— Por que você não quer ir?

— Não é que eu não queira ir, mas hoje não estou com humor para essas coisas.

— Não é isso, não! Você não quer mais ir e pronto!

— Eu?

— Sim. Eu exijo que você, a quem eu considero um amigo, seja sincero: Por que não quer ir mais?

— Não tenho vontade...! Satisfeito?

Vezzera me encarou como se estivesse olhando para um tuberculoso condenado ao repouso, para um homem forte que não se gaba de sê-lo. Na verdade, creio que já estava formulando sua tese.

Após minha resposta, ele observou suas próprias mãos, as quais tremiam e suavam.

— Há dias que notei que elas estão mais fracas... Sabe por que você não quer ir mais lá? Quer que eu diga?

Tinha as narinas contraídas, os lábios cerrados e a respiração acelerada.

— O que é isso! Não seja... acalme-se que é melhor.

— Eu digo o motivo!

— Você não percebe que está delirando? Que está febril? — o interrompi.

Nesse momento, fui salvo por um acesso de tosse que tomou conta dele. Empurrei-o carinhosamente.

— Encoste aqui um momento... você não está bem.

Vezzera se recostou em minha cama e escondeu o rosto com as mãos.

Após um longo silêncio, sua voz surgiu, lenta:

— Sabe o que eu ia te dizer? Que você não quer que María se apaixone por você... é por isso que você não quer ir comigo.

— Como você é estúpido! — Sorri.

— Sim, sou estúpido. Sou o que você quiser!

Ficamos calados novamente até eu decidir me acercar dele.

— Então nós vamos essa noite — falei. — Você topa?

— Sim, topo.

Quatro horas mais tarde, chegávamos lá. María me cumprimentou como se tivesse me visto no dia anterior. Não demonstrou nem um pingão de preocupação com minha longa ausência.

— Pergunte por que ele passou tanto tempo sem vir aqui — disse Vezzera com um riso nervoso no rosto.

María levantou levemente a sobrancelha, olhou-me e disse com um ar de risonha surpresa:

— Acredito que ele não queria nos visitar!

Mesmo com o tom da exclamação não exigindo uma resposta, María ficou como se esperasse mais uma frase minha. Vezzera, por sua vez, me devorava com os olhos.

— Ainda que me envergonhe disso eternamente — falei —, acredito que há algo de verdade na sua afirmação...

— Não é verdade... — ela disse e sorriu.

Pelo movimento incessante dos pés e a dilatação das narinas, percebi que Vezzera estava tenso.

— Diga o motivo real — disse, olhando para María. — Por que você realmente não queria vir aqui?

Era tão perverso e covarde aquele ataque que eu o encarei com verdadeira raiva. Vezzera fez que não percebeu e manteve a expectativa no ar enquanto batia o pé convulsivamente. María voltou a levantar as sobrancelhas.

— Há outro motivo? — ela perguntou.

— Sim, Zapiola vai dizer qual é...

— Vezzera! — exclamei.

— ...quer dizer, não o verdadeiro motivo, mas sim o motivo que eu achei que era pelo qual ele não queria voltar aqui. Você sabe o que é?

— Porque ele acha que você vai se apaixonar por mim — me adiantei, dirigindo-me a María.

Antes mesmo de falar, eu já tinha bem claro em minha mente a situação ridícula na qual eu acabaria, mas tive de fazê-lo mesmo assim. María soltou o riso, o que evidenciou ainda mais o cansaço de seus olhos.

— É mesmo? Você pensava isso, Antenor?

— Não, você acha... era uma brincadeira — ele falou e riu também.

A mãe entrou novamente na sala e a conversa mudou de rumo.

— Você é um canalha — eu disse, encarando Vezzera assim que saímos da casa.

— Sim — me respondeu tranquilo. — Eu fiz de propósito.

— Você queria me ridicularizar?

— Sim... queria.

— E você não se envergonha disso? Que diabos se passa com você? O que tem contra mim?

Não me respondeu, apenas encolheu os ombros.

— Vá para o inferno! — murmurei.

Um momento depois, senti seu olhar cruel e desconfiado me encarando.

— Você jura por quem você mais ama, por quem você mais ama, que não sabe o que penso?

— Não — respondi, secamente.

— Não minta! Diga a verdade!

— Não estou mentindo!

E mentia profundamente.

— Bem, me alegro com isso... Vamos deixar isso para lá. Até amanhã. Quando você quer voltar lá?

— Nunca mais!

Vi que verdadeira angústia dilatava seus olhos.

— Não quer mais ir? — me falou com a voz rouca e estranha.

— Não, nunca mais.

— Como queira, melhor... Você não está com raiva, está?

— Oh, não seja bobo! — Ri.

Eu estava profundamente irritado com Vezzera e comigo mesmo...

No entardecer do dia seguinte, Vezzera entrou no meu quarto. Choveu durante a manhã, um forte temporal. A umidade e o frio me agoniavam. Desde o primeiro momento, notei que Vezzera ardia em febre.

— Venho pedir uma coisa — começou a dizer.

— Deixa de conversa! — interrompi. — Por que você saiu num dia chuvoso como esse? Não vê que está jogando com sua vida?

— A vida não me importa... Dentro de alguns meses, isso vai acabar... da melhor maneira. O que quero é que você vá lá outra vez.

— Não! Eu já disse que não!

— Não! Não quero que você não queira ir! Isso me mata! Por que você não quer ir?

— Já te disse. Não-que-ro! Nem mais uma palavra sobre esse assunto, entendeu?

A angústia da noite anterior se tornou desmesurável a seus olhos.

— Então — disse, com voz embargada —, é o que eu penso, o que você sabe que eu pensava quando você mentiu para ela. De qualquer modo... deixa pra lá, não é nada. Até amanhã.

Coloquei a mão em seu ombro para detê-lo. Ele se deixou cair, sentado na cadeira, cruzou os braços sobre a mesa e repousou sua cabeça sobre eles.

— Fique — eu disse. — Durma aqui comigo. Não fique sozinho.

Durante um momento, ficamos ambos em profundo silêncio. Por fim, ele articulou sem entonação alguma:

— É que eu sinto uma vontade louca de me matar...

— Por isso mesmo, fique aqui! Não fique sozinho.

No final, não consegui contê-lo. Passei a noite inquieto.

Você sabe a terrível força de atração que tem o suicídio, quando a ideia fixa envolve completamente os nervos dos enfermos. Vezzera não deveria ficar sozinho em seu quarto de maneira nenhuma. E, mesmo assim, o motivo sempre persistiu.

Ocorreu o que eu temia. Às sete da manhã, me trouxeram uma carta de Vezzera, morto há quatro horas. Nela, ele dizia que era muito claro que eu estava apaixonado por

sua noiva, e ela por mim. Que, quanto a María, ele tinha a mais completa certeza e que eu não havia feito nada mais do que confirmar meu amor com minhas negativas e promessas de não ir mais até lá. Que eu fui absolutamente incapaz de perceber que ele morria de dor. Porém, ele não era homem capaz de sacrificar quem quer fosse para sua felicidade egoísta. Por essa razão, nos deixava livres: eu e ela. Além disso, seus pulmões não durariam muito... era questão de tempo. Pediu para que eu fizesse María feliz, como ele havia desejado fazer... etc.

A carta tinha duas ou três outras frases. É inútil detalhar minhas atribulações nesses dias. Porém, o que ficava claro para mim naquela carta — para mim que o conhecia — era o desespero do ciúme que o levou ao suicídio. Esse era o único motivo; os demais: sacrifício e consciência tranquila, não tinham nenhum valor.

Em meio a tudo aquilo, restava vivíssima, radiante de brusca felicidade, a imagem de María. Eu sei o tamanho do esforço que tive de empregar, quando ela ainda estava noiva de Vezzera, para deixar de vê-la. E eu acreditava que algo semelhante se passava com ela. Agora, estávamos livres! No entanto, um cadáver pendia entre nós dois.

Depois de quinze dias, eu fui até sua casa. Falamos vagamente, evitando a menor alusão. Apenas me respondia e,

mesmo se esforçando, ela não conseguia me olhar nos olhos por muito tempo.

— Então — disse ao fim, levantando-me —, creio que o mais discreto é que eu não volte mais a vê-la.

— Eu penso a mesma coisa — ela respondeu.

Mas eu não me movi.

— Nunca mais? — perguntei.

— Não, nunca... como você queira — ela rompeu em prantos, com as lágrimas percorrendo suas faces.

Quando me aproximei, ela levou as mãos ao rosto. Ao sentir meu contato, estremeceu violentamente e rompeu em soluços. Me inclinei por detrás dela e a abracei.

— Sim, minha alma querida... se você quiser, podemos ser muito felizes. Tudo isso não importa nada... Você quer?

— Não! Não! — respondeu ela. — Não podemos... não, impossível!

— Depois, sim, meu amor...! Sim, depois?

— Não! Não! Não! — Redobrou os soluços.

Eu saí dali desesperado. Pensando com raivosa amargura que aquele imbecil, ao se matar, havia matado também a nós dois.

Aqui termina a minha novela.

\*\*\*

— Agora, você quer vê-la? — Zapiola me perguntou.

— María! — disse ele, dirigindo-se a uma jovem que se aproximava. — Já são três horas. Vamos?

— Já são três horas? — ela perguntou. — Não tinha percebido. Bem, então, vamos.

— Um momentinho — disse Zapiola, o qual, voltando-se à minha direção, falou: — Viu, meu amigo, como é possível ser feliz depois do que eu contei para você? Espere um segundo.

E, enquanto me apresentava sua mulher, disse:

— Eu contava para X como nós estivemos a ponto de não sermos felizes.

A jovem sorriu para seu marido e eu reconheci os olhos sombrios dos quais ele havia falado. Como todos desse tipo, eles brilhavam de felicidade.

— Sim — ela respondeu —, nós sofremos um pouco...

— Viu só? — sorriu Zapiola enquanto se despedia. — Se eu fosse você, eu voltaria para o salão.

Fiquei só. O pensamento sobre Elena retornou mais uma vez, porém, em meio ao meu desgosto, eu me lembrava a cada instante do que Zapiola sentiu ao ver pela primeira vez os olhos de María.

E eu não fazia mais nada do que recordá-los.



# O SOLITÁRIO

**K**assim era um homem doente, joalheiro de profissão, porém sem uma loja estabelecida. Trabalhava nas grandes casas do ramo. Sua especialidade era a montagem de pedras preciosas. Poucas mãos eram como as suas para as peças mais delicadas. Se tivesse mais tino comercial, seria rico. Porém, aos trinta e cinco anos, seguia morando no mesmo lugar, que havia transformado em uma oficina.

Kassim, de corpo mesquinho, rosto pálido e sombreado por uma barba rala vivia com uma mulher bonita que era muito apaixonada por ele. A jovem, crescida na rua, havia aspirado um casamento mais nobre com sua formosura. Esperou até os vinte anos, provocando os homens e as vizinhas com seu corpo. Temerosa ao final, aceitou nervosamente Kassim.

Acabaram-se então os sonhos de uma vida luxuosa. Seu marido — ainda por cima artista — carecia completamente de caráter para fazer fortuna. Apesar de o jovem joalheiro sempre trabalhar dobrado, ela, apoiada nos cotovelos, olhava

fixamente para o marido. Depois, seu olhar vagava pela janela. Observava os transeuntes ricos, pensando se um deles poderia ter sido seu marido.

Não obstante, tudo que Kassim ganhava era para ela. Aos domingos, ele também trabalhava para ganhar um dinheiro extra. Quando María desejava uma joia — e com quanta paixão ela desejava uma pedra preciosa! —, ele trabalhava de noite. Depois, ele sofria com dores nas costas e ataques de tosse, mas María tinha acesso às lascas dos brilhantes.

Pouco a pouco, o trato diário com as gemas chegou a fazê-la amar o trabalho do joalheiro. Seguia com ardor as íntimas delicadezas do trabalho do ourives. Porém, quando a joia estava concluída, tinha de partir, não era para ela. Nesse momento, seu matrimônio era tomado pelo sentimento de decepção. Ela provava a joia, olhando-se no espelho. Por fim, deixava-a por ali e seguia para o seu quarto. Kassim se levantava ao som dos soluços e se afundava na cama, sem querer escutá-los.

— Eu faço tudo o que posso por você — dizia com certa tristeza, por fim.

Os soluços dela subiam enquanto o joalheiro resignado retornava ao seu banco para trabalhar.

Essas coisas se repetiram, tanto que Kassim já não se levantava para consolá-la.

“Consolá-la! Do quê?”, ele pensava.

Essa situação não criava nenhuma dificuldade para que Kassim aumentasse seu horário de trabalho. Tudo para trazer mais dinheiro para casa.

Era um homem indeciso, irresoluto e calado. Os olhares de sua mulher se detinham agora de maneira pesada e fixa sobre a muda tranquilidade do marido.

— Até parece que você é um homem! — murmurava.

Kassim, sobre suas joias, não cessava de mover os dedos.

— Você não é feliz comigo, María — dizia ele.

— Feliz! Que coragem tem para me dizer isso! É possível alguém ser feliz com você, por acaso? Nem a última das mulheres...! Pobre diabo! — Concluía a fala com um riso nervoso e saía.

Naquela noite, Kassim trabalhou até as três da madrugada. Então, sua mulher teve um novo deslumbramento, tão forte que a fez morder os lábios.

— Nossa! É um diadema surpreendente... Quando você o fez?

— Estou trabalhando nele desde terça-feira — disse, olhando-a com ternura descolorida. — Fiz enquanto você dormia...

— Oh! Mas você podia ter dormido um pouco mais! Que imensos esses brilhantes!

Ela era apaixonada pelas pedras que Kassim transformava em joias. Acompanhava o trabalho do marido como se estivesse louca de fome, esperando desesperadamente que ele concluísse a peça. Então colocava a joia e corria para o espelho. Em seguida, era tomada por um ataque de choro.

— Todos, qualquer marido, por pior que seja, faria um sacrifício para agradecer sua mulher! Mas você... você... não é capaz nem mesmo de me presentear com um mísero vestido!

Quando certo limite do homem é ultrapassado, a mulher é capaz de lhe dizer coisas inacreditáveis.

A mulher de Kassim ultrapassou esse limite, levada pela paixão que nutria por seus brilhantes. Uma tarde, ao guardar suas joias, Kassim notou a falta de uma presilha que tinha dois solitários e cada uma valia cerca de cinco mil pesos. Procurou em suas gavetas e nada.

— Você viu a presilha, María? Eu a deixei aqui.

— Sim. Vi sim.

— Onde está? — perguntou, assustado.

— Aqui!

Sua mulher, com os olhos acesos e a boca de bochecho, levantou-se com a presilha no cabelo.

— Fica muito bem em você — disse Kassim. — Agora vamos guardá-la?

María sorriu.

— Ah, não! Essa é minha.

— Deixe de brincadeira.

— Brincadeira! Não é brincadeira! Dói muito pensar que ela poderia ser minha... Amanhã, eu devolvo. Hoje, vou ao teatro com ela.

Kassim ficou mudo.

— Não faça isso... poderão vê-la. Se isso acontecer, vão perder toda a confiança que depositam em mim.

— Ah! — Ela fechou violentamente a porta, tomada pela fúria.

Ao retornar do teatro, ela colocou a joia na cômoda. Kassim se levantou, pegou a peça e a guardou à chave em uma das gavetas de sua oficina.

— Quer dizer que você pensa que eu sou uma ladra, que vou roubar sua joia?

— Não me olhe assim... Você foi imprudente, mais nada.

— Ah! Mas em você todos confiam, né? Mas, quando sua mulher pede um pequeno favor, algo que ela deseja muito... você a chama de ladra. É isso, seu infame?

Por fim, ela acabou dormindo. Kassim, por sua vez, não conseguiu mais fechar os olhos.

Então entregaram a Kassim um solitário, o diamante mais admirável com o qual ele trabalhara em toda sua vida.

— Olhe, María, que pedra linda. Nunca vi nada igual.

Sua mulher não disse nada, mas Kassim sentiu ela respirar profundamente sobre o diamante.

— Um brilho admirável — prosseguiu ele —, deve custar entre nove e dez mil pesos.

— É um anel? — murmurou María.

— Não, é de homem... é um alfinete de lapela.

Enquanto ele trabalhava na peça, sua mulher espiava tomada pelo rancor. Interrompeu o trabalho dele diversas vezes para ir em frente ao espelho com o brilhante nas mãos. Depois, o provava em diferentes vestidos.

— Você pode fazer isso depois... — se atreveu a dizer Kassim. — É um trabalho urgente.

Esperou em vão pela resposta, sua mulher estava abrindo a janela.

— María, podem ver você com a joia!

— Toma! Aqui está sua pedra!

A peça, violentamente arrancada, rodou pelo piso.

Lívido, Kassim a recolheu, examinando-a cuidadosamente. Do chão, ele encarou sua mulher.

— Então, por que você está me olhando desse jeito? Aconteceu alguma coisa com a sua pedra?

— Não — respondeu Kassim e foi imediatamente prosseguir com seu trabalho, apesar da tremedeira que dominava suas mãos.

Porém, acabou se levantando de sua cadeira quando percebeu que sua mulher estava no quarto em plena crise nervosa. O cabelo estava todo desgrenhado e os olhos pareciam querer saltar para fora das órbitas.

— Me dê o brilhante! — gritou. — Me dê! Nós escaparemos! Me dê, vamos!

— María — tartamudeou Kassim, tentando sair daquela situação.

— Ah! — a mulher rugiu enlouquecida. — Você é um ladrão, seu miserável! Roubou minha vida! Ladrão! Ladrão! Pensou que eu iria me desquitar... seu corno! Arre! Olhe para mim! Você nunca pensou nisso, não é? Não é?! — disse, levando as mãos à garganta como se estivesse sufocando. Kassim foi em direção à porta, mas ela saltou da cama e o agarrou pelas pernas.

— Não importa! O brilhante, me dê o brilhante! É só isso que eu quero! Ele é meu Kassim, seu miserável!

Kassim a ajudou a se levantar, lívido.

— Você está doente, María. Depois nós conversaremos sobre isso... deite-se um pouco.

— Meu brilhante!

— Calma, vamos ver se isso é possível... deite-se.

— Me dê! — A bola retornou à garganta de María, que parecia sufocar novamente.

Kassim voltou ao seu trabalho solitário. Como suas mãos tinham uma segurança matemática, faltava poucas horas para acabar o serviço.

— É mentira, Kassim — ela disse.

— Oh! — respondeu Kassim, sorrindo. — Não se preocupe, não foi nada.

— Juro que é tudo mentira! — ela insistiu.

Kassim sorriu novamente e tocou a mão dela com um carinho desajeitado.

— Louca! Prometo que não me lembro de mais nada.

Disse isso e se levantou para prosseguir em seu trabalho. Sua mulher, com as mãos no rosto, o observou por entre os dedos.

— E ele não diz nada... — murmurou e foi para o quarto possuída pela náusea que seu marido, aquele homem pegajoso, flácido e inerte representava.

Não dormiu bem. Acordou tarde e viu a luz acesa do escritório. Seu marido continuava trabalhando. Uma hora depois, ele ouviu novamente a mulher falar:

— Me dê!

— Sim. É para você. Falta pouco, María — ele respondeu, levantando-se.

Sua mulher, porém, após esse grito assustador, saído de um pesadelo, voltou a dormir. Às duas da manhã, Kassim

deu seu trabalho por concluído; o brilhante resplandecia, firme e varonil na peça. Com passos silenciosos, ele foi até o quarto e acendeu a lâmpada. María dormia tranquila na brancura gelada de sua camisola e do lençol.

Foi até o escritório e voltou novamente para o quarto. Contemplou mais um pouco o peito quase descoberto. Com um sorriso descolorido, empurrou um pouco mais a camisola.

Sua mulher não sentiu nada.

Não havia muita luz. O rosto de Kassim adquiriu uma dura imobilidade e, suspendendo por um instante a joia sobre aquele peito desnudo, enfiou firme e perpendicularmente, feito um prego, o alfinete inteiro no coração de sua mulher.

Os olhos se abriram de maneira brusca e, em seguida, as pálpebras se fecharam lentamente. Os dedos se arquearam e mais nada.

A joia, sacudida pela convulsão do gânglio ferido, tremeu um instante, desequilibrada. Kassim esperou um momento. Quando o brilhante ficou completamente imóvel, pode então se retirar, fechando a porta atrás de si sem fazer ruído.



# A MORTE DE ISOLDA

**T**erminava o primeiro ato de Tristão e Isolda. Cansado de toda a agitação desse dia, permaneci no meu lugar, muito feliz por não ter ninguém sentado do meu lado. Olhei o teatro e me detive observando um camarote.

Evidentemente, eram casados. Ele, um marido qualquer, talvez por sua vulgaridade mercantil e pela diferença de idade em relação à sua mulher, mais do que qualquer coisa. Ela era jovem, pálida, com uma dessas belezas profundas que iam para além do rosto, ainda muito belo e em perfeita harmonia com o olhar, a boca, o pescoço e o modo de fechar os olhos. Era, sobretudo, uma beleza para homens, sem ser minimamente provocativa; e isso é precisamente o que as mulheres nunca vão entender.

Observei longamente a mulher, porque podia vê-la muito bem, além disso, quando o homem está nessa tensão de aspirar fixamente um belo corpo, não recorre à discrição feminina dos óculos.

Começou o segundo ato. Enquanto eu voltava o meu rosto para o palco, nossos olhares se cruzaram. Eu, que já havia apreciado o encanto daquele olhar vagando pelo outro lado da sala, vivi em um segundo, ao sentir sua atenção diretamente direcionada à minha figura, o mais adorável sonho de amor que jamais havia vivido.

Foi tudo muito rápido: os olhos fugiram, mas duas ou três vezes, em meu largo minuto de insistência, voltaram fugazmente na minha direção.

Foi assim, com a súbita felicidade de sonhar um instante em ser seu marido, o mais rápido desencanto de um idílio. Seus olhos voltaram a me observar, mas nesse instante senti que meu vizinho da esquerda olhava para ela. Depois de um momento de imobilidade de ambos, se cumprimentaram.

Descobri assim que eu não tinha nem o mais remoto direito de me considerar um homem feliz. Observei meu companheiro. Era um homem de mais de trinta e cinco anos, barba ruiva e olhos azuis claros e duros, que expressavam inequívoca vontade.

“Eles se conhecem”, pensei comigo. “E não é pouco.”

Em efeito, depois da metade do ato, meu vizinho, que não havia deixado de olhar para o camarote, voltou sua atenção para o palco. Ela, com a cabeça um pouco mais para trás, nas sombras, também o olhava. Me pareceu ainda mais

pálida. Olharam-se fixa e insistentemente, separados do mundo, naquela reta paralela de alma a alma que os mantinha imóveis.

Durante o terceiro ato, meu vizinho não olhou para o camarote. Antes do final da apresentação, ele saiu. Olhei para o camarote e ela também havia sumido.

“Fim do idílio”, eu disse para mim mesmo, melancolicamente.

Ele não voltou mais e o camarote ficou vazio.

\*\*\*

— Sim, se repetem. — Sacudiu amargamente a cabeça.  
— Todas as situações dramáticas podem se repetir. Mesmo as mais inverossímeis se repetem. É preciso viver... E você ainda é muito jovem... E as de seu Tristão também, o que não impede que haja ali o mais potente grito da paixão já emitido por uma alma humana... Eu quero tanto como você essa obra, talvez até mais... Não estou me referindo, creia-me, ao drama de Tristão, com as trinta e duas situações do dogma, fora das quais tudo é mera repetição... Sim, sei que você se lembra... Não sabíamos quem era você... E deveríamos falar disso precisamente a você! Porém, você julga mal o que viu e passou a crer em um ato feliz meu...

Feliz...! Ouça-me. A embarcação parte em instantes para não voltar mais... Conto isso para você, como se fosse possível descrever, por duas razões: primeiro, porque você se parece muito comigo, de como eu era antes. Na parte boa unicamente, por sorte; e, em segundo, porque você, meu jovem amigo, será completamente incapaz de reivindicá-la depois do que vou lhe contar. Ouça-me:

Eu a conhecia há dez anos. Durante os seis meses em que fui seu namorado, fiz tudo o que era possível fazer para que ela fosse minha. Eu a amava muito; e ela me amava imensamente também. Por isso, um dia cedeu, porém, desde esse instante, privado da tensão, meu amor se esfriou.

Nosso ambiente social era distinto. Enquanto ela se embriagava com a felicidade do meu sobrenome — mesmo me julgando muito jovem —, eu vivia em uma esfera do mundo onde era inevitável flertar com mulheres com sobrenome, fortuna e, muitas das vezes, lindíssimas.

Uma delas, sob os guarda-sóis de uma *garden party*, levou meu flerte adiante ao ponto de fazer com que eu me exasperasse e a pretendesse seriamente. Porém, se minha pessoa era interessante para esses jogos, minha fortuna não me permitia lhe prometer o dote necessário, e ela me fez entender isso com clareza.

Tinha razão, perfeita razão. Em consequência, flertei com uma amiga sua, muito mais feia, no entanto, infinitamente menos hábil para essas torturas do *tête-a-tête* a dez centímetros, cuja graça exclusiva consiste em enlouquecer seu flerte, mantendo-se dona dele. Veja, dessa vez, não fui eu quem se exasperou.

Seguro do meu triunfo, pensei então em alguma forma de terminar com Inés. Continuava a visitá-la, e mesmo que ela não pudesse se enganar sobre o esfriamento da minha paixão, seu amor era demasiado grande, seus olhos se iluminavam de felicidade quando eu entrava em sua casa.

A mãe dela sempre nos deixava a sós. Mesmo que soubesse o que se passava, ela fechava os olhos para não perder, mesmo que remotamente, a chance de ver a filha chegar a uma esfera social mais alta.

Certa noite, fui até lá disposto a romper, com visível mau humor. Inés correu para me abraçar, mas parou e ficou pálida repentinamente.

— O que você tem? — ela me disse.

— Nada — respondi com um sorriso forçado, acariciando seu rosto.

Ela, por sua vez, não prestava nenhuma atenção à mão que lhe acariciava. Seguiu me olhando fixamente. Por fim, baixou os olhos e entramos.

A mãe veio e logo sentiu a tormenta que se aproximava. Ficou alguns instantes e saiu.

“Terminar”, uma palavra curta e fácil de falar; mas para começar...

Estávamos sentados e em silêncio. Inés se inclinou, tirou minha mão, que fazia carinhos em seu rosto, e me encarou. Seus olhos indicavam a dor daquele angustiante exame.

— É evidente...! — murmurou.

— O quê? — perguntei.

A tranquilidade do meu olhar causou mais danos do que minha voz. O rosto dela se transformou:

— Você não me quer mais! — disse, balançando a cabeça lenta e desesperadamente.

— É a quinquagésima vez que você fala a mesma coisa — respondi.

Não era possível uma resposta mais dura. De qualquer forma, eu já tinha o começo da conversa.

Inés me olhou como quem observa a um estranho. Apartando bruscamente a minha mão do cigarro, disse com a voz embargada:

—Esteban!

— O quê? — eu disse.

Dessa vez, aquilo bastou. Retirou lentamente sua mão da minha, reclinou-se no sofá com o rosto lívido sob a luz

da lâmpada. Um momento depois, escondeu o rosto sob os braços, contorcendo-se para trás.

Ficou assim por algum tempo. A injustiça da minha atitude — eu não via isso mais do que uma injustiça — acrescentava-se ao profundo desgosto que eu sentia pela minha própria pessoa. Por isso, quando ouvi, ou melhor, senti que as lágrimas escorriam em seu rosto, me levantei, fazendo um som de insatisfação com a boca.

— Eu acreditava que nós não iríamos ter mais cenas — disse-lhe, me encaminhando para fora.

Não me respondeu. Eu continuei:

— Espero que esta seja a última.

Senti que as lágrimas paravam de cair. Com os olhos marejados, ela me respondeu:

— Como quiser.

Em seguida, caiu soluçando no sofá:

— Mas o que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?

— Nada! — respondi. — Mas eu também não fiz nada a você... Creio que estamos na mesma situação. Estou farto dessas coisas!

Minha voz era seguramente muito mais dura do que minhas palavras. Inés se colocou firme, apoiou-se no sofá e repetiu friamente:

— Como quiser.

Era uma despedida. Eu estava prestes a chorar, mas o amor próprio, o vil amor próprio assim atingido, me levou a responder:

— Perfeitamente... Me vou, então. Que você seja feliz... outra vez.

Não compreendeu e me olhou com estranheza. Havia cometido a primeira infâmia. E, como é comum nesses momentos, senti a vertigem de me enlamear ainda mais.

— É óbvio — continuei brutalmente —, porque de mim você não tem queixa alguma... não é?

Quer dizer: te dei a honra de ser seu amante e você deveria estar agradecida.

Compreendeu mais meu sorriso do que minhas palavras. Sai dali para pegar meu chapéu no corredor, enquanto isso, em um “ah!”, seu corpo e sua alma desmoronavam na sala.

No instante em que cruzei a soleira da porta, senti intensamente o quanto a queria e o que acabara de fazer. Aspiração de luxo, matrimônio sublime, tudo ressaltou como uma chaga em minha própria alma. E eu, que me oferecia em leilão às mundanas feias e ricas, que me colocava à venda, acabara de cometer o ato mais ultrajante com a mulher que tanto me quis... Fraqueza no Monte das Oliveiras, o momento vil em um homem que não o é, tudo leva ao mesmo

fim: ânsia de sacrifício, de reconquista do próprio valor. Logo, a imensa sede de ternura, de beijar continuamente as lágrimas da mulher adorada, cujo primeiro sorriso após a ferida causada é a mais bela luz, capaz de inundar o coração de um homem.

Era o fim! Eu jamais poderia voltar atrás no ultraje que havia feito: eu já não era mais digno dela, não a merecia mais. Em apenas alguns instantes, eu havia manchado o amor mais puro que um homem pode ter sentido sobre si. Acabara de perder Inés e a rara felicidade de possuir alguém que me amava tão carinhosamente.

Desesperado, humilhado, avancei em direção à porta e a vi no sofá, soluçando a alma inteira sobre seus braços. Inés! Eu a tinha perdido! Senti a mais profunda miséria ao vê-la, todo aquele amor, sacudido pelos soluços de sua felicidade morta. Sem me dar conta, eu me detive.

— Inés! — chamei.

Minha voz não era a mesma de antes. Ela notou isso, porque sua alma sentiu, em um aumento de soluços, o desesperado chamado que meu amor lhe fazia, desta vez, um imenso amor!

— Não, não... — me respondeu. — É tarde demais!

\*\*\*

Padilla se deteve. No momento em que ele concluiu sua narrativa, de seus olhos saiu, como poucas vezes vi, uma grande amargura, muito exausta e tranquila. De minha parte, eu não conseguia mais separar a imagem da mulher no camarote daquela que ficou soluçando no sofá...

— Acredite em mim — continuou Padilla — se te digo que em minhas muitas insônias de solteiro descontente comigo mesmo, a tive assim na minha frente... Saí de Buenos Aires sem ver quase ninguém, muito menos meu flerte de grande fortuna... Voltei oito anos depois. Então eu soube que ela havia se casado seis meses depois da minha partida. Fui embora novamente. Regressei há um mês, já bem mais tranquilo e em paz.

“Eu não a tinha visto. Era como um primeiro amor, com todo o encanto dignificante que um idílio virginal tem para o homem feito, que depois disso amou cem vezes... Se você já foi querido alguma vez como eu fui, e se sente ultrajado pelo que eu fiz, compreenderá com toda pureza viril que há nas minhas lembranças.

“Até que em uma noite nós nos reencontramos. Sim, foi naquela noite no teatro... Compreendi, ao vê-la ao lado do marido rico, que havia se precipitado em se casar, como eu fiz em Ucayali... Porém, ao vê-la novamente, a menos de vinte metros de distância, me olhando, senti que dentro

da minha alma, então adormecida, ressurgia a desolação de haver perdido aquele grande amor, como se nenhum dia dos últimos dez anos tivesse passado. Inés! Sua beleza, única entre todas as mulheres, tinha sido minha, muito minha, porque me fora entregue com adoração — você também apreciará isso algum dia.

“Fiz tudo o que era humanamente possível para esquecer, rangi os dentes, tentando me concentrar apenas na cena. Porém, a prodigiosa partitura de Wagner, esse grito de paixão doentia, acendeu novamente a chama que eu tentava esquecer. No segundo e no terceiro ato, não fui capaz de olhar novamente para a direção onde ela estava. Ela também sofria graças à sugestão de Wagner e me olhava. Inés, minha vida! Durante meio minuto, sua boca e suas mãos estiveram em contato com minha boca, meus olhos e, durante esse tempo, sua palidez concentrou a sensação da antiga felicidade morta há dez anos. E Tristão sempre, com seus gritos de paixão sobre-humana, estava sobre nossa felicidade paralisada!

“Saí do teatro, passei pelas cadeiras como se fosse um sonâmbulo, aproximando-me dela sem vê-la, sem que ela me visse, como se eu não tivesse sido um miserável durante dez anos. . .

“Como havia acontecido dez anos atrás, alucinei enquanto pensava que tinha meu chapéu nas mãos e estava prestes a passar em frente a ela e sair porta afora.

“Ainda no teatro, passei pela porta do camarote e parei, enlouquecido. Como dez anos antes, sobre o sofá, Inés, apoiando-se no assento do camarote, soluçava pela paixão de Wagner e sua felicidade desfeita.

“Inés...! Senti que o destino me colocava em um momento decisivo.

“Dez anos...! Mas eles passaram? Não, não, minha Inés!

“E, como havia acontecido dez anos antes, os soluços aumentaram, também como anteriormente, ela me respondeu com o rosto atrás dos braços:

— Não, não... É tarde demais...!

# O INFERNO ARTIFICIAL

**N**as noites de lua, o coveiro avança por entre as tumbas com o passo singularmente rígido. Vai sem camisa e leva à cabeça um grande chapéu de palha. Seu sorriso fixo dá a sensação de estar pregado na sua cara. Se estivesse descalço, poderíamos notar que caminha com os polegares dos pés dobrados para baixo.

Não há nada de estranho nisso: o coveiro abusa do clorofórmio. Problemas do ofício o levaram a provar desse anestésico. Quando o clorofórmio morde um homem, dificilmente solta. Nosso conhecido espera a noite para destampar seu frasco. Como é muito sensato, escolhe o cemitério como palco para sua embriaguez.

O clorofórmio dilata o peito logo na primeira inspiração; na segunda, inunda a boca com saliva; as extremidades ficam formigando. Na terceira, na quarta, os lábios e as ideias incham; em seguida, ocorrem coisas singulares.

É assim, a fantasia de seu caminhar o levou até uma sepultura aberta, que, pela tarde, havia sido palco para uma

exumação — a qual não foi concluída por falta de tempo. Um caixão ficou aberto atrás da cerca do túmulo e, ao seu lado, sobre a areia, o esqueleto do homem que estava dentro dele.

Ele ouviu alguma coisa? Realmente? Nosso conhecido desatarraxa a tranca, entra, e, após dar uma volta em torno do homem de osso, se agacha e aproxima seus olhos das órbitas da caveira.

Ali, no fundo, um pouco mais acima da base do crânio, apoiado em uma parte do túmulo, há um homenzinho amarelo, que se treme todo e tem o rosto todo marcado por rugas. Tem a boca machucada, os olhos profundos e enlouquecidos de ânsia.

É um quadro completo do cocainômano.

— Cocaína! Por favor, um pouco de cocaína!

O coveiro, sereno, sabe bem que ele mesmo dissolveria com a própria saliva o vidro de seu frasco para alcançar o clorofórmio proibido. Então é o seu dever ajudar o homenzinho trêmulo.

Sai para retornar em seguida com uma seringa cheia, que o próprio cemitério proporcionava. Mas como? Ao homenzinho diminuto?

— Pelas fissuras cranianas...! Pronto!

Certo! Como tinha pensado naquilo? E o coveiro, de joelhos, injeta nas fissuras todo o conteúdo da seringa, que se infiltra e desaparece por entre as rachaduras.

Porém, era seguro afirmar, algo chegou até a fissura à qual o homenzinho se agarrava desesperadamente. Depois de oito anos de abstinência, qual molécula de cocaína não acenderia um delírio de força, juventude e beleza?

O coveiro fixou o olhar nas órbitas da caveira e não reconheceu mais o homenzinho moribundo. A cútis, firme e suave, não possuía o menor rastro de rugas. Os lábios, vermelhos e vivos, mordidos em preguiçosa voluptuosidade desprovida de explicação viril, caso aqueles traços hipnóticos não fossem agora quase todos femininos; e sobretudo os olhos, antes apagados e vítreos, agora brilhavam com tanta paixão que o coveiro teve um impulso de invejosa surpresa.

— É isso mesmo... a cocaína? — murmurou.

A voz de dentro soou com inefável encanto.

— Ah! É necessário saber o que são oito anos de agonia! Oito anos desesperado, gelado, preso à eternidade apenas pela esperança de um copo de prazer...! Sim, é pela cocaína... E o senhor? Eu conheço esse cheiro... clorofórmio, não é?

— Sim — respondeu o coveiro, envergonhado da mesquinha de seu paraíso artificial. — O clorofórmio também... me mataria antes que eu o deixasse — concluiu em voz baixa.

A voz soou um pouco zombeteira.

— Se matar! Certamente, faria isso. Seria como qualquer um desses meus vizinhos... apodreceria em três horas, você e seus desejos.

— É certo que sim — pensou o coveiro —, acabariam comigo.

Entretanto, o outro não tinha se rendido. Aquela paixão ainda ardia, mesmo depois de oito anos. Ele havia resistido a ela mesmo com a falta da taça de prazer, que ultrapassava a morte do organismo que a criou, a sustentou e não foi capaz de aniquilá-la consigo; que sobrevivia monstruosamente de si mesma, transmutando o desejo causal no supremo gozo final, mantendo-se frente à eternidade em uma rugosidade do velho crânio.

A voz cálida e arrastada de voluptuosidade soava brincalhona.

— Você se mataria... Grande coisa! Eu também me matei... Ah! Interessa a você, não é verdade? Só que somos feitos de substâncias diferentes... Sem demora, traga o clorofórmio, aspire um pouco mais e me ouça. Você poderá perceber a grande distância que há entre a sua droga e a cocaína. Vá.

O coveiro voltou, deitou-se de peito no chão e apoiou-se nos cotovelos com o frasco logo abaixo de seu nariz. Esperou.

— Seu cloro! Não é lá grande coisa, digamos! E mesmo morfina... Você conhece o amor pelos perfumes? Não? E o

Jicky de Guerlain? Ouça, então. Aos trinta anos, eu me casei. Tive três filhos. Era rico, minha mulher adorável e os três filhos eram saudáveis. Eu era perfeitamente feliz. Ou seja, nossa casa era muito grande para nós. Você viu. Você não... enfim... já percebeu que as salas luxuosamente decoradas parecem mais solitárias e inúteis. Sobretudo, solitárias. Todo nosso palácio vivia assim, em silêncio, seu estéril e fúnebre luxo.

Um dia, em menos de dezoito horas, nosso filho maior se foi, vítima da difteria. Depois, nosso segundo filho se foi como seu irmão. Minha mulher ficou desesperada e preocupadíssima com a prole que nos restava: nossa filha de quatro meses. O que importava a difteria, o contágio e tudo mais? Apesar da ordem do médico, a mãe deu de mamar à criatura. Em pouco tempo, a pequena se retorcia em convulsões. Morreu oito horas depois, envenenada pelo leite da mãe.

Faça a conta: 18, 25, 9. Em 51 horas, pouco mais do que dois dias, a nossa casa ficou perfeitamente silenciosa, pois não tinha mais o que ser feito. Minha mulher estava em seu quarto e eu caminhava de um lado para o outro da casa. Fora isso, mais nada, nem mesmo um ruído. E dois dias antes tínhamos três filhos...

Bem. Minha mulher, depois de quatro dias arranhando os lençóis, foi tomada por ataques cerebrais. Eu, por minha vez, recorri à morfina.

— Deixe disso — me falou o médico —, não é para você.

— O que é, então? — respondi e apontei para o luxo fúnebre da minha casa, que seguia como palco luminoso da catástrofe.

O homem se compadeceu.

— Tente sulfonal ou qualquer outra coisa... se você continuar assim, seus nervos não vão aguentar.

Sulfonal, briônia, estramônio... *bah!* Ah, a cocaína! O que há de infinito entre a felicidade espalhada em cinzas ao pé de cada cama vazia e o radiante resgate dessa mesma felicidade incinerada cabe numa única gota de cocaína! Fico assombrado por ter sofrido uma dor tão imensa em momentos antes. Subitamente, voltou a total confiança na vida; instantâneo, rebrotaram as ilusões que se aproximam do destino a cada dez centímetros de alma revelada, tudo isso se precipita nas veias através da agulha. E seu clorofórmio...! Minha mulher morreu. Durante anos, gastei em cocaína muito mais do que você pode imaginar. Você sabe alguma coisa sobre tolerância? Cinco centigramas de morfina acabam fatalmente com um indivíduo robusto. Durante quinze anos, Quincey chegou a tomar dois gramas por dia. Vale dizer, quarenta vezes mais do que a dose mortal.

Porém, isso tem um preço. Em mim, a verdade das coisas lúgubres, contida, bêbada, dia após dia, começou a se

vingar, e eu não tive mais nervos retorcidos para me colocar diante das horríveis alucinações que me assediavam. Então fiz esforços inauditos para arrancar de mim o demônio, tudo sem resultado algum. Três vezes, eu consegui resistir à cocaína por um mês, um mês inteiro. Mas sempre recaía. Você não sabe, mas saberá um dia, qual sofrimento, qual angústia, qual agonia se sente quando tentamos suprimir por um dia que seja a droga!

Por fim, estava envenenado até o mais íntimo do meu ser, grávido de torturas e fantasmas, convertido em um tremendo despojo humano; sem sangue, sem vida — miséria à qual a cocaína se prestava dez vezes por dia a disfarçar como uma fantasia, para em seguida, afundar-me em um estupor cada vez mais profundo.

Acabei utilizando o resto de dignidade que existia em mim para me internar em um sanatório. Me entreguei atado pelas mãos e pelos pés à cura.

Ali, sob o império da vontade alheia, constantemente vigiado para que não fosse capaz de procurar o veneno, chegaria forçosamente à desintoxicação.

Você sabe o que aconteceu? Que eu, conjuntamente com o heroísmo para me entregar à tortura, levava escondido no bolso um pequeno frasco de cocaína... Pense, calcule o que é uma paixão agora.

Durante um ano inteiro, depois desse fracasso, prossegui injetando a droga no meu corpo. Uma longa viagem empreendida foi capaz de me fornecer não sei quais misteriosas forças de reação, e então me apaixonei.

A voz se calou. O coveiro, que escutava com um sorriso bobo no rosto, focou sua atenção e acreditou ter visto um fino véu, opaco e vítreo, nos olhos de seu interlocutor. A pele, por sua vez, se despedaçava visivelmente.

— Sim — prosseguiu a voz —, é o princípio... vou concluir de uma vez por todas. A você, um colega, é a você quem devo toda essa história.

Os pais fizeram o possível para resistir: um morfinômano, ou coisa assim! Para minha desgraça, dela e a de todos, eu havia colocado em meu caminho uma pessoa com nervos de vidro. Oh, admiravelmente bela! Não tinha sequer dezoito anos. O luxo era para ela o que o cristal talhado é para uma essência: seu recipiente natural.

Da primeira vez em que eu me esqueci de tomar outra injeção antes de entrar, ela me viu decair bruscamente em sua presença, me idiotizar, envelhecer, fixou em mim seus olhos imensos, belos e espantados. Curiosamente espantados! Me viu, pálida e imóvel, tomar a injeção. Não cessou por um instante, apenas ficou parada, me observando pelo resto da noite. Depois daqueles olhos terem me visto naquela situação,

eu fui tomado por uma tara neurótica, do tio internado e do seu irmão caçula e epilético...

No dia seguinte, eu a encontrei respirando Jicky, seu perfume favorito. Tinha lido nas últimas vinte e quatro horas tudo o que havia sobre hipnóticos.

Agora, vejamos bem: basta que pessoas sorvam os deleites da vida de um modo anormal para que se compreendam muito mais intimamente. Quanto mais estranha é a obsessão do prazer, mais se compreendem. Elas se unirão em seguida, excluindo toda paixão, para se isolarem na felicidade alucinada de um paraíso artificial.

Em vinte dias, aquele encanto de corpo, beleza, juventude e elegância ficou suspenso ao alento embriagante dos perfumes. Começou a viver, como eu e minha cocaína, no céu delirante de seu Jicky.

Por fim, pareceu-nos perigoso o mútuo sonambulismo em sua casa, por mais fugaz que fosse, e decidimos criar nosso paraíso. Nenhum lugar era melhor do que a minha própria casa, onde nada tinha sido tocado e à qual eu não havia retornado mais. Levaram todos os divãs da sala. Ali, no mesmo silêncio e na mesma suntuosidade fúnebre que havia incubado a morte dos meus filhos; na profunda quietude da sala, com as luzes acesas à uma da tarde; sob a atmosfera pesada dos perfumes, vivemos horas em nosso fraternal e taciturno

idílio: eu deitado imóvel com os olhos abertos, pálido como a morte; ela caída sobre o divã, mantendo abaixo do próprio nariz, com sua mão gelada, o frasco de Jicky.

Não havia entre nós o menor traço de desejo — e quão bela estava com suas profundas olheiras, seu cabelo despen-teado e o luxo ardente de sua saia imaculada!

Durante três meses consecutivos, raramente se ausentava, sem jamais ter alguma explicação para me dar quanto àquela combinação de visitas, casamentos e *garden parties* produzidas para que ela não parecesse suspeita. Naquelas raras ocasiões, chegava ansiosa no dia seguinte, entrava sem me olhar, tirava seu chapéu bruscamente para deitar-se em seguida, a cabeça jogada para trás e os olhos entreabertos, ao sonambulismo de seu Jicky.

Resumindo, uma tarde, por uma dessas reações inexplicáveis que os organismos envenenados lançam em explosão suas reservas de defesas — os morfinômanos as conhecem bem! — senti todo o profundo prazer que havia, não na minha cocaína, mas naquele corpo de dezoito anos, admiravelmente feito para ser desejado. Naquela tarde, como nunca, sua beleza surgia pálida e sensual na suntuosa quietude da sala iluminada. Tão brusca foi a sacudida que acabei me sentado no divã, observando-a. Dezoito anos... e com toda essa beleza!

Ela me viu chegar sem fazer qualquer movimento e, ao se inclinar, me olhou com fria estranheza.

— Sim... — murmurei.

— Não, não... — respondeu ela com a voz branca, esquivando a boca em pesados movimentos de sua cabeleira.

Por fim, no final, ela jogou a cabeça para trás e cedeu enquanto fechava os olhos.

Ah! Para que ressuscitar apenas por um instante, se minha potência viril, se meu orgulho de varão não revivia mais? Estava morto para sempre, afogado, dissolvido pelo mar de cocaína! Cai ao seu lado, sentado no chão, e afundei a cabeça em sua saia, permanecendo assim, em profundo silêncio, por mais de uma hora; ela, por sua vez, estava muito pálida, mantinha-se imóvel, os olhos abertos e fixos no teto.

Mas esse golpe de reação que acendera um efêmero relâmpago de ruína sensorial trazia consigo também a flor da consciência da honra masculina e da vergonha viril que agonizavam em mim. O fracasso de um dia no sanatório e o diário da minha própria dignidade não eram nada se comparados àquele momento. Você me compreende? Para que viver se o inferno artificial no qual eu havia me atirado e do qual não podia mais sair era incapaz de me absorver completamente! Eu havia apenas me livrado por um instante dessa prisão para, em seguida, afundar-me nesse fim!

Me levantei e fui, os cômodos todos bem conhecidos, até o lugar onde ainda estava o meu revólver. Quando retornei, ela tinha as pálpebras fechadas.

— Matemo-nos — eu disse a ela.

Entreabriu os olhos e, durante um minuto, não desviou o olhar de mim. Sua face límpida voltou a ter o mesmo movimento do êxtase cansado:

— Matemo-nos — murmurou.

Observou o luxo fúnebre da sala, lugar no qual a lamparina ardia com a luz alta, e contraiu ligeiramente a testa.

— Aqui não — agregou.

Sáímos juntos, tomados ainda pela alucinação, e atravessamos os cômodos da casa que ecoavam. Por fim, ela se apoiou contra uma porta e fechou os olhos. Caiu junto à parede. Voltei a arma na minha direção e me matei.

Então, após o disparo, minha mandíbula se separou bruscamente do meu rosto. Senti um imenso formigamento na cabeça. Então o coração teve dois ou três sobressaltos e se deteve paralisado. Quando no meu cérebro, nos meus nervos e no meu sangue não havia a mais remota probabilidade de que a vida retornasse, senti que minha dívida com a cocaína estava encerrada. Eu havia me matado, mas eu a tinha matado também!

Eu me equivoquei! Porque um instante depois pude ver, entrando vacilantes e de mãos dadas, pela porta da sala, nossos corpos mortos, que obstinados retornavam...

A voz se interrompeu de repente.

— Cocaína, por favor! Um pouco de cocaína!



# A GALINHA DEGOLADA

**O** dia todo, os quatro filhos idiotas do matrimônio Mazzini-Ferraz ficavam sentados no banco do pátio. Tinham a língua entre os lábios, os olhos estúpidos e viravam a cabeça com a boca aberta.

O pátio era de terra, fechado a oeste por uma cerca azulejada. O banco ficava paralelo a ele, a uns cinco metros, e se mantinham imóveis ali, com os olhos fixos nos ladrilhos. Como se o sol ficasse oculto atrás do cerco, ao surgir, os idiotas faziam festa. A luz ofuscante chamava a atenção deles inicialmente e, aos poucos, seus olhos se animavam e eles riram estrepitosamente, tomados pela mesma hilaridade ansiosa, olhando para o sol com uma alegria bestial, como se a luz fosse seu alimento.

Outras vezes, alinhados no banco, zumbiam durante horas enquanto imitavam o bonde. Os ruídos fortes os retiravam da inércia. Corriam, mordendo a língua e mugindo ao redor do pátio. Porém, quase sempre estavam tomados pela sombria letargia da idiotice. Passavam dias inteiros

sentados em seu banco, com as pernas pendentes e quietas, empapando as calças com sua gelatinosa saliva.

O maior tinha doze anos; o menor, nove. Em todo aspecto sujo e desvalido, notava-se um pouco da absoluta falta de cuidado maternal.

Esses quatro idiotas, no entanto, um dia foram o encanto de seus pais. Aos três meses de casados, Mazzini e Berta orientaram seu estreito amor de marido e mulher e de mulher e marido para um porvir ainda mais vital: um filho. Qual é a maior felicidade para os apaixonados do que essa honrada consagração de seu afeto, libertado já do vil egoísmo de um mútuo amor sem fim nenhum e, o que é pior para o amor mesmo, sem esperanças possíveis de renovação?

Assim se sentiam Mazzini e Berta. Quando o filho chegou, no décimo quarto mês de matrimônio, eles acreditaram que sua felicidade estava completa. A criatura cresceu, bela e radiante até aproximadamente um ano e meio. Porém, no vigésimo mês, uma noite de convulsões terríveis tomou conta do filho, o qual, no dia seguinte, não era mais capaz de reconhecer os pais. O médico o examinou com atenção profissional na tentativa de encontrar a causa daquele mal em possíveis enfermidades do pai ou da mãe.

Depois de alguns dias, os membros paralisados recobriram os movimentos, porém a inteligência, a alma e até

mesmo o instinto desapareceram completamente. Ficara profundamente idiota, baboso, alheio, morto para sempre sobre os joelhos da mãe.

— Meu filho querido! — Ela soluçava ao ver a espantosa ruína de seu primogênito.

O pai, desolado, acompanhava o médico até a porta.

— Para você é possível dizer, creio que seja um caso perdido. Poderá melhorar, educar-se até onde seu idiotismo permita, porém nada mais do que isso.

— Sim...! Sim...! — Assentia Mazzini. — Mas, me diga, doutor, o senhor crê que seja hereditário, que...?

— No que diz respeito à hereditariedade paterna, já lhe disse o que pensei quando vi seu filho. Em relação à mãe, há ali um pulmão que não funciona muito bem. Porém, nada demais. Há um sopro. Faça-a examinar isso melhor.

Com a alma destroçada pelo remorso, Mazzini redobrou seu amor pelo filho, o pequeno idiota que pagava pelos excessos do avô. Teve de consolar e apoiar Berta incansavelmente, ferida no mais profundo de seu ser por aquele fracasso na sua jovem maternidade.

Como é natural, o matrimônio colocou todo seu amor e esperança em outro filho. Ele nasceu cheio de saúde, com riso aberto, o que reascendeu a esperança no futuro. Porém, aos dezoito meses, o segundo filho sofreu com

as mesmas convulsões do primogênito. No dia seguinte, amanheceu idiota.

Desta vez, os pais caíram em profundo desespero. Seu sangue e seu amor estavam amaldiçoados! Sobretudo o amor! Vinte e oito anos, ele; vinte e dois, ela. Toda a apaixonada ternura que sentiam um pelo outro não era capaz de criar um átomo de vida normal. Os dois já não pediam mais beleza e inteligência como no caso do primogênito; apenas um filho, um filho como todos os outros!

Do novo desastre, brotaram novas chamadas do dolorido amor, um louco anseio de redimir para sempre a santidade de sua ternura. Então, tiveram gêmeos e, ponto a ponto, a história dos irmãos mais velhos se repetiu.

Apesar da imensa amargura, grande compaixão por seus quatro filhos restava a Mazzini e Berta. Tiveram de arrancar os pequenos do limbo da mais profunda animalidade, não da sua alma, mas do instinto desaparecido. Não sabiam deglutir, mudar de lugar, nem mesmo se sentar. Por fim, aprenderam a caminhar, mas batiam em tudo, porque não se davam conta dos obstáculos. Quando alguém os chamava, mugiam até seus rostos ficarem vermelhos. Só se animavam para comer quando viam cores brilhantes ou ouviam algum som forte. Riam quando isso acontecia, deixando para fora a língua e as babas, brilhantes em seu

frenesi bestial. Possuíam, por sua vez, certa faculdade imitativa, mas nada mais que isso.

Com os gêmeos, uma aterradora tendência parecia ter sido concluída. Porém, passados três anos, o casal desejou ardentemente outro filho. Acreditavam que a passagem do tempo teria aplacado, mitigado aquela fatalidade.

Não satisfizeram as suas expectativas. E, nesse ardente anseio que se exasperava, em razão de sua ineficácia, eles se distanciaram. Até aquele momento, cada um havia tomado para si a parte que lhe cabia em relação à miséria de seus filhos, porém a desesperança de redenção frente às quatro bestas que a partir deles foram geradas, não deixou nada além da imperiosa necessidade de culpar os outros, que é coisa específica dos corações inferiores.

Iniciaram com a mudança dos pronomes: teus filhos. E para além do insulto havia a insídia, deixando a atmosfera cada vez mais carregada.

— Me parece — Mazzini disse uma noite, após acabar de entrar para lavar as mãos — que você poderia ter deixado os meninos mais limpos.

Berta seguiu lendo, como se não tivesse ouvido nada.

— É a primeira vez — respondeu, depois de alguns instantes — que eu vejo você se inquietar em razão do estado dos seus filhos.

Mazzini a encarou enquanto mantinha um sorriso forçado:

— Dos nossos filhos, não é mesmo?

— Muito bem, então, dos nossos filhos. Você prefere assim? —Ela o encarou novamente.

Dessa vez, Mazzini se expressou de forma mais clara:

— Você não vai dizer que a culpa é minha, vai?

— Ah, não! — Sorriu Berta, muito pálida. — Mas também não é minha, eu suponho... aliás, era só o que me faltava!

— O que é que te faltava?

— Que se alguém for culpado, que esse alguém seja eu! Isso que eu quero dizer.

Seu marido a olhou por um momento, tomado por um brutal desejo de insultá-la.

— Esquece! — respondeu, secando as mãos.

— Seja como você quiser, mas se quiser falar...

— Berta!

— Seja como você quiser.

Esse foi o primeiro choque entre os dois. Porém, nas inevitáveis reconciliações, suas almas se uniam em arrebatamento e loucura por outro filho.

Assim nasceu uma menina. O casal viveu dois anos de angústia diária à flor da pele, sempre à espera de outro desastre. Nada aconteceu e, assim, os pais despejaram na

filha toda sua complacência, o que levava a pequena aos mais extremos limites do mimo e da criança má.

Berta seguia, nos últimos tempos, sempre cuidando dos outros filhos. Quando Bertinha nasceu, ela praticamente se esqueceu dos meninos. A lembrança deles a horrorizava, como se a tivessem obrigado a cometer alguma atrocidade. Com Mazzini, em grau menor, ocorria exatamente o mesmo.

Nesse momento, a paz havia chegado às suas almas. Porém, a menor indisposição da filha aflorava neles o terror de perdê-la e os rancores de sua descendência apodrecida. Tinham acumulado fel de sobra, até a borda do copo, mas ao menor contato o veneno era derramado para fora. Desde o primeiro desgosto envenenado, eles tinham perdido o respeito. Se há algo que faz o homem se sentir arrastado por uma fricção cruel, é no momento em que esse processo humilha completamente aquela pessoa. Antes eles se continham, talvez pela falta comum de êxito. Agora que este havia chegado, cada qual, atribuindo-o a si mesmo, sentia a infâmia das quatro deformidades que o outro o havia forçado a criar.

Com esses sentimentos, não houve para os quatro filhos mais velhos qualquer afeto possível. A empregada os vestia, dava de comer, colocava-os na cama, tudo feito com a mais visível brutalidade. Não lhes davam banho quase nunca.

Passavam praticamente todos os dias sentados em frente à cerca, abandonados de qualquer tipo de carícia.

Desse modo, Bertinha completou quatro anos. Nessa noite, resultado das guloseimas que os pais não eram capazes de lhe negar, a criatura teve calafrios e febre. Temiam que ela morresse ou ficasse idiota, o que reabriu a eterna chaga do casal.

Os dois não se falaram durante quase três horas. O motivo, como quase sempre, eram os fortes passos de Mazzini.

— Meu Deus! Não pode caminhar mais devagar! Para que tudo isso?

— Eu não faço de propósito. Parei, pronto!

Ela deu um sorriso desdenhoso:

— Eu não acredito em você!

— Nem eu em você. Jamais acreditei em você... tísica!

— O que foi que você disse?

— Nada!

— Eu ouvi! Olha só, não sei o que foi que você disse, mas juro que prefiro qualquer coisa a ter um pai como o que você teve!

Mazzini ficou pálido.

— Finalmente — murmurou, rangendo os dentes. — Finalmente, víbora, você falou o que sempre quis dizer!

— Sim, sou víbora sim! Mas tive pais sãos, ouviu? Pais sãos! Meu pai não morreu demente! Eu poderia ter filhos

como os de todo mundo! Esses filhos são teus! Os quatro são teus!

Mazzini explodiu:

— Víbora tísica! Foi isso que eu disse e é isso que eu quero dizer! Pergunte ao médico quem é o real culpado da meningite que afetou seus filhos: meu pai ou seu pulmão perfurado, sua víbora!

Continuaram, a violência ficando cada vez maior, até que um gemido de Bertita selou instantaneamente suas bocas. Por volta de uma da manhã, a ligeira indigestão da menina havia desaparecido e, como ocorre fatalmente com todos os jovens casais que já se amaram intensamente, mesmo que uma vez apenas, a reconciliação chega tão ou mais efusiva quanto os insultos ditos anteriormente.

O dia amanheceu esplêndido. Berta, ao se levantar, cuspiu sangue. As emoções da terrível noite anterior tinham, sem dúvida, grande culpa. Mazzini a abraçou por um longo tempo enquanto ela chorava desesperadamente, porém nenhum dos dois se atreveu a dizer algo.

Às dez, decidiram sair depois de comer. Como ainda tinham tempo, mandaram a empregada matar uma galinha.

O dia radiante havia arrancado os idiotas de seu banco. Assim, enquanto a empregada degolava o animal na cozinha, dessangrando-o com parcimônia (Berta havia aprendido

com sua mãe esse modo de conservar a frescura da carne), sentiu algo como uma respiração atrás de si. Voltou-se e viu os quatro idiotas, com os ombros encostados um no outro, olhando estupefatos a operação. Vermelho... vermelho...

— Senhora, os meninos estão aqui na cozinha!

Berta chegou. Não queria que eles pisassem ali de jeito nenhum! E nem mesmo nesses momentos de perdão pleno, esquecimento e felicidade reconquistada, ela podia evitar essa visão horrível! Porque, naturalmente, quanto mais intensos eram os êxtases de amor com seu marido e sua filha, mais irritável ela se tornava com os monstros.

— Saiam! Maria! Expulse-os, expulse-os daí!

As quatro pobres bestas, sacudidas e brutalmente empurradas, foram se sentar em seu banco.

Após o almoço, saíram todos. A empregada foi até Buenos Aires; o casal, a passear pelo bairro. Voltaram só quando o sol baixou, mas Berta quis falar um momento com suas vizinhas da frente. Sua filha correu para dentro da casa.

Os idiotas tinham ficado o dia inteiro em seu banco. O sol havia transposto a cerca e começava a se pôr. Eles continuavam olhando os ladrilhos, mais inertes que nunca.

De repente, algo se colocou entre o olhar deles e os ladrilhos: a irmã, cansada de cinco horas com os pais, queria

observá-los sozinha. Parada no pé da cerca, olhava pensativa para o topo. Por fim, pegou uma cadeira velha, mas isso ainda não a permitia alcançar o topo. Então recorreu a um latão de querosene, o qual seu instinto topográfico a levou a colocar na vertical, como se fosse um troféu.

Os quatro idiotas, com o olhar indiferente, viram como sua irmã lograva pacientemente e dominava o equilíbrio, bem como ela, na ponta dos pés, apoiava a garganta sobre as pontas do cercado. Assistiram ela olhar por todos os lados, buscar apoio para os pés para subir ainda mais.

O olhar dos idiotas se alterou, animado; uma luz igual e insistente se fixava em suas pupilas. Não tiravam os olhos da irmã, enquanto uma crescente sensação de gula bestial mudava as linhas de seus rostos. Lentamente, eles avançaram até a cerca. A pequena, após conseguir calçar o pé, estava prestes a montar na cerca para, em seguida, cair do outro lado, sentiu, seguramente, a perna ficar presa. Logo abaixo, os oito olhos fixos nela a fizeram sentir medo.

— Me soltem! Me soltem! — gritou, sacudindo a perna, mas foi puxada.

— Mamãe! Ai, mamãe! Mamãe, papai! — chorou imperiosamente. Ainda tentou se segurar na cerca, mas foi arrancada de lá e caiu.

— Mamãe, aí! Ma... — Não era mais capaz de gritar.

Um deles apertou seu pescoço, separando suas mechas como se elas fossem penas, enquanto os outros a arrastavam por uma perna só até a cozinha, onde, naquela manhã, uma galinha havia sido dessangrada, bem devagar, por alguém que lhe arrancou a vida segundo a segundo.

Mazzini, na casa da frente, acreditou ter ouvido a voz da filha.

— Acho que ela está chamando você, Berta.

Prestaram atenção, inquietos, mas não ouviram mais nada. Mesmo assim, despediram-se. Enquanto Berta guardava seu chapéu, Mazzini avançou pelo pátio.

— Bertita!

Ninguém respondeu

— Bertita! — falou mais alto, já com a voz alterada.

Aquele silêncio foi tão fúnebre para seu coração sempre alterado que o fez sentir um frio na espinha e um horrível pressentimento.

— Minha filha! Minha filha! — Correu desesperado na direção dos fundos da casa. Mas, ao passar pela cozinha, viu que o chão havia se transformado em um mar de sangue. Empurrou violentamente a porta e gritou horrorizado.

Berta, que vinha correndo na direção dos angustiantes chamados do pai, ao ouvir o grito, respondeu com outro.

Ao se precipitar na cozinha, Mazzini, lívido como a morte, se interpôs, contendo-a:

— Não entre! Não entre!

Berta conseguiu ver o piso inundado de sangue. Só foi capaz de erguer as mãos e se jogar nos braços dele em um suspiro rouco.



# OS BARCOS SUICIDAS

**H**á poucas coisas mais terríveis para se encontrar no mar do que um barco abandonado. Durante o dia, o perigo é menor; de noite, não há possibilidade de vê-lo ou de emitir qualquer sinal de advertência: o choque acaba, muita vez, afundando as duas embarcações.

Esses barcos abandonados por a ou por b navegam obstinadamente a favor das correntezas ou dos ventos, quando estão com as velas içadas. Percorrem os mares assim, mudando caprichosamente de rumo.

Não são poucos os vapores que já passaram perto ou se depararam com essas embarcações silenciosas, as quais viajam por sua própria conta. Há sempre a possibilidade de encontrá-las. Algumas vezes, as correntezas as levam para os mares de sargaços. Os barcos param, por fim, aqui ou acolá, imóveis para sempre em meio ao deserto de algas. Assim, pouco a pouco, ele vai se desfazendo. Novos barcos chegam a esses pontos todos os dias, ocupam o lugar dos anteriores em silêncio. Assim, tranquilamente, esses lúgubres portos sempre têm frequentadores.

O principal motivo desses abandonos são, sem dúvida, as tempestades e os incêndios que deixam à deriva negros esqueletos errantes. No entanto, há outras causas singulares nas quais podemos incluir o que aconteceu com *Maria Margarita*, que zarpou de Nova York em 24 de agosto de 1903 e que, no dia 26, pela manhã, contatou uma corveta sem acusar nenhum problema. Quatro horas mais tarde, um navio a vapor, não obtendo resposta, enviou um bote salva-vidas que abordou o *María Margarita*. Não havia ninguém na embarcação. As camisas dos marinheiros secavam na proa. A cozinha estava arrumada. Uma máquina de costura tinha a agulha suspensa sobre a roupa, como se tivesse sido abandonada apenas há alguns momentos. Não havia o menor sinal de luta ou de pânico. Tudo estava na mais perfeita ordem, a não ser o fato de que não havia ninguém. O que aconteceu?

Na noite em que ouvi essa narrativa, estávamos todos no convés, em direção à Europa, enquanto o capitão nos contava sua história marinha, perfeitamente certa.

As mulheres que ouviam, vencidas pelo ambiente que as rodeava, ouviam impressionadas. As jovens nervosas prestavam, sem querer, atenção aos marinheiros na proa. Uma senhora recém-casada se atreveu a dizer:

— Não serão águias...?

O capitão sorriu bondosamente:

— O que a senhora disse? Que águias teriam levado a tripulação?

Todos riram e a jovem fez o mesmo, um pouco envergonhada.

Felizmente, um passageiro sabia algo sobre o assunto. Todos olharam para ele com curiosidade. Durante a viagem, havia se comportado como um excelente companheiro, admirado por todos e sempre calado.

— Ah! Conte a história, então, por favor... — suplicou a jovem das águias.

— Tudo bem — disse o discreto indivíduo. — Em duas palavras, nos mares do norte, como o *María Margarita* do capitão, encontramos certa vez um barco a vela. Nosso rumo, pois também viajávamos a vela, nos colocou lado a lado. O singular ar de abandono que todos os barcos abandonados têm chamou nossa atenção. Diminuímos nossa velocidade para observá-lo melhor. Decidimos então mandar um bote salva-vidas. Quando subimos na embarcação, também não encontramos ninguém e tudo estava na mais perfeita ordem. Porém, a última anotação do diário de bordo era de quatro dias atrás, de modo que não ficamos muito impressionados. Na verdade, rimos um pouco dos famosos desaparecimentos súbitos.

“Oito de nossos homens acabaram a bordo para o governo do novo barco. Viajaríamos próximos para prestar

auxílio à embarcação que havíamos encontrado. Ao anoitecer, ele nos deixou um pouco para trás. No dia seguinte, os alcançamos, porém não conseguimos ver ninguém no barco. Novamente, enviamos um bote salva-vidas e os homens que foram até lá procuraram em vão nossos companheiros. Todos os homens que estavam no barco abandonado tinham desaparecido. Nenhum objeto estava fora do lugar. O mar estava absolutamente tranquilo em toda sua extensão. Na cozinha, ainda havia um pote com batatas.

“Como vocês podem imaginar, o terror supersticioso de nossa gente chegou ao seu clímax. Somente seis se animaram a ficar no barco abandonado. Eu era um deles. Quando ficamos sozinhos a bordo, meus companheiros decidiram beber para esquecer as preocupações. Sentaram-se todos em círculo e logo começaram a cantar.

“Chegou o meio-dia, passou a sesta e às quatro, a brisa cessou e as velas caíram. Um marinheiro se acercou da borda do barco e olhou para a calmaria do mar. Todos estavam em pé, caminhando e sem vontade de falar. Um deles se sentou em um cabo, tirou a camiseta e começou a remendá-la. Em silêncio, ele costurou um pouco. De repente, se levantou e deu um longo assobio. Seus companheiros olharam. Ele os encarou com olhar vago, também surpreso, e se sentou novamente. Um momento depois, deixou a camiseta amarrada

no cabo, avançou até a borda e se atirou na água. Ao ouvir o barulho, os outros olharam com a testa ligeiramente franzida. Em seguida, esqueceram o que tinha ocorrido e voltaram à apatia.

“Minutos depois, outro se desesperou, esfregou os olhos e, caminhando, se atirou na água. Passou meia hora, o sol já estava se pondo. Senti que me tocaram no ombro.

“‘Que horas são?’

“‘Cinco’, respondi.

“O velho marinheiro me olhou desconfiado, com as mãos nos bolsos, deitado na minha frente. Olhou longamente para minhas calças, distraído. Por fim, atirou-se na água também.

“Os três que ficaram, chegaram rapidamente para observar o redemoinho. Se sentaram na borda, assobiando com a vista perdida. Um se abaixou e se estendeu na popa, cansado. Os outros desapareceram um após o outro. Às seis, o último se levantou, arrumou a roupa, tirou o cabelo da testa, caminhou meio sonâmbulo e se atirou na água.

“Acabou que fiquei só, olhando para o mar deserto feito um idiota. Todos, sem saber o que estavam fazendo, tinham se atirado ao mar, envoltos no sonambulismo lento que dominava o barco. Quando alguém se atirava na água, os outros olhavam momentaneamente preocupados, como

se tivessem se lembrado de algo, para logo em seguida esquecerem do que tinham lembrado. Assim todos desapareceram. Suponho que o mesmo aconteceu nos dias anteriores e nos outros, com os outros barcos. É isso”.

Ficamos encarando aquele raro homem com excessiva curiosidade.

— E você? Não sentiu nada? — perguntou o meu vizinho de cabine.

— Sim, uma grande relutância e a obstinação das mesmas ideias, nada mais do que isso. Não sei por qual motivo não senti mais nada. Na verdade, acredito que o motivo seja o seguinte: em vez de ficar exausto em uma defesa angustiante e, a todo custo, ir contra o que eu sentia, como devem ter feito todos os outros marinheiros, eu, de minha parte, simplesmente aceitei aquela morte hipnótica, como se eu já estivesse anulado. Algo muito semelhante se passou, sem dúvida, com as sentinelas daquela famosa guarda, que todas as noites se enforcavam.

Como o comentário era bastante complicado, ninguém respondeu. Passou um tempo até o capitão seguir o homem com o canto de olho e dizer baixinho:

— Farsante.

— Ao contrário — disse um passageiro enfermo, que estava a caminho da sua terra natal para morrer nela. — Se

ele fosse um farsante, não teria deixado de pensar nisso e acabaria se atirando na água.



# O TRAVESSEIRO DE PENAS

**S**ua lua de mel foi um longo calafrio. Loira, angelical e tímida, o caráter duro do marido congelou seus sonhos de menina. Gustava muito dele, porém, muitas vezes sentia um ligeiro estremeamento quando voltavam juntos, de noite, pela rua, e ela olhava furtivamente para o impávido Jordán. Ele, por sua vez, a amava profundamente, mas sem se deixar que ela notasse.

Durante três meses — tinham se casado em abril —, viveram uma felicidade especial. Sem dúvida, ela desejava menos severidade nesse rígido céu de amor, lugar em que buscava a mais expansiva e incauta ternura. Contudo, o impassível olhar de seu marido a continha.

A casa na qual viviam influía razoavelmente em suas preocupações. A brancura do pátio silencioso — frisos, colunas e estátuas de mármore — produzia uma outonal impressão no palácio encantado. Dentro, o brilho glacial do reboco, sem o mais leve arranhão nas paredes, afirmava aquela sensação de tenebroso frio. Ao passar de um cômodo ao outro, os passos

faziam eco em toda casa, como se um longo abandono tivesse sensibilizado sua ressonância.

Nesse estranho ninho de amor, Alicia passou todo o outono. Não obstante, havia decidido lançar um véu sobre os sonhos antigos e ainda sentia como se estivesse dormindo em uma casa que lhe era hostil, sem querer pensar em nada até a chegada de seu marido.

Não por acaso, ela emagrecia. Teve um ligeiro ataque de gripe que se arrastou insidiosamente durante vários dias. Alicia não conseguia se recuperar nunca. Finalmente, em uma tarde, ela pode sair para o jardim apoiada no braço dele. Olhava indiferente para o outro lado. Rapidamente Jordán, com profunda ternura, passou a mão pela cabeça dela. Alicia, por sua vez, rompeu em soluços e jogou seus braços em volta do pescoço dele. Chorou longamente todo seu horror, o qual até então havia escondido, aumentando o pranto na menor tentativa de carícia. Logo os soluços foram se espaçando, mas ela permaneceu escondida em seu pescoço, sem se mover ou dizer qualquer palavra.

Esse foi o último dia no qual Alicia esteve em pé. No dia seguinte, amanheceu desvanecida. O médico de Jordán a examinou com muito cuidado. Por fim, ordenou calma e descanso absolutos.

— Não sei — disse o médico em voz baixa já na porta de saída da casa. — Ela tem uma debilidade que eu não consigo

explicar, sem vômitos, nada... Se ela acordar amanhã do mesmo jeito, me chame imediatamente.

No outro dia, Alicia piorou. Houve nova consulta. Foi constatada uma anemia já avançada e completamente inexplicável. Alicia não teve mais desmaios, mas estava caminhando visivelmente para a morte. Durante o dia inteiro, o quarto dela ficava com as luzes acesas e em total silêncio. Passavam-se horas sem o menor ruído. Alicia dormia. Jordán estava praticamente vivendo na sala, também com todas as luzes acesas. Caminhava sem parar de um extremo ao outro, com incansável obstinação. O tapete silenciava seus passos. Ele entrava continuamente no quarto e prosseguia em seu mudo vaivém ao redor da cama, olhando sua mulher cada vez que caminhava em sua direção.

Alicia começou a ter alucinações, confusas e flutuantes no princípio, mas que rapidamente desceram para o campo terreno. A jovem, com olhos desmesuradamente abertos, apenas observava o tapete ao redor da cama. De repente, numa noite, ela ficou olhando fixamente. Depois de um tempo, abriu a boca para gritar e suas narinas e lábios brilharam de suor.

— Jordán! Jordán! — clamou, rígida de espanto, sem deixar de olhar para o tapete.

Jordán correu para o dormitório. Ao vê-lo surgir, Alicia deu um uivo de horror.

— Sou eu, Alicia! Sou eu!

Alicia o encarou com o olhar perdido, olhou o travesseiro, voltou a encará-lo e depois de um longo tempo de estupefata confrontação, serenou. Sorriu e tomou as mãos do marido entre as suas, acariciando-as e tremendo.

Entre suas alucinações mais constantes, houve um antropeide, apoiado no travesseiro sobre os dedos, que a olhava fixamente.

Os médicos voltaram inutilmente. Havia ali diante deles uma vida que se acabava, se desmanchando dia a dia, hora a hora, sem saber absolutamente como. Na última consulta, Alicia jazia em estupor enquanto eles tomavam sua pulsação, passando de um pulso inerte ao outro. Observaram-na durante um longo período em silêncio e saíram do quarto.

— *Pst...* — Seu médico encolheu os ombros. — É um caso sério... há muito pouco o que fazer...

— Era só o que me faltava — bufou Jordán e tamborilou bruscamente sobre a mesa.

Alicia foi se extinguindo naquele delírio de anemia, agravado à tarde, mas que sempre diminuía nas primeiras horas. Durante o dia, sua enfermidade não avançava, porém ela estava mais lívida, quase em síncope toda manhã. Parecia

que, durante as noites, a vida se esvaia dela em novas ondas de sangue. Ao acordar, tinha sempre a sensação de estar com um milhão de quilos sobre si. Desde o terceiro dia, esse naufrágio não a abandonou mais. Apenas podia mover a cabeça. Não quis mais que trocassem suas roupas de cama ou que ajeitassem seu travesseiro. Seus temores crepusculares avançavam sob a forma de monstros que se arrastavam até a cama e trepavam dificultosamente pela colcha.

Logo, ela perdeu a lucidez. Nos dois dias finais, ela delirou a meia voz. Fúnebres, as luzes continuavam acesas no dormitório e na sala. No silêncio agônico da casa, não se ouvia o delírio monótono que saía da cama, nem o barulho abafado dos eternos passos de Jordán.

Morreu, por fim. A empregada, que entrou depois de desfazer a cama, já sem ninguém, olhou por um instante o travesseiro.

— Senhor — chamou Jordán, com a voz baixa. — No travesseiro há manchas que parecem sangue.

Jordán se aproximou rapidamente e se inclinou para olhar. Efetivamente, sobre a capa, de ambos os lados da concavidade que havia formado o peso da cabeça de Alicia, era possível ver manchas de sangue.

— Parecem mordidas — murmurou a empregada após observar o travesseiro.

— Levante-o contra a luz — disse Jordán.

A empregada o levantou, mas em seguida o deixou cair e ficou olhando para aquilo, lívida e tremendo. Sem saber o motivo, Jordán sentiu que seus pelos se eriçavam.

Jórdan o levantou, pesava extraordinariamente. Saíram com ele e, sobre a mesa de jantar, Jordán o cortou de maneira profunda. Voaram penas, a empregada deu um grito de horror com a boca escancarada e levantou as mãos crispadas até ela.

No fundo do travesseiro, entre as penas, movendo suas patas peludas, havia um animal monstruoso, uma bola vivente e viscosa. Estava tão inchado que sua boca estava protuberante.

Noite após noite, desde que Alicia ficara acamada, o bicho havia aplicado sua boca — ou melhor, sua tromba — na pobre mulher, sugando-lhe o sangue. A picada era quase imperceptível. A remoção diária do travesseiro havia impedido seu desenvolvimento, porém, quando a jovem não conseguiu mais se mover, a sucção foi vertiginosa. Em cinco dias e cinco noites havia esvaziado Alicia.

Esses parasitas de aves, diminutos no meio natural, podem chegar a adquirir, em certas condições, proporções enormes. O sangue humano parece ser particularmente favorável a esses insetos e não é raro encontrá-los em travesseiros de penas.

# O CACHORRO LOUCO

**N**o dia 20 de março deste ano, os vizinhos de um povoado do Chaco de Santa Fé perseguiram um homem raivoso que estava prestes a descarregar a pistola contra sua mulher. Matou um trabalhador que passava diante dele com um tiro. Os vizinhos, armados, o rastrearam nas montanhas como se ele fosse uma fera. Encontraram-no trepado em uma árvore, ainda de posse de sua arma, uivando de um modo horrível. Viram-se na necessidade de matá-lo.

\*\*\*

9 de março

Hoje faz trinta e nove dias, hora por hora, que o cachorro louco entrou de noite no nosso quarto. Se há uma recordação que vai perdurar na minha memória é a das duas horas que seguiram àquele momento.

A casa só tinha portas no cômodo onde mamãe ficava, pois, como sempre teve medo, não fez outra coisa nos

primeiros dias em que se mudou além de pregar tábuas nas portas e janelas do seu quarto. No nosso, à espera de desafogo no trabalho diário, minha mulher havia se contentado — é verdade que graças a uma pequena pressão de minha parte — com magníficas portas de tecido de juta. Como era verão, esse rigoroso ornamento não danificava nem a nossa saúde e nem o nosso medo. Por entre um par dessas cortinas de juta, que davam para o corredor central, foi por onde entrou e me mordeu o cão raivoso.

Eu não sei se o uivo de um epilético dá aos outros a mesma sensação de clamor bestial e de desumanidade que produz. Porém, estou seguro de que o uivo de um cão raivoso, que rodeia a nossa casa de noite, provocará em todos a mesma fúnebre angústia. É um grito curto, metálico, de agonia, como se o bicho estivesse engasgado, empapado com a própria baba, enquanto o canto lúgubre sugere um animal raivoso.

Era um cachorro negro, grande, com as orelhas cortadas. Para piorar as coisas, desde que havíamos chegado, não parava de chover. A montanha dominada pelas águas, as tardes rápidas e tristíssimas; mal nós saímos de casa quando a desolação do campo, em um temporal sem trégua, ofuscou excessivamente o espírito de mamãe.

E, para piorar tudo: cães raivosos. Em uma manhã, um trabalhador nos disse que um deles havia passado por

sua casa na noite anterior e que mordera um de seus cães. Duas noites antes, um cão malhado tinha uivado feio na montanha. Eram muitos, segundo ele. Minha mulher e eu demos grande importância ao assunto. Mamãe, por sua vez, começou a falar que nossa casa estava terrivelmente desprotegida. A todo momento saía para o corredor para olhar se algo se aproximava.

Não demorou muito até que nosso filho voltasse do povoado pela manhã e confirmasse a história. A região estava tomada por uma epidemia de raiva. Disse ter visto a população perseguir um cachorro louco no povoado. Um trabalhador havia acertado uma peixeirada na orelha do bicho e o animal, babando, com o focinho na terra e o rabo entre as pernas, havia tomado a nossa direção e mordeu um potro e um porco que encontrou pelo caminho.

Havia mais notícias. Na chácara vizinha à nossa, naquela mesma madrugada, outro cão havia tentado inutilmente entrar no curral das vacas. Um cachorro enorme e magricela perseguiu um rapaz que passeava a cavalo pelo caminho do porto velho. Ainda era de tarde, quando foi possível ouvir de dentro da montanha o uivo agonizante do cão. Como última informação, às nove horas, chegaram agentes que nos informaram sobre os cães raivosos e nos recomendaram ter muito cuidado.

Isso foi o suficiente para mamãe perder o resto de animação que lhe restava. Apesar de sua serenidade a toda prova, sentia terror de cachorros loucos em razão de um fato horrível que presenciara em sua infância. Seus nervos, já enfermos por conta do céu permanentemente cinza, carregado e chuvoso, provocavam alucinações de cães entrando e correndo pela porta.

Havia um motivo para todo esse temor. Aqui, como em todas as partes em que as pessoas pobres possuem muitos mais cães do que são capazes de manter, é comum cachorros famintos rodearem as casas à procura de comida. Um tiro ou uma pedrada errada era o necessário para transformar esses animais em verdadeiras feras. Roubam — se essa palavra faz algum sentido aqui — para saciar a fome que os consome. Ao menor barulho, não fogem, porque isso produziria ruídos, mas se afastam lentamente, dobrando as pernas. Quando chegam a uma distância mais segura, ficam longe e esperam agachados e tranquilos para poderem avançar novamente meia ou uma hora depois.

Mamãe estava muito preocupada porque nossa casa era uma das que estavam sendo rodeadas por esses animais. Corríamos o perigo da presença de cachorros loucos, principalmente durante a noite.

Na mesma tarde, enquanto mamãe, um pouco esquecida da situação, caminhava em direção à porta, ouvi um grito:

— Federico! Um cachorro louco!

O cão malhado, com as costas arqueadas, avançava e corria em linha reta. Ao me ver chegar, ele se deteve, eriçando o pelo. Retrocedi, sem me virar, para pegar a escopeta, mas o animal fugiu. Fui atrás dele, mas não o encontrei.

Passaram-se dois dias. O campo continuava desolado de chuva e tristeza, ao passo em que o número de cães raivosos aumentava. Como não era possível arriscar que as crianças corressem o risco de encontrar alguns desse animais nos caminhos infestados, a escola decidiu fechar. A estrada, já sem tráfego, não tinha mais o costumeiro barulho escolar que a animava entre as sete e as doze. Dessa forma, o caminho adquiriu um lúgubre silêncio.

Mamãe não se atrevia a dar um passo para fora do pátio. Ao menor latido, olhava sobressaltada a entrada. Quando anoitecia, dizia ver no pasto os olhos fosforescentes dos animais raivosos. Concluía seus dias fechada em seu quarto, com os ouvidos atentos ao mais hipotético uivo.

Na terceira noite, eu acordei quando já estava muito tarde. Tive a impressão de ter ouvido um grito, mas não tinha certeza. Esperei um momento. Logo um latido curto, metálico, de atroz sofrimento veio vindo pelo corredor da casa.

— Federico! — ouvi a voz carregada de medo de mamãe. — Você escutou isso?

— Sim — respondi, pulando da cama.

— Por Deus, é um cachorro louco! Federico, não saia, por Deus! Juana! Diga para seu marido que não saia! — clamou desesperada, dirigindo-se à minha mulher.

Outro latido, agora no corredor central da casa, diante da porta. Uma fina garoa de calafrios me banhou da medula até a cintura. Não acredito que exista algo mais profundamente lúgubre do que um latido raivoso a essa hora. Subia junto ao latido o som da voz desesperada de mamãe.

— Federico! Vá para o seu quarto! Não saia de lá, meu Deus, não saia! Juana! Diga para o seu marido!

— Federico! — disse minha mulher, segurando meu braço.

No entanto, a situação poderia se tornar ainda mais crítica se deixássemos o animal entrar na casa. Acendi o lampião e peguei a arma. Levantei o tecido de juta da porta e não vi nada mais do que a escuridão que tomava conta do ambiente. Apenas tive tempo de me ajeitar quando senti algo firme e quente me roçando a perna. O cachorro louco tinha entrado no nosso quarto. Acertei violentamente a cabeça dele com uma joelhada. Ele tentou me morder, mas errou. Ouvi o bater dos dentes do animal. No momento seguinte, senti uma dor aguda.

Nem minha mulher e nem minha mãe se deram conta de que o animal havia me mordido.

— Federico! O que foi isso? — gritou mamãe, ela tinha ouvido a dentada do bicho no ar.

— Nada, queria entrar.

— Oh...!

Novamente, dessa vez, atrás do quarto de mamãe, o fatídico uivo.

— Federico! Está raivoso! Está louco! Não saia! — clamou ensandecida, sentindo o animal a um metro dela.

Há coisas absurdas que possuem toda a aparência de algo completamente racional: olhei fora da casa com o lampião em uma mão e a arma na outra, como se estivesse caçando um rato aterrorizado, que me daria total liberdade de colocar a luz no chão e o matar em um canto.

Percorri os corredores. Não se ouvia nada, mas dentro dos cômodos a tremenda angústia de mamãe e de minha mulher me seguia, as quais esperavam pelo estampido.

O cão tinha escapado.

— Federico! — exclamou mamãe quando percebeu que eu retornava. — O cachorro foi embora?

— Acredito que sim. Não o vejo mais. Acho que ouvi um trote quando sai.

— Sim. Eu também ouvi... Federico, ele não está no seu quarto...? La não tem porta, meu Deus! Fique lá! Ele pode voltar!

Realmente, podia voltar. Eram duas e vinte da madrugada. Juro que as duas horas que passamos foram intensas, minha mulher e eu, com a luz acesa até o amanhecer. Ela deitada, eu sentado na cama, vigiando sem cessar o pano de juta da entrada, que flutuava.

Eu já tinha sido curado antes. A mordida era nítida, duas perfurações violentas, as quais apertei com todas as minhas forças e lavei com permanganato.

Eu acreditava muito restritamente na raiva desses animais. Desde o dia anterior, havia se iniciado o envenenamento dos cães. Algo no comportamento estranho do nosso me levava a pensar que o melhor caminho seria a estricnina. Restavam o fúnebre uivo e a mordida, porém, do todo modo, me inclinava ao primeiro. Reside aí, seguramente, meu relativo descuido com a ferida.

Finalmente, amanheceu. Às oito, a meio quilômetro de casa, um transeunte matou com um tiro de revólver um cão negro que caminhava em inequívoco estado de raiva. Assim que ficamos sabendo disso, travei uma batalha com minha mãe e com minha mulher para não descermos para Buenos Aires, onde elas queriam que eu fosse tomar as injeções. A ferida aberta fora bem cuidada: lavada com o dolorido luxo do permanganato. Tudo isso foi feito cinco minutos após a mordida. Que diabos eu podia temer depois de todos esses

cuidados higiênicos? Em casa, elas acabaram se tranquilizando e, assim como a epidemia — provocada seguramente pela crise da chuva incessante como jamais tínhamos visto por aqui — que cessou de repente, a vida foi retornando ao normal.

Mesmo assim, minha mãe e minha mulher não deixaram de contabilizar o tempo exato após a mordida. Os clássicos quarenta dias pesam muito, sobretudo para mamãe e, ainda hoje, com trinta e nove dias transcorridos sem o mais leve transtorno, ela ainda relembra o dia inteiro, com imensos suspiros, o terror sempre vivo das lembranças daquela noite.

Meu único fastio é ter de recordar ponto por ponto o que me aconteceu. Acredito que amanhã à noite, com o final da quarentena, essa história termine. Assim, os olhos fixos da minha mãe e da minha mulher vão parar de me encarar, procurando expressões que indiquem os primeiros indícios da enfermidade.

\*~\*~\*

10 de março

Finalmente! Espero que de agora em diante eu possa viver como um homem qualquer, que não tem suspensa sobre sua cabeça a coroa da morte. Já se passaram os famosos quarenta dias. A ansiedade, a mania de perseguição e

os horríveis gritos que esperavam de mim, passaram para sempre também.

Minha mulher e minha mãe festejaram o feliz acontecimento de um modo particular: contando-me, ponto por ponto, todos os terrores que sofreram escondidas. Minha mais insignificante relutância resultava, para elas, em uma angústia mortal: “É a raiva que está começando!”, gemiam. Se algum dia eu me levantasse tarde, elas passavam horas em pânico, esperando o surgimento dos sintomas. Quando infeccionei um dedo e tive febre durante três dias, elas acreditaram piamente que era a raiva que estava começando. Ficaram consternadas nos cantos, angustiadíssimas sem me deixar saber.

Assim, a menor mudança de humor, o mais leve abatimento, eram traduzidos por elas em várias horas de inquietude.

Não obstante, essas confissões em retrospectiva, sempre desagradáveis para quem passou dias sendo enganado, mesmo que sejam feitas com a mais angélica boa vontade, me fizeram rir.

— Ah, meu filho! Você não pode imaginar o quão difícil é para uma mãe o pensamento de que seu filho possa estar com raiva. Qualquer coisa, menos estar raivoso, louco...!

Minha mulher, apesar de ser mais sensata, certamente pensou mais no assunto do que confessa. Mas por sorte isso já acabou! Essa situação de mártir, de bebê vigiado segundo

a segundo contra essa disparatada ameaça de morte, não é sedutora, apesar de tudo. Finalmente, preciso repetir! Viveremos em paz e oxalá nas minhas próximas dores de cabeça, espero que o transcorrido não seja motivo para a ressurreição dessas loucuras!

\*~\*~\*

15 de março

Queria ficar absolutamente tranquilo, mas é impossível. Não existe mais, acredito eu, a possibilidade de que isso ocorra. Olhares de soslaio todos os dias, cochichos incessantes, que param quando ouvem meus passos, uma desconfortável espionagem das minhas expressões quando estamos na mesa, tudo isso está se tornando intolerável

— Mas o que vocês têm, por favor? — perguntei a elas. — Me imaginam anormal, porém eu não estou exatamente como sempre fui? Já estou cansado dessa história de cachorro louco!

— Mas, Federico! — me responderam, olhando-me com surpresa — Como assim? Se não te dissemos nada, significa que nem sequer nos lembrávamos disso!

Mas não fazem outra coisa além de me espiar noite e dia, dia e noite, para ver se a estúpida raiva de seu cão se infiltrou em mim!

\*\*\*

18 de março

Há três dias eu vivo como deveria e desejava ter feito durante toda minha vida.

Me deixaram em paz, finalmente, finalmente, finalmente!

\*\*\*

19 de março

Outra vez! Começaram outra vez! Não tiram mais os olhos de cima de mim, como se estivesse acontecendo exatamente o que elas querem que aconteça: que eu esteja com raiva. Como é possível tanta estupidez em duas pessoas sensatas! Agora não dissimulam mais. Falam de mim em voz alta. Porém, não sei por qual razão, não consigo entender uma palavra sequer. Quando eu chego perto, elas param, mas basta eu me afastar para que elas voltem à vertiginosa conversa. Não consegui me conter e acabei dizendo, enfurecido:

— Se vão falar, falem na minha frente, que é menos covarde!

Não quis ouvir o que me disseram e saí. Já não é mais vida isso que eu levo!

\*\*\*

8 da noite

Querem ir! Querem ir! Ah, eu sei a razão de vocês quererem me deixar...!

\*\*\*

20 de março, 6 da manhã

Uivos, uivos! A noite inteira, eu ouvi uivos! Passei a noite acordando de tempos em tempos! Cães, nada mais do que cães rodearam a casa a noite inteira! E minha mulher e mãe fingiram que estavam dormindo o mais perfeito sono, para que só eu absorvesse pelos olhos todos os uivos de todos os cães que me encaravam...!

\*\*\*

7 da manhã

São cobras! Minha casa está cheia de cobras! Quando estava tomando banho, vi três enroscadas na bacia! No forro, havia muitas! E há mais! Há outras coisas! Minha mulher encheu a casa de víboras! Trouxe enormes aranhas peludas que me perseguem! Agora entendo o motivo de ela ficar

me espiando dia e noite! Agora entendo tudo! Ela queria ir embora por isso!

\*\*\*

7:15 da manhã

O pátio está cheio de cobras! Não posso dar um passo!  
Não, não...!

Socorro...!

\*\*\*

Minha mulher saiu correndo! Minha mãe saiu correndo!  
Estão querendo que eu morra! Ah, a arma...! Maldição! Está carregada! Mas não tem importância...

\*\*\*

Que grito ela deu! Mas eu errei... Outra vez, cobras!  
Ali, ali há uma enorme...! Ai! Socorro, socorro!

\*\*\*

Todos querem me matar! Mandaram todas contra mim, todas elas! A montanha está cheia de aranhas! Me seguiram desde casa...!

Aí vem outro assassino... Ele as traz nas mãos! Vem deixando cobras pelo chão! Vem tirando cobras da boca e as colocando no chão contra mim! Ah! Mas esse não vai viver muito... Eu o acertei! Morreu como todas as outras cobras...! As aranhas! Ai! Socorro!

\*\*\*

Lá vem eles, todos eles! Querem me pegar, querem me pegar! Lançaram contra mim um milhão de cobras! Estão as colocando no chão! Eu não tenho mais munição! Já me viram! Um deles está apontando para mim.



# À DERIVA



homem pisou em algo macio e, em seguida, sentiu uma mordida. Saltou para frente e, ao se virar com um palavrão, viu uma jararacuçu que se enrolava sobre si mesma preparando outro bote.

O homem deu uma rápida olhada em seu pé, lugar no qual gotas de sangue engrossavam e sacou um facão da cintura. A cobra viu a ameaça e afundou ainda mais a cabeça no centro da espiral que seu corpo formava, mas a lâmina do facão a acertou em cheio, rompendo-lhe as vértebras.

O homem se abaixou para ver a picada, limpou as gotas de sangue e, por um instante, contemplou. Uma dor aguda nascia dos pontinhos violeta da mordida e começava a invadir todo o seu pé. Apressadamente, amarrou o tornozelo com seu lenço e seguiu pelo caminho até seu rancho.

A dor no pé aumentava junto a uma sensação de aperto. Então o homem sentiu duas ou três fulgurantes pontadas, como relâmpagos, que irradiavam desde a ferida até a metade de sua perna. Movia-se com dificuldade, sua garganta estava

seca e com um gosto metálico. Sentia uma sede ardente. Fez então um novo juramento.

Finalmente, chegou ao rancho. Encostou-se na roda do moinho. Os pontinhos violeta tinham desaparecido. Agora o pé inteiro era um inchaço monstruoso. A pele parecia esticada ao ponto de romper. Tentou chamar a sua mulher, mas a voz não saiu, apenas um som rouco rompeu da garganta seca. A sede o devorava.

— Dorotea! — conseguiu falar numa respiração agoniada. — Me dê cana!

Sua mulher correu com uma jarra cheia, que o homem bebeu aos tragos, mas sem sentir gosto algum.

— Pedi cana, não água — rugiu de novo. — Me dê cana!

— Mas é cana, Paulino — respondeu a mulher espantada.

— Não, você me deu água! Eu quero cana! Já te disse!

A mulher correu outra vez e voltou com um garrafão. O homem bebeu um garrafão após o outro, mas não sentiu nada na garganta.

— A coisa tá feita — murmurou, olhando para o pé lívido e já com um brilho meio gangrenado. Sobre o nó feito com o lenço, a carne inchava como se fosse um enorme chouriço.

As dores lancinantes se sucediam em contínuos relâmpagos. Já se aproximava da virilha. A atroz secura da garganta, que a respiração parecia fazer aumentar,

continuava se intensificando. Quando tentou se levantar, um fulminante vômito o manteve meio minuto apoiado na roda do moinho.

Mas aquele homem não queria morrer. Descendo até a margem, ele subiu na sua canoa. Sentou-se na popa e começou a remar até o centro do Paraná. Ali, a corrente do rio, que nas imediações do Iguaçu corre seis milhas, o levaria até Tacurú-Pucú antes das cinco.

O homem, com sombria energia, pode efetivamente chegar até o meio do rio, mas foi ali que suas mãos deixaram cair o remo na canoa. Foi tomado por um novo vômito — desta vez, de sangue — e olhou na direção do pôr do sol, que desaparecia atrás dos morros.

A perna inteira, até o meio da coxa, era agora um bloco desforme e duríssimo que esgarçava a perna da calça. O homem cortou a costura e abriu o tecido com a faca: o baixo ventre surgiu inchado, com grandes manchas e terrivelmente dolorido. O homem pensou que não poderia chegar até Tacurú-Purú. Assim, ele decidiu pedir ajuda a seu compadre, Alves, com quem havia brigado havia alguns meses.

A corrente do rio se precipitava na direção da costa brasileira e o homem conseguiu atracar com facilidade. Se arrastou caminho acima, mas aproximadamente a uns vinte metros da margem do rio, ele caiu exausto.

— Alves! — gritou com toda a força que tinha e aguardou uma resposta. — Compadre Alves! Não me negue esse favor! — clamou novamente, levantando a cabeça do chão.

No silêncio da selva, não se ouviu um barulho sequer. O homem teve forças ainda para retornar até sua canoa, e a corrente, levando-a novamente, o deixou rapidamente à deriva.

O Paraná corre ali em uma imensa cavidade, cujas paredes, com cerca de cem metros de altura, encaixotam assustadoramente o rio, desde as margens marcadas por negros blocos de basalto até o bosque, que também é negro. Após os costados, atrás, está a eterna muralha lúgubre, em cujo fundo as águas do rio, rodopiantes, se precipitam em incessantes bolhas turvas. A paisagem é agressiva. Nela, reina um silêncio de morte. Ao entardecer, porém, sua beleza sombria e calma oferece uma majestade única.

O sol havia se posto quando o homem, deitado no fundo da canoa, teve um violento calafrio. De repente, de maneira assombrosa, sua cabeça melhorou e ele se sentia bem. A perna apenas doía, a sede havia diminuído e seu peito, agora livre, respirava lentamente.

O veneno começava a sair, não havia dúvida. Estava quase bem, apesar de ainda não ter forças para mover

a mão, contava com a queda do orvalho para se refazer completamente. Calculou que, em menos de três horas, estaria em Tacurú-Pucú.

O bem-estar avançava e com ele uma sonolência recheada de recordações. Já não sentia nada, nem na perna e nem no ventre. Será que seu compadre Gaona, em Tacurú-Pucú, ainda estaria vivo? Veria também seu ex-patrão, mister Dougald?

Chegaria logo? O céu, ao poente, se abria agora em uma tela dourada. O rio também estava colorido. Desde a costa paraguaia, já escura, o monte deixava cair sobre o rio sua frescura crepuscular em penetrantes aromas de flor de laranjeira e mel silvestre. Um casal de araras cruzou muito alto e em silêncio na direção do Paraguai.

No rio que agora estava dourado, a canoa se movimentava veloz, girando algumas vezes sobre si mesma quando se deparava com as bolhas de algum redemoinho. O homem que nela estava se sentia cada vez melhor e pensava quanto tempo havia passado sem ver seu ex-patrão Dougald. Três anos? Talvez não fosse tanto. Dois anos e nove meses? Talvez. Oito meses e meio? Sim, isso! Seguramente isso.

Então, ele sentiu que estava gelado dos pés ao peito. O que seria aquilo? E a respiração também...

O recebedor de madeiras de mister Dougald, Lorenzo Cubilla... ele o havia conhecido em Puerto Deseado, em uma Sexta-Feira Santa... Sexta? Sim, ou talvez fosse uma quinta...

O homem esticou lentamente os dedos da mão.

— Uma quinta...

E parou de respirar.

# A INSOLAÇÃO

**O** cachorro Old saiu pela porta e atravessou o pátio com o passo reto e preguiçoso. Deteve-se à beira da grama, estendeu-se na direção da montanha enquanto fechava os olhos, o nariz vibrava quando ele se sentou tranquilo. Olhava a monótona planície do Chaco, com suas alternâncias de campo e montanha, montanha e campo, sem mais cores que o creme do pasto e o negro da montanha. Esta dominava o horizonte, a duzentos metros, por três lados da chácara. Na direção oeste, o campo se alargava e se expandia a céu aberto, embora uma inevitável linha sombria enquadrasse o cenário à distância.

Nessa hora da manhã, a fronteira, sob a luz ofuscante do meio-dia, adquiria grande nitidez. Não havia uma nuvem no céu ou qualquer sopro de vento. Sob a calma do céu prateado, o campo emanava uma frescura que tornava a alma pensativa frente a certeza de outro dia de seca, melancolias de um trabalho melhor remunerado.

Milk, o pai do cachorro, cruzou, por sua vez, o pátio e se sentou ao lado de Old, com um preguiçoso gemido de bem-estar. Permaneceram imóveis, pois ainda não havia moscas.

Old, que olhava a montanha, observou:

— A manhã está fresca.

Milk acompanhou o olhar do cachorro e ficou observando fixamente, piscando distraído. Depois de um momento, disse:

— Naquela árvore, há dois falcões.

Olharam indiferentes para um boi que passava e continuaram, por costume, observando as coisas.

Entretanto, o oriente começava a mudar de cor e o horizonte já havia perdido sua precisão matinal. Milk cruzou as patas dianteiras e sentiu uma leve dor. Olhou seus dedos sem movê-los. Por fim, decidiu cheirá-los. No dia anterior, havia retirado um bicho-de-pé; na recordação do sofrimento passado, lambeu longamente o dedo enfermo.

— Eu não podia andar — disse, em conclusão.

Old não entendeu sobre o que o outro se referia. Milk agregou:

— Há muitos bichos-de-pé.

Agora o cachorro compreendeu. Depois de um tempo, concordou:

— Há muitos bichos-de-pé.

Calaram-se novamente, convencidos.

O sol saiu e, no primeiro banho de luz, os jacuguaçus lançaram no ar puro a tumultuosa algazarra de sua charanga. Os cães, dourados pela luz oblíqua do sol, olharam de lado, adoçando sua mansidão em um piscar abençoado. Pouco a pouco, o grupo aumentou com a chegada de outros companheiros: Dick, o taciturno preferido; Prince, cujo lábio superior, rasgado por um quati, deixava os dentes à mostra; e Isondú, de nome indígena. Os cinco fox-terriers, deitados e mortos em seu bem-estar, dormiam.

Ao cabo de uma hora, ergueram a cabeça. No lado oposto da bizarra casa de dois andares — o inferior de barro e o superior de madeira, com corredores e varandas de chalé —, eles ouviram os passos de seu dono descendo as escadas. Mister Jones, de toalha no ombro, parou por um momento na porta, olhou para o sol, já alto. Tinha um olhar meio morto e os lábios entreabertos, resultado de sua noite de uísque solitária mais longa do que o habitual.

Enquanto ele se lavava, os cachorros chegaram e cheiraram suas botas, abanando seus rabos preguiçosamente. Como feras treinadas, os cães conhecem o menor indício de embriaguez de seu mestre. Depois da saudação, eles se afastaram lentamente para se deitar novamente ao sol, mas

o calor crescente fez com que abandonassem rapidamente o lugar em que estavam pela sombra do corredor.

O dia avançava igual aos anteriores de todo aquele mês: seco, claro, com catorze horas de sol escaldante que pareciam manter o céu em fusão. Calor que acabava rachando a terra molhada em crostas esbranquiçadas. Mister Jones foi até a roça, olhou o trabalho do dia anterior e voltou para a casa. Durante toda a manhã, ele não fez absolutamente nada. Almoçou e subiu para tirar uma soneca.

Os trabalhadores voltaram para capinar às duas horas, apesar da hora quente como o fogo, porque as ervas daninhas não davam trégua ao campo de algodão. Depois deles, foram os cachorros, parceiros nos trabalhos da colheita desde o inverno passado, quando aprenderam a lutar contra os gaviões pelos gusanos brancos que as enxadas retiravam do solo. Cada cão deitou-se sob um algodoeiro, acompanhando com sua respiração ofegante as pancadas das enxadas.

Enquanto isso, o calor aumentava. Na paisagem silenciosa cegada pelo sol, o ar vibrava por todos os lados, prejudicando a vista. A terra agitada exalava seu vapor de forno. Os trabalhadores protegiam a cabeça, enrolados até as orelhas com um lenço ondulante. O silêncio do trabalho agrícola daqueles homens emudecia também os cachorros,

que mudavam de um pé de algodão para outro, em busca da sombra mais fresca. Por fim, a fadiga e o calor os obrigavam a sentar nas patas traseiras para respirar melhor.

Agora reverberava na frente deles um pequeno deserto de barro que ninguém havia tentado arar. Lá, de repente, o cachorro viu Mister Jones sentado em um tronco, olhando para ele. Old se levantou, sacudindo o rabo. Os outros também se levantaram, mas eriçados.

— É o patrão — exclamou surpreso o cão.

— Não, não é ele — respondeu Dick.

Os quatro cães estavam grunhido, sem retirar os olhos de Mister Jones, que continuava imóvel, os observando. O cachorro, incrédulo, tentou se aproximar, mas Prince mostrou os dentes para o homem:

— Não é ele, é a Morte.

O cachorro se arrepiou de medo e retornou para perto do grupo.

— É o patrão morto? — perguntou ansiosamente.

Os outros, sem responder, começaram a latir com fúria, numa atitude que misturava medo e um possível ataque. Sem se mover, Mister Jones se desmanchou no ar.

Ao ouvir os latidos, os trabalhadores olharam, mas não viram nada. Giraram a cabeça para ver se havia entrado algum cavalo na propriedade e voltaram a capinar.

Os fox-terriers retornaram para a casa. O cachorro, ainda arrepiado, se adiantava e retrocedia em curtos trotes nervosos. Sabia, pela experiência de seus companheiros, que quando uma coisa vai morrer, aparece antes.

— E como vocês sabem que quem nós vimos não era o patrão? — perguntou.

— Porque não era ele — responderam, displicentemente.

Com a Morte viria a mudança de dono, as misérias, as surras. Tudo isso recaía sobre eles. Passaram o resto da tarde ao lado de seu patrão, sombrios e alertas. Ao menor ruído, eles grunhiam, sem saber para onde. Mister Jones sentia-se satisfeito com aquela guarda inquieta.

Por fim, o sol se pôs atrás do palmeiral negro na beira do riacho. Na calma da noite prateada, os cães se deitaram ao redor da casa, na qual, no andar superior, Mister Jones recomeçava sua noitada de uísque. À meia-noite, os cães ouviram seus passos. Depois, o barulho das botas jogadas no assoalho. Algum tempo passou e a luz se apagou. Os cães sentiam cada vez mais próxima a mudança de dono. Sozinhos, na entrada da casa, ainda dormindo, eles começaram a chorar. Choravam em coro, derramando seus soluços convulsivos e secos. Pareciam gemer, num uivo de desolação que a voz de caça de Prince segurava enquanto os outros se recuperavam dos soluços. O cachorro latia. A noite avançou, os quatro cães

velhos, agrupados sob a luz da lua, com os focinhos inchados de lamentos — bem alimentados e acariciados pelo dono que estavam prestes a perder —, continuaram lamentando aquela miséria doméstica.

Na manhã seguinte, o próprio Mister Jones foi buscar as mulas e as atrelou ao arado, onde trabalhou até as nove horas. No entanto, ele não estava satisfeito. Além do fato de a terra não ter sido bem vasculhada, as lâminas estavam ruins. Por causa do passo rápido das mulas, o arado se soltou. Ele voltou para afiar as lâminas, mas havia um parafuso que, quando ele comprou a ferramenta, já havia notado estar falho, pois Mister Jones o quebrou ao montá-lo. Ele enviou um trabalhador para o moinho próximo, com a recomendação de que ele cuidasse do cavalo, um animal bom, mas que não podia tomar muito sol. Ergueu a cabeça na direção do sol forte do meio-dia e insistiu que ele não galopasse nenhuma vez.

Almoçou e, em seguida, subiu. Os cães, que pela manhã permaneceram o tempo todo do lado do patrão, ficaram nos corredores, na parte térrea da casa.

A sesta pesava. Agoniava entre luz e silêncio. Todo o contorno estava envolto pela fumaça das queimadas. Ao redor da propriedade, a terra esbranquiçada do pátio, deslumbrada pelo sol de chumbo, parecia se deformar em um trêmulo fervor, que adormecia os olhos dos fox-terriers.

— Ele não apareceu mais — disse Milk.

Old, ao ouvir aquilo, levantou as orelhas.

Dessa vez, o cachorro, incitado pela evocação, ficou de pé e latiu. Depois de um tempo, o grupo se calou, novamente entregue à caçada das moscas.

— Não veio mais — disse Isondú.

— Havia uma lagartixa debaixo do toco — recordou Prince.

Uma galinha de bico aberto, asas caídas e distantes do corpo cruzou o pátio incandescente com seu pesado caminhar. Prince a seguiu prazerosamente com o olhar e, de repente, saltou:

— Ele está vindo outra vez — gritou.

Pela parte norte do pátio, avançava o cavalo no qual o trabalhador havia ido. Os cães latiam com prudente fúria contra a Morte que se aproximava. O animal caminhava com a cabeça baixa, aparentemente indeciso sobre o rumo que iria seguir. Ao passar em frente à casa, deu uns quatro passos em direção ao poço e se degradou progressivamente na luz crua.

Mister Jones desceu; ele não tinha sono. Estava disposto a montar o arado quando viu inesperadamente o trabalhador chegar a cavalo. Apesar de sua ordem, certamente devia ter galopado para retornar tão rápido. Culpou-o por isso, com

toda sua lógica, ao que o outro respondia com as mais evasivas desculpas. Concluída sua missão, o pobre cavalo, em cujos flancos era impossível contar os batimentos cardíacos, estremeceu, baixando a cabeça e caindo de lado. Mister Jones mandou o trabalhador até o campo de algodão para não ter de ouvir mais suas desculpas jesuíticas.

Os cães estavam contentes. A Morte, que buscava o patrão, estava satisfeita com o cavalo. Sentiram-se alegres, livres de preocupação e, em consequência, estavam dispostos a ir até o campo atrás do trabalhador, quando perceberam que Mister Jones gritava com ele, pedindo a peça que ele havia ido buscar. Não tinha peça: o armazém estava fechado, o encarregado estava dormindo etc. Mister Jones, sem replicar, saiu ele mesmo em busca do utensílio. Resistia ao sol como um trabalhador e acreditava que aquela caminhada faria bem ao seu mal humor.

Os cães o acompanharam, porém se detiveram na sombra da primeira alfarrobeira do caminho; fazia muito calor. Dali, firmes nas patas, com o olhar atento, viram o seu dono se afastar. Por fim, o medo da solidão foi mais forte e eles correram para alcançá-lo.

Mister Jones conseguiu a peça que estava procurando e voltou. Para diminuir a distância, evitando a curva do caminho, caminhou em linha reta na direção de sua casa.

Chegou ao riacho e entrou na várzea, a diluviana várzea de Saladito, que tinha crescido, secado, desde que há palha no mundo, sem conhecer o fogo. As matas, em abóbodas arqueadas na altura do peito, se entrelaçavam em blocos maciços. A tarefa, que seria difícil com o dia fresco, era mais dura a essa hora. Mister Jones atravessou tudo, caminhava entre a palha crepitante e empoeirada da lama deixada pelas águas da enchente, cheias de fadiga e de fumaça acre dos nitratos.

Saiu finalmente e se deteve na beirada, mas era impossível ficar parado sob aquele sol e aquele cansaço. Caminhou novamente. Ao calor escaldante que vinha crescendo continuamente por três dias, agora se somava a asfixia do tempo parado. O céu estava branco e não havia um sopro de vento. Sentiu o ar faltar e a angústia cardíaca que não lhe permitia respirar.

Mister Jones estava convencido de que havia ultrapassado os limites de sua resistência. Sentia o pulsar das carótidas golpear seus ouvidos. Sentia falta de ar, como se dentro de sua cabeça empurrassem violentamente seu crânio para cima. Ficou tonto ao olhar o pasto. Apressou a marcha para acabar com aquilo de uma vez por todas... rapidamente, voltou a si e percebeu onde realmente estava: havia caminhado apenas uns cem metros, sem se dar conta de nada. Olhou para trás e a cabeça entrou em uma nova onda de vertigem.

Os cães seguiam atrás dele, correndo com as línguas de fora. Às vezes, esgotados, paravam em alguma sombra; sentavam-se ofegando com pressa para voltar imediatamente ao tormento do sol. Por fim, como a casa estava próxima, eles aceleraram o trote.

Foi nesse momento que Old, que estava à frente, viu Mister Jones, vestido de branco, caminhando em direção a eles por detrás da cerca da fazenda. O filhote, com uma súbita lembrança, virou a cabeça para seu mestre e o confrontou.

— A Morte, a Morte! — uivou.

Os outros viram também e passaram a latir, arrepiados. Viram que a figura estava a caminho da cerca de arame. Chegaram a crer que iria se prender, porém, ao chegar a cem metros, ela se deteve, olhando o grupo com seus olhos celestes, e seguiu adiante.

— O patrão que não ande ligeiro! — exclamou Prince.

— Vai dar de cara com ele! — uivaram os outros.

Realmente, o outro, após uma breve hesitação, avançou, mas não diretamente na direção deles, como anteriormente, mas em uma linha oblíqua, que sugeria erro, mas que deveria levá-lo diretamente ao encontro de Mister Jones. Os cães compreenderam que, daquela vez, não tinha jeito, pois seu patrão continuava caminhando feito um autômato, sem se dar conta de nada. O outro se aproximava. Eles enfiaram

os rabos entres as pernas e correram de um lado a outro, uivando. Passou um segundo e o encontro ocorreu. Mister Jones se deteve, girou sobre si mesmo e desabou.

Os trabalhadores, que o viram cair, o levaram rapidamente para a casa, mas toda a água que o serviram foi inútil; morreu sem voltar a si. Mister Moore, seu irmão por parte de mãe, veio de Buenos Aires, ficou uma hora na casa e, em quatro dias, vendeu tudo, voltando em seguida para a sua vida. Os índios repartiram os cães que, desse dia em diante, viveram fracos e sarnentos. Todas as tardes, famintos, eles entravam sorrateiramente em propriedades alheias para comer espigas de milho.

# O ARAME FARPADO

**D**urante quinze dias, o cavalo alazão procurou em vão o caminho por onde seu companheiro escapava do potreiro. A formidável cerca viva, de capoeira, não deixava passar nem a cabeça do cavalo. Evidentemente, não era por ali que o malacara<sup>1</sup> passava.

O alazão vagou pela fazenda, trotando inquieto e sempre alerta. Das profundezas da mata, o fugitivo respondia aos relinchos vibrantes de seu companheiro com outros, curtos e rápidos, nos quais havia a promessa fraterna de comida farta. O mais irritante para o alazão era quando o fugitivo reaparecia duas ou três vezes ao dia para beber água. Naquela época, ele prometeu a si mesmo não abandonar seu companheiro nem por um momento e, por algumas horas, de fato, a dupla pastava de maneira admirável. De repente,

---

1 *Malacara* significa cara má. Conhecido também como o cavalo de “frente aberta” por ter uma faixa larga e branca na cabeça, desde a testa até o focinho. Malacara é um cavalo característico das regiões dos pampas e relacionado ao cavalo crioulo.

o malacara, arrastando a corda, sumia no vassoural. Nesse momento, o alazão, percebendo sua solidão, se lançava em sua perseguição, mas sempre se deparava com o matagal intransponível. Ainda muito perto, o malvado fugitivo respondia aos seus relinchos desesperados com um relincho esganado.

Até que um dia o alazão encontrou a brecha de maneira muito simples: cruzando pela frente do vassoural, que desde o morro avançava cerca de cinquenta metros dentro do campo, viu uma trilha que o conduziu em perfeita linha oblíqua até o alto do morro. Ali estava o malacara, desfolhando as árvores.

A coisa era muito simples: o fugitivo, atravessando o vassoural, encontrou uma brecha aberta por um pé de olíbano desarraigado. Repetiu o caminho através do vassoural até encontrar a entrada do túnel. Então usou o velho caminho que ele e o alazão tinham formado ao longo da linha do morro. Aqui estava a causa de todo o transtorno do alazão: a entrada da trilha formava uma linha sumamente oblíqua em relação ao caminho dos cavalos, de modo que o alazão, acostumado a percorrer aquele trajeto na direção sul-norte, e jamais norte-sul, nunca havia encontrado a brecha.

Logo se reuniu com o velho companheiro; e juntos, sem outra preocupação que não fosse destruir torpemente as palmeiras jovens, os dois cavalos decidiram se distanciar do malfadado potreiro, que já conheciam de cor.

O morro, com a vegetação baixa, sugeria um caminho fácil, ainda mais para cavalos. Do bosque, não restava nada mais do que uma franja de duzentos metros de largura. Depois dele, uma capoeira de dois anos formada por tabaco selvagem. O velho alazão, que na sua juventude havia percorrido capoeiras até se perder por seis meses nelas, comandou a marcha e, em meia hora, os tabacos ficaram completamente sem folhas, ao menos até onde alcança o pescoço de um cavalo.

Caminhando, comendo e bisbilhotando tudo, os dois cruzaram a capoeira até que uma cerca de arame os deteve.

— Uma cerca de arame — disse o alazão.

— Sim, cerca de arame — confirmou o malacara.

Ambos, passando a cabeça pelo arame mais alto, contemplaram atentamente. Dali, eles podiam ver uma pastagem alta de um antigo roçado, branca pela geada, um bananal e uma plantação nova. Tudo isso era um pouco tentador, sem dúvida, mas os cavalos pareciam saber disso e continuaram seguindo a cerca.

Dois minutos depois, vislumbraram uma árvore seca pelo fogo, caída sobre os arames. Atravessaram a brancura do pasto gelado onde seus passos não faziam o menor barulho e, margeando o bananal queimado pela geada, chegaram aonde estavam as plantas frescas.

— É erva-mate — disse um deles, fazendo os lábios tremerem a meio centímetro das folhas coriáceas. A decepção poderia ter sido maior, mas os cavalos, apesar de gulosos, queriam, sobretudo, passear. De modo que, cortando obliquamente a plantação de erva-mate, prosseguiram seu caminho até que uma nova cerca de arame farpado conteve a dupla. Costeando-a de maneira tranquila e paciente, chegaram até uma porteira, por sorte, aberta, e os dois, de repente, se viram no caminho real.

Agora, para os cavalos, o que eles tinham acabado de fazer parecia uma verdadeira façanha. Do desanimado potreiro à liberdade atual, havia uma distância infinita. Mas, por infinita que fosse, os cavalos queriam prolongá-la. Por isso, depois de observarem bem os arredores, eles lamberam o sal do pescoço um do outro e, em mansa felicidade, continuaram sua aventura.

O dia, na verdade, favorecia esse estado de ânimo. A neblina matinal de Misiones acabava de se dissipar completamente e, sob o céu repentinamente azul, a paisagem brilhava com esplêndida claridade. Da colina, cujo cume os dois cavalos ocupavam naquele momento, era possível ver a estrada de terra vermelha que cortava a relva à frente com uma precisão admirável, descia até o vale branco de esparto congelado, voltando a subir no monte distante. O

vento, muito frio, cristalizava ainda mais a claridade da manhã dourada, e os cavalos, de frente para o sol quase horizontal ainda, estreitavam os olhos para aproveitar aquele deslumbramento bem-aventurado.

Continuaram assim, livres, sozinhos e gloriosos, na estrada iluminada pela luz do sol até que, após uma curva do caminho que rodeava a montanha, avistaram certa extensão de um verde inusitado na beira da estrada. Pasto? Definitivamente. Mas, no meio do inverno...

E com os focinhos dilatados de gula, os cavalos se aproximaram da cerca. Sim, pasto fino, pasto admirável! Estavam decididos a entrar ali, os cavalos livres!

Tanto o alazão quanto o malacara, desde aquela madrugada, estavam muito convencidos. Nem porteira, nem cerca, nem acives e nem declives, nada era um obstáculo para eles. Viram coisas extraordinárias, superaram dificuldades inacreditáveis e se sentiam gordos, orgulhosos e capacitados para tomar a decisão mais bizarra que pudessem imaginar.

Nesse estado de euforia, viram várias vacas paradas na beira do caminho a cem metros de distância. Caminhando até lá, chegaram a uma porteira fechada com cinco robustas trancas de madeira. As vacas estavam imóveis, olhando fixamente para o verde paraíso inalcançável.

— Por que vocês não entram? — o alazão perguntou às vacas.

— Porque não é permitido — responderam.

— Nós passamos por todos os cantos — disse o alazão, todo altivo. — Faz um mês que passamos por todos os cantos.

Com o fulgor da aventura, os cavalos francamente tinham perdido o sentido do tempo. As vacas, por sua vez, não se dignaram sequer a olhar os intrusos.

— Os cavalos não conseguem — comentou uma novilha grandota e agitada. — Vocês falam que passaram, mas não passaram por nenhum lugar. Nós, sim, passamos por todos os lugares.

— Eles têm uma corda amarrada — disse uma velha mãe, sem nem ao menos virar a cabeça.

— Eu não, eu não tenho corda! — respondeu o valente alazão. — Eu vivia nas capoeiras e passava por lá.

— Sim, depois de nós! Nós passamos e vocês não conseguem.

A novilha grandota e agitada interveio novamente:

— O patrão disse outro dia: os cavalos, basta um único arame para contê-los. Então? Vocês não passam?

— Não, não passamos — respondeu com simplicidade o malacara, convencido pela evidência.

— Nós sim!

Ao honrado malacara, ocorreu que as vacas, tão atrevidas e astutas, costumeiras invasoras de propriedades e transgressoras do Código Rural, tampouco conseguiam passar pela porteira.

— Essa porteira é malvada — objetou a velha mãe. — Ele sim! Derruba as trancas com os chifres.

— Quem? — perguntou o alazão.

Todas as vacas voltaram a cabeça com surpresa.

— O touro Barigui!<sup>2</sup> Ele pode mais do que as cercas malvadas.

— Cercas? Ele passa?

— Todas! Arame farpado também. Nós passamos depois.

Os cavalos, de volta à condição de animais que apenas um fio os contém, se sentiram ingenuamente deslumbrados com aquele herói capaz de enfrentar o arame farpado, a coisa mais terrível que o desejo de seguir adiante pode enfrentar.

De pronto, as vacas se afastaram mansamente: com o passo lento, o touro se aproximou. Frente àquela rombuda e obstinada cabeça, caminhando em uma tranquila linha reta

---

2 *Barigüí* ou *mosca negra*, pode se referir aos insetos da família nematócera, corresponde ao comumente chamado “borrachudo”. Existem em português “barigui” e “birigui” mas estes correspondem à família phlebotominae e são os mosquitos-pólvora, que também incomodam muito.

na direção da porteira, os cavalos compreenderam humildemente a sua própria inferioridade.

As vacas abriram caminho e Barigui, passando o cangote sob uma tranca, tentou fazê-la correr para o lado.

Os cavalos levantaram as orelhas, admirados, porém a tranca não correu. Uma após a outra, o touro tentou, sem resultados nesse seu esforço inteligente. O feliz dono da plantação da aveia havia reforçado os mourões e as trancas no dia anterior.

O touro não tentou novamente. Dando meia-volta com preguiça, farejou ao redor e estreitou os olhos. Então, ele costeou a cerca, com mugidos abafados e sibilantes.

Os cavalos e as vacas ficaram olhando da porteira. Em um determinado ponto, o touro passou os chifres por baixo do arame farpado, tencionando-o violentamente para cima com o cangote. A enorme fera passou arqueando o lombo. Deu mais quatro passos e chegou à aveia. As vacas, então, se encaminharam para lá, por sua vez, tentando passar. Às vacas, no entanto, falta evidentemente a decisão masculina de permitir que a pele sofresse sangrentos arranhões. Mal introduziam o pescoço para em seguida desistir, balançando vertiginosamente a cabeça.

Os cavalos seguiam observando.

— Não passam — observou malacara.

— O touro passou — retrucou o alazão. — Come muito.

Por força do hábito, a parelha se pôs a costear a cerca de arame farpado, quando um mugido, agora claro e ululante, chegou até eles. Dentro da plantação de aveia, o touro, com cabriolas de falso ataque, bramia diante do chacareiro que, com um pedaço de pau, tentava alcançá-lo.

— Ah... agora você vai pular! — gritava o homem.

Barigui, sempre dançando e berrando frente ao homem, fugia dos golpes. Ficaram nisso por cerca de uns cinquenta metros, até que o chacareiro conseguiu forçar o animal contra a cerca. Este, por sua vez, com a força bruta e o peso do corpo, enfiou a cabeça entre os fios de arame farpado e passou sob um agudo som de arames e grampos lançados a uns vinte metros de distância.

Os cavalos observaram o homem retornar rapidamente para o seu rancho e voltar a sair com o rosto pálido. Viram também que ele saltou a cerca e vinha na direção deles, razão pela qual os dois companheiros, frente àquele passo que avançava decidido, retrocederam pelo caminho que os levava de volta para a roça.

Como os cavalos marchavam tranquilamente pouco passos à frente do homem, chegaram juntos à roça do dono do touro, o que lhes permitiu ouvir a conversa.

Pelo que se pode perceber, era evidente que o homem já havia sofrido o indizível com o touro do polonês. Plantações, por mais inacessíveis que fossem situadas nas encostas, cercas de arames farpados, por maior que fosse sua tensão e o infinito número de fios, tudo isso foi atropelado pelos hábitos de pilhagem do touro. Foi possível deduzir também que os vizinhos estavam fartos daquela besta e de seu dono por causa das incessantes devastações. Porém, como os moradores da região dificilmente denunciavam ao juiz da comarca os prejuízos causados por animais, por maiores que fossem, o touro prosseguia comendo em todas as partes menos na roça do seu dono, o qual, por sua vez, parecia se divertir muito com tudo isso.

Desse modo, os cavalos viram e ouviram o irritado chacareiro e o polaco casmurro.

— É a última vez, dom Zaninski, que venho vê-lo em razão de seu touro! Acaba de pisotear toda minha plantação de aveia. Isso não pode continuar assim!

O polaco, alto e de olhinhos azuis, falava com um extraordinário e melodioso falsete.

— Ah, touro malvado! Eu não pode! Eu amarra, escapa! Vaca tem culpa! Touro segue vaca!

— Eu não tenho vacas, você sabe muito bem disso!

— Não, não! Vaca Ramírez! Deixa touro louco!

— E o pior é que afrouxa todos os fios, também sabe disso!

— Sim, sim, arame! Ah, eu não sabe...!

— Muito bem. Veja só, dom Zaninski, eu não quero ter questões com os vizinhos, mas, pela última vez, peço que tenha mais cuidado com seu touro para que ele não derrube a cerca do fundo. Vou colocar arame novo ao longo do caminho.

— Touro passa por caminho! No fundo!

— Agora ele não vai mais passar pelo caminho.

— Passa, touro! Não farpado, não nada! Passa tudo!

— Não vai passar mais.

— O que põe?

— Arame farpado... mas não vai mais passar.

— Não faz nada o farpado!

— Muito bem. Faça o possível para que não entre, porque se entrar, ele vai se machucar.

O camponês se foi. E ficou evidente, como sempre, que o malvado polaco, rindo-se mais uma vez das graças do animal, não se compadeceu muito do fato de seu vizinho ter de construir uma cerca intransponível para seu touro. Esfregando as mãos, ele disse:

— Não poderão me dizer nada se o touro comer toda a aveia!

Os cavalos retomaram o caminho de volta. Um pouco depois, chegaram ao local em que Barigui havia feito sua feação. A fera estava ali, imóvel no meio do caminho, olhando com um vazio solene, há quinze minutos, um ponto fixo no horizonte. Atrás dele, as vacas cochilavam ao sol já quente, ruminando.

Porém, quando os pobres cavalos passaram pelo caminho, elas abriram os olhos, depreciativas:

— São os cavalos. Queriam passar a cerca de arame farpado. E têm uma corda.

— O Barigui passou!

— Somente um fio é capaz de deter os cavalos.

— São magros.

Essa última frase feriu o orgulho do alazão, que olhou para trás e disse:

— Nós não estamos magros. Vocês é que estão. Não vai passar mais por aqui — concluiu e indicou os arames caídos, obra de Barigui.

— Barigui sempre passa! Depois nós passamos. Vocês é que não passam.

— Não vai mais passar. Foi o que disse o homem.

— Ele comeu a aveia do homem. Nós passamos depois.

O cavalo, por ter maior intimidade pela forma como é tratado, é sensivelmente mais afeito ao homem do que a

vaca. Assim, o malacara e o alazão tinham fé na cerca de arame farpado que o homem ia construir.

A dupla prosseguiu seu caminho e, momentos depois, frente ao campo livre que se abria para eles, os cavalos baixaram a cabeça e começaram a comer, esquecendo-se das vacas.

Já era tarde, o sol acabara de se pôr, quando os dois cavalos se lembraram do milho e pegaram o rumo de volta. No caminho, viram o chacareiro, que mudava todos os mourões da sua cerca, e um homem loiro ao seu lado e a cavalo, que o olhava trabalhar.

— Eu digo que ele vai passar — disse o homem a cavalo.

— Não passará duas vezes — respondeu o chacareiro.

— Você vai ver só! Isso é um jogo para o maldito touro do polaco! Vai passar!

— Não passará duas vezes — repetia obstinadamente o outro.

Os cavalos seguiram em frente, ainda escutando algumas palavras entrecortadas:

— ...rir!

— ...veremos.

Dois minutos mais tarde, o homem loiro passava ao lado deles em trote inglês. O malacara e o alazão, meio que surpresos por aquele passo que eles não conheciam, ficaram olhando até que o homem apressado sumisse no vale.

— Curioso! — observou o malacara, após um bom tempo. — O cavalo trota e o homem galopa.

Proseguiram. Nesse momento, ocupavam o cume da colina, como de manhã. Contra o céu pálido e frio, suas silhuetas se destacavam no negro, parelha mansa e cabisbaixa, o malacara na frente, o alazão atrás. A atmosfera, ofuscada durante o dia pela luz do sol excessiva, adquiria a essa hora crepuscular uma transparência quase fúnebre. O vento tinha cessado totalmente e, com a calma do entardecer, na qual o termômetro começava a cair velozmente, o vale gelado propagava uma umidade penetrante, que se condensava em uma neblina rasteira no fundo sóbrio das vertentes. Na terra já arrefecida, ressurgia o odor invernal de pasto ressequido. E, quando o caminho costeava o monte, a atmosfera, sentida de repente mais fria e úmida, tornava-se excessivamente carregada com o perfume das flores de laranjeira.

Os cavalos entraram pela porteira de sua chácara, pois o rapaz, escutando sua trepidação ansiosa, fazia rumor com a gaveta do milho. O velho alazão teve a honra de ser-lhe atribuída a iniciativa da aventura e foi gratificado com uma corda, para todos os efeitos do que poderia vir a acontecer.

Porém, na manhã seguinte, já bastante tarde por causa da densa neblina, os cavalos repetiram a fuga, atravessando

outra vez os pés de tabaco selvagem, pisoteando com passos mudos a pastagem gelada, trespassando a porteira ainda aberta.

A manhã, iluminada pelo sol já muito alto, reverberava a luz. O calor excessivo prometia uma mudança de clima muito em breve. Depois de transpor a colina, do nada, os cavalos avistaram as vacas empacadas na trilha, a recordação da tarde anterior estimulou suas orelhas e o passo: queriam ver como era a nova cerca.

Contudo, quando chegaram, a decepção foi grande. Nos mourões novos — escuros e retorcidos —, havia dois simples arames farpados, talvez mais grossos, mas somente dois.

Não obstante a insignificante audácia deles, a vida constante em roças havia dado aos cavalos certa experiência com cercas. Observaram atentamente aquela, especialmente os mourões.

— São de madeira de lei — observou o malacara.

— Sim, de cerne queimado.

Após outra longa olhada de apreciação, constatou:

— O fio passa bem no meio, não há grampos.

— Estão bem perto um do outro.

Sem dúvida, os mourões estavam perto um do outro: três metros. Em contrapartida, aqueles dois modestos arames no lugar dos cinco fios da cerca antiga, deixaram os cavalos

desiludidos. Como era possível que o homem acreditasse que aquela cerca para bezerros pudesse conter o terrível touro?

— O homem disse que não passaria — atreveu-se, entretanto, o malacara, que por ser o favorito de seu dono, comia mais milho, razão pela qual se sentia mais confiante.

Mas as vacas o tinham escutado.

— São os cavalos. Os dois estão com cordas. Eles não passam. O Barigui já passou.

— Passou? Por aqui? — perguntou o malacara, desanimado.

— Pelos fundos. Por aqui, também passa. Comeu a aveia.

Nesse meio tempo, a vaquinha loquaz intentou passar, colocando os chifres entre os fios. Uma vibração aguda, seguida de um golpe seco nos chifres, deixou os cavalos em suspense.

— Os arames estão muito esticados — disse o alazão, após um longo exame.

— Sim. Mais esticados, impossível...

E ambos, sem tirar os olhos dos fios, ficaram pensando, confusos, em como daria para passar entre os dois fios.

Enquanto isso, as vacas davam ânimo umas às outras.

— Passou ontem. Passa o arame farpado. Nós, depois.

— Ontem não passaram. As vacas dizem que sim, mas não passaram — escutaram do alazão.

— Aqui tem arame farpado e o Barigui passa! Aí vem ele!

Costeando por dentro, o monte do fundo ainda a duzentos metros, o touro avançava na direção da plantação de aveia. Todas as vacas se posicionaram de frente para a cerca, atentas, seguindo com os olhos a besta invasora. Os cavalos, imóveis, levantaram as orelhas.

— Come toda a aveia! Depois, passa!

— Os fios estão muito esticados... — observou o malacara, tentando sempre determinar o que aconteceria se...

— Comeu a aveia! O homem está vindo! Está vindo, o homem! — emitiu a vaquinha loquaz.

Com efeito, o homem acabava de sair do rancho e avançava na direção do touro. Trazia um pedaço de pau na mão, porém não parecia estar zangado. Estava, isso sim, muito sério e com a testa enrugada.

O animal esperou até que o homem chegasse na frente dele, então começou com os mugidos, com bravatas de chifradas. O homem avançou mais e o touro começou a retroceder, sempre berrando e arrastando a aveia com as suas cabriolas bestiais. Até que, já a dez metros do caminho, deu meia-volta com um derradeiro mugido de desafio debochado e lançou-se contra a cerca.

— Vem o Barigui! Ele passa tudo! Passa o arame farpado! — as vacas chegaram a clamar.

Com o impulso de seu pesado trote, o enorme touro abaixou a cabeça e meteu os cornos entre os dois fios. Ouviu-se um ruído agudo de arame, um estridente rangido que se propagou de mourão em mourão até o fundo, e o touro passou.

Entretanto, havia feridas profundas em seu cangote e em seu ventre, as quais se orientavam desde o peito até as ancas e choviam rios de sangue. A besta, tomada de estupor, ficou atônita e tremendo por um instante. Então se afastou até a passagem, inundando o pasto com sangue, até que, a uns vinte metros, com um suspiro rouco, deitou-se.

Ao meio-dia, o polaco foi buscar seu touro e chorou em falsete diante do impassível roceiro. O animal tinha se levantado e conseguia caminhar. Mas o dono, compreendendo que daria a ele muito mais trabalho curá-lo — se é que isso ainda fosse possível —, nessa tarde, abateu-o. No dia seguinte, coube ao malacara levar à sua casa, no saco de carga, dois quilos de carne do touro morto.

## OS MENSUAIS<sup>3</sup>

**C**ayetano Maidana e Esteban Podeley, peões madeiros de obrage,<sup>4</sup> voltavam para Posadas no *Silex* com quinze companheiros. Podeley, um carpinteiro, voltava após nove meses com o contrato concluído e, portanto, sua passagem saiu de graça. Cayé, um mensal, chegava nas mesmas condições, mas após um ano e meio, o tempo necessário para saldar a sua dívida.

---

3 *Mensú* é forma que chamam o trabalhador rural da selva tanto na região do Paraguai quanto nas províncias argentinas de Corrientes e Misiones. Em particular, é o trabalhador das plantações de erva-mate (mas, nesse caso, da extração de madeira nativa). O termo, de origem guarani, vem da palavra *mensualero*, que faz referência à frequência do pagamento do salário. Historicamente, o trabalho do *mensú* foi considerado um regime semiescravo. Mensual, variação de “mensal”.

4 *Obraje* pode ser uma fábrica, usina, tear, oficina, serraria, moinho, obra ou canteiro de construção. No Estado do Paraná, o termo regional “obrage” denomina um lugar junto à margem de um rio, onde se corta os troncos e se prepara a madeira destinada a ser transportada pela água.

Como a maioria, eles estavam magros, desgrenhados, de cuecas, as camisas com grandes rasgões, descalços, sujos. Como todos eles, os dois mensuais devoraram com os olhos a capital da mata, a Jerusalém e o Gólgota de suas vidas. Nove meses lá em cima! Um ano e meio! Mas eles finalmente voltavam, e o golpe de machado ainda doloroso da vida no obrage era apenas um roçar de lasca de madeira diante do prazer retumbante que eles farejavam ali.

A cada cem peões, apenas dois chegam em Posadas com alguma posse. Para aquela semana gloriosa à qual a correnteza os arrasta rio abaixo, eles contam com o adiantamento de um novo contrato. Como intermediárias e coadjuvantes, um grupo de moças alegres de caráter e de profissão os espera na praia, diante das quais os mensuais sedentos lançam os seus “aúuu!” de urgente loucura.

Cayé e Podeley desembarcaram e cambalearam por uma antegozada orgia e, cercados por três ou quatro amigas, viram-se, em um instante, diante de aguardente suficiente para aplacar a fome de um mensal.

Um momento depois, eles já estavam bêbados e com um novo contrato fechado. Que trabalho? Onde? Ignoravam, mas tampouco se importavam.

Sim, eles sabiam sim, tinham quarenta pesos no bolso e crédito para chegar a muito mais em despesas. Babando pelo

descanso e pelo êxtase alcoólico, dóceis e desajeitados, os dois seguiram as meninas para se vestirem. As espertas senhoritas os levaram a uma loja com a qual tinham um relacionamento especial de um tanto por cento, ou talvez ao armazém do empreiteiro. Seja nesse ou naquele, as moças renovaram o luxo destoante de seus próprios trapos, enfeitando a cabeça com pentes de cabelo, enforcando-se com fitas — tudo roubado com perfeito sangue frio e a vantagem causada pela generosa bebedeira de seus companheiros, porque a única coisa que os mensuais realmente possuem é um desapego brutal ao seu dinheiro.

Da sua parte, Cayé comprou muito mais extratos, loções e óleos do que o necessário para perfumar suas roupas novas até à náusea, enquanto Podeley, mais sensato, insistiu em um terno de tecido. Possivelmente pagaram caro por uma conta que foi entreouvida e paga com uma pilha de papéis jogados no balcão. Mas, de qualquer forma, uma hora depois, eles atiravam suas flamejantes pessoas, usando botas e poncho nos ombros — e, desde já, um revólver .44 no cinto —, em um carro aberto, com os bolsos cheios de cigarros que desajeitadamente se desmanchavam entre os dentes, deixando aparecer em cada bolso a ponta de um lenço. Estavam acompanhados por duas moças, orgulhosas daquela opulência, cuja magnitude transparecia na expressão

um tanto entediada dos mensuais, arrastando consigo pelas ruas acaloradas, de manhã à tarde, uma impregnação de tabaco preto e extrato de serragem.

A noite finalmente chegou e, com ela, a bailanta,<sup>5</sup> em que as mesmas donzelas astutas induziram os mensuais a beber mais, cuja realeza devido ao dinheiro adiantado os fazia atirar dez pesos por uma garrafa de cerveja, recebendo um e quarenta de troco que guardavam sem nem olhar.

Assim, após constantes esbanjamentos de seus vencimentos futuros — a necessidade irresistível de compensar as misérias do obrage durante sete dias como grandes senhorios—, o *Silex* voltou a subir o rio. Cayé trouxe uma companheira, e os dois, bêbados como todos os outros peões, instalaram-se na ponte, onde dez mulas já estavam apinhadas em íntimo contato com baús, trouxas, cachorros, mulheres e homens.

No dia seguinte, com a cabeça arejada, Podeley e Cayé examinaram seus cadernos. Era a primeira vez que faziam isso desde o contrato: Cayé tinha recebido 120 em dinheiro e gastado mais 35; e Podeley, 130 e 75, respectivamente.

---

5 Considerada uma comemoração de aldeia, cuja dança é o principal objetivo, é uma festa típica da região Sul e de outros países da América Latina, como a Argentina.

Os dois se entreolharam com uma expressão que poderia ser de horror, se um mensal já não estivesse perfeitamente anestesiado contra esse mal-estar. Eles não se lembravam de ter gastado nem um quinto disso.

— Añá!<sup>6</sup> — Cayé murmurou — Eu nunca vou conseguir pagar...

E, a partir daquele momento, como justa punição por sua extravagância, ele simplesmente teve a ideia de fugir dali.

Porém, a legitimidade de sua vida em Posadas era tão evidente para ele que o homem teve inveja do fato de concederem a Podeley um adiantamento maior.

— Você tem sorte... — disse. — Ótimo, esse seu adiantamento...

— Você trouxe uma companheira — objetou Podeley —, o que pesa no seu bolso...

Cayé olhou para a mulher e, embora a beleza e outras qualidades de ordem mais moral pesassem muito pouco na escolha de um mensal, ficou satisfeito. Com efeito, a moça estava deslumbrante com a sua roupa de cetim, saia verde e

---

6 No original *Añá*, ainda *Aña* ou *Añag*, é a principal figura maligna da mitologia guarani, que significa o mal, a maldade, o maligno, o maléfico e malvado. Corresponde às formas *Nhangá* ou *Anhanga* (tupi: *Ahiaã*; maué: *Anhang*, significando “espírito”), assim, essa entidade é também uma figura presente na cosmovisão de diversos povos originários do Brasil e da literatura indianista.

blusa amarela, usando um colar de pérolas triplas no pescoço sujo, sapatos Luís 15, bochechas brutalmente pintadas e um desdenhoso charuto de folha sob as pálpebras semicerradas.

Cayé considerou a moça e seu revólver .44: realmente eram o que tinha de algum valor de tudo o que possuía. E, mesmo este último, corria o risco de soçobrar mediante o pagamento antecipado, por mínima que fosse a tentação de jogar.

A dois metros dele, sobre um baú no canto, os mensuais conscienciosamente jogavam tudo que possuíam no monte. Cayé observou por um tempo, rindo, como os peões sempre riem quando estão juntos, seja qual for o motivo, e se aproximou do grupo, colocando uma carta e, sobre ela, cinco cigarros.

Um princípio modesto, que lhe daria dinheiro suficiente para pagar o adiantamento no obrage e voltar no mesmo vapor para Posadas, para dilapidar outro adiantamento.

Perdeu. Perdeu os outros cigarros, perdeu cinco pesos, o poncho, o colar da mulher, as próprias botas e seu .44. No dia seguinte, recuperou as botas e mais nada, enquanto a moça compensava a nudez do pescoço com ainda outros charutos de folha.

Após uma infinita mudança de dono, Podeley ganhou o colar em questão, assim como uma caixa de sabonetes

perfumados, que deu um jeito de jogar contra um facão e meia dúzia de meias, o que o deixou satisfeito.

Finalmente haviam chegado. Os peões subiram a interminável faixa vermelha que acompanhava a ravina, de cujo topo o *Silex*, afundado no lúgubre rio, parecia insignificante. Com *ahijús*<sup>7</sup> e terríveis injúrias em guarani, todos ficaram bem contentes, despedindo-se do vapor no qual, com uma lavagem de três horas, deveria abafar a nauseante atmosfera de imundície, de patchouli e de mulas doentes que durante quatro dias subiu com eles.

\*\*\*

Para Podeley, um madeireiro cujo ganho diário podia chegar a sete pesos, a vida em um obrage não era dura. Verdade seja dita, domando sua aspiração de estrita honestidade na cubicagem da madeira, compensando os roubos rotineiros com certos privilégios de um bom peão, sua nova etapa começou no dia seguinte, uma vez demarcada a sua área na mata. Construiu seu barracão com folhas de palmeira — telhado e parede sul —, deu o nome de cama a oito

---

7 *Ahijús*, plural de *ahijuna*, é a contração da expressão *¡ah, hijo de una!*, cujo eufemismo corresponde a “filho da mãe” do xingamento “filho da puta!”.

varas horizontais paralelas e mais nada, além de pendurar a provisão semanal em uma pilastra. Retomou automaticamente seus dias de trabalho: ao se levantar fazia seu mate silenciosamente, ainda no escuro, que tomava em sucessão sem tirar a mão do cabo da chaleira; a exploração em busca de madeira; o café da manhã às oito, que continha farinha, carne seca e gordura; em seguida, o machado, de peito nu, cujo suor atraía mutucas, borrachudos e mosquitos; depois o almoço, dessa vez, com feijão e milho boiando na inevitável gordura, para, depois de mais uma luta com as peças de 8 por 30, durante à noite, dar fim no *yopará*<sup>8</sup> do meio-dia.

Fora algum incidente com seus companheiros madeireiros, que invadiam sua jurisdição; e do tédio dos dias de chuva que o relegava a ficar de cócoras diante da chaleira, a tarefa prosseguia até a tarde de sábado. Então, lavava a roupa e, no domingo, ia ao armazém para fazer a provisão.

Esse era o verdadeiro momento de alívio para os mensuais, esquecendo-se de tudo em meio aos anátemas de sua língua nativa, suportando com fatalismo indígena o aumento

---

8 *Yopará*, que em espanhol se escreve *jopará*, é a palavra guarani que significa mescla ou mistura. Trata-se de um prato típico guarani muito antigo, um tipo de *locro* (guisado) de carnes, grãos e verduras, originariamente carne-seca, batata, mandioca e feijões.

cada vez maior do preços dos mantimentos, que então chegavam a cinco pesos um facão e oitenta centavos o quilo dos biscoitos. O tipo de fatalismo que aceitava isso com um “añá!” e um olhar risonho para os outros companheiros ditava-lhe, em um elementar desagravo, o dever de fugir do obrage assim que pudesse. E se essa ambição não preenchia todos os corações, ainda assim, todos os peões entendiam aquela fome de revanche que ia, se é que fosse, cravar os dentes no bucho do patrão. Este, por sua vez, levava a luta ao extremo, vigiando sua gente dia e noite, principalmente os mensuais.

Em seguida, os mensuais ficavam ocupados na prancha de embarque, derrubando as madeiras em meio a uma gritaria interminável que subia de tom quando as mulas, impotentes para conter a alçaprima,<sup>9</sup> desciam a toda velocidade e rolavam

---

9 *Alçaprima* é um meio de transporte no qual se retirava a madeira em meio à mata. Bastante peculiar e praticamente desconhecida nos dias de hoje, as alçaprimas, consideradas uma corruptela de “alçaprema”, são compostas de uma alavanca com um gancho em um uma de suas pontas. Elas eram engenhocas que consistiam basicamente em um veículo composto de um eixo de madeira, em cujas extremidades eram fixadas duas rodas de tamanho descomunal, com uma altura que podia superar os dois metros. Era ali, embaixo desse eixo, eram amarradas as toras. Conforme o tamanho da tora, uma alçaprima podia deslocar, no máximo, até três toras puxadas por uma, duas ou até três parselhas de animais de carga.

umas sobre as outras aos tombos, com vigas, animais e carroças, tudo misturado.

As mulas raramente ficavam feridas, mas o alvoroço era o mesmo.

Cayé, entre gargalhadas, ponderava sempre sobre a sua fuga. Já farto de revirados<sup>10</sup> e de *yoparás*, que o antegozo da fuga tornava ainda mais indigestos, estava ainda estancado pela falta de um revólver, decerto diante da Winchester do capataz.

“Ah, se eu tivesse um .44...”

A sorte veio a ele. Dessa vez, de uma maneira bastante tortuosa.

A companheira de Cayé que, uma vez desprovida de seus trajes luxuosos, lavava roupa para os peões, um dia mudou de endereço. Cayé esperou duas noites e, na terceira, foi à casa de seu substituto, onde deu uma bela surra na moça. Os dois mensuais ficaram sozinhos conversando, pelo que concordaram em morar juntos e, para todos os fins, o sedutor foi morar com o casal. Isso era econômico e bastante sensato. Mas como o mensal parecia gostar realmente da dama — coisa rara na corporação —, Caye a

---

10 Iguaria. Acepipe de farinha de mandioca ou de milho, com feijão, carne ou peixe, também é chamada de *pamonã*.

ofereceu para que ele a comprasse, em troca de um revólver com balas, que ele mesmo retiraria no armazém. Apesar da singeleza, o acordo quase se rompeu, pois Cayé pediu que fosse acrescentado um metro de fumo de corda na última hora, o que pareceu excessivo ao mensal. O negócio foi finalmente fechado e, enquanto o recém-formado casal se instalava em seu rancho, Cayé conscienciosamente carregou o seu .44, para então ir passar o fim de tarde chuvoso tomando mate com eles.

\*\*\*

O outono estava chegando ao fim. O céu, permanentemente seco com aguaceiros de só cinco minutos, finalmente se desintegrou em um mau tempo constante, cuja umidade pesava nos ombros dos mensuais. Podeley, até então de folga, sentiu tanta relutância um dia em ir até sua viga que parou, olhando para todos os lados para ver o que podia fazer. Não tinha disposição para nada. Voltou para o seu galpão e, no caminho, sentiu um leve formigamento nas costas.

Ele sabia muito bem o que eram aquela indisposição e aquele formigamento a ponto de tremer. Sentou-se filosoficamente para tomar mate e, meia hora depois, um calafrio profundo e longo percorreu suas costas sob a camisa.

Não havia nada o que fazer. Ele se deitou na cama, tremendo de frio, encurvado sob o poncho, enquanto seus dentes irreprimíveis batiam o mais forte que podiam.

No dia seguinte, o acesso, não previsto antes do anoitecer, voltou ao meio-dia, e Podeley foi à sede pedir quinina. O balconista baixou os pacotes sem quase olhar para o paciente de tanto que o mensal parecia um vagabundo, e foi este quem calmamente derramou aquela coisa terrivelmente amarga na língua.

Voltando à montanha, encontrou o capataz.

— Você também! — ele disse, olhando-o — Já são quatro. Os outros não importam... não muito. Mas você é confiável... Como está a sua conta?

— Falta pouco, mas não vou poder trabalhar.

— *Bah!* Cure-se bem, que não é nada. Até amanhã.

— Até amanhã. — Podeley se afastou, apressando o passo, porque sentia um leve formigamento nos calcanhares.

O terceiro acesso começou uma hora depois, deixando Podeley paralisado com uma profunda falta de forças, o olhar fixo e opaco, como se não pudesse ir além de um metro ou dois.

O descanso absoluto a que se rendeu durante três dias — um bálsamo específico para mensuais, pelo improvisto — não deu em nada além de transformá-lo em um

vulto embrulhado que rangia os dentes aninhado sobre uma grande raiz de árvore. As febres de Podeley, antes em um ritmo honesto e periódico, agora já não lhe auguravam nada de bom naquele galope de acessos quase sem intermitência. Existem febres e febres. Se a quinina não tinha cortado pela raiz o segundo ataque, não adiantava ficar lá em cima, enrolado feito novelo de lã para acabar morrendo em qualquer curva das picadas. Então ele voltou para o armazém.

— Você de novo! — assim o recebeu o despenseiro.  
— Isso não está indo bem... Você não tomou a quinina?

— Tomei. Não aguento mais essa febre... Não consigo trabalhar. Se me der dinheiro para a passagem, devolvo assim que me curar.

O despenseiro contemplou aquela desgraça em pessoa e não avaliou muito positivamente a vida que ainda restava ali.

— Em que pé está a sua conta? — perguntou novamente.

— Ainda estou devendo vinte pesos. No sábado, entreguei... Estou muito doente.

— Você sabe muito bem que, enquanto a sua conta não for paga, você tem que ficar. Lá embaixo, você pode morrer. Cure-se aqui e acerte a sua conta imediatamente.

Ser curado de uma febre pernicioso, ali onde ele a pegou? De jeito nenhum. Mas o mensal que vai embora pode

não voltar, o despenseiro preferia um morto a um devedor distante.

Podeley nunca tinha deixado de cumprir com nada, que é a única altivez que um mensal de certa estatura se permite diante do patrão.

— Não interessa se você parou de cumprir com suas obrigações ou não! — respondeu o despenseiro. — Pague sua conta primeiro e veremos depois!

Essa injustiça pessoal lógica imediatamente suscitou o desejo de vingança. Foi ter com Cayé, cujo espírito conhecia bem, e ambos decidiram fugir no domingo seguinte.

Mas, no dia seguinte, sexta-feira, houve um movimento inusitado no obrage.

— Aí está você! — gritou o despenseiro, topando com Podeley. — É disso que você gosta, não é? Esses também eram cumpridores de seu dever! Como você! Mas mais vale você se acabar aqui do que sair da prancha! E tomem muito cuidado, você e todos os que estão ouvindo! Sabem muito bem!

A decisão de fugir e seus perigos, para os quais o mensal precisa de todas as suas forças, são muito mais capazes de superar do que uma febre perniciosa. O domingo, aliás, já havia chegado. Com malabarismos fingidos como lavar a roupa ou simular tocar violão no rancho de um ou de outro, a vigilância podia ser burlada. Assim, Podeley e Cayé

de repente se viram a mil metros da sede. Enquanto não se sentissem perseguidos, não abandonariam a picada. Podeley caminhava mal. E ainda assim...

A ressonância peculiar da mata lhes trouxe, de longe, uma voz rouca:

— Na cabeça! Dos dois!

E, um momento depois, o capataz e três peões apareceram em uma curva da picada. Começava a caçada.

Cayé engatilhou o revólver, sem parar de avançar.

— Rendam-se, por diabos! — gritou-lhes o capataz.

— Vamos para o monte — disse Podeley. — Não tenho forças para o facão.

— Voltem ou eu atiro! — chegou outra voz.

— Quando estiverem mais perto... — começou Cayé.

— E uma bala de um rifle Winchester passou assobiando pela picada.

— Venha! — gritou Caye para o companheiro. E, protegendo-se atrás de uma árvore, descarregou os cinco tiros de seu revólver naquela direção.

Uma gritaria estridente respondeu, enquanto outra bala de Winchester lascou a casca da árvore.

— Rendam-se, ou vou arrebentar suas cabeças!

— Vamos, vá! — Cayé pediu a Podeley. — Eu vou... E, após uma nova descarga, adentrou no monte.

Os perseguidores, paralisados por um instante pelos disparos, avançaram furiosamente, atirando sucessivas rajadas de Winchester na direção do percurso provável dos fugitivos.

A cem metros da picada e paralelamente a ela, Cayé e Podeley se afastaram, curvados rente ao solo para evitar os cipós. Os perseguidores presumiram isso. Mas, como nos montes, quem ataca tem cem chances contra uma de ser refreado com uma bala no meio da testa, o capataz se contentou com as salvas de tiros de Winchester e os bramidos de incitação. Quanto ao resto, os tiros perdidos de hoje não atingiriam o alvo nessa noite de quinta-feira.

O perigo tinha passado. Os fugitivos se sentaram, exaustos. Podeley se enrolou no poncho e, apoiado nas costas de seu parceiro, sofreu como cão durante duas horas em contrapartida àquele enorme esforço.

Continuaram fugindo, tendo sempre a picada em vista. Quando finalmente a noite chegou, acamparam. Cayé tinha trazido *chipas*<sup>11</sup> e Podeley acendeu o fogo, apesar dos mil inconvenientes em um país onde, além dos pavões, há outros seres que têm uma fraqueza pela luz, sem contar os homens.

---

11 Pãozinho feito com farinha de mandioca ou de milho, sal, leite e um pouco de queijo, quitute típico do nordeste argentino e do Paraguai.

O sol já estava muito alto quando, na manhã seguinte, encontraram o riacho, primeira e última esperança dos fugitivos. Cayé cortou doze taquaras sem escolher muito bem, enquanto Podeley, cujas últimas forças foram investidas em derrubar os cipós-suma, mal teve tempo para terminar de fazer isso antes de se encolher e se pôr a tremelicar.

Cayé, portanto, construiu sozinho a jangada: dez taquaras amarradas longitudinalmente com cipós, com uma atravessada em cada extremidade.

Dez segundos depois que acabou, eles embarcaram. E a jangadinha, arrastada à deriva, entrou no Paraná. As noites são frias demais nessa época. Os dois mensuais, com os pés na água, passaram a noite congelados, um colado no outro. A corrente do Paraná, intensificada pelas chuvas torrenciais, retorcia a jangada no borbulhar de seus redemoinhos e, aos poucos, afrouxava os nós dos cipós.

Durante todo o dia seguinte, comeram duas *chipas*, o último resquício de suprimento, que Podeley mal tocou. As taquaras perfuradas pelos tambus<sup>12</sup> afundavam e, no final da tarde, a jangada já tinha afundado um quarto do nível da água.

No rio bravio, imprensado entre as paredes sombrias da floresta, na qual não se escutava nem um “ai!”, os dois

---

12 Espécie de animal que dá em árvores apodrecidas.

homens, com água até os joelhos, flutuavam enquanto giravam à deriva. Por algum tempo, eles ficavam imóveis diante de um redemoinho, seguindo novamente, mal se segurando nas taquaras quase soltas que escapavam sob seus pés, em uma noite de breu que seus olhos desesperados não conseguiam transpassar.

A água já estava na altura do peito quando encostaram na beira do rio. Onde? Não sabiam: um charco... Ali mesmo na margem, eles permaneceram imóveis, deitados de costas.

Quando eles acordaram, o sol já estava deslumbrante. O alagadiço se estendia vinte metros terra adentro, servindo de litoral para o rio e para a mata. A uns cinquenta metros ao sul, estava o riacho Paranaí, que decidiram percorrer quando recuperassem as forças. Mas estas não voltaram com a rapidez desejada, pois os brotos e os vermes de taquara são fortificantes de efeito retardado. E, durante vinte horas, a chuva transformou o Paraná em um óleo branco e o Paranaí em uma alameda furiosa. Era impossível. Apoiando-se no revólver para se levantar, Podeley se sentou subitamente, respingando água, e mirou. Estava ardendo em febre.

— Passa fora, *añá!*

Cayé viu que pouco podia esperar daquele delírio e, disfarçadamente, abaixou-se para alcançar o companheiro de pronto. Mas o outro insistiu:

— Vá para a água! Foi você quem me trouxe até aqui!  
Atravesse o rio!

Dedos lívidos tremiam no gatilho. Cayé obedeceu. Deixou-se levar pela corrente e desapareceu detrás do charco, do qual conseguiu se aproximar com terrível esforço.

Dali, voltou por trás e, espreitando o companheiro, pegou o revólver caído. Mas Podeley estava de novo deitado de costas com os joelhos dobrados contra o peito, sob a chuva incessante. Quando Cayé se aproximou, levantou a cabeça e, sem quase abrir os olhos, cego pela água, murmurou:

— Cayé... caralho! Muito frio...

Choveu a noite toda sobre o moribundo, a chuva branca e silente dos dilúvios de outono. Ao amanhecer, Podeley ficou para sempre imóvel em seu túmulo aquático.

No mesmo charco, sitiado durante sete dias pela mata, pelo rio e pela chuva, o mensual exauriu as raízes e as minhocas disponíveis. Aos poucos, foi perdendo as forças, até ficar sentado, morrendo de frio e de fome, com os olhos fixos no Paraná.

O *Silex*, que passava ali no crepúsculo, embarcou o mensual já quase moribundo. A sua alegria se transformou em terror quando, no dia seguinte, percebeu que o vapor subia o rio.

— Por favor, eu imploro! — choramingou diante do capitão — Não me deixe no Porto X! Eles vão me matar! Realmente peço...

O *Silex* voltou para Posadas, levando consigo o mensal ainda encharcado nos pesadelos noturnos.

Mas, apenas dez minutos depois de desembarcar, ele já estava bêbado, com um novo contrato e caminhava cambaleando para ir comprar fragrâncias.

# YAGUAI

**B**om, não podia ser em outro lugar, senão ali. Yaguai cheirou a pedra — um bloco sólido de minério de ferro — e deu uma volta cautelosa em torno dela. Sob o sol do meio-dia de Misiones, o ar vibrava sobre a rocha negra, fenômeno que não seduzia o fox-terrier. No entanto, ali embaixo tinha uma lagartixa. Rodou novamente em volta dela, assoprou em uma fresta e, para honrar a raça, arranhou o bloco ardente por alguns instantes. Feito isso, retornou com passo preguiçoso, o que não o impedia de farejar sistematicamente ambos os lados.

Entrou na sala de jantar, deitando entre o guarda-louça e a parede, um refúgio fresco que ele considerava seu, apesar de ter contra ele a opinião de todos da casa. Mas o canto sombrio, delicioso quando a baixa pressão atmosférica era acompanhada da ausência de corrente de ar, tornava-se inviável em um dia de vento do norte. Essa era uma sabedoria recentemente adquirida pelo fox-terrier, que ainda lutava contra a herança da terra temperada — Buenos Aires,

sua pátria e a de seus avós —, onde acontecia justamente o contrário. Por conseguinte, saiu e se sentou debaixo de uma laranjeira em pleno vento de fogo, mas que facilitava muitíssimo a respiração. E, como os cachorros transpiram muito pouco, Yaguáí gostava, como se deve, do vento evaporador em sua língua pendurada, exibida em seu trajeto.

O termômetro chegava, nesse momento, a 40 graus. Mas os fox-terrier de boa estirpe são singularmente falaciosos quanto ao que se refere a manter suas promessas de ficarem quietinhos. Sob aquele sol escaldante do meio-dia, no platô vulcânico que a areia vermelha tornava ainda mais calcinante, havia lagartixas.

Com a boca agora fechada, Yaguáí transpôs a cerca de arame e se encontrou em pleno território de caça. Desde setembro, não tinha mais nada para fazer durante as sextas bravias. Dessa vez, das poucas presas que restavam, rastreou quatro, caçou três e perdeu uma. Depois foi tomar um banho. A cem metros da casa, na base do platô e à beira do bananal, havia um poço de plantas-pedra, de feitura e forma originais, pois tendo sido iniciado com dinamite por um profissional, fora concluído com pá de bico por um amador. A verdade é que não tinha mais do que dois metros de profundidade, estendendo-se em uma longa escarpa em um dos lados, como um quebra-mar.

Sua nascente, ainda que superficial, resistia a dois meses de seca, o que em Misiones é muito louvável.

Era ali que o fox-terrier tomava banho: primeiro a língua; depois, sentado na água, a barriga; e, por fim, para concluir, dava um mergulho. Aí voltava para casa, desde que nenhum rastro atravessasse o seu caminho. Quando o sol se punha, voltava para o poço, pois Yaguai sofria ligeiramente com as pulgas e, conforme a sua natural predisposição, também padecia com o calor tropical para o qual sua raça não havia sido criada.

O instinto de luta do fox-terrier se manifestou, inicialmente, contra as folhas secas; em seguida, subindo de nível, contra as borboletas e suas sombras; e, por fim, focando-se nas lagartixas. Mesmo em novembro, quando já tinha todas as ratazanas da casa em cheque, ficava mesmo era encantado com os sáurios. Os peões, que por um motivo ou outro, vinham na hora da sesta, admiravam sempre a obstinação do cachorro, que assoprava nos buraquinhos sob um sol escaldante, ainda que essa admiração deles não fosse além da que tinham diante de uma pintura de caça.

—Esse aí — disse um deles certo dia, apontando para o cão com a cabeça — serve só para bichinhos pequenos.

O dono do Yaguai o escutou:

— Talvez— argumentou —, mas nenhum dos seus famosos cachorros é capaz de fazer o que ele faz.

Os homens sorriram, sem responder.

Cooper, no entanto, conhecia bem os cães selvagens e sua maravilhosa capacidade de caçar em velocidade, coisa que o seu fox-terrier ignorava.

Ensiná-lo? Talvez, mas ele não tinha como fazer isso.

Justamente naquela mesma tarde, um peão se queixou com Cooper de que os veados estavam acabando com os feijões. Ele pediu uma espingarda porque, mesmo tendo um cachorro, este não conseguia alcançá-los com a agilidade necessária, senão muito de vez em quando.

Cooper emprestou a espingarda e ainda se propôs em ir pessoalmente até a roça, à noite.

— Não tem lua — o peão objetou.

— Não faz mal. Solte o seu cachorro, veremos se o meu o segue.

Naquela noite, eles foram para a plantação. O peão soltou o seu cachorro e o animal imediatamente partiu para a escuridão das moitas, em busca de um rastro.

Vendo seu companheiro partir, Yaguái tentou, em vão, passar pela barreira de caragatás. Finalmente conseguiu e seguiu o outro. Mas após dois minutos, já estava de volta, muito contente com essa fuga noturna. Claro que, em

contrapartida, nenhum buraco a dez metros de distância ficou sem ser farejado.

Mas caçar perseguindo um rastro no matagal, em velocidade, podendo durar muito bem desde o início da manhã até as três da tarde, isso não! O cachorro do peão encontrou uma pista muito longe, que em seguida perdeu. Uma hora mais tarde, ele voltava ao seu amo e todos regressaram juntos à casa.

A tentativa, ainda que não conclusiva, desencorajou Cooper. Mas ele logo se esqueceu de tudo isso, enquanto o fox-terrier continuava a caçar ratazanas, algum lagarto ou raposa nas tocas, além das lagartixas.

Entretanto, os dias se seguiram uns aos outros, ofuscantes, carregados, com o vento norte teimando, dobrando os vegetais em feitio de penduricalhos lisos, sob o céu branco do tórrido meio-dia. O termômetro se mantinha entre os 38 e os 40 graus, sem a mais remota esperança de chuva. Por quatro dias, o tempo ficou carregado, com um ar abafado, asfixiante e o calor aumentou. E quando por fim se perdeu a esperança de que o Sul revidaria todo o vento abrasador recebido do Norte durante um mês inteiro com torrentes de água, todos se resignaram a uma seca desastrosa.

O fox-terrier, desde então, viveu sentado sob a sua laranjeira, porque quando o calor vai além de um limite

razoável, os cães não respiram bem quando deitados. Com a língua de fora e os olhos entreabertos, ele assistiu à morte progressiva de todos os brotos primaveris. A horta foi logo perdida. O milharal mudou do verde-claro para uma brancura amarelada e, no final de novembro, só restavam coluninhas truncadas contra a negrura sombria da roça. A mandioca, a única intrépida, resistia bem.

O poço do fox-terrier, uma vez esgotada a nascente, perdia, dia após dia, a sua água esverdeada — e já estava tão quente que Yaguaí não ia até lá a não ser de manhã, se bem que agora encontrava rastros de preás, cutias e furões que a seca da mata compelia até ele.

De volta do banho, o cachorro se sentava novamente, observando o vento aumentar pouco a pouco, enquanto o termômetro, que tinha baixado a 15 graus ao amanhecer, atingia os 41 graus às duas da tarde. A secura do ar levava o fox-terrier a tomar água a cada meia hora, tendo de lutar com as vespas e abelhas que invadiam os baldes, mortas de sede. As galinhas, com as asas arrastando no chão, arquejavam estendidas sob a tríplice sombra das bananeiras, do caramanchão e da trepadeira de flor vermelha, sem ousarem pisar na areia ardente sob um sol que matava as formigas amarelas na hora.

Ao redor, tudo o que os olhos do fox-terrier — tonto pelo calor — abrangiam, tremulava, fossem as rochas ferrosas,

o pedregulho vulcânico, o mato em si. No Oeste, no fundo do vale arborizado, afundado na depressão da serra dupla, estendia-se o Paraná com suas águas prateadas, morto a essa hora, esperando o cair da noite para renascer. Então a atmosfera, levemente esfumaçada até aquele horário, se revelava no horizonte com um vapor denso, atrás do qual o sol, pondo-se sobre o rio, se sustentava, asfixiado, em um perfeito círculo de sangue. Enquanto o vento parava completamente, Yaguai, exposto ao ar ainda causticante, arrastava sobre o platô a sua minúscula mancha branca, e as palmeiras, recortadas e imóveis sobre o rio salpicado de rubis, infundiam à paisagem uma sensação de um oásis luxuoso e sombrio.

Os dias eram sempre iguais. O poço do fox-terrier secou, e as asperezas de vida, que até então se esquivavam do Yaguai, começaram para ele nessa mesma tarde.

Há algum tempo, o cachorrinho branco tinha sido muito solicitado por um amigo de Cooper, um homem da selva que perdia muito tempo nas matas atrás dos porcos-bravos. Ele tinha três cães magníficos para esse tipo de caça, embora fossem muito inclinados a rastrear quatis — que além de constituírem um desperdício de tempo para o caçador, constituía, também, a possibilidade de uma tragédia, pois a dentada de um quati sistematicamente degola o cão que não sabe como pegá-lo.

Fragoso, tendo visto um dia o trabalho do fox-terrier em um caso com uma irara, a qual Yaguaí fez com que ficasse definitivamente imóvel, deduziu que um cachorrinho que tinha esse talento especial para morder justo entre o trapézio das escápulas e o pescoço não era um cachorro qualquer, por mais curto que fosse o rabo.

Por isso, insistiu várias vezes para que Cooper lhe emprestasse o Yaguaí.

— Eu vou treiná-lo muito bem para o senhor, patrão — dizia.

— Tem tempo — respondia Cooper.

Mas naqueles dias avassaladores, e com a visita de Fragoso evocando-os na memória, Cooper lhe entregou seu cachorro para que o ensinasse a correr.

Ele correu, sem dúvida, muito mais do que o próprio Cooper teria desejado.

Fragoso morava na margem esquerda do riacho Yabebirí e, em outubro, plantara um mandiocal, que ainda não tinha dado nada, e meio hectare de milho e de feijão, que estava totalmente perdido. Estes últimos cultivos, importantes para o caçador, tinham muito pouca valia para Yaguaí e, muito pelo contrário, subvertia sua nova alimentação. Ele, que na casa de Cooper, só balançava o rabo diante da mandioca cozida para não ofender seu amo e senhor, cheirava

o *locro*<sup>13</sup> em três ou quatro lados para não romper de todo as relações com a cozinheira, conheceu, então, a angústia dos olhos brilhantes e fixos no amo que come, e terminava por lambe o prato que seus três companheiros já haviam limpado e ficando ansiosamente à espera de um punhado de milho escaldado, dado a ele todos os dias.

Os três cachorros saíram à noite para caçar sozinhos — tática, esta, que fazia parte do sistema educacional do caçador. Mas a fome, que naturalmente impelia os cães à mata para rastrear algum bicho para comer, paralisava o fox-terrier na roça, o único lugar no mundo onde ele poderia encontrar comida. Os cães que não devoram a caça serão sempre maus caçadores; e Yaguaí pertencia justamente a raça na qual caçar, desde a sua criação, era mero esporte.

Fragoso tentou ensinar alguma coisa ao fox-terrier. Mas sendo Yaguaí muito mais prejudicial do que útil para o trabalho executado por seus três cães, foi deixado para trás, na roça, à espera de melhores tempos para a aprendizagem.

---

13 É um guisado de origem pré-colombiana, baseado em vegetais e cozido em fogo baixo durante muitas horas, o qual é preparado basicamente com abóbora, milho e feijão, variável segundo a região. No nordeste argentino e no Paraguai, é preparado com mandioca.

Enquanto isso, a mandioca do ano anterior estava começando a dar, e as últimas espigas de milho rolaram pelo solo, brancas e sem nem um grão. A fome, já dura para os três cães acostumados com ela desde que nasceram, corroía as entranhas de Yaguái. Naquela nova vida, ele tinha adquirido, com uma incrível rapidez, o aspecto humilhado, servil e traiçoeiro dos cachorros nativos. Aprendeu a rondar à noite as chácaras vizinhas, avançando com cautela, com as patas flexionadas e ágeis, enfiando-se devagar debaixo do mato de touceiras de capim ao mínimo ruído hostil. Por mais fúria ou medo que tivesse, aprendeu a não latir e a rosnar de uma maneira particularmente silente quando um cusco, ou seja, um cachorro de uma chácara defendia a propriedade contra a pilhagem. Aprendeu a visitar os galinheiros, a separar com o focinho dois pratos empilhados e a carregar na boca uma lata de gordura, para então esvaziá-la na impunidade do brejo. Conheceu o gosto das tiras de couro cru enebadas, dos tamancos revestidos com gordura, da fuligem grudada em uma panela e, vez ou outra, do mel coletado e guardado em um toco de taquara.

Adquiriu a prudência necessária para se afastar da estrada quando vinha um passante, seguindo-o com os olhos, agachado entre os tufos de pasto. E, no final de janeiro, com o olhar aceso, das orelhas em pé e do rabo levantado e

provocador do fox-terrier, já não restava nada além de um esqueleto sarmento com as orelhas viradas para trás e o rabo arriado e traiçoeiro, que trotava furtivamente pelas estradas.

A seca prosseguia. O monte foi sendo gradualmente desertado, à medida que os animais se concentravam nos fios de água que haviam sido grandes riachos. Os três cachorros tentavam, com resultados medíocres, diminuir à força a distância que os separava do bebedouro dos animais selvagens, pois sendo também frequentado pelas onças-pintadas, a caça menor ficava desconfiada. Fragoso, preocupado com a roça arruinada e desgostoso com o proprietário de sua terra, não tinha vontade de caçar, nem mesmo enquanto passava fome. A situação estava a ponto de ficar muito crítica, quando uma circunstância fortuita trouxe um pouco de encorajamento para a lamentável matilha.

Fragoso teve de ir até San Ignacio, e os quatro cachorros, que foram com ele, tiveram, em seus focinhos dilatados, uma sensação de frescura vegetal — muito vaga, talvez, mas que revelava um pouco de vida naquele inferno de calor e secura. De fato, a região tinha sido menos assolada, justamente porque alguns milharais, embora miseráveis, se mantinham de pé.

Não comeram nada naquele dia. Porém, ao regressar ofegantes atrás do cavalo, os cachorros não se esqueceram

daquela sensação de frescor e, na noite seguinte, saíram juntos em um mudo trote na direção de San Ignacio. Na beira do Yabebirí, eles pararam para cheirar a água, levantando os focinhos trêmulos na direção da outra margem. A lua despontava com sua luz amarelada do minguante. Os cachorros avançaram cautelosamente, atravessando o rio sobre as pedras à flor da água, saltando aqui, nadando acolá, em uma passagem que, com o nível da água normal, não era mais profundo do que três metros.

Quase sem se sacudir, eles retomaram o trote silencioso e tenaz na direção do milharal mais próximo. Ali o fox-terrier viu como seus companheiros quebravam as hastes com os dentes, devorando as espigas de milho até o sabugo com mordidas secas. Ele fez o mesmo. Durante uma hora, na roça negra de árvores queimadas que a fúnebre luz da lua minguante tornava ainda mais espectral, os cachorros se mudaram daqui para lá entre os caules, rosnando uns para os outros.

Voltaram mais três vezes, até que na última noite um estampido próximo demais os colocou em guarda. Mas essa aventura coincidiu com a mudança de Fragoso para San Ignacio, então os cachorros não lamentaram muito.

\*\*\*

Fragoso tinha finalmente conseguido se mudar para lá, na parte dos fundos da colônia. O mato, tecido de taquaris, anunciava uma terra excelente. E aquelas imensas touceiras de brotos de bambu, quando cortadas com o facão e estendidas no solo, deviam adubar roçados magníficos.

Quando Fragoso se instalou, os taquaris começaram a secar. Contando com alguma chuva milagrosa, ele roçou e queimou prontamente um quarto de hectare. De fato, o tempo fechou, o céu branco se tornou cor de chumbo e, nas horas mais quentes, evidenciavam-se no horizonte os lívidos contornos dos cúmulos. O termômetro a 39 graus e o vento norte soprando com fúria finalmente trouxeram doze milímetros de água que Fragoso, muito contente, usou em seu milho. Ele o viu nascer, ele o viu crescer magnificamente até cinco centímetros, mas nada além disso.

Sob a cama de taquari e alimentando-se de seus brotos, vivia de uma infinidade de roedores. Mas quando ele seca, seus hóspedes debandam e a fome os leva forçosamente às plantações. Por conseguinte, os três cachorros de Fragoso, ao sair uma noite dessas, voltaram imediatamente esfregando os focinhos mordidos. Nessa mesma noite, Fragoso matou quatro ratos que assaltavam sua lata de gordura.

Yaguaí não estava ali. Mas, na noite seguinte, ele e seus companheiros entraram no matagal — embora o fox-terrier

não seguisse atrás de rastro nenhum, sabia perfeitamente bem como trazer à tona os tatus e encontrar ninhos de urus —, quando este se surpreendeu com a volta que seus companheiros deram para não atravessar a roça. Não obstante, Yaguaí avançou pela roça e, um momento depois, foi mordido nas patas, enquanto sombras rápidas corriam por toda parte.

Yaguaí viu o que era e, instantaneamente, no meio da barbárie da floresta tropical e da miséria, ressurgiram os olhos brilhantes, o rabo levantado e rígido e a atitude batalhadora do admirável cão inglês. Fome, humilhação, vícios adquiridos, tudo foi apagado em um segundo diante dos ratos-de-taquara que apareciam por todos os lados. E, quando voltou, por fim, a se deitar, ensanguentado e morto de cansaço, teve de se atirar atrás dos ratos famintos que literalmente invadiam a roça.

Fragoso ficou encantado com aquela energia súbita de nervos e músculos de que ele já não se recordava e voltou à sua mente a lembrança da antiga luta com a irara. Era a mesma mordida no trapézio do pescoço: um golpe seco da mandíbula, e aí vamos para outro rato.

Ele também entendeu de onde provinha essa invasão nefasta e, com uma longa série de juramentos em voz alta, deu seu milharal como perdido. O que Yaguaí poderia fazer sozinho? Ele foi para o roçado acariciando o fox-terrier e

assobiou chamando seus cachorros. Mas mal os rastreadores de onças sentiram os dentes dos ratos nos focinhos, guincharam, esfregando-os com as duas patas. Fragoso e Yaguai ganharam o dia sozinhos; se o primeiro terminou com um pulso dolorido, o segundo, ao respirar, botava para fora borbulhas sanguinolentas pelo focinho.

Em doze dias, apesar do quanto Fragoso e o fox-terrier fizeram para tentar salvá-la, a roça foi perdida. Os ratos-de-taquaral, assim como as martinetas, sabem muito bem como desenterrar o grão que ainda está aderido ao broto. O tempo, mais uma vez escaldante, não permitia nem sombra de novas plantações. Fragoso se viu forçado a ir para San Ignacio em busca de trabalho e, ao mesmo tempo, devolver o cachorro a Cooper, pois ele não podia mais entretê-lo, nem um pouquinho. Ele fez isso com verdadeira tristeza, pois as últimas aventuras, colocando o fox-terrier em seu verdadeiro cenário de caça, tinham aumentado muitíssimo a estima do caçador pelo cãozinho branco.

No caminho, o fox-terrier escutou, ao longe, o estrépito da correria nos charcos do Yabebirí queimando com a seca. Viu, nos limites da mata, as vacas que, suportando a nuvem de mutucas, dobravam os catiguás com o peito, avançando com seus dorsos arqueados, até alcançarem as folhas. Viu o mesmo matagal subtropical secando no terreno rochoso

e, acima do horizonte enevoadado das tardes de 38 graus, 40 graus, viu novamente o sol caindo, asfixiado, em um círculo vermelho e opaco.

Meia hora depois, chegaram a San Ignacio, mas, já estando tarde para ir à casa de Cooper, Fragoso adiou sua visita para a manhã seguinte.

Os três cachorros, embora mortos de fome, não se aventuraram muito a perambular pelo território desconhecido, bem ao contrário de Yaguái, cuja memória bruscamente despertada das corridas na frente do cavalo de Cooper o levaram em linha reta à casa de seu dono.

\*\*\*

As circunstâncias anormais pelas quais a região passava, com essa seca de quatro meses — e temos que saber o que isso significa em Misiones — fizeram com que os cachorros dos peões, já famintos em tempos de abundância, levassem as suas pilhagens noturnas a um grau intolerável. Cooper estivera submetido à circunstância de perder três galinhas, levadas pelos cachorros para o matagal em plena luz do dia. E se lembrando de que a astúcia dos colonos preguiçosos faz com que cheguem a ensinar aos filhotes essa artimanha para ambos tirarem proveito das presas, é compreensível

que Cooper tivesse perdido a paciência, terminando por irremediavelmente descarregar a espingarda contra todos os ladrões notívagos.

Embora ele usasse apenas uma espingarda de chumbinho, a lição era dura do mesmo jeito.

Então, uma noite, na hora em que ia para a cama, seu ouvido alerta percebeu o ruído de garras inimigas tentando arrombar a grade de arame.

Com um gesto de aborrecimento, pegou a espingarda pendurada e, saindo, viu uma mancha branca avançando no pátio. Ele rapidamente fez fogo e, com os uivos pungentes do animal que rastejava sobre as patas traseiras, teve um sobressalto fugaz que não podia explicar e que se dissipou em seguida. Foi até o local, mas tendo o cachorro já desaparecido, ele entrou novamente.

— O que era, papai? —perguntou sua filha, da cama.

— Um cachorro?

— Sim, era. — Cooper respondeu, enquanto pendurava a espingarda. — Atirei um pouco perto demais...

— Um cachorro grande, papai?

— Não, pequeno.

Passou-se um momento.

— Coitado do Yaguaí! — Julia continuou. — Como será que ele está?!

De repente, Cooper se lembrou da má impressão que teve quando ouviu o cachorro uivar: tinha alguma coisa do seu Yaguái. Mas pensando também o quanto essa probabilidade fosse remota, adormeceu.

Foi na manhã seguinte muito cedo, quando Cooper, seguindo o rastro de sangue, encontrou o Yaguái na borda do poço do bananal, morto.

De mau humor, voltou para casa, e a primeira pergunta de Julia foi sobre o cachorrinho.

— Ele morreu, papai?

— Morreu, lá no poço... é o Yaguái.

Ele pegou a pá e, seguido pelos dois filhos desolados, foi para o poço. Julia, depois de olhar, imóvel, por um momento, se aproximou devagarinho, soluçando junto das calças de Cooper.

— O que você fez, papai?

— Eu não sabia, minha pequena... Fique longe por um momento.

Enterrou o seu cachorro no bananal, pisoteou a terra em cima e, profundamente desgostoso, voltou de mãos dadas com suas duas crianças, que choravam baixinho para que o pai não escutasse.

# OS PESCADORES DE TORAS

**O** gatilho foi determinada mobília para a sala de jantar que Mister Hall ainda não tinha, e seu fonógrafo foi o que serviu de isca.

Candiyú o viu nas instalações temporárias do escritório da Yerba Company, lugar em que Mister Hall estava manejando seu fonógrafo com a porta aberta.

Candiyú, como bom indígena, não expressou nenhuma surpresa, contentando-se em parar seu cavalo um pouco enviesado em frente ao foco de luz e olhar para o outro lado. Mas como os ingleses, ao cair da noite, em camisa com mangas dobradas por causa do calor e com uma garrafa de uísque ao alcance da mão são cem vezes mais circunspectos do que qualquer mestiço, Mister Hall não levantou os olhos do disco. Com o que Candiyú, derrotado e conquistado, acabou levando seu cavalo até a porta, em cujo umbral apoiou o cotovelo.

— Boa noite, patrão. Linda música!

— Sim, linda — respondeu Mister Hall.

— Linda! — o outro repetiu. — Quanto barulho!

— Sim, muito barulho — concordou Mister Hall, que achou as observações de seu visitante não desprovidas de profundidade.

Candiyú admirava os novos discos:

— Custou muito caro ao senhor, patrão?

— Custar... o quê?

— Esse falatório... Os moços que estão cantando.

O olhar turvo, inexpressivo e insistente de Mister Hall se iluminou. O contabilista saía à tona:

— Ah, custar muito...! O senhor quer comprar?

— Se o senhor quiseres me vender... — respondeu pura e simplesmente Candiyú, convencido da impossibilidade de tal compra.

Mas Mister Hall continuava a olhar para ele fixamente, enquanto o disco saltava do prato em virtude das engrenagens metálicas.

— Eu vender barato para o senhor... cinquenta pesos!

Candiyú balançou a cabeça, sorrindo ora para o aparelho, ora para o seu operador.

— Muito dinheiro! Não tenho.

— O senhor tem quanto, então?

O homem sorriu novamente, sem responder.

— Onde o senhor mora? — continuou Mister Hall, evidentemente determinado a se desfazer de seu gramofone.

— No porto.

— Ah! Eu sei quem é o senhor... O senhor chama Candiýú?

— Isso mesmo.

— E pesca toras?

— De vez em quando, alguma torinha sem dono...

— Vendo por toras! Três dúzias de tábuas. Eu mandar carroça. Convém?

Candiýú dava risada.

— Agora não tenho. E esse... maquinário, tem muita delicadeza?

—Não. Botão aqui e botão aqui... eu ensino. Quando tem madeira?

—Alguma cheia... agora deve vir uma. E que madeira queres o senhor?

— Pau-rosa. Convém?

— Hum...! Não desce essa madeira quase nunca... com uma grande cheia, somente. Linda madeira! Gostas de madeira boa, o senhor.

— E o senhor leva bom gramofone. Convém?

A negociação continuou ao som das cantorias britânicas, o indígena esquivando-se do caminho mais curto e o contador encurralando-o no pequeno círculo da coisa dada como certa. No fundo, dando um desconto para o calor e

para o whisky, o cidadão inglês não estava fazendo um mau negócio, trocando um gramofone sem-vergonha por várias dúzias de tábuas bonitas, enquanto o pescador de toras, por sua vez, concedia alguns dias do seu trabalho cotidiano como pagamento por uma maquininha prodigiosamente barulhenta.

E assim o negócio foi fechado sem um prazo determinado.

Candiyú vive na beira do Paraná há trinta anos, e se seu fígado ainda é capaz de aguentar alguma coisa depois do último ataque de febre de dezembro do ano passado, ele deve ainda sobreviver por mais alguns meses. Hoje em dia, passa os dias sentado em uma cama de ripas com o chapéu posto. Somente as mãos — umas patas com veios verdes que se penduram dos pulsos, imensas, como que projetadas em primeiro plano em uma fotografia — se movem monotona-mente sem cessar, tremendo como um papagaio depenado.

Mas, naqueles tempos, Candiyú era outra coisa. Tinha, então, como ofício honrado, a responsabilidade por um bananal alheio e outro um pouco menos lícito, o de pescar toras. Normalmente, e sobretudo na época das cheias, afluem toras que escapam dos obrages, seja porque se soltam de uma jangada em formação, ou porque um peão gozador corta com uma machadada a corda que as retém. Candiyú possuía uma

luneta telescópica e passava as manhãs apontando-a para a água até que a linha esbranquiçada de uma tora, que se destacava contra o horizonte sinuoso e verdejante, o lançava em sua chalana<sup>14</sup> ao encontro da presa. Se a tora for avistada a tempo, a tarefa não é extraordinária, porque o remo de um homem de coragem, reclinado, alando<sup>15</sup> um pedaço de dez por quarenta, equivale a qualquer rebocador.

\* \* \*

Lá no obrage de Castelhum, mais para cima de Puerto Felicidad, após setenta e cinco dias de absoluta seca que não deixou nenhuma janta<sup>16</sup> inteira nas alçaprimas, as chuvas tinham começado. O labor a ser feito no obrage consistia, nesse momento, de sete mil toras — uma bela fortuna. Mas as duas toneladas de uma tora, enquanto não estiverem no

---

14 Pequena embarcação fluvial de fundo chato, lados retos e proa e popa salientes, normalmente com cabine, própria para o transporte de mercadorias em águas de pouca profundidade. Uma espécie de barca.

15 “Alar” ou “sirgar” é a ação de puxar um barco ao longo da margem de rios ou canais por meio de corda ou cabo, denominado sirga.

16 Aro de metal que protege a parte externa de uma roda de carroça para que não se desgaste ou rache com a fricção contra o solo rochoso.

porto, não valem dois tostões furados,<sup>17</sup> os da Castelhum Cia. Ltda. estavam bem longe de estarem contentes.

De Buenos Aires, chegaram ordens de mobilização imediata. O encarregado do obrage solicitou mulas e alçaprimas. A resposta foi que, com o dinheiro do carregamento da primeira jangada recebida, seriam enviadas as mulas. Mas o encarregado replicou que, após a remessa antecipada das mulas, a primeira jangada seria expedida a eles.

Não havia maneira de se entenderem. Castelhum subiu até o obrage, situado ao norte sobre a ribanceira do arroio Ñacanguazú, e viu o estoque de madeira do acampamento.

— Quanto? — perguntou Castelhum ao seu encarregado.

— Trinta e cinco mil pesos — ele respondeu.

Era o necessário para trasladar as toras até o rio Paraná, isso sem contar a temporada não propícia.

Sob a chuva que unia em uma só cortina de água a sua capa de borracha e seu cavalo, Castelhum considerou, por um bom tempo, o arroio em turbilhão. Em seguida, apontando para a torrente com um movimento do capuz, questionou ao companheiro:

---

17 No original, *escrúpulos*. Antiga medida de peso utilizada nas farmácias e equivalente a 24 *granos*, ou seja, 1.190 mg. O significado do termo remete à pedrinha pontiaguda que incomoda dentro do sapato.

— As águas chegarão a cobrir o salto?

— Se chover bastante, sim.

— Todos os seus homens permanecem no obrage?

— Até esse momento, sim. Eu estava esperando pelas suas ordens.

— Bom — disse Castelhum —, acho que vamos nos sair bem. Mister Fernandez, ainda essa tarde, reforce a maroma<sup>18</sup> na barra<sup>19</sup> e comece a juntar todas as toras aqui na ribanceira. Segundo o que me disse, o arroio está limpo. Amanhã de manhã, vou descer até Posadas. A partir de então, com o primeiro temporal que cair, jogue os troncos no arroio. Entendeu? Uma boa chuva.

O encarregado olhou para ele, esbugalhando os olhos o máximo que conseguia.

— A maroma vai ceder antes de chegarmos a cem toras.

---

18 Amarra, cordame. Corda grossa ou cabo para amarração. Nesse caso em específico, refere-se a um cercado flutuante com as extremidades fixadas na margem do rio — feito com uma fila de toretes amarrados pelas extremidades um do outro — para conter as toras, impedindo que elas flutuem à deriva rio abaixo com a corrente.

19 Grande depósito de areia acumulado pela ação do mar ou dos rios. Espaço que segue a curvatura de um rio, lago ou mar, formando um pequeno porto para paragem de embarcações; pequena baía; angra, enseada.

— Eu sei, não faz mal. E isso nos custará muitos milhões. Vamos voltar. Tornaremos a falar sobre isso com mais calma.

Fernandez deu de ombros e assobiou aos capatazes.

No resto do dia, sem chuva, mas abafado e úmido, os peões estenderam a cadeia de toretes de uma margem à outra na barra do arroio. Então, no acampamento, começou o tombamento das toras. Castelhum foi para Posadas enfrentar a enchente, que se estendia por quase quinze quilômetros e na qual o nível das águas, desde Guáira, tinha subido sete metros na noite anterior.

Depois de uma grande seca, fortes chuvas. Ao meio-dia, começou o dilúvio; e, por cinquenta e duas horas consecutivas, trovejou e choveu a cântaros. Transformado em uma torrente, o arroio se tornou uma ruidosa avalanche de água barrenta. Os peões, ensopados até os ossos, com a magreza sobressaída pelas roupas coladas ao corpo, precipitavam as toras barranco abaixo. Cada esforço arrancava um grito uníssono de incentivo e, quando a tora monstruosa despencava dando solavancos e mergulhava na água, todos os peões lançavam ao ar o seu “vai, filha da mãe!” de triunfo. E, então, seguiam-se esforços desperdiçados na lama líquida, o impulso com as alavancas, os tombos de costas sob a chuva torrencial. E a febre.

De repente, enfim, o aguaceiro cessou. No súbito silêncio envolvente, dava para escutar ainda o trovejar da

chuva nas matas próximas. Mais taciturno e mais profundo, o estrondo do Ñacanguazú. Algumas gotas esparsas e leves ainda caíam do céu extenuado. Mas o tempo continuou carregado, sem a mais ligeira brisa. Respirava-se água e, mal terminado o descanso de um par de horas tomado pelos peões, a chuva recomeçou — a chuva a prumo, sólida e branca das enchentes. O trabalhourgia — os salários tinham subido muitíssimo — e, à medida em que a tempestade persistia, os peões continuaram a gritar, a cair e a despencar debaixo da água fria.

Na barra do Ñacanguazú, a barreira flutuante conteve as primeiras toras que chegaram e resistiu, arqueada e gemendo, ainda a muitas mais, até que, com o empuxo inexpugnável das toras que chegavam como catapultas contra a maroma, o cabo cedeu.

\*\*\*

Candiyú observava o rio com sua luneta, considerando que a cheia atual, que ali em San Ignacio subira mais dois metros no dia anterior — inclusive, carregando consigo sua chalana —, seria uma inundação fenomenal um pouco além de Posadas. Os troncos tinham começado a descer, mas todos eles, a julgar por sua alta flutuação, eram de cedro ou

coisa ligeiramente inferior, e o pescador, prudentemente, poupava suas forças.

Naquela noite, a água subiu mais um metro e, na tarde seguinte, Candiyú ficou surpreso ao avistar na outra extremidade da luneta um bloco, uma verdadeira jangada de toras soltas que faziam a curva do Itacurubí. Madeira de lombada esbranquiçada e perfeitamente seca. Esse era o lugar certo. Saltou sobre sua guabiroba e vareou<sup>20</sup> ao encontro da caça.

Pois bem, em uma cheia do Alto Paraná, deparou-se com muitas coisas antes de alcançar a tora escolhida. Árvores inteiras, naturalmente, arrancadas da terra, com as raízes pretas à mostra, como tinta de polvo. Vacas e mulas mortas, na companhia de um bom lote de animais selvagens afogados, baleados ou com uma flecha ainda enfiada no ventre. Altos cones de formigas ajuntadas sobre uma grande raiz. Alguma onça, talvez. Camalotes<sup>21</sup> e espuma, à vontade, sem contar as cobras, é claro.

Candiyú se esquivou, derivou, tropeçou e entornou muitas vezes mais do que o necessário para alcançar a sua

---

20 No original, *palear*. Varear significa governar um barco com a ajuda de um pau ou uma vara de madeira que toca o solo do fundo do rio e, às vezes, toma o lugar do remo.

21 Ilha flutuante formada de igarapés e outras plantas entrelaçadas. Ervaçal.

presa. Por fim, conseguiu apanhá-la. Com uma machadada, deixou em carne-viva o veio sanguíneo do pau-rosa e, deitado sobre a tora, pôde derivar com ela em diagonal por um bom trecho. Mas ramos e árvores passavam por ele sem cessar, levando-o a reboque. Mudou de tática. Amarrou a sua presa e deu início, então, à luta muda e implacável, silenciosamente entregando a alma em cada varada.

Uma tora, flutuando em uma grande enxurrada, tem impulso suficientemente grande para que três homens hesitem antes de ousarem enfrentá-la. Mas Candiyú reunia em si um grande alento — trinta anos de pirataria no rio, baixo ou alto —, desejando, além do mais, possuir um gramofone.

A noite negra fez com que se deparasse com incidentes sem fim. O rio, já quase completamente negro, estava correndo com muita velocidade, escorregadio como óleo. Sombras espessas passavam e passavam por ambos os lados. Um homem afogado trombou com a guabiroba. Candiyú se inclinou e viu que sua garganta estava aberta. A seguir, visitantes incômodos, cobras prontas para dar o bote, as mesmas que, nas inundações, trepam nas rodas dos barcos a vapor e alcançam as cabines.

O trabalho hercúleo prosseguia, a pá tremia embaixo d'água, mas, apesar de tudo, era arrastado. Por fim, ele se rendeu. Fechou mais o ângulo de aproximação e juntou as

últimas forças para alcançar a várzea do canal, que passava rente aos penhascos da colina Teyucuaré.<sup>22</sup> Durante dez minutos, o pescador de toras, com os tendões do pescoço enrijecidos e o peitoral feito de pedra, fez o que ninguém jamais voltará a fazer para sair do canal em uma enchente e com uma tora a reboque. A guabiroba, por fim, se espatifou contra as pedras e virou justamente quando Candiuyú, ainda tendo forças suficientes e nada mais, segurou a corda e caiu estatelado.

Somente um mês mais tarde foi que Mister Hall teve suas três dúzias de tábuas e, vinte segundos depois — nem um minuto a mais, nem um minuto a menos —, entregou a Candiuyú o gramofone, com vinte discos incluídos.

A empresa Castelhum e Cia. Ltda., apesar da frotilha<sup>23</sup> de barcos a vapor que lançou no encalço das toras — e isto, durante muito mais do que trinta dias —, ainda perdeu muitas outras. E se alguma vez Castelhum for até San Ignacio visitar Mister Hall, vai admirar sinceramente o mobiliário do mencionado contador, todo feito de pau rosa.

---

22 Hoje denominado Teyú Cuaré, parque nacional.

23 Reunião de pequenas embarcações. Esquadilha.

## O MEL SILVESTRE

**T**enho dois primos em Salto Oriental, hoje já adultos, e lhes ocorreu, quando tinham lá pelos seus doze anos de idade e inspirados pela leitura profunda de Jules Verne, a deliciosa empreitada de deixar sua casa e ir viver no monte, que fica a uns nove quilômetros da cidade. Lá viveriam da caça e da pesca, de maneira primitiva. Acontece que os dois garotos não se lembraram particularmente de levar espingardas e nem anzóis. Mas o bosque estava lá de qualquer maneira, a liberdade era como uma fonte de alegria, e os perigos como um encanto.

No segundo dia, lamentavelmente, foram encontrados por aqueles que os procuravam. Com tudo isso, estavam bastante atordoados, bem fracos e, para grande espanto de seus irmãos mais novos — também já iniciados em Jules Verne —, ainda sabiam como andar sobre dois pés e se lembravam de como falar.

No entanto, talvez a aventura dos dois crusoés<sup>24</sup> fosse mais séria se tivessem tido como cenário outro bosque menos domingueiro. Aqui em Misiones, essas escapulidas atingem limites imprevistos; e o orgulho de suas botas para trilha importadas arrastou Gabriel Benincasa a tal extremo.

Benincasa, tendo completado seus estudos de contabilidade pública, sentiu um desejo fulminante de conhecer a vida na selva. Não que seu temperamento fosse esse, pelo contrário, pois era um rapaz pacífico, gorducho e com uma cara uniformemente ruborizada por causa de seu notável bem-estar e, em consequência, sensato o bastante para preferir um chá com leite e docinhos a quem sabe lá qual alimento fortuito e infernal da floresta. Mas, assim como o celibatário que sempre foi ajuizado acredita em seu dever, na véspera de seu casamento, ao dizer adeus à vida livre de solteiro com uma noite de orgia na companhia dos amigos, Benincasa também quis honrar a sua vida fluida com duas ou três sacudidas de vida intensa. E, por isso, subiu o Paraná até um obrage com suas famosas botas para trilha importadas.

---

24 *A escola de Robinsons* (no original, *L'école des Robinsons*) é um romance de Jules Verne publicado em 1882. Trata-se de uma espécie de tributo ao livro *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe.

Logo que saiu de Corrientes, calçou suas resistentes botas, pois os jacarés nas margens já esquentavam a paisagem. Porém, apesar disso, o contador público cuidava muito do seu calçado, evitando que sofresse riscos e que tivesse contato com a sujeira.

Assim, ele chegou ao obrage de seu padrinho, e, na mesma hora, este teve que conter a soltura de seu afilhado.

— Aonde você está indo a essa hora? — ele perguntou, surpreso.

— Para o matagal. Quero percorrê-lo um pouco — foi como respondeu Benincasa, que tinha acabado de pendurar a Winchester no ombro.

— Mas, infeliz, não vai conseguir dar nem um passo! Caso insista, siga pela picada. Ou, melhor ainda: largue essa arma, amanhã eu faço com que um peão lhe acompanhe.

Benincasa desistiu. Não obstante, foi até os limites da mata e parou. Tentou, de leve, dar um passo para dentro e ficou imóvel. Pôs as mãos nos bolsos e olhou detidamente para aquele emaranhado inextricável, pronunciando algumas sílabas sussurradas e entrecortadas. Depois de olhar novamente a floresta ao redor, voltou bem desapontado.

No dia seguinte, porém, percorreu a picada central por uns quatro quilômetros e, embora sua espingarda tenha permanecido profundamente adormecida, Benincasa

não se arrependeu do passeio. As feras chegariam pouco a pouco.

E chegaram mesmo, na segunda noite, embora tivessem um caráter singular. Ele dormia profundamente, quando foi despertado por seu padrinho.

— Ei, dorminhoco, acorde, ou elas vão comer você vivo!

Benincasa se sentou abruptamente na cama, alucinado pela luz dos três lampiões que se mexiam de um lado para o outro no quarto. O padrinho e dois peões jogavam água no chão.

— O que foi, o que foi? — perguntou, tropeçando no chão.

— Nada... Cuidado com os pés. É a correição.

Benincasa já tinha tomado conhecimento acerca das curiosas formigas chamadas de correição.<sup>25</sup> São pequenas, pretas e brilhantes, marcham velozes formando rios mais largos ou menos largos. São essencialmente carnívoras. Avançam devorando tudo o que encontram pelo caminho: aranhas, grilos,

---

25 Formigas de correição, formiga-correição, tauoca, tanoca, taoca, sacassaia, saca-saia, morupeteca ou guaju-guaju são designações comuns a cerca de duzentas espécies de formigas carnívoras, notórias por organizarem expedições periódicas de milhares de indivíduos. Sendo nômades, não constroem colônias e têm um modo de vida de constante movimento. Sendo muito agressivas, são uma das ocorrências do gênero mais perigosas do mundo. O grupo inclui espécies de diferentes subfamílias e diferentes linhagens filogenéticas.

escorpiões, sapos, cobras e a tudo o mais que não consegue resistir a elas. Não há nenhum animal, por maior ou mais forte que seja, que não fuja delas. A invasão em uma casa significa o extermínio absoluto de todos os seres vivos, pois não existe um cantinho ou buraco profundo onde o rio devorador não se precipite. Os cães uivam, os bois mugem, é compulsório abandonar a casa para elas por vontade própria para não ser roído até os ossos em dez horas. Permanecem no lugar um, dois, até cinco dias, dependendo da abundância de insetos, de carne ou de gordura disponível. Quando devoram tudo, vão embora.

No entanto, elas não resistem à creolina ou a substâncias similares; e como no obrage tinha muita creolina disponível, livraram-se da correição em menos de uma hora.

Benincasa ficou observando de perto as placas lívidas das picaduras nos pés.

— De fato, picam muito forte —disse surpreso, levantando o olhar na direção do padrinho.

Este último, para quem essa observação não tinha nenhum valor, não respondeu e só externou seu contentamento consigo mesmo por ter contido a invasão a tempo.

Benincasa caiu no sono outra vez, embora sobressaltado com pesadelos tropicais durante a noite inteira.

No dia seguinte, ele foi para a mata, com um facão dessa vez, pois acabou entendendo que tal recurso seria muito mais

útil para ele no meio do mato do que a espingarda. Verdade seja dita: a sua empunhadura não era lá muito firme e a sua pontaria não tinha nada de maravilhosa. De todo modo, conseguia quebrar os ramos, açoitar o próprio rosto e cortar as suas botas, tudo ao mesmo tempo.

A selva crepuscular e silenciosa logo o cansou. Dava-lhe a impressão — aliás, bem exata — de um cenário a ser visto de dia. Da exuberante vida tropical, não restava nada mais do que um palco gélido: nenhum animal, nenhum pássaro, quase nenhum ruído. Benincasa já estava voltando quando um zumbido enfadonho chamou sua atenção. A uns dez metros, em um tronco oco, minúsculas abelhas circundavam a entrada do buraco. Aproximou-se com cautela e viu, no fundo da abertura, dez ou doze bolas escuras do tamanho de um ovo.

— Isso é mel — disse o contador público a si mesmo, com uma gula visceral. — Devem ser bolinhas de cera cheias de mel.

Mas entre ele, Benincasa, e as bolsinhas estavam as abelhas. Depois de um momento de desencanto, pensou no fogo: daria uma boa fumarada. Quis o destino que, enquanto o ladrão cautelosamente aproximava a folharada úmida, quatro ou cinco abelhas pousaram em sua mão, sem picá-lo. Em seguida, Benincasa pegou uma e, apertando seu

abdome, constatou que não tinha ferrão. Com essa abundância melífera, a água na boca aumentou. Animaizinhos maravilhosos e bons!

Em um instante, o contador desalojou as bolsinhas de cera e, afastando-se um bom tanto para escapar do contato pegajoso das abelhas, sentou-se sobre uma grande raiz. Das doze bolas, sete continham pólen, mas as restantes estavam cheias de mel, um mel escuro, de uma transparência sombria, que Benincasa saboreou com gulodice. Tinha um gosto singular. Do quê? O contador não conseguia identificar. Talvez a resina de uma planta frutífera ou de eucalipto. E, pela mesma razão, o mel denso deixava um sabor residual vago e áspero. Mas, por outro lado, que perfume!

Benincasa, uma vez que teve certeza de que apenas cinco bolsinhas eram úteis, deu início. Sua ideia era simples: manter o favo de mel suspenso, gotejando sobre sua boca. Mas como o mel era espesso, depois de ter ficado inutilmente meio minuto com a boca aberta, teve que ampliar o furo. Então o mel apareceu, afinando-se em um pesado fio, até a língua do contador.

Uma após a outra, as cinco favas foram esvaziadas na boca de Benincasa assim. Era inútil que ele prolongasse a suspensão e, mais ainda, que raspasse as esferas exauridas. Teve de se resignar.

Entretanto, a posição mantida com a cabeça levantada o deixara um pouco zozinho. Farto de mel, quieto e com os olhos bem abertos, Benincasa observou novamente a mata crepuscular. As árvores e o solo assumiam posturas um tanto oblíquas, e sua cabeça acompanhava o vaivém da paisagem.

— Que curiosa, esta tontura... — considerou o contador — e o pior é que...

Quando ele se levantou e tentou dar um passo, foi forçado a se deixar cair de volta sobre o tronco. Sentia o corpo pesado feito chumbo, especialmente as pernas, como se estivessem muitíssimo inchadas. Os pés e as mãos estavam formigando.

— É muito estranho, muito estranho, muito estranho! — Benincasa repetiu estupidamente, porém sem analisar a razão para essa esquisitice. — Como se tivessem formigas... a correção — concluiu.

De repente, espantado, sua respiração ficou entrecortada.

— Deve ser por causa do mel! É venenoso! Fui envenenado!

E com um segundo esforço para se levantar, o seu cabelo ficou em pé de terror. Nem assim tinha sido capaz de se mover. Agora, a sensação de chumbo e formigamento subiam até a cintura. Por um tempo, o horror de morrer

ali, miseravelmente sozinho, longe de sua mãe e de seus amigos, inibiu todos os seus meios de defesa.

— Vou morrer agora! Vou morrer daqui a pouco! Já não consigo mexer a mão...

Em pânico, ainda conseguiu constatar que não tinha febre nem dor de garganta, e o coração e os pulmões mantinham o ritmo normal. Sua angústia mudou de forma.

— Estou paralítico, é paralisia! E eles não me encontrarão...

Mas uma indefectível sonolência começava a tomar conta dele, deixando, porém, as suas faculdades intactas, enquanto a tontura acelerava. Dessa maneira, acreditou notar que o chão oscilante estava ficando preto e se agitava vertiginosamente. Mais uma vez, a memória trouxe à tona a lembrança da correição e, com uma angústia suprema, ficou com a ideia fixa de que fosse possível que aquilo preto que invadia o solo...

Ainda teve forças para afastar aquela última sensação de espanto e, de repente, lançou um grito, um verdadeiro alarido de voz de homem adulto que recupera a tonalidade da criança aterrorizada: um impetuoso rio de formigas negras escalava suas pernas. Ao seu redor, a correição devoradora escureceu o solo, e o contador sentiu sob as calças o rio de formigas carnívoras que subiam.

\*\*\*

Seu padrinho finalmente o encontrou dois dias depois, o esqueleto de Benincasa coberto pela roupa, sem a menor partícula de carne. A correição que ainda rondava o local e as bolsinhas de cera foram esclarecedoras o suficiente.

Não é comum que o mel silvestre tenha tais propriedades narcóticas ou paralisantes, mas acontece. Flores com igual caráter abundam nos trópicos, e o sabor do mel, na maioria dos casos, indica a sua condição — tal como o sabor residual de resina de eucalipto que Benincasa acreditou sentir.

# NOSSO PRIMEIRO CIGARRO

**N**enhuma época foi de maior alegria do que a que a nossa tia nos proporcionou, tanto para Maria quanto a mim, com sua morte. Tia Inés voltava de Buenos Aires, onde passou três meses. Naquela noite, quando estávamos indo para a cama, ouvimos Inés dizer à mamãe:

— É esquisito... As minhas sobrelhas estão inchadas.

A minha mãe examinou com cuidado as sobrelhas da titia e, depois de um tempinho, respondeu:

— Estão mesmo. Você não está sentindo nada?

— Nada... Sono.

No dia seguinte, lá pelas duas da tarde, notamos de repente uma grande movimentação em casa, com portas que abriam e não eram fechadas, conversas entrecortadas de exclamações e caras assustadas. Inés estava com varíola, de uma espécie hemorrágica que circulava em Buenos Aires.

É claro que minha irmã e eu estávamos entusiasmados com o drama. As crianças quase sempre têm a infelicidade de que coisas grandiosas não ocorram na sua casa. Dessa

vez, nossa tia — casualmente, a nossa tia — estava com varíola! Eu, menino feliz, já contava, com todo orgulho, com a amizade de um policial e com o convívio de um palhaço que saltara nas arquibancadas e se sentara ao meu lado. Mas agora o grande acontecimento estava ocorrendo em nossa própria casa. E quando contei isso ao primeiro menino que parou na porta da rua para olhar, já havia em meus olhos a vaidade com a qual uma criança de rigoroso luto passa pela primeira vez diante de seus vizinhos atônitos e invejosos.

Naquela mesma tarde, saímos de casa e nos instalamos no único lugar que pudemos achar em tão pouco tempo, uma antiga chácara que ficava por perto. Uma irmã da minha mãe, que tivera varíola na infância, ficou com Inés.

Nos primeiros dias, com toda certeza, minha mãe ficou brutalmente angustiada por seus filhos, que tinham beijado a virulenta. Mas nós, ao contrário, convertidos em crusoés ferozes, não tínhamos tempo para lembrar da nossa tia. Fazia tempo que a chácara estava adormecida em seu sossego sombrio e úmido. Laranjeiras esbranquiçadas pela diaspis,<sup>26</sup> pessegueiros com forquilhas rachadas, marmeleiros com aparência de vime, figueiras rastejantes por causa do

---

26 Parasita, da mesma família das cochonilhas, que dá tanto em árvores quanto em seus frutos, causando danos irreversíveis e até morte da planta.

abandono: tudo isso, junto da densa folharada que abafava os passos pelos caminhos, dava um forte sentimento de paraíso.

Não éramos exatamente Adão e Eva, mas sim heroicos crusoés arrastados ao nosso destino por uma grande desgraça familiar: a morte de nossa tia, que ocorreu quatro dias depois de nossa exploração ter começado.

Passamos o dia inteiro fuçando a chácara, ainda que as figueiras, com a folhagem muito espessa ao redor dos troncos, nos deixassem um pouco alvoroçados. O poço também suscitava as nossas inquietações geográficas. Era um antigo poço inacabado, cuja perfuração encontrara uma rocha a catorze metros de profundidade. O fundo agora desaparecera detrás das avencas e samambaias das paredes. No entanto, era preciso explorá-lo e, como uma força-tarefa, conseguimos levar uma pedra enorme até a borda. Como o poço ficava oculto por um bambuzal grosso e fechado, fizemos essa manobra sem que a mamãe soubesse. Entretanto, Maria, cuja inspiração poética sempre prevaleceu em nossas empreitadas, fez com que adiássemos o fenômeno até que uma grande chuva enchesse o poço, concedendo-nos uma realização artística, além de científica.

De tudo, o que mais atraía as nossas investidas diárias era o bambuzal. Levamos duas semanas inteiras para explorar como se deve aquele enredamento abundante

de colmos verdes, colmos secos, colmos verticais, colmos dobrados e quebrados, além dos que estavam semienterrados na terra. As folhas secas detidas durante a queda teciam o cerrado, que enchia o ar com poeira e folhinhas ao mínimo toque.

Eis que destrinchamos seus segredos. E sentado com a minha irmã sob uma sombria guarida em algum canto, bem juntos e mudos na semiescuridão, desfrutamos durante horas inteiras do orgulho de não sentirmos medo.

Foi então que em uma tarde, envergonhados com a nossa parca iniciativa, inventamos de fumar. Minha mãe era viúva. Habitualmente duas irmãs dela viviam conosco e, naqueles tempos, também um irmão, exatamente aquele que viera com Inés de Buenos Aires.

Este tio de vinte anos, muito elegante e presunçoso, tinha dado a si mesmo um certo poder sobre nós que a mamãe, com seu desgosto recente e a sua falta de caráter, encorajava.

Desde já, Maria e eu professávamos uma muito cordial antipatia em relação ao nosso “padrasteco”.

— Eu asseguro — dizia ele à mamãe, apontando para nós com o queixo — que gostaria de morar para sempre aqui com você para vigiar esses seus filhos. Eles vão lhe dar muito trabalho.

— Deixe-os em paz! — respondia a mamãe, cansada.

Nós não dizíamos nada, mas nos entreolhávamos por sobre o prato de sopa.

Pois, desse personagem severo, tínhamos roubado um pacote de cigarros. E ainda que estivéssemos tentados a ser iniciados prontamente nessa virtude tão viril, esperamos pelo artefato. Ele consistia em um recipiente que eu tinha feito com um pedaço de bambu; de uma varinha de cortina como piteira; e a sobra de uma massa de vidro era o adesivo. O pito ficou perfeito: grande, leve e colorido.

Maria e eu levamos o cachimbo para o nosso refúgio do bambuzal em nossa uma união religiosa e firme. Para dentro dele, colocamos o tabaco de cinco cigarros. Nós nos sentamos no chão com os joelhos dobrados, então, acendi o cachimbo e aspirei.

Maria, que devorava com os olhos a ação, notou que os meus estavam cobertos de lágrimas: nunca se viu, nem se verá, nada mais abominável. Não obstante, valente, engoli a saliva nauseante.

— Gostoso? — Maria perguntou ansiosa, estendendo a mão.

— Gostoso — respondi, passando-lhe o apetrecho horroroso.

Maria sugou ainda com mais força. Eu, que a observava atentamente, por minha vez, notei suas lágrimas e o

movimento simultâneo de seus lábios, língua e garganta, rejeitando aquilo. Sua valentia foi maior do que a minha.

— É gostoso — disse com os olhos cheios d'água e quase que fazendo beicinho. Heroicamente levou a haste de bronze de volta à boca.

Era urgente salvá-la. O orgulho, só ele, a precipitava novamente para aquela fumaça infernal com gosto de sal de Chantaud,<sup>27</sup> o mesmo orgulho que me fez elogiar o fogaréu enjoativo.

— *Psii!* — fiz de repente, com a orelha à escuta. — Parece o coleirinha do outro dia. Deve ter um ninho aqui.

Maria se levantou, deixando o cachimbo de lado. Com ouvidos atentos e olhos escrutinadores, saímos de lá, aparentemente ansiosos para ver o animalzinho, mas, na verdade, nos agarrando como moribundos a esse honorável pretexto inventado por mim para prudentemente deixarmos para lá o tabaco sem ferirmos o nosso orgulho.

Depois de um mês, voltei ao cachimbo de bambu, mas, dessa vez, com um resultado muito diferente.

---

27 Refere-se provavelmente a um dos remédios entre os demais produzidos na época e importados da França, chamados de grânulos dosimétricos de Charles Chanteaud. Anda hoje, existe o laboratório Monin Chanteaud, que produz certo sal que reforça a imunidade.

Por causa de uma ou de outra travessura nossa, o padrasteco já tinha levantado a voz muito mais duramente do que minha irmã e eu podíamos permitir. Reclamamos com a mamãe.

— Ah, não liguem para isso — respondeu, quase sem nos ouvir. — Ele é assim mesmo.

— É que, um dia desses, ele vai nos bater! — Maria choramingou.

— Se você não lhe der motivo, não vai. O que fizeram a ele? — acrescentou, dirigindo-se a mim.

— Nada, mãe. Mas eu não quero que ele me toque! — contestei, por minha vez. Nesse momento, o tio entrou.

— *Ah, ah!* Aqui está o cara de pau do Eduardo... Este seu filho vai deixar você com os cabelos brancos, você vai ver!

— Eles estão se queixando de que você quer bater neles.

— Eu? — exclamou o padrasteco, olhando para mim. — Ainda não pensei nisso. Mas se me faltarem ao respeito...

— E será bem feito — aprovou a mamãe.

— Não quero que ele encoste um dedo em mim! — repeti, zangado e vermelho. — Ele não é o papai!

— Mas, na falta do coitado do seu pai, ele é seu tio. Bom, agora me deixem em paz! — Ela cortou a conversa, mandando-nos embora.

Sozinhos no pátio, Maria e eu nos entreolhamos com uma chama altiva nos olhos.

— Ninguém vai me bater! — afirmei.

— Não... nem em mim! — ela me deu seu apoio, contando com o fato de que também iria apanhar.

— É um sonso!

Então a inspiração veio de repente e, como sempre, à minha irmã, com risos furiosos e marcha triunfal, eu disse:

— Tio Alfonso... é um sonso! Tio Alfonso é um sonso!

Quando, um pouco depois, trombei com o padrasteco, pelo seu olhar, pareceu ter nos escutado. Mas já tínhamos fomentado a história do cigarro escoiceador, o epíteto para a máxima glória de Maud, a Mula.<sup>28</sup>

O cigarro escoiceador consistia, em linhas gerais, de um rojão-de-vara que, envolvido por papel de fumo, seria colocado no maço de cigarros que o tio Alfonso tinha sempre no criado-mudo, que usava para fumar durante a sesta.

Uma extremidade tinha sido cortada para que o cigarro não afetasse demais o fumante. Um jato violento de faíscas seria o suficiente e, em suma, o êxito jazia no fato de que nosso tio, sonolento, não iria perceber a rigidez singular de seu cigarro.

---

28 *Maud, The Mule* é um quadrinho estadunidense de 1904, criado por Frederick Burr Opper, cuja personagem protagonista, uma mula chamada Maud, sempre terminava por dar coices quando buscava vingança.

Às vezes, as coisas são precipitadas de tal maneira que não há tempo ou alento para que sejam contadas. Eu só sei que, durante uma sesta, o padrasteco saiu como um louco do quarto, indo ao encontro da mamãe na sala de jantar.

— Ah, você está aqui! Sabe o que eles fizeram? Juro que desta vez eles não vão me esquecer!

— Alfonso!

— O que foi? Não me faltava mais nada, que você também... Se você não sabe como educar seus filhos, eu sei!

Ouvindo a voz furiosa do nosso tio, eu, que estava innocentemente entretido com minha irmã fazendo risquinhos na beirada da cisterna, desembestei pela outra porta da sala de jantar e me protegi atrás da minha mãe. O padrasteco, logo que me viu, se atirou em cima de mim.

— Eu não fiz nada! — berrei.

— Espere só pra ver! — meu tio rugiu, correndo atrás de mim ao redor da mesa.

— Alfonso, deixe ele!

— Depois eu deixo!

— Eu não quero que toque em mim!

— Vamos lá, Alfonso! Você parece criança.

Essa era a última coisa que poderia ter sido dita ao padrasteco. Ele lançou ao ar uma ameaça e pôs as pernas para correr em minha perseguição com tal velocidade, que

estive prestes a me alcançar. Mas, naquele mesmo instante, saí feito estilingue pela porta aberta e disparei para o pomar, com meu tio atrás.

Em cinco segundos, passamos como vento pelos pessegueiros, pelas laranjeiras e os perais. E foi neste momento que a ideia do poço e da pedra me ocorreram com uma incrível nitidez.

— Não quero que encoste em mim! — gritei ainda.

— Espere só pra ver!

Naquele momento, chegamos no bambuzal.

— Eu vou me jogar no poço! — berrei para que a mamãe me ouvisse.

— Sou eu quem vai te jogar!

Abruptamente, saí de vista por detrás dos bambus. Sempre correndo, dei um empurrão na pedra que estava à espera de uma chuva para o experimento científico e pulei para o lado, me afundando sob a folharada.

Sem me ver, o tio desembocou em seguida, justo a tempo de escutar lá no fundo do poço o estrépito abominável de um corpo que se esborrachava.

O padrasteco estancou, pálido feito papel. Rodopiou os olhos arregalados por todos os lados e se aproximou do poço. Tentou olhar para dentro, mas as avencas impediam. Então pareceu parar para pensar e, depois de um

olhar cuidadoso para o poço e os arredores, ele começou a procurar por mim.

Como infelizmente era o caso, fazia pouco tempo que o tio Afonso havia parado de se esconder para evitar confrontos com seus pais, assim, ele tinha as estratégias subsequentes da infância muito frescas e, em honra a mim, fez tudo o que podia para me encontrar.

Imediatamente descobriu o meu covil, retornando teimosamente a ele com um olfato admirável. Mas, além do fato de que a folharada farta me escondia completamente, o ruído do meu corpo se espatifando dominava o espírito do meu tio que, portanto, não estava procurando direito.

Assim, ficou resolvido que eu estava estatelado no fundo do poço, dando início ao que denominaríamos “minha vingança póstuma”. O caso estava bastante claro: com que cara meu tio contaria à mamãe que eu tinha cometido suicídio para evitar que ele me batesse?

Passaram-se dez minutos.

—Alfonso! — a voz da mamãe soou de repente no pátio.

—Mercedes? — respondeu ele, após um súbito solavanco.

Com certeza minha mãe pressentiu alguma coisa, porque sua voz soou novamente, alterada.

— E o Eduardo? Onde está? — acrescentou enquanto avançava.

— Aqui, comigo! — ele respondeu rindo. — Já fizemos as pazes.

Como de longe a mamãe não conseguia ver sua palidez e nem a careta ridícula que ele fazia na pretensão de ser um sorriso angelical, tudo correu bem.

— Você não bateu nele, não é? — mamãe insistiu.

— Mas não! Se era brincadeira...

Minha mãe entrou de novo. “Brincadeira”! Brincadeira era o que eu estava fazendo com o padrasteco.

Celia, a minha tia mais velha, que tinha acabado de acordar da sesta, cruzou o pátio. Alfonso a chamou em silêncio com a mão. Momentos mais tarde, Celia lançava um “oh!” abafado, pondo as mãos na cabeça.

— Mas como? Que horror! Coitada, coitada da Mercedes! Que choque!

Algo devia de ser feito antes de Mercedes descobrir. Tirar-me de lá, ainda com vida? O poço tinha catorze metros, com o fundo cheio de plantas-pedra. Talvez, quem sabe... Mas para isso seria necessário trazer cordas, homens, e a Mercedes...

— Pobre mãe, coitada! — minha tia repetiu.

É justo dizer que por mim, o pequeno herói, mártir em sua dignidade física, não correu nem uma única lágrima. A mamãe monopolizava toda a emoção daquela dor, com

eles sacrificando a mais remota probabilidade de vida que eu poderia ainda preservar lá embaixo — o que, ferindo a minha dupla vaidade de morto e de vivo, alimentou a minha sede de vingança.

Meia hora depois, minha mãe voltou a perguntar por mim. Celia respondeu com uma diplomacia tão pobre que, em seguida, a mamãe teve a certeza de uma catástrofe.

— Eduardo, meu filho! — ela gritou, desvinculando-se das mãos de sua irmã que tentavam segurá-la e precipitando-se para o pomar.

— Mercedes! Eu juro que não! Ele saiu!

— Meu filho! Meu filho! Alfonso!

Alfonso correu ao seu encontro, freando-a quando viu que ela estava indo para o poço. Minha mãe não pensava em nada de concreto. Mas ao ver o gesto horrorizado de seu irmão, ela se lembrou da minha exclamação uma hora antes e lançou ao ar um grito terrível.

— Ai! Meu filho! Ele se matou! Me larga, me larga! Meu filho, Alfonso! Você o matou para mim!

Levaram a mamãe desfalecida. Eu não tinha me comovido nem um pouquinho com o desespero da mamãe, uma vez que eu — o motivo disso — na verdade estava vivo e bem vivo, aos meus oito anos, simplesmente brincando com a emoção do mesmo modo que os adultos tiram proveito

de ocorrências semitrágicas: a satisfação que terá quando me ver!

Enquanto isso, aproveitava com íntimo prazer o fracasso do padrasteco.

— Hum... Me bata! — eu resmungava, ainda debaixo da folharada. Levantando-me, então, com todo cuidado, eu me sentei de cócoras no meu covil e peguei o famoso pito que estava bem guardado no meio da folhagem. Aquele era o momento de levar a sério a incumbência de terminar com o fumo.

A fumaça do tabaco umedecido, seco, tornado a umedecer e a ressecar infinitas vezes, tinha naquele momento um gosto de cumbari,<sup>29</sup> de Solução Coirre<sup>30</sup> e de sulfato de sódio<sup>31</sup> muito mais acentuado do que na primeira vez.

Não obstante, mesmo sabendo o quanto era dura, empreendi a tarefa, com o cenho franzido e os dentes cerrados no bocal.

Fumei, acho eu, todo o fumo do cachimbo. Só lembro que, no fim das contas, o bambuzal se tornou completamente

---

29 Cumbari, cumari ou cumbarim, tipo de pimenta.

30 Antigo remédio para anemia fabricado em Barcelona, na Espanha.

31 Uma das aplicações do sulfato de sódio é farmacêutica, como laxante, anti-inflamatório e diurético.

azul e começou a dançar pertinho da minha cara. Dois ou três martelos de cada lado da minha cabeça começaram a esmagar as minhas têmporas, enquanto o estômago, subindo pela goela, aspirava diretamente as últimas baforadas de fumo.

\* \* \*

Voltei a mim quando me levavam nos braços para casa. Apesar de estar horrivelmente enjoado, tinha medo do que pudesse acontecer comigo e tive o bom senso de fingir que continuava dormindo. Senti que os braços de mamãe me sacudiam.

— Meu filho querido! Eduardo, meu filhinho! Ah, Alfonso, nunca perderei você pela aflição que me causou!

— Mas, vá lá! — dizia minha tia mais velha. — Não se faça de louca, Mercedes! Você está vendo que ele não tem nada.

— Ah! — minha mãe retrucou, colocando as mãos no coração e dando um suspiro imenso. — Está bem, já passou. Mas me conte, Alfonso, como é possível que ele não tenha se machucado? Esse poço, meu deus!

O padrasteco, também abalado, falou vagamente de desmoronamentos e de terra solta, deixando para contar a verdade em um momento de maior tranquilidade, enquanto a coitada da minha mãe não se dava conta do terrível cheiro de tabaco que exalava o suicida.

Por fim, abri os olhos, sorri e voltei a dormir. Dessa vez, honesta e profundamente.

Já era tarde, quando o tio Alfonso veio me acordar.

— O que você merece que eu lhe faça? — disse com um rancor profundo. — Amanhã mesmo, vou contar tudo à sua mãe, e você vai ver o quanto é engraçado!

Eu ainda estava enxergando mal, as coisas dançavam um pouco e o estômago ainda estava saindo pela boca. Apesar disso, respondi:

— Se contar alguma coisa à minha mãe, desta vez, eu juro que me jogo!

Por um acaso, os olhos de um jovem suicida que fumou cachimbo heroicamente expressam uma coragem desesperada?

É possível. De qualquer forma, o padrasteco, depois de olhar fixamente para mim, encolheu os ombros e até ajeitou o lençol no meu pescoço.

— Acho que eu faria melhor sendo amigo deste micróbio — murmurou.

— Também acho — respondi. E caí no sono.

# A MENINGITE E SUA SOMBRA

**E**stou pasmo e não consigo me recuperar. Que diabos significam a mensagem de Funes seguida da conversa do doutor? Confesso que não entendo nem uma palavra de tudo isso.

Eis como estão as coisas. Há quatro horas, às sete da manhã, recebo um bilhete de Funes que diz:

*Caro amigo,*

*Não tendo nenhum inconveniente, por favor, dê uma passada aqui em casa esta noite. Se eu tiver tempo, vou até aí para vê-lo antes disso.*

*Do seu*

*Luis María Funes*

Aqui minha surpresa começou. Até onde eu sei, ninguém é convidado às sete horas da manhã para uma presumível conversa à noite sem que exista um motivo grave. O que Funes pode querer comigo? Minha amizade com ele

é bastante superficial, e só estive uma vez em sua casa. A propósito, ele tem duas irmãs bem bonitinhas.

Por isso, fiquei intrigado. Isso, claro, em relação a Funes. E eis que, uma hora mais tarde, justo no momento em que eu estava para sair de casa, chega o dr. Ayestarain, outro que foi meu colega na escola nacional e com quem tenho, em suma, o mesmo tipo de relação distante que com Funes.

E o homem fala disso, daquilo e daquilo mais, para então concluir:

— Veja, Durán. O senhor sabe muito bem que eu não vim vê-lo a esta hora da manhã para ficar de conversa, não é verdade?

— Acho que não — não pude deixar de responder a ele.

— É óbvio. Portanto, vai me deixar fazer uma pergunta, só uma. É algo indiscreto, mas darei imediatas explicações a respeito. Permite?

— O que queira — respondi francamente, embora, ao mesmo tempo, me colocando em guarda.

Então Ayestarain olhou para mim e, sorrindo daquele jeito que os homens sorriem uns para os outros, me fez esta pergunta desatinada:

— Qual tipo de afeição sente por María Elvira Funes?

*Ah, ah!* Então a coisa era essa! María Elvira Funes, irmã de Luis María Funes, todos os nomes com María! Mas eu mal

conheço essa pessoa! Não era nada estranho, portanto, que eu olhasse para o médico como quem olha para um maluco.

— María Elvira Funes? — repeti. — Nenhum tipo de afeição. Eu mal a conheço. E agora..

— Não, por gentileza — ele me interrompeu. — Garanto que é uma coisa muito séria. Poderia me dar a sua palavra de honra que não há nada entre vocês dois?

— Mas está louco! — eu finalmente disse. — Nada, absolutamente nada! Eu mal a conheço, repito mais uma vez, e não acho que ela se lembre de ter me visto alguma vez. Falei com ela durante um minuto ou, digamos, dois ou três, em sua própria casa, e mais nada. Por conseguinte, repito pela décima vez, não tenho particular afeição por ela.

— É estranho, realmente estranho... — o homem murmurou, olhando fixamente para mim.

Eu já estava começando a achar o galeno<sup>32</sup> um chato de galocha, por mais eminente que fosse — e de fato era —, metendo o nariz em um assunto no qual as suas aspirinas não tinham nada a ver.

— Acho que agora tenho o direito...

Mas ele me interrompeu novamente:

---

32 Qualquer médico, mas em especial um clínico geral, por alusão a Galeno, célebre médico da Grécia antiga.

— Sim, tem direito de sobra. Pode esperar até hoje à noite? Com duas palavrinhas, poderá entender que o assunto é qualquer coisa, menos uma brincadeira. A pessoa de que falamos está gravemente doente, à beira da morte. Entende? — concluiu, olhando dentro dos meus olhos.

Concordei com ele imediatamente:

— Nem uma palavra — respondi.

— Nem eu — concordou, encolhendo os ombros. — Foi por isso mesmo que eu lhe disse que o assunto é muito sério. Pelo menos, esta noite vamos nos inteirar de alguma coisa. Irá até lá? É crucial.

— Está certo, eu vou — concordei, encolhendo os ombros.

E aqui está o porquê de eu passar o dia inteiro, como um idiota, querendo saber qual relação poderia haver entre a grave doença de uma das irmãs de Funes, que mal me conhece, e eu, que mal a conheço também.

\*\*\*

Venho da casa dos Funes. É a coisa mais extraordinária que já vi em minha vida! Metempsicose,<sup>33</sup> espiritismo,

---

33 Reencarnação.

telepatia e outros absurdos do mundo interior não são nada em comparação com o absurdo pessoal no qual estou envolvido. É de deixar qualquer um meio louco. Veja só:

— Fui à casa dos Funes. Luis María me levou ao estúdio. Tivemos uma conversa meio forçada durante um tempo, jogando conversa fora como dois sonsos, pois assim, bem entendido, evitávamos de encarar um ao outro. No final das contas, Ayestarain entrou e Luis María saiu, deixando o maço de cigarros na mesa, já que os meus tinham acabado. O que o meu ex-colega me contou foi, em resumo:

“Quatro ou cinco noites antes, no fim de uma recepção em sua própria casa, María Elvira se sentira mal — tomou à tarde um banho frio demais, de acordo com a opinião da própria mãe. O fato é que ela passou a noite fatigada e com uma boa dor de cabeça. Na manhã seguinte, abatida, com febre e, à noite, uma meningite, com tudo o que vem junto. O delírio, acima de tudo, descomedido e prolongado, que não cessava mais.

Concomitantemente, uma ansiedade angustiante, impossível de acalmar. Foi feito um levantamento das projeções psicológicas do delírio, por assim dizer, que giravam, desde a primeira noite, em torno de uma única questão, uma única, mas absorvia toda a sua vida. É uma obsessão”, Ayestarain continuou. “Uma obsessão simples com os 42 graus. Está

constantemente com os olhos fixos na porta, mas ela não chama por ninguém. Seu estado de nervos é afetado por essa ansiedade muda que a está matando e, desde ontem, tenho discutido com os meus colegas sobre como acalmar isso. Isso não pode continuar assim. E você sabe — concluiu — a quem chama quando o torpor a destroça?

— Eu não sei — respondi, sentindo o coração mudar bruscamente de ritmo.

— Pelo senhor — disse ele, enquanto me pedia fogo. É compreensível termos ficado calados por alguns instantes. — Ainda não entendeu? — ele perguntou por fim.

— Nem uma palavra! — murmurei atordoado, tão atordoado quanto um adolescente que, na saída do teatro, vê pela primeira vez uma grande atriz que, das sombras do interior do carro, mantém a porta aberta para ele. Mas eu já tinha quase trinta anos e perguntei ao médico qual explicação razoável poderia ser dada para tudo isso.

— Explicação? Nenhuma. Nem mesmo uma mínima. O que o senhor quer que saibamos sobre isso? Ah, bom... Se quer uma explicação a todo o custo, suponha que em um campo exista um milhão, dois milhões de sementes diferentes, como em qualquer outro lugar. Acontece um terremoto que remexe tudo como o demônio, destrói o resto e faz brotar uma semente, uma qualquer, da superfície ou do fundo, dá

na mesma. Uma magnífica planta... É o suficiente para o senhor? Eu não poderia acrescentar nem mais uma palavra. Por que razão precisamente o senhor, que mal a conhece e a quem a doente tampouco conhece, tem sido, em seu cérebro delirante, a semente privilegiada? O que pretende que se saiba sobre isto?

— Sem dúvida — repliquei ao seu olhar sempre interrogativo, sentindo-me, ao mesmo tempo, um tanto frio ao me ver transmutado, em primeiro lugar, em um sujeito disponível para a divagação cerebral alheia e, em segundo lugar, um agente terapêutico.

Naquele momento, Luis María entrou.

— Minha mãe o está chamando — disse ao médico. E, voltando-se para mim, com um sorriso forçado:

— Ayestarain explicou o que está acontecendo? Seria uma coisa de loucos, se se tratasse de outra pessoa...

Mas isto de “outra pessoa” merece uma explicação. Os Funes, e em particular a família da qual eu estava começando a formar parte de forma tão absurda, têm grande orgulho de sua ascendência e, suponho, de sua fortuna, o que me parece o mais verdadeiro. Sendo assim, ficaram relativamente satisfeitos com o fato de que as fantasias amorosas estavam sendo dirigidas a mim, Carlos Durán, engenheiro, em vez de borboletearem sobre um sujeito qualquer de insuficiente

posição social. Assim sendo, no meu foro mais íntimo, apreciei a distinção com que o jovem patricio me honrava.

— É extraordinário — Luis María retomou, desgostoso, espalhando os fósforos sobre a mesa. E, um momento mais tarde, com um novo sorriso forçado: — Teria algum inconveniente em nos fazer companhia durante algum tempo? Sabe como é, não é? Acho que Ayestarain está voltando.

De fato, ele vinha pela porta.

— Começou outra vez — disse, balançando a cabeça e olhando apenas para Luis María. Por sua vez, Luis María se dirigiu a mim com o terceiro sorriso forçado da noite:

— Podemos ir?

— Com todo prazer — eu disse. E fomos.

O médico entrou sem fazer barulho, Luis María também e, por fim, eu. Todos com certo intervalo de tempo entre nós. A primeira coisa que me chocou, embora eu devesse ter esperado, foi a penumbra do quarto. A mãe e a irmã, em pé, olharam fixamente para mim, respondendo com uma pequena inclinação de cabeça ao meu aceno de longe, dado que achei que não deveria avançar mais. Ambas me pareceram muito mais altas. Olhei para a cama e vi, debaixo da bolsa de gelo, dois olhos abertos voltados para a minha direção. Olhei para o médico, hesitando, mas ele me fez um sinal imperceptível com os olhos, e eu me aproximei da cama.

Tenho alguma ideia, como todos os homens, do que são dois olhos que nos amam, quando nos aproximamos bem deles. Mas a luz daqueles olhos, a felicidade com que foram inundados ao me aproximar, o clarão cintilante de alegria, até o estrabismo, quando eu me inclinei sobre eles, jamais os encontrarei novamente em um amor normal de 37 graus.

Ela balbuciou algumas palavras, mas, em razão dos lábios secos, com tal dificuldade que eu não entendi nada. Acho que sorri como um estúpido (o que deveria fazer, me digam?!), e ela então esticou seus braços na minha direção. Sua intenção era tão inequívoca, que peguei a sua mão.

— Sente-se aí — murmurou.

Luis María empurrou a poltrona junto à cama, e eu me sentei.

Agora veja se alguém já se encontrou em uma situação mais estranha e disparatada:

Eu, em primeiro lugar, dado que era o herói, tendo em minha mão uma mão ardente de febre e em um estado de paixão totalmente equivocado. Do lado oposto, em pé, o médico. Aos pés da cama, sentado, Luis María. Apoiadas no respaldo da poltrona, ao fundo, a mãe e a irmã. E todos sem falar nada, olhando para nós com o cenho franzido.

O que eu deveria fazer? O que eu deveria dizer? É preciso que pensem sobre isso por um momento. A enferma,

por sua vez, às vezes arrancava os olhos dos meus e percorria, com uma inquietude severa, os rostos presentes, um após o outro, sem os reconhecer, para, então, deixar o olhar cair novamente sobre mim, entregue a uma profunda felicidade.

Durante quanto tempo estivemos assim? Eu não sei. Talvez meia hora, talvez muito mais. Em certo momento, tentei retirar a mão da dela, mas a enferma a apertou ainda mais na sua.

— Ainda não... — murmurou, tentando encontrar uma posição mais confortável para a cabeça. Todos acudiram, os lençóis foram esticados, o gelo, renovado, e novamente aqueles olhos se fixaram com um contentamento imóvel. Mas, de vez em quando, eles se afastavam, inquietos, e percorriam os rostos desconhecidos. Duas ou três vezes, eu olhei exclusivamente para o médico, mas este baixou as pálpebras, indicando que esperasse. E tinha razão, afinal, porque de repente, bruscamente, desabando de sono, a doente fechou os olhos e adormeceu.

Fomos todos para fora, exceto a irmã, que tomou o meu lugar na poltrona. Não foi fácil dizer alguma coisa — ao menos, para mim. Finalmente a mãe se dirigiu a mim com um sorriso triste e seco:

— Que coisa mais horrível, não é? Dá pena!

Horrível, horrível! Não era a doença, mas a situação, que lhes parecia horrível. Estava na cara que todas as gentilezas iriam ser dirigidas a mim, naquela casa. Primeiro o irmão, depois a mãe. Ayestarain, que tinha nos deixado por um momento, ficou muito satisfeito com a condição da paciente, que descansava com uma placidez inédita. A mãe olhou para o outro lado, e eu olhei para o médico: eu podia ir embora, claro que sim, e eu me despedi.

\* \* \*

Dormi mal, cheio de sonhos que não tinham nada a ver com a minha vida habitual. E a culpada disso era a família Funes, com Luis María, mãe, irmãs, médicos e parentes colaterais. Porque, se pomos os pingos nos is, a situação era a seguinte:

Há uma jovem de dezenove anos, sem dúvida nenhuma muito bonita, que mal me conhece e a quem sou profunda e totalmente indiferente. Isto no que se refere a María Elvira. Há, por outro lado, um sujeito também jovem — engenheiro, se preferir — que não se lembra de ter pensado nem duas vezes seguidas na jovem em questão. Tudo isto é razoável, inteligível e normal.

Mas eis que a bela jovem adocece, de meningite ou de algo assim e, no delírio da febre, só e exclusivamente no delírio, se sente tomada pela paixão. Por um primo, um irmão de seus amigos, algum jovem mundano que ela conhece bem? Não, senhor, por mim.

Não é muito idiota? Por isso, tomo uma decisão, que deixarei saber o primeiro daquela casa abençoada que venha à minha porta.

\*\*\*

Sim, é claro. Como eu já esperava, Ayestarain esteve aqui ao meio-dia para me ver. Eu não poderia deixar de perguntar pela doente e sua meningite.

— Meningite? — disse — Só Deus sabe o que é! No começo parecia e, na noite passada, também. Hoje, já não temos ideia do que se trata.

— Mas, em suma— contestei —, uma doença mental sempre...

— E medular, é evidente. Com algumas pequenas lesões sabe-se lá onde... O senhor entende alguma coisa de medicina?

— Muito pouco.

— Bom, ela tem uma febre remitente, que não sabemos de onde vem. Seria um caso de ela avançar, a todo vapor,

para a morte. Agora há remissões... *tic, tac, tic, tac*, tal qual um relógio.

— Mas e o delírio — insisti —, ele está sempre presente?

— Acho que sim! Tem de tudo, ali. E, a propósito, esta noite o esperamos.

Agora era a minha vez de praticar a medicina à minha maneira. Eu lhe disse que minha utilidade inerente já tinha cumprido o seu papel de cura na noite anterior, e que eu não tencionava mais ir.

Ayestarain olhou fixo para mim:

— Por quê? Qual é o problema?

— Nada, senão que não acredito honestamente ser necessário ir lá. Diga-me: tem alguma ideia de como é estar em uma posição humilhantemente ridícula, sim ou não?

— Não se trata disso...

— Sim, trata-se disso, de representar um papel estúpido... É curioso que não compreenda!

— Compreendo bem demais. Mas me parece algo assim como... — não se ofenda — uma questão de amor-próprio.

— Muito lindo! — pulei. — Amor-próprio! Não ocorre mais nada a vocês! Parece-lhes uma questão de amor-próprio ir e ficar sentado como um perfeito idiota para que peguem na minha mão a noite inteira diante da parentada de cara feia? Se lhe parece uma simples questão de

amor-próprio, que se arranjam entre vocês. Tenho mais o que fazer.

Ayestarain pareceu compreender o tanto de verdade que havia no que eu disse, porque não insistiu. Até ele ir embora, nós não voltamos a tocar no assunto.

Tudo estava acertado. O que não ficou tão acertado é que, há dez minutos, eu recebi um bilhete do médico, que dizia:

*Amigo Durán,*

*Mesmo com toda a sua bagagem de rancor, o senhor é indispensável para nós esta noite. Suponha que, mais uma vez, o senhor toma o lugar do cloral,<sup>34</sup> do brianal,<sup>35</sup> do hipnótico<sup>36</sup> que menos irrita os nervos, por isso, venha.*

Eu disse, um momento antes, que o maldito era o bilhete precedente. E estava certo, porque, desde esta manhã, espero por esse bilhete.

---

34 Substância que reage com água formando um hidrato sólido, usado na medicina como antisséptico e anestésico.

35 Tipo de sedativo.

36 Remédio que se administra para produzir sono; sedativo.

Durante sete noites consecutivas — das onze da noite à uma da manhã, quando a febre se acalmava e, com ela, o delírio — fiquei ao lado de María Elvira Funes, tão perto quanto dois namorados podem estar. Às vezes, ela me estendia a mão como na primeira noite; outras vezes se ocupava em soletrar o meu nome, olhando para mim. Sei, pois, com toda certeza, que ela me ama profundamente nesse estado, não ignorando, tampouco, que nos seus momentos de lucidez, ela não tem a menor preocupação com a minha existência, seja presente ou futura. Isto suscita, assim, um caso original de psicologia do qual um romancista poderia tirar algum proveito. No que me diz respeito, digo que esta vida sentimental dupla me toca com força o coração. O caso é o seguinte: María Elvira, se por acaso ainda não contei, tem os olhos mais admiráveis do mundo. Está bem que, na primeira noite, eu não enxergava em seu olhar senão o reflexo de meu próprio absurdo como remédio inócuo. Na segunda noite, senti essa minha inadequação com mais suavidade. Na terceira vez, não fiz nenhum esforço para me sentir o ser agraciado que antes só fingia ser e, desde então, eu vivo e sonho esse amor que a febre liga a mente dela à minha.

O que fazer? Sei que tudo isto é transitório, que, de dia, ela nem sabe quem sou, e que eu mesmo talvez não a

ame quando a veja em pé. Mas os sonhos de amor, mesmo que sejam de duas horas e aos 40 graus, compensam o dia, e receio que, se há uma pessoa no mundo a quem eu me exponha a amar em plena luz do dia, ela não seja o meu vão amor noturno. Amo, portanto, uma sombra, e penso com angústia no dia em que Ayestarain considere a sua paciente fora de perigo e não precise mais de mim

Crueldade esta que apreciarão, com toda a sua simpatia calorosa, os homens que estão apaixonados — por uma sombra ou não.

\*\*\*

Ayestarain acaba de sair. Ele me disse que a doente está melhor e que, se muito não se equivoca, um dia desses eu me verei livre da presença de María Elvira.

— Sim, companheiro — ele me diz —, livre das noites absurdas de vigília, de amores mentais, de caras feias... Lembra-se?

A minha cara não devia expressar uma alegria suprema, porque o galeno astuto deu risada e acrescentou:

— Em vez disso, vamos lhe dar uma compensação... Os Funes passaram estes quinze dias com a cabeça no ar, portanto, não estranhe que andem esquecidos de muitas

coisas, especialmente no que se refere ao senhor. Por agora, jantaremos lá hoje. Sem a sua abençoada pessoa — que seja dito de passagem — e o amor em questão, de amplo conhecimento de todos, não sei no que tudo isso teria dado... O que me diz?

— Declaro — respondi — que estou quase tentado a recusar a honra que os Funes me concedem, admitindo-me à sua mesa.

Ayestarain deu risada.

— Nem brinque! Repito que não sabiam onde estavam com a cabeça.

— Mas para o ópio, a morfina e o calmante da *madoiselle*, sim, não é? Para isso, não se esqueciam de mim!

O homem ficou sério e olhou detidamente para mim.

— Sabe o que eu penso, companheiro?

— Diga.

— Que o senhor é o cara mais feliz na Terra.

— Eu, feliz?

— Ou o mais sortudo. Entende, agora?

Ele ficou me olhando. “Hum!”, eu disse a mim mesmo. “Ou eu sou um idiota, o que é o mais provável, ou esse galeno merece ser abraçado até eu quebrar o termômetro em seu bolso. Esse sujeito ruim sabe mais do que parece, e talvez... Mas volto a ser idiota, que é o mais seguro.”

— Feliz? — insisti, no entanto. — Com o amor esdrúxulo que o senhor inventou com a tal meningite?

Ayestarain voltou a olhar para mim fixamente, mas desta vez acho que notei um vago, vaguíssimo sabor residual de amargura.

— E daí se não fosse nada mais do que isso, grandíssimo sonso...? — ele murmurou, pegando em meu braço para sair.

No caminho — fomos ao Águia para tomar um vermute — ele me explicou muito claramente três coisas: Primeiro, que a minha presença, ao lado da enferma, era absolutamente necessária, dado o estado de profunda agitação — depressão — tudo junto — do seu delírio; segundo, que os Funes tinham assim entendido, sem mais nem menos, apesar do estranho, sub-reptício e inconveniente, o que aquela aventura pudesse parecer, constatando, é claro, o caráter artificial de todo esse amor; terceiro, que os Funes simplesmente confiaram em minha educação, para que eu perceba — isto é extremamente claro — o sentido terapêutico que a minha presença teve perante a doente, e da doente perante a mim.

— Especialmente a última coisa, não é? — adicionei como comentário. — O objeto de toda essa conversa é esse: que eu não me permita jamais me convencer de que María Elvira sinta o menor afeto real por mim. É isso?

— Certo! — O doutor encolheu os ombros. — Coloque-se em seu lugar.

E o abençoado homem tem razão. Porque, diante da mínima possibilidade de que ela...

Ontem à noite, fui jantar na casa dos Funes. Não foi exatamente uma refeição alegre, embora pelo menos Luis María tenha sido bastante cordial para comigo. Gostaria de poder dizer a mesma coisa sobre a mãe, mas por mais esforço que fizesse para estar à vontade na mesa, ela obviamente não vê em mim senão um intruso a quem a filha prefere um milhão de vezes em certas ocasiões. Ela tem ciúme, e não devemos condená-la. Além do que ela e sua outra filha estavam se alternando para ir ver a doente. Ela tinha tido um dia bom, tão bom que, pela primeira vez após quinze dias, naquela noite, a febre não subiu significativamente. Ainda que eu tivesse ficado até lá pelas uma da manhã. A pedido de Ayestarain, tive que voltar para casa sem vê-la nem por um instante. Entende isso?

Não a ver durante todo o dia! Ah! Se por bênção de Deus, a febre, a febre de 40 graus, 80 graus, 120 graus, qualquer febre, se abatesse sobre a sua cabeça hoje à noite...

E aqui está, esta única linha do bendito Ayestarain:

*Delírio novamente. Venha imediatamente.*

\*\*\*

Todo o relatado acima é suficiente, bem ou mal, para enlouquecer um homem cordato. Veja agora isto:

Quando entrei no quarto ontem à noite, María Elvira estendeu o braço como na primeira vez. Deitou-se sobre a bochecha esquerda e, assim confortável, fixou os olhos em mim. Não sei bem o que seus olhos me diziam. Possivelmente me entregavam toda a sua vida e toda a sua alma em uma rendição infinitamente abençoada. Seus lábios me disseram algo e tive que me curvar para ouvir:

— Estou feliz — sorriu.

Depois de um momento, seus olhos me chamaram novamente, eu me inclinei outra vez.

— E depois... — murmurou apenas, fechando os olhos lentamente.

Acho que teve uma súbita fuga de ideias.<sup>37</sup> Mas a luz, a insensata luz que extravia o olhar nos relâmpagos de

---

37 Pensamento *ideo fugitivo*. Transtorno que consiste no aumento da velocidade do pensamento, uma ideia imediatamente sucessiva à outra, fazendo com que o pensamento mude constantemente de foco em função das associações, perdendo sua finalidade, uma vez que não ocorre o retorno ao pensamento principal.

felicidade, inundou novamente seus olhos. E ouvi claramente dessa vez, senti claramente no rosto essa pergunta:

— E quando eu estiver curada e não delirar mais... você ainda vai gostar de mim?

Uma loucura cavalgou o meu coração! “Depois!” Quando não delirar mais! Mas estávamos todos loucos naquela casa, ou existia ali, projetado por mim mesmo, o eco de minha incessante angústia do “depois”? Como é possível que ela tenha dito isso? Tinha meningite ou não? Delirava ou não? Logo a minha María Elvira...

Não sei o que respondi. Presumo que algo que escandalizasse a toda a parentada, se tivessem escutado. Mas eu mal tinha murmurado; ela mal tinha murmurado com um sorriso... e adormeceu.

De volta para casa, minha cabeça rodava em uma vigorosa vertigem, com impulsos loucos de saltar no ar e de lançar gritos de felicidade. Quem entre nós poderia jurar que não teria sentido o mesmo? Porque as coisas, para que estejam claras, devem ser postas assim: a doente com delírio que, por qualquer aberração psicológica, ama, tão somente em seu delírio, X. Isto, por um lado. Por outro, o mesmo X que, infelizmente para ele, não se sente forte o suficiente para se materializar exclusivamente em seu papel medicinal. E eis que a doente, com sua meningite e sua inconsciência — sua

incontestável inconsciência —, murmura para nosso amigo: “E quando não delirar mais... você ainda vai gostar de mim?”

Isto é o que eu chamo de um pequeno caso de loucura, claro e retumbante. Na noite passada, quando cheguei em casa, pensei por um momento que eu tinha encontrado a solução, que seria esta: María Elvira, em sua febre, sonhava que estava acordada. A quem não aconteceu de sonhar que está sonhando? É a explicação mais simples, claríssima.

Mas, quando no enquadramento desse amor de mentira, há dois olhos imensos que, embebendo-nos de contentamento, se encharcam de um amor que não pode ser fingido; quando se nota esses olhos percorrerem os rostos dos familiares com um duro estranhamento, para depois cair na estática felicidade diante de nós, apesar do delírio e de cem mil delírios como esse, temos o direito de sonhar durante toda a noite com esse amor —ou sejamos mais explícitos: com María Elvira Funes.

\*\*\*

Sonho, sonho e sonho! Passaram-se dois meses, e penso que, por vezes, ainda sonho.

Fui eu ou não, por Deus abençoado, aquele a quem a mão foi estendida com o braço nu até o cotovelo, quando

a febre tornou hostis até mesmo os rostos bem-amados da casa? Fui eu ou não quem, durante imensos minutos da eternidade, apaziguou o olhar atordoado de amor de minha María Elvira?

Sim, fui eu. Mas isso tudo está acabado, concluído, finalizado, morto, imaterial, como se nunca tivesse sido. E, entretanto...

Voltei a vê-la vinte dias depois. Ela já estava saudável, e eu jantei com eles. No início, fazia-se uma clara alusão aos devaneios sentimentais da enferma, tudo com grande tato por parte dos da casa, com o que cooperei tanto quanto possível, pois naqueles vinte dias transcorridos não tive a menor preocupação sobre o que pensar da discrição que eu devia demonstrar nessa primeira reunião. No entanto, foi um mar de rosas.

— E o senhor — a mãe disse sorrindo —, descansou bem da canseira que lhe demos?

— Ah, foi coisa pouca! E, por cima — concluí, também rindo —, eu estaria disposto a suportá-la novamente.

María Elvira sorriu, por sua vez.

— O senhor, sim; mas eu não, eu garanto!

A mãe olhou para ela com tristeza:

— Coitada da minha filha! Quando eu penso sobre os disparates que passaram pela sua cabeça... — Virou-se para

mim com gosto. — Enfim, o senhor é agora, poderíamos dizer, da casa, e garanto que Luis María lhe tem muito apreço.

O mencionado colocou a mão no meu ombro e me ofereceu um cigarro.

— Fume, fume e ignore.

— Mas Luis María! — a mãe o repreendia, meio séria.

— Escutando você, qualquer um acreditaria que estamos dizendo mentiras a Durán!

— Não, mãe. O que você diz está perfeitamente bem dito. Mas Durán me entende.

O que eu entendia era que Luis María queria cortar essas amabilidades meio sem graça. Mas eu não estava minimamente agradecido.

Enquanto isso, sempre que eu podia e sem chamar a atenção, fixava os olhos em María Elvira. Finalmente! Eu já a tinha diante de mim, saudável, muito saudável. Eu esperara e temera com ansiedade por aquele instante. Tinha amado uma sombra, ou melhor, dois olhos e um palmo de braços, pois o resto era uma longa mancha branca. E, daquela penumbra, como de um casulo taciturno, saiu uma esplêndida figura fresca, indiferente e alegre, que não me conhecia. Ela me olhava como quem olha para um amigo da casa, em quem é preciso deter o olhar só por um segundo, quando diz algo ou comenta uma frase engraçada. E mais nada. Nem o menor

rastro do que se passou, nem sequer a afetação de não olhar para mim, com o que eu tinha contado como último triunfo do meu jogo. Eu era um sujeito — não vamos dizer um sujeito, mas um ser — absolutamente desconhecido para ela. E pense agora na graça que me dava ao lembrar, enquanto eu olhava para ela, que uma noite aqueles mesmos olhos, mostrando-se frívolos nesse instante, tinham me dito, pertinho dos meus: “E quando estiver curada... ainda vai gostar de mim?”

Por que procurar as luzes, os fogos de artifício de uma felicidade morta, selada a fogo no cofre efervescente de uma febre cerebral?! Pode esquecê-la. Sendo o que eu teria desejado, era precisamente o que eu não conseguia fazer.

Mais tarde, no saguão, encontrei uma maneira de me isolar com Luis María, colocando-o entre sua irmã e eu. Podia, assim, olhar para ela com impunidade, sob o pretexto de que a minha visão ia com naturalidade para além do meu interlocutor. E é extraordinário como seu corpo, do mais visível fio de cabelo até o salto dos sapatos, era um desejo vivo, e como, ao atravessar o corredor para entrar na sala, cada choque de sua saia de encontro à sapatilha laqueada arrastava minha alma como um papel.

Ela voltou, riu, cruzou e roçou ao meu lado, sorrindo forçosamente, pois estava em seu ritmo enquanto eu, como um idiota, continuava sonhando com uma súbita parada ao

meu lado, e não uma, mas duas mãos sobre o meu rosto: “E bem: agora que me viu de pé, ainda gosta de mim?”

Ora! Morto, bem morto, eu disse adeus, pressionando por um breve instante aquela mão fria, gentil e rápida.

\*\*\*

No entanto, uma coisa é absolutamente certa, e é isto: María Elvira pode não se lembrar do que sentiu em seus dias de febre, admito. Mas ela está perfeitamente ciente do que aconteceu, a partir dos relatos subsequentes. Então, é impossível que eu lhe seja desprovido de interesse, por mínimo que seja. De encantos — que Deus me perdoe! —, tudo o que ela quiser. Mas de interesse, o homem com quem sonhou vinte noites seguidas, isso não! Portanto, a sua perfeita indiferença para comigo não é racional. Quais são as vantagens, quão remota é a probabilidade de felicidade que constatar isso pode me proporcionar? Que eu veja, nenhuma. María Elvira, portanto, fica precavida contra minhas possíveis pretensões quanto a isso; eis tudo.

No que ela não tem razão: eu gosto dela desesperadamente, muito bem. Mas eu ir até lá exigir o pagamento de uma promissória de amor assinada sobre um bloco de papel de meningite? Ao diabo, isso é que eu não vou.

Nove da manhã. Não é uma hora decente para ir para a cama, mas assim é. Do baile dos Rodríguez Peña, em Palermo. Em seguida, para a bar. Tudo perfeitamente sozinho. E agora, para a cama.

Mas não sem me dispor a terminar com o maço de cigarros, antes do sono bater. E aqui está a causa: na noite passada, dancei com María Elvira. E, depois de dançar, esta foi a nossa conversa:

— Esses pontinhos nas pupilas — me disse ela, estávamos em frente um do outro na mesinha —, ainda não sei se foram embora. Não sei o que será... Antes de ficar doente, eu não tinha.

Precisamente a nossa vizinha de mesa tinha acabado de perceber esse detalhe. Com eles, seus olhos se tornavam ainda mais brilhantes.

Mal comecei a responder, quando percebi a armadilha, mas já era tarde.

— É mesmo — eu disse, observando seus olhos —, recordo que antes não tinha.

E olhei para o outro lado. Mas María Elvira caiu na risada:

— É verdade. O senhor deve saber mais do que ninguém.

Ah! A sensação de uma laje imensa que caía no meu peito! Então era possível falar sobre isso, finalmente!

— Assim acho eu — retruquei. — Mais do que ninguém, já não sei... Mas sim, no momento ao qual se refere, mais do que qualquer um, com toda certeza.

Parei novamente. Minha voz estava começando a diminuir demais de tom.

— Ah, sim! — María Elvira sorriu. Ela desviou os olhos, pondo-se séria, olhando para os casais que passavam por nós.

Passou-se um momento, para ela, de perfeito esquecimento do que estávamos falando, suponho, e de angústia sombria para mim. Mas sem baixar os olhos, como se lhe interessassem os rostos que passavam como uma sucessão de quadros de um filme, acrescentou de soslaio:

— Quando era o meu amor, ao que parece.

— Perfeitamente bem dito — eu disse a ela —, seu amor “ao que parece”.

Ela então ela me olhou, sorrindo de volta.

— Não... — E se calou.

— Não... O quê? Conclua.

— Para quê? É uma bobagem.

— Não importa. Conclua.

Ela deu risada:

— Para quê? Enfim. Não suporá que não fosse “ao que parece”?

— É um insulto gratuito — respondi a ela. — Eu fui o primeiro a verificar a exatidão da coisa, quando eu era o seu amor... “ao que parece”.

— Ah, vai! — murmurou.

Mas, à sua vez, o demônio da loucura me arrastou atrás daquele “Ah, vai!” zombeteiro, em resposta a uma pergunta que eu nunca deveria ter feito.

— Ouça, María Elvira — eu disse, inclinando-me. — Não se lembra de nada, não é verdade? Nada daquela história absurda?

Olhou para mim muito séria, com altivez, se quiserem, mas ao mesmo tempo com atenção, como quando nos dispomos a escutar coisas que, apesar de tudo, não nos desgostam.

— Que história? — perguntou.

— Aquela outra, quando eu vivia ao seu lado. — Fiz com que notasse com suficiente clareza.

— Nada, absolutamente nada.

— Vamos ver. Olhe para mim por um instante.

— Não, nem mesmo que eu o olhe... — E começou a gargalhar.

— Não, não é isso... A senhora olhou muito para mim, antes, para que eu não saiba. Queria lhe dizer isto: não se

lembra de ter me dito algo, duas ou três palavras, apenas, na última noite em que teve febre?

María Elvira franziu a testa por um longo instante, e então a levantou mais alto do que o natural. Olhou para mim atentamente, balançando a cabeça:

— Não, não recordo.

— Ah! — Me calei. Passou um tempinho. Vi de canto de olho que ela ainda estava olhando para mim.

— O que foi? — murmurou.

— O que foi... o que foi? — repeti.

— O que eu falei?

— Eu já não me lembro mais.

— Sim, claro que se lembra. O que eu falei?

— Garanto que não sei.

— Sim, você sabe. O que eu falei?

— Vamos ver! — Eu me apoiei de novo na mesa. — Se a senhora não se lembra de absolutamente nada, já que foi uma alucinação de febre, o que importa o que me falou enquanto delirava?

O golpe foi grave. Mas María Elvira não pensou em responder, contentando-se em me olhar por mais um momento e tirar os olhos de mim com uma curta sacudida de ombros.

— Vamos — ela disse, de repente. — Quero dançar esta valsa.

— É justo. — Eu me levantei. — O sonho de valsa que estávamos dançando não tinha nada de divertido.

Ela não me respondeu. Enquanto avançávamos para o salão, ela parecia procurar algum de seus parceiros de valsa habituais.

— Que sonho de valsa é desagradável para você? — ela me perguntou de repente, sem parar de buscar pelo salão com os olhos.

— Uma valsa de delírio... não tem nada a ver com isto. — Agora era eu quem encolhia os ombros.

Achei que já não conversaríamos mais naquela noite. Mas ainda que María Elvira não dissesse uma palavra sequer, tampouco pareceu encontrar o parceiro ideal que estava buscando. Então, parando, ela me disse com um sorriso forçado — o inevitável sorriso forçado que pairou sobre toda esta história:

— Se quiser, então, dance esta valsa com seu amor...

— “Ao que parece”. Não pronuncio nem mais uma palavra — retruquei, passando o braço por sua cintura.

\*\*\*

Mais um mês se passou. E só ver como a mãe, Angélica e Luis María estão agora cheios de um mistério poético em

relação a mim! A mãe é, naturalmente, a pessoa a quem María Elvira trata de “você” e beija mais intimamente. Sua irmã a viu sem roupa. Luís Maria, por outro lado, se permite em passar a mão sob seu queixo quando entra e ela está sentada de costas. Três pessoas bem felizes, como se vê, e incapazes de apreciar o estado de graça em que estão envolvidas.

Quanto a mim, passo a vida levando cigarros à boca como quem arranca as pétalas de margaritas: Bem me quer? Mal me quer?

Depois daquele baile na casa dos Peña, estive com ela muitas vezes — em sua casa, é claro, todas as quartas-feiras.

Ela mantém o círculo de amigos de sempre, cativa a todos com seu riso e paquera de modo admirável, quantas vezes lhe ocorra. Mas sempre encontra uma maneira de não me perder de vista. Isso quando está com os outros. Mas quando está comigo, ela então não tira os olhos deles.

Isso é razoável? Não, não é. E é por isso que, há um mês, estou com uma boa laringite, de tanto enfumaçar a garganta.

Ontem à noite, no entanto, tive um momento de trégua. Era quarta-feira. Ayestarain estava conversando comigo, e um olhar breve de María Elvira, lançado para nós sobre os ombros do quarteto de cortejadores que a cercava, atraiu a sua figura esplêndida para a nossa conversação. Falávamos

sobre ela e, de modo fugaz, sobre aquela história antiga. Um instante depois, ela parou diante de nós:

— De que estão falando?

— De muitas coisas. Sobre a senhora, em primeiro lugar — respondeu o médico.

— Ah, já me parecia — e arrastando uma banquetta romana em sua direção, ela se sentou de pernas cruzadas, o peito para a frente e o rosto apoiado na mão.

— Prossigam. Estou escutando.

— Estava contando a Durán — disse Ayestarain — que casos de doença como aquela que a acometeu são raros, mas alguns ocorrem. Um autor inglês, eu não me lembro qual, cita um. Só que é mais feliz do que o seu.

— Mais feliz? E por quê?

— Porque nele não há febre e ambos se amam nos sonhos. Em vez disso, neste caso, a senhora era a única que amava.

Eu já disse que a atitude de Ayestarain me parecia sempre um pouco tortuosa em relação a mim? Se não disse, naquele exato momento, tive um desejo muito forte de fazê-lo sentir, e não apenas com o olhar. Algo desse desejo, porém, deve ter aparecido nos meus olhos, porque ele se levantou rindo:

— Eu os deixo para que façam as pazes.

— Bicho ruim! — murmurei, já mais tranquilo quando ele se afastou.

— Por quê? O que ele fez?

— Diga-me, María Elvira! — exclamei. — Ele já a cortejou?

— Quem, Ayestarain?

— Sim, ele.

Olhou para mim e, no começo, hesitou. Então, olhos nos olhos, disse-me séria:

— Sim, já. — respondeu.

— Ah, bem me parecia! Pelo menos ele tem sorte... — murmurei, já inteiramente amargurado.

— Por quê? — ela perguntou.

Sem responder, eu me encolhi e dei de ombros brusca-mente, olhando para o outro lado. Ela seguiu a minha mirada. Passou-se um momento.

— Por quê? — insistiu, com aquela obstinação pesada e distraída das mulheres quando começam a se sentir perfeitamente à vontade com um homem.

Ela agora estava, e esteve durante aqueles breves momentos que se seguiram, de pé, com o joelho sobre a banqueta. Estava mordendo um papel — nunca soube de onde tinha saído — e me encarava, levantando e abaixando as sobranceiras de forma discreta.

— Por quê? — por fim, respondi. — Porque pelo menos ele teve a sorte de não servir de ridícula marionete ao lado de uma cama, e ele pode falar com seriedade, sem ter que ver as suas sobranceiras se levantarem e baixarem, como se não entendesse o que eu digo. Compreende agora?

María Elvira me olhou pensativa por alguns instantes, e então balançou a cabeça negativamente, com o papel nos lábios.

— É verdade ou não? — eu insistia, mas com o coração disparado. Ela tornou a abanar a cabeça:

— Não, não é verdade.

— María Elvira! — Angélica a chamou de longe.

Todos sabem que a voz dos irmãos é, na maioria das vezes, incrivelmente inoportuna. Mas jamais uma voz fraternal caíra como uma ducha de água fria tão fora de propósito quanto daquela vez.

María Elvira largou o papel e abaixou o joelho.

— Estou indo. — disse rindo, com o riso que eu já conhecia, usava-o quando enfrentava um cortejador.

— Só um momento! — eu disse.

— Nem unzinho a mais! — respondeu, já indo embora e negando com a mão.

O que me restava fazer? Nada, além de engolir o papelzinho umedecido, afundar a boca na concavidade que

seu joelho tinha deixado e estraçalhar a banquetta contra a parede. E, em seguida, também me esborrachar contra um espelho, de grande imbecil que era. A imensa raiva de mim mesmo me fazia sofrer, acima de tudo.

Intuições viris! Psicologia de homem vivido! E a primeira coquete cuja marca do joelho deixou ali zomba de tudo isso com uma frescura incomparável!

\*\*\*

Não aguento mais. Eu a amo loucamente, e não sei o que é ainda mais amargo, ela realmente me amar, ou não. Além disso, sonho, sonho demais, e coisas como isto:

Nós estávamos de braços dados, cruzando um salão, ela toda de branco, e eu como um vulto negro ao seu lado. Havia apenas pessoas mais velhas ali e todas elas estavam sentadas, observando-nos passar. Era, no entanto, um salão de baile. E falavam de nós: “A meningite e sua sombra”. Acordei e voltei a sonhar: o tal salão de baile era frequentado pelos mortos diários de uma epidemia. O vestido branco de María Elvira era um sudário, e eu era a mesma sombra de antes, mas agora eu tinha um termômetro no lugar da cabeça. Éramos “A meningite e sua sombra”, os mesmos de antes.

O que posso fazer com sonhos desta natureza? Não aguento mais. Vou embora para a Europa, América do Norte, qualquer lugar onde possa esquecê-la.

Para que ficar? Para recomeçar a velha história de sempre, ardendo sozinho como um palhaço, ou para nos desencontrarmos todas as vezes que nos sentimos unidos? Ah, não! Vamos acabar já com isso. Eu não sei bem o que essa ausência sentimental (sim, sentimental, mesmo que não queira) poderia fazer aos meus planos, mas ficar seria ridículo e estúpido, e não há necessidade de que eu faça com que María Elvira se divirta ainda mais.

\*\*\*

Eu poderia escrever, aqui, coisas um tanto diferentes das que acabo de anotar, mas prefiro simplesmente contar o que aconteceu no último dia em que vi María Elvira.

Por fanfarronice ou para desafiar a mim mesmo, ou ainda, quem sabe, por qual esperança mortuária de suicida, na tarde antes da minha partida, fui dizer adeus aos Funes. Fazia já dez dias que eu mantinha as passagens no bolso, para ver o quanto eu desconfiava de mim mesmo.

María Elvira estava indisposta — uma dor de garganta ou enxaqueca —, porém presente. Passei um momento na

antessala para cumprimentá-la. Encontrei-a folheando partituras de música, sem a mínima vontade. Ao me ver, ficou um pouco surpresa, embora tivesse tido um tempinho para dar uma olhada rápida no espelho. Seu rosto estava abatido, os lábios pálidos e com olheiras ao redor dos olhos. Mas era a de sempre, ainda mais bonita para mim, porque a perdia. Eu simplesmente disse a ela que estava partindo e que desejava a ela muita felicidade. No início, ela não me entendeu.

— Partir? Para onde?

— Para a América do Norte. Acabo de lhe dizer isso.

— Ah! — murmurou, marcando claramente a contração de seus lábios. Mas, em seguida, me olhou com inquietude.

— Está doente?

— Vá lá, não precisamente... Não estou bem.

— Ah! — ela murmurou novamente. E olhou para fora através do vidro, abrindo bem os olhos, como quando se perde a linha de pensamento.

Por cima de tudo, estava chovendo na rua, e a antecâmara não estava iluminada. Ela se virou para mim.

— Por que vai embora? — perguntou.

— *Hum!* — Eu sorri. — Seria muito longo, infinitamente longo contar... Bom, estou indo.

María Elvira fixou os olhos em mim, e sua expressão, preocupada e atenta, se tornou sombria.

“Concluamos”, disse a mim mesmo. E me adiantei:

— Bom, María Elvira...

Ela lentamente esticou a mão de enxaqueca, uma mão fria e úmida.

— Antes de ir — disse —, não quer me contar por que está indo embora?

Sua voz tinha baixado de tom. Meu coração bateu feito louco, mas, como um raio, eu tive o vislumbre dela diante de mim como naquela noite, afastando-se, rindo e negando com um aceno de mão: “Não, já estou satisfeita...” Ah, eu também! Eu já tinha tido o suficiente daquilo tudo!

— Vou embora — eu disse com toda clareza —, porque estou até aqui com esta dor, o absurdo e a vergonha de mim mesmo! Está feliz agora?

Ela ainda estava com a mão na minha. Retirou a mão e se voltou lentamente, removeu as partituras do suporte para colocá-las no piano, tudo com pausa e comedimento, e olhou para mim novamente com um sorriso forçado e doloroso:

— E se eu... lhe pedir para que não parta?

— Mas por Deus abençoado! — exclamei. — Não percebe que está me matando com este tipo de coisa?! Estou farto de sofrer e de jogar na minha cara a minha própria infelicidade! O que ganhamos, o que a senhora ganha com essas coisas? Não, já é o suficiente! Sabe — adicionei, chegando mais

perto — o que a senhora me disse naquela última noite de sua doença? Quer que eu lhe diga? Quer?

Ela ficou imóvel, de olhos arregalados.

— Quero, diga.

— Bem! A senhora me disse, e maldita seja aquela noite em que escutei isso, a senhora me disse em alto e bom som: “E-quan-do-não-de-li-rar-mais, a-in-da-vai-me-a-mar?” Ainda delirava, eu bem sei. Mas o que quer que eu faça agora? Ficar aqui, ao seu lado, me esvaindo em sangue com o seu jeito de ser, por que eu a amo como um idiota?! Isso também está muito claro, não é? Ah! Eu lhe asseguro que não é vida o que levo! Não, isto não é vida!

Eu apoiara a testa no vidro, desfeito, sentindo que depois do que eu tinha dito, meu amor, minha alma e minha vida desmoronavam para todo e sempre.

Mas era preciso terminar com aquilo, e eu me virei: ela estava ao meu lado e, em seus olhos — como em uma faísca de felicidade, desta vez —, eu vi em seus olhos brilhantes, estonteados, soluçando, a luz úmida da felicidade que eu pensei que já estivesse morta.

— María Elvira! — exclamei, gritei, eu acho — Meu amor querido! Minha alma adorada!

E ela, em lágrimas silenciosas de um tormento que se acabava, derrotada, entregue, contente, finalmente tinha

encontrado no meu peito uma posição confortável para a sua cabeça.

\*\*\*

E mais nada. Existirá algo mais simples do que tudo isto? Eu sofri, é bem possível, chorei, uivei de dor, e devo acreditar nisso porque assim eu escrevi. Mas o quanto diabolicamente para trás ficou tudo isso! E muito mais distante porque — e aqui está o mais engraçado dessa nossa história — ela está aqui, ao meu lado, lendo, com o pescoço esticado por cima de mim sobre a caneta, o que eu estou escrevendo. Ela protestou, já se vê, diante de não poucas observações minhas. Mas, em honra à arte literária em que nos metemos com tanto frescor, ela, como boa esposa, se resigna. De resto, ela concorda comigo que a impressão geral da narrativa, reconstruída por etapas, é um reflexo bastante preciso do que aconteceu, sentimos e sofremos. O que, para uma obra escrita por um engenheiro, não está de todo ruim.

Neste momento, María Elvira me interrompe para dizer que a última linha escrita não é verdadeira: a minha narrativa não só não está de todo ruim, mas é boa, muito boa. E como argumento irrefutável, ela lança os braços ao

redor do meu pescoço e olha para mim, não sei se a muito mais do que cinco centímetros de distância.

— É verdade? — murmura, ou gorjeia, melhor dito.

— É certo colocar “gorjeia”? — eu lhe pergunto.

— Sim, e isso, e isso! — E me dá um beijo.

O que mais posso acrescentar?



## **Traduzido por Adriana Zoudine**

Formada em Engenharia de Produção pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) e em Educação Artística pelas Faculdades Metropolitanas Unidas FIAM-FAAM. Viveu em São Francisco (EUA) e Buenos Aires (Argentina), com viagens periódicas a países europeus, em especial à Itália. Após se aposentar, ingressou no Programa Formativo para Tradutores Literários da Casa Guilherme de Almeida e em eventos, palestras e cursos na área de tradução. Atualmente, se dedica à tradução literária, com foco na literatura italiana.

Adriana Zoudine: O arame farpado, Os mensuais, Yaguaí, Os pescadores de toras, O mel silvestre, Nosso primeiro cigarro, A meningite e sua sombra.

## **Traduzido por Renato Roschel**

Nasceu e cresceu na periferia da zona sul de São Paulo, onde as barbáries praticadas pelas forças do Estado e pelo crime faziam e fazem parte do cotidiano. Estudou Letras na USP, filosofia na PUC e fez mestrado na USP. Trabalhou no jornal Folha de S. Paulo. Foi um dos editores da Enciclopédia Barsa e dos anuários Livro do Ano e Ciência e Futuro, na editora Planeta. Atuou como correspondente da Rádio Eldorado, em Londres. Foi editor da Revista Osesp. Editou e traduziu obras para as editoras Quatro Cantos, Planeta, Publifolha, Tabla, Oxford University Press e Instituto Mojo.

Renato Roschel: Uma estação de amor, Os olhos sombrios, O solitário, A morte de Isolda, O inferno artificial, A galinha decolada, Os barcos suicidas, O travesseiro de penas, O cachorro louco, À deriva, A insolação.



IRIS STYLOSA.





# **Cuentos de amor de locura y de muerte**

Horacio Quiroga



# UNA ESTACIÓN DE AMOR

## PRIMAVERA

**E**ra el martes de carnaval. Nébel acababa de entrar en el corso, ya al oscurecer, y mientras deshacía un paquete de serpentinas, miró al carruaje de delante. Extrañado de una cara que no había visto la tarde anterior, preguntó a sus compañeros:

—¿Quién es? No parece fea.

—¡Un demonio! Es lindísima. Creo que sobrina, o cosa así, del doctor Arrizabalaga. Llegó ayer, me parece...

Nébel fijó entonces atentamente los ojos en la hermosa criatura. Era una chica muy joven aún, acaso no más de catorce años, pero completamente núbil. Tenía, bajo el cabello muy oscuro, un rostro de suprema blancura, de ese blanco mate y raso que es patrimonio exclusivo de los cutis muy finos. Ojos azules, largos, perdiéndose hacia las sienes en el cerco de sus negras pestañas. Acaso un poco separados,

lo que da, bajo una frente tersa, aire de mucha nobleza o de gran terquedad. Pero sus ojos, así, llenaban aquel semblante en flor con la luz de su belleza. Y al sentirlos Nébel detenidos un momento en los suyos, quedó deslumbrado.

—¡Qué encanto!—murmuró, quedando inmóvil con una rodilla sobre al almohadón del surrey. Un momento después las serpentinas volaban hacia la victoria. Ambos carruajes estaban ya enlazados por el puente colgante de cintas, y la que lo ocasionaba sonreía de vez en cuando al galante muchacho.

Mas aquello llegaba ya a la falta de respeto a personas, cochero y aún carruaje: sobre el hombro, la cabeza, látigo, guardabarros, las serpentinas llovían sin cesar. Tanto fué, que las dos personas sentadas atrás se volvieron y, bien que sonriendo, examinaron atentamente al derrochador.

—¿Quiénes son?—preguntó Nébel en voz baja.

—El doctor Arrizabalaga; cierto que no lo conoces. La otra es la madre de tu chica. Es cuñada del doctor.

Como en pos del examen, Arrizabalaga y la señora se sonrieran francamente ante aquella exuberancia de juventud, Nébel se creyó en el deber de saludarlos, a lo que respondió el terceto con jovial condescendencia.

Este fué el principio de un idilio que duró tres meses, y al que Nébel aportó cuanto de adoración cabía en su apasionada adolescencia.

Mientras continuó el corso, y en Concordia se prolonga hasta horas increíbles, Nébel tendió incesantemente su brazo hacia adelante, tan bien, que el puño de su camisa, desprendido, bailaba sobre la mano.

Al día siguiente se reprodujo la escena; y como esta vez el corso se reanudaba de noche con batalla de flores, Nébel agotó en un cuarto de hora cuatro inmensas canastas. Arrizabalaga y la señora se reían, volviéndose a menudo, y la joven no apartaba casi sus ojos de Nébel. Este echó una mirada de desesperación a sus canastas vacías; mas sobre el almohadón del surrey quedaban aún uno, un pobre ramo de siemprevivas y jazmines del país. Nébel saltó con él por sobre la rueda del surrey, dislocóse casi un tobillo, y corriendo a la victoria, jadeante, empapado en sudor y el entusiasmo a flor de ojos, tendió el ramo a la joven. Ella buscó atolondradamente otro, pero no lo tenía. Sus acompañantes se rían.

—¡Pero loca!—le dijo la madre, señalándole el pecho—¡ahí tienes uno!

El carruaje arrancaba al trote. Nébel, que había descendido del estribo, afligido, corrió y alcanzó el ramo que la joven le tendía, con el cuerpo casi fuera del coche.

Nébel había llegado tres días atrás de Buenos Aires, donde concluía su bachillerato. Había permanecido allí siete

años, de modo que su conocimiento de la sociedad actual de Concordia era mínimo. Debía quedar aún quince días en su ciudad natal, disfrutados en pleno sosiego de alma, si no de cuerpo; y he ahí que desde el segundo día perdía toda su serenidad. Pero en cambio ¡qué encanto!

—¡Qué encanto!—se repetía pensando en aquel rayo de luz, flor y carne femenina que había llegado a él desde el carruaje. Se reconocía real y profundamente deslumbrado—y enamorado, desde luego.

¡Y si ella lo quisiera!. ¿Lo querría? Nébel, para dilucidarlo, confiaba mucho más que en el ramo de su pecho, en la precipitación aturdida con que la joven había buscado algo para darle. Evocaba claramente el brillo de sus ojos cuando lo vio llegar corriendo, la inquieta expectativa con que lo esperó, y—en otro orden, la morbidez del joven pecho, al tenderle el ramo.

¡Y ahora, concluído! Ella se iba al día siguiente a Montevideo. ¿Qué le importaba lo demás, Concordia, sus amigos de antes, su mismo padre? Por lo menos iría con ella hasta Buenos Aires.

Hicieron, efectivamente, el viaje juntos, y durante él, Nébel llegó al más alto grado de pasión que puede alcanzar un romántico muchacho de 18 años, que se siente querido. La madre acogió el casi infantil idilio con afable complacencia,

y se reía a menudo al verlos, hablando poco, sonriendo sin cesar, y mirándose infinitamente.

La despedida fué breve, pues Nébel no quiso perder el último vestigio de cordura que le quedaba, cortando su carrera tras ella.

Volverían a Concordia en el invierno, acaso una temporada. ¿Iría él? “¡Oh, no volver yo!” Y mientras Nébel se alejaba, tardo, por el muelle, volviéndose a cada momento, ella, de pecho sobre la borda, la cabeza un poco baja, lo seguía con los ojos, mientras en la planchada los marineros levantaban los suyos risueños a aquel idilio—y al vestido, corto aún, de la tiernísima novia.

## VERANO

El 13 de junio Nébel volvió a Concordia, y aunque supo desde el primer momento que Lidia estaba allí, pasó una semana sin inquietarse poco ni mucho por ella. Cuatro meses son plazo sobrado para un relámpago de pasión, y apenas si en el agua dormida de su alma, el último resplandor alcanzaba a rizar su amor propio. Sentía, sí, curiosidad de verla. Pero un nimio incidente, punzando su vanidad, lo arrastró de nuevo. El primer domingo, Nébel, como todo buen chico de pueblo, esperó en la esquina la salida de misa.

Al fin, las últimas acaso, erguidas y mirando adelante, Lidia y su madre avanzaron por entre la fila de muchachos.

Nébel, al verla de nuevo, sintió que sus ojos se dilataban para sorber en toda su plenitud la figura bruscamente adorada. Esperó con ansia casi dolorosa el instante en que los ojos de ella, en un súbito resplandor de dichosa sorpresa, lo reconocerían entre el grupo.

Pero pasó, con su mirada fría fija adelante.

—Parece que no se acuerda más de ti—le dijo un amigo, que a su lado había seguido el incidente.

—¡No mucho!—se sonrió él. —Y es lástima, porque la chica me gustaba en realidad.

Pero cuando estuvo solo se lloró a sí mismo su desgracia. ¡Y ahora que había vuelto a verla! ¡Cómo, cómo la había querido siempre, él que creía no acordarse más! ¡Y acabado! ¡Pum, pum, pum!—repetía sin darse cuenta, con la costumbre del chico. —¡Pum! ¡todo concluído!

De golpe: ¿Y si no me hubiera visto?. ¡Claro! ¡pero claro! Su rostro se animó de nuevo, acogándose con plena convicción a una probabilidad como esa, profundamente razonable.

A las tres golpeaba en casa del doctor Arrizabalaga. Su idea era elemental: consultaría con cualquier mísero pretexto al abogado, y entretanto acaso la viera. Una

súbita carrera por el patio respondió al timbre, y Lidia, para detener el impulso, tuvo que cogerse violentamente a la puerta vidriera.

Vió a Nébel, lanzó una exclamación, y ocultando con sus brazos la liviandad doméstica de su ropa, huyó más velozmente aún.

Un instante después la madre abría el consultorio, y acogía a su antiguo conocido con más viva complacencia que cuatro meses atrás. Nébel no cabía en sí de gozo, y como la señora no parecía inquietarse por las preocupaciones jurídicas de Nébel, éste prefirió también un millón de veces tal presencia a la del abogado.

Con todo, se hallaba sobre ascuas de una felicidad demasiado ardiente y, como tenía 18 años, deseaba irse de una vez para gozar a solas, y sin cortedad, su inmensa dicha.

—¡Tan pronto, ya!—le dijo la señora. —Espero que tendremos el gusto de verlo otra vez. ¿No es verdad?

—¡Oh, sí, señora!

—En casa todos tendríamos mucho placer. ¡supongo que todos! ¿Quiere que consultemos?—se sonrió con maternal burla.

—¡Oh, con toda el alma!—repuso Nébel.

—¡Lidia! ¡Ven un momento! Hay aquí una persona a quien conoces.

Nébel había sido visto ya por ella; pero no importaba. Lidia llegó cuando él estaba de pie. Avanzó a su encuentro, los ojos centelleantes de dicha, y le tendió un gran ramo de violetas, con adorable torpeza.

—Si a usted no le molesta—prosiguió la madre— podría venir todos los lunes. ¿qué le parece?

—¡Que es muy poco, señora!—repuso el muchacho— Los viernes también.

¿me permite?

La señora se echó a reír.

—¡Qué apurado! Yo no sé. veamos qué dice Lidia. ¿Qué dices, Lidia?

La criatura, que no apartaba sus ojos rientes de Nébel, le dijo ¡ sí! en pleno rostro, puesto que a él debía su respuesta.

—Muy bien: entonces hasta el lunes, Nébel. Nébel objetó:

—¿No me permitiría venir esta noche? Hoy es un día extraordinario.

—¡Bueno! ¡Esta noche también! Acompáñalo, Lidia. Pero Nébel, en loca necesidad de movimiento, se despidió allí mismo, y huyó con su ramo cuyo cabo había deshecho casi, y con el alma proyectada al último cielo de la felicidad.

## II

Durante dos meses, todos los momentos en que se veían, todas las horas que los separaban, Nébel y Lidia se adoraron. Para él, romántico hasta sentir el estado de dolorosa melancolía que provoca una simple garúa que agrisa el patio, la criatura aquella, con su cara angelical, sus ojos azules y su temprana plenitud, debía encarnar la suma posible de ideal. Para ella, Nébel era varonil, buen mozo e inteligente. No había en su mutuo amor más nube para el porvenir que la minoría de edad de Nébel. El muchacho, dejando de lado estudios, carreras y superfluidades por el estilo, quería casarse. Como probado, no había sino dos cosas: que a él le era *absolutamente* imposible vivir sin su Lidia, y que llevaría por delante cuanto se opusiese a ello. Presentía—o más bien dicho, sentía—que iba a escollar rudamente.

Su padre, en efecto, a quien había disgustado profundamente el año que perdía Nébel tras un amorío de carnaval, debía apuntar las íes con terrible vigor. A fines de Agosto, habló un día definitivamente a su hijo:

—Me han dicho que sigues tus visitas a lo de Arrizabalaga. ¿Es cierto? Porque tú no te dignas decirme una palabra.

Nébel vió toda la tormenta en esa forma de dignidad, y la voz le tembló un poco.

—Si no te dije nada, papá, es porque sé que no te gusta que hable de eso.

—¡Bah! cómo gustarme, puedes, en efecto, ahorrarte el trabajo...Pero quisiera saber en qué estado estás. ¿Vas a esa casa como novio?

—Sí.

—¿Y te reciben formalmente?

—C-creo que sí.

El padre lo miró fijamente y tamborileó sobre la mesa.

—¡Está bueno! ¡Muy bien!. Oyeme, porque tengo el deber de mostrarte el camino. ¿Sabes tú bien lo que haces? ¿Has pensado en lo que puede pasar?

—¿Pasar?...¿qué?

—Que te cases con esa muchacha. Pero fijate: ya tienes edad para reflexionar, al menos. ¿Sabes quién es? ¿De dónde viene? ¿Conoces a alguien que sepa qué vida lleva en Montevideo?

—¡Papá!

—¡Sí, qué hacen allá! ¡Bah! no pongas esa cara. No me refiero a tu novia. Esa es una criatura, y como tal no sabe lo que hace. ¿Pero sabes de qué viven?

—¡No! Ni me importa, porque aunque seas mi padre...

—¡Bah, bah, bah! Deja eso para después. No te hablo como padre sino como cualquier hombre honrado pudiera

hablarte. Y puesto que te indigna tanto lo que te pregunto, averigua a quien quiera contarte, qué clase de relaciones tiene la madre de tu novia con su cuñado, pregunta!

—¡Sí! Ya sé que ha sido.

—Ah, ¿sabes que ha sido la querida de Arrizabalaga? ¿Y que él u otro sostienen la casa en Montevideo? ¡Y te quedas tan fresco!

—¡...!

—¡Sí, ya sé, tu novia no tiene nada que ver con esto, ya sé! No hay impulso más bello que el tuyo. Pero anda con cuidado, porque puedes llegar tarde!. ¡No, no, cálmate! No tengo ninguna idea de ofender a tu novia, y creo, como te he dicho, que no está contaminada aún por la podredumbre que la rodea. Pero si la madre te la quiere vender en matrimonio, o más bien a la fortuna que vas a heredar cuando yo muera, díle que el viejo Nébel no está dispuesto a esos tráficos, y que antes se lo llevará el diablo que consentir en eso. Nada más te quería decir.

El muchacho quería mucho a su padre a pesar del carácter duro de éste; salió lleno de rabia por no haber podido desahogar su ira, tanto más violenta cuanto que él mismo la sabía injusta. Hacía tiempo ya que no ignoraba esto: la madre de Lidia había sido querida de Arrizabalaga en vida de su marido, y aún cuatro o cinco años después. Se veían aún de

tarde en tarde, pero el viejo libertino, arrebuado ahora en sus artritis de enfermizo solterón, distaba mucho de ser respecto de su cuñada lo que se pretendía; y si mantenía el tren de madre e hija, lo hacía por una especie de compasión de ex amante, rayana en vil egoísmo, y sobre todo para autorizar los chismes actuales que hinchaban su vanidad.

Nébel evocaba a la madre; y con un extremecimiento de muchacho loco por las mujeres casadas, recordaba cierta noche en que hojeando juntos y reclinados una *Illustration*, había creído sentir sobre sus nervios súbitamente tensos, un hondo hálito de deseo que surgía del cuerpo pleno que rozaba con él. Al levantar los ojos, Nébel había visto la mirada de ella, en lánguida imprecisión de mareo, posarse pesadamente sobre la suya.

¿Se había equivocado? Era terriblemente histérica, pero con rara manifestación desbordante; los nervios desordenados repiqueteaban hacia adentro, y de aquí la súbita tenacidad en un disparate, el brusco abandono de una convicción; y en los prodromos de las crisis, la obstinación creciente, convulsiva, edificándose a grandes bloques de absurdos. Abusaba de la morfina, por angustiosa necesidad y por elegancia. Tenía treinta y siete años; era alta, con labios muy gruesos y encendidos, que humedecía sin cesar. Sin ser grandes, los ojos lo parecían por un poco hundidos y tener pestañas muy largas;

pero eran admirables de sombra y fuego. Se pintaba. Vestía, como la hija, con perfecto buen gusto, y era ésta, sin duda, su mayor seducción. Debía de haber tenido, como mujer, profundo encanto; ahora la histeria había trabajado mucho su cuerpo—siendo, desde luego, enferma del vientre. Cuando el latigazo de la morfina pasaba, sus ojos se empañaban, y de la comisura de los labios, del párpado globoso, pendía una fina redecilla de arrugas. Pero a pesar de ello, la misma histeria que le deshacía los nervios era el alimento, un poco mágico, que sostenía su tonicidad.

Quería entrañablemente a Lidia; y con la moral de las histéricas burguesas, hubiera envilecido a su hija para hacerla feliz—esto es, para proporcionarle aquello que habría hecho su propia felicidad.

Así, la inquietud del padre de Nébel a este respecto tocaba a su hijo en lo más hondo de sus cuerdas de amante. ¿Cómo había escapado Lidia?

Porque la limpidez de su cutis, la franqueza de su pasión de chica que surgía con adorable libertad de sus ojos brillantes, eran, ya no prueba de pureza, sino de escalón de noble gozo por el que Nébel ascendía triunfal a arrancar de una manotada a la planta podrida la flor que pedía por él.

Esta convicción era tan intensa, que Nébel jamás la había besado. Una tarde, después de almorzar, en que pasaba por lo

de Arrizabalaga, había sentido loco deseo de verla. Su dicha fué completa, pues la halló sola, en batón, y los rizos sobre las mejillas. Como Nébel la retuvo contra la pared, ella, riendo y cortada, se recostó en el muro. Y el muchacho, a su frente, tocándola casi, sintió en sus manos inertes la alta felicidad de un amor inmaculado, que tan fácil le habría sido manchar.

¡Pero luego, una vez su mujer! Nébel precipitaba cuanto le era posible su casamiento. Su habilitación de edad, obtenida en esos días, le permitía por su legítima materna afrontar los gastos. Quedaba el consentimiento del padre, y la madre apremiaba este detalle.

La situación de ella, sobrado equívoca en Concordia, exigía una sanción social que debía comenzar, desde luego, por la del futuro suegro de su hija. Y sobre todo, la sostenía el deseo de humillar, de forzar a la moral burguesa, a doblar las rodillas ante la misma inconveniencia que despreció.

Ya varias veces había tocado el punto con su futuro yerno, con alusiones a “mi suegro”. “mi nueva familia”. “la cuñada de mi hija”. Nébel se callaba, y los ojos de la madre brillaban entonces con más fuego.

Hasta que un día la llama se levantó. Nébel había fijado el 18 de octubre para su casamiento. Faltaba más de un mes aún, pero la madre hizo entender claramente al muchacho que quería la presencia de su padre esa noche.

—Será difícil—dijo Nébel después de un mortificante silencio—. Le cuesta mucho salir de noche. No sale nunca.

—¡Ah!—exclamó sólo la madre, mordiéndose rápidamente el labio. Otra pausa siguió, pero ésta ya de presagio.

—Porque usted no hace un casamiento clandestino ¿verdad?

—¡Oh!—se sonrió difícilmente Nébel—. Mi padre tampoco lo cree.

—¿Y entonces?

Nuevo silencio cada vez más tempestuoso.

—¿Es por mí que su señor padre no quiere asistir?

—¡No, no señora!—exclamó al fin Nébel, impaciente—. Está en su modo de ser. Hablaré de nuevo con él, si quiere.

—¿Yo, querer?—se sonrió la madre dilatando las narices—. Haga lo que le parezca. ¿Quiere irse, Nébel, ahora? No estoy bien.

Nébel salió, profundamente disgustado. ¿Qué iba a decir a su padre? Éste sostenía siempre su rotunda oposición a tal matrimonio, y ya el hijo había emprendido las gestiones para prescindir de ella.

—Puedes hacer eso, mucho más, y todo lo que te dé la gana. ¡Pero mi consentimiento para que esa entretenida sea tu suegra, ¡jamás!

Después de tres días Nébel decidió aclarar de una vez ese estado de cosas, y aprovechó para ello un momento en que Lidia no estaba.

—Hablé con mi padre—comenzó Nébel—y me ha dicho que le será completamente imposible asistir.

La madre se puso un poco pálida, mientras sus ojos, en un súbito fulgor, se estiraban hacia las sienes.

—¡Ah! ¿Y por qué?

—No sé—repuso con voz sorda Nébel.

—Es decir. ¿que su señor padre teme mancharse si pone los pies aquí?

—No sé—repitió él con inconsciente obstinación.

—¡Es que es una ofensa gratuita la que nos hace ese señor! ¿Qué se ha figurado?—añadió con voz ya alterada y los labios temblantes. —¿Quién es él para darse ese tono?

Nébel sintió entonces el fustazo de reacción en la cepa profunda de su familia.

—¡Qué es, no sé!—repuso con la voz precipitada a su vez—pero no sólo se niega a asistir, sino que tampoco da su consentimiento. —¿Qué? ¿qué se niega? ¿Y por qué? ¿Quién es él? ¡El más autorizado para esto!

Nébel se levantó:

—Señora...

Pero ella se había levantado también.

—¡Sí, él! ¡Usted es una criatura! ¡Pregúntele de dónde ha sacado su fortuna, robada a sus clientes! ¡Y con esos aires! ¡Su familia irreprochable, sin mancha, se llena la boca con eso! ¡Su familia!. ¡Dígale que le diga cuántas paredes tenía que saltar para ir a dormir con su mujer, antes de casarse! ¡Sí, y me viene con su familia!. ¡Muy bien, váyase; estoy hasta aquí de hipocresías! ¡Que lo pase bien!

### III

Nébel vivió cuatro días vagando en la más honda desesperación. ¿Qué podía esperar después de lo sucedido? Al quinto, y al anochecer, recibió una esquela:

*Octavio: Lidia está bastante enferma, y sólo su presencia podría calmarla.*

*María S. de Arrizabalaga.*

Era una treta, no tenía duda. Pero si su Lidia en verdad...

Fué esa noche y la madre lo recibió con una discreción que asombró a Nébel, sin afabilidad excesiva, ni aire tampoco de pecadora que pide disculpa.

—Si quiere verla...

Nébel entró con la madre, y vió a su amor adorado en la cama, el rostro con esa frescura sin polvos que dan únicamente los 14 años, y el cuerpo recogido bajo las ropas que disimulaban notablemente su plena juventud.

Se sentó a su lado, y en balde la madre esperó a que se dijeran algo: no hacían sino mirarse y reír.

De pronto Nébel sintió que estaban solos, y la imagen de la madre surgió nítida: “se va para que en el transporte de mi amor reconquistado, pierda la cabeza y el matrimonio sea así forzoso”. Pero en ese cuarto de hora de goce final que le ofrecían adelantado y gratis a costa de un pagaré de casamiento, el muchacho, de 18 años, sintió—como otra vez contra la pared—el placer sin la más leve mancha, de un amor puro en toda su aureola de poético idilio.

Sólo Nébel pudo decir cuán grande fué su dicha recuperada en pos del naufragio. El también olvidaba lo que fuera en la madre explosión de calumnia, ansia rabiosa de insultar a los que no lo merecen. Pero tenía la más fría decisión de apartar a la madre de su vida una vez casados. El recuerdo de su tierna novia, pura y riente en la cama de que se había destendido una punta para él, encendía la promesa de una voluptuosidad íntegra, a la que no había robado ni el más pequeño diamante.

A la noche siguiente, al llegar a lo de Arrizabalaga, Nébel halló el zaguán oscuro. Después de largo rato, la sirvienta entreabrió la vidriera:

—No están las señoras.

—¿Han salido?—preguntó extrañado.

—No, se van a Montevideo...Han ido al Salto a dormir abordo.

—¡Ah!—murmuró Nébel aterrado. Tenía una esperanza aún.

—¿El doctor? ¿Puedo hablar con él?

—No está, se ha ido al club después de comer.

Una vez solo en la calle oscura, Nébel levantó y dejó caer los brazos con mortal desaliento: ¡Se acabó todo! Su felicidad, su dicha reconquistada un día antes, perdida de nuevo y para siempre! Presentía que esta vez no había redención posible. Los nervios de la madre habían saltado a la loca, como teclas, y él no podía hacer ya nada más.

Comenzaba a lloviznar. Caminó hasta la esquina, y desde allí, inmóvil bajo el farol, contempló con estúpida fijeza la casa rosada. Dió una vuelta a la manzana, y tornó a detenerse bajo el farol. ¡Nunca, nunca!

Hasta las once y media hizo lo mismo. Al fin se fué a su casa y cargó el revólver. Pero un recuerdo lo detuvo: meses atrás había prometido a un dibujante alemán que antes de suicidarse—Nébel era adolescente—iría a verlo. Uníalo con

el viejo militar de Guillermo una viva amistad, cimentada sobre largas charlas filosóficas.

A la mañana siguiente, muy temprano, Nébel llamaba al pobre cuarto de aquél. La expresión de su rostro era sobrado explícita.

—¿Es ahora?—le preguntó el paternal amigo, estrechándole con fuerza la mano.

—¡Pst! ¡De todos modos!. —repuso el muchacho, mirando a otro lado.

El dibujante, con gran calma, le contó entonces su propio drama de amor.

—Vaya a su casa—concluyó—y si a las once no ha cambiado de idea, vuelva a almorzar conmigo, si es que tenemos qué. Después hará lo que quiera. ¿Me lo jura?

—Se lo juro—contestó Nébel, devolviéndole su estrecho apretón con grandes ganas de llorar.

En su casa lo esperaba una tarjeta de Lidia:

*Idolatrado Octavio: Mi desesperación no puede ser más grande, pero mamá ha visto que si me casaba con usted me estaban reservados grandes dolores, he comprendido como ella que lo mejor era separarnos y le jura no olvidarlo nunca  
tu Lidia.*

—¡Ah, tenía que ser así!—clamó el muchacho, viendo al mismo tiempo con espanto su rostro demudado en el espejo. —¡La madre era quien había inspirado la carta, ella y su maldita locura! Lidia no había podido menos que escribir, y la pobre chica, trastornada, lloraba todo su amor en la redacción. ¡Ah! ¡Si pudiera verla algún día, decirle de qué modo la he querido, cuánto la quiero ahora, adorada del alma!

Temblando fué hasta el velador y cogió el revólver, pero recordó su nueva promesa, y durante un rato permaneció inmóvil, limpiando obstinadamente con la uña una mancha del tambor.

## OTOÑO

Una tarde, en Buenos Aires, acababa Nébel de subir al tramway, cuando el coche se detuvo un momento más del conveniente, y aquél, que leía, volvió al fin la cabeza. Una mujer con lento y difícil paso avanzaba. Tras una rápida ojeada a la incómoda persona, reanudó la lectura. La dama se sentó a su lado, y al hacerlo miró atentamente a Nébel. Este, aunque sentía de vez en cuando la mirada extranjera posada sobre él, prosiguió su lectura; pero al fin se cansó y levantó el rostro extrañado.

—Ya me parecía que era usted—exclamó la dama—aunque dudaba aún. No me recuerda, ¿no es cierto?

—Sí—repuso Nébel abriendo los ojos—la señora de Arrizabalaga.

Ella vió la sorpresa de Nébel, y sonrió con aire de vieja cortesana que trata aún de parecer bien a un muchacho.

De ella, cuando Nébel la conoció once años atrás, sólo quedaban los ojos, aunque más hundidos, y apagados ya. El cutis amarillo, con tonos verdosos en las sombras, se resquebrajaba en polvorientos surcos. Los pómulos saltaban ahora, y los labios, siempre gruesos, pretendían ocultar una dentadura del todo cariada. Bajo el cuerpo demacrado se veía viva a la morfina corriendo por entre los nervios agotados y las arterias acuosas, hasta haber convertido en aquel esqueleto, a la elegante mujer que un día hojeó la *Illustration* a su lado.

—Sí, estoy muy envejecida. y enferma; he tenido ya ataques a los riñones. y usted—añadió mirándolo con ternura—¡siempre igual! Verdad es que no tiene treinta años aún. Lidia también está igual.

Nébel levantó los ojos:

—¿Soltera?

—Sí... ¡Cuánto se alegrará cuando le cuente! ¿Por qué no le da ese gusto a la pobre? ¿No quiere ir a vernos?

—Con mucho gusto—murmuró Nébel. —Sí, vaya pronto; ya sabe lo que hemos sido para. En fin, Boedo, 1483; departamento 14. Nuestra posición es tan mezquina.

—¡Oh!—protestó él, levantándose para irse. Prometió ir muy pronto.

Doce días después Nébel debía volver al ingenio, y antes quiso cumplir su promesa. Fué allí—un miserable departamento de arrabal. —La señora de Arrizabalaga lo recibió, mientras Lidia se arreglaba un poco.

—¡Conque once años!—observó de nuevo la madre. —¡Cómo pasa el tiempo! ¡Y usted que podría tener una infinidad de hijos con Lidia!

—Seguramente—sonrió Nébel, mirando a su rededor.

—¡Oh! ¡no estamos muy bien! Y sobre todo como debe estar puesta su casa. Siempre oigo hablar de sus cañaverales. ¿Es ese su único establecimiento?

—Sí, en Entre Ríos también. —¡Qué feliz! Si pudiera uno. Siempre deseando ir a pasar unos meses en el campo, y siempre con el deseo!

Se calló, echando una fugaz mirada a Nébel. Este con el corazón apretado, revivía nítidas las impresiones enterradas once años en su alma.

—Y todo esto por falta de relaciones. ¡Es tan difícil tener un amigo en esas condiciones!

El corazón de Nébel se contraía cada vez más, y Lidia entró.

Estaba también muy cambiada, porque el encanto de un candor y una frescura de los catorce años, no se vuelve a hallar más en la mujer de veintiséis. Pero bella siempre. Su olfato masculino sintió en la mansa tranquilidad de su mirada, en su cuello mórbido, y en todo lo que debía guardar velado para siempre, el recuerdo de la Lidia que conoció.

Hablaron de cosas muy triviales, con perfecta discreción de personas maduras. Cuando ella salió de nuevo un momento, la madre reanudó:

—Sí, está un poco débil. Y cuando pienso que en el campo se repondría en seguida. Vea, Octavio: ¿me permite ser franca con usted? Ya sabe que lo he querido como a un hijo. ¿No podríamos pasar una temporada en su establecimiento? ¡Cuánto bien le haría a Lidia!

—Soy casado—repuso Nébel.

La señora tuvo un gesto de viva contrariedad, y por un instante su decepción fué sincera; pero en seguida cruzó sus manos cómicas:

—¡Casado, usted! ¡Oh, qué desgracia, qué desgracia! ¡Perdóneme, ya sabe!. No sé lo que digo. ¿Y su señora vive con usted en el ingenio?

—Sí, generalmente. Ahora está en Europa.

—¡Qué desgracia! Es decir. ¡Octavio!—añadió abriendo los brazos con lágrimas en los ojos:—a usted le puedo contar, usted ha sido casi mi hijo.

¡Estamos poco menos que en la miseria! ¿Por qué no quiere que vaya con Lidia? Voy a tener con usted una confesión de madre—concluyó con una pastosa sonrisa y bajando la voz:—usted conoce bien el corazón de Lidia,

¿no es cierto?

Esperó respuesta, pero Nébel permaneció callado.

—¡Sí, usted la conoce! ¿Y cree que Lidia es mujer capaz de olvidar cuando ha querido?

Ahora había reforzado su insinuación con una leve guiñada. Nébel valoró entonces de golpe el abismo en que pudo haber caído antes. Era siempre la misma madre, pero ya envilecida por su propia alma vieja, la morfina y la pobreza. Y Lidia. Al verla otra vez había sentido un brusco golpe de deseo por la mujer actual de garganta llena y ya estremecida. Ante el tratado comercial que le ofrecían, se echó en brazos de aquella rara conquista que le deparaba el destino.

—¿No sabes, Lidia?—prorrumpió alborozada, al volver su hija—Octavio nos invita a pasar una temporada en su establecimiento. ¿Qué te parece?

Lidia tuvo una fugitiva contracción de las cejas y recuperó su serenidad.

—Muy bien, mamá.

—¡Ah! ¿no sabes lo qué dice? Está casado. ¡Tan joven aún! Somos casi de su familia.

Lidia volvió entonces los ojos a Nébel, y lo miró un momento con dolorosa gravedad.

—¿Hace tiempo?—murmuró.

—Cuatro años—repuso él en voz baja. A pesar de todo, le faltó ánimo para mirarla.

## INVIERNO

No hicieron el viaje juntos, por último escrúpulo de casado en una línea donde era muy conocido; pero al salir de la estación subieron en el brec de la casa. Cuando Nébel quedaba solo en el ingenio, no guardaba a su servicio doméstico más que a una vieja india, pues—a más de su propia frugalidad—su mujer se llevaba consigo toda la servidumbre. De este modo presentó sus acompañantes a la fiel nativa como una tía anciana y su hija, que venían a recobrar la salud perdida.

Nada más creíble, por otro lado, pues la señora decaía vertiginosamente. Había llegado deshecha, el pie incierto y pesadísimo, y en su facies angustiosa la morfina, que había sacrificado cuatro horas seguidas a ruego de Nébel,

pedía a gritos una corrida por dentro de aquel cadáver viviente.

Nébel, que cortara sus estudios a la muerte de su padre, sabía lo suficiente para prever una rápida catástrofe; el riñon, íntimamente atacado, tenía a veces paros peligrosos que la morfina no hacía sino precipitar.

Ya en el coche, no pudiendo resistir más, había mirado a Nébel con transida angustia:

—Si me permite, Octavio. ¡no puedo más! Lidia, ponte delante.

La hija, tranquilamente, ocultó un poco a su madre, y Nébel oyó el crugido de la ropa violentamente recogida para pinchar el muslo.

Súbitamente los ojos se encendieron, y una plenitud de vida cubrió como una máscara aquella cara agónica.

—Ahora estoy bien. ¡qué dicha! Me siento bien.

—Debería dejar eso—dijo rudamente Nébel, mirándola de costado. —Al llegar, estará peor.

—¡Oh, no! Antes morir aquí mismo.

Nébel pasó todo el día disgustado, y decidido a vivir cuanto le fuera posible sin ver en Lidia y su madre más que dos pobres enfermas. Pero al caer la tarde, y como las fieras que empiezan a esa hora a afilar las uñas, el celo de varón comenzó a relajarle la cintura en lasos escalofríos.

Comieron temprano, pues la madre, quebrantada, deseaba acostarse de una vez. No hubo tampoco medio de que tomara exclusivamente leche.

—¡Huy! ¡qué repugnancia! No la puedo pasar. ¿Y quiere que sacrifique los últimos años de mi vida, ahora que podría morir contenta?

Lidia no pestañeó. Había hablado con Nébel pocas palabras, y sólo al fin del café la mirada de éste se clavó en la de ella; pero Lidia bajó la suya en seguida.

Cuatro horas después Nébel abrió sin ruido la puerta del cuarto de Lidia.

—¡Quién es!—sonó de pronto la voz azorada.

—Soy yo—murmuró Nébel en voz apenas sensible.

Un movimiento de ropas, como el de una persona que se sienta bruscamente en la cama, siguió a sus palabras, y el silencio reinó de nuevo. Pero cuando la mano de Nébel tocó en la oscuridad un brazo tibio, el cuerpo tembló entonces en una honda sacudida.

\*\*\*

Luego, inerte al lado de aquella mujer que ya había conocido el amor antes que él llegara, subió de lo más recóndito del alma de Nébel, el santo orgullo de su adolescencia de no

haber tocado jamás, de no haber robado ni un beso siquiera, a la criatura que lo miraba con radiante candor.

Pensó en las palabras de Dostojevsky, que hasta ese momento no había comprendido: “Nada hay más bello y que fortalezca más en la vida, que un puro recuerdo”. Nébel lo había guardado, ese recuerdo sin mancha, pureza inmaculada de sus dieciocho años, y que ahora estaba allí, enfangado hasta el cáliz sobre una cama de sirvienta.

Sintió entonces sobre su cuello dos lágrimas pesadas, silenciosas. Ella a su vez recordaría. Y las lágrimas de Lidia continuaban una tras otra, regando como una tumba el abominable fin de su único sueño de felicidad.

## II

Durante diez días la vida prosiguió en común, aunque Nébel estaba casi todo el día afuera. Por tácito acuerdo, Lidia y él se encontraban muy pocas veces solos, y aunque de noche volvían a verse, pasaban aún entonces largo tiempo callados.

Lidia tenía ella misma bastante qué hacer cuidando a su madre, postrada al fin. Como no había posibilidad de reconstruir lo ya podrido, y aún a trueque del peligro inmediato que ocasionara, Nébel pensó en suprimir la morfina. Pero se abstuvo una mañana que entró bruscamente en el

comedor, al sorprender a Lidia que se bajaba precipitadamente las faldas. Tenía en la mano la jeringuilla, y fijó en Nébel su mirada espantada.

—¿Hace mucho tiempo que usas eso?—le preguntó él al fin.

—Sí—murmuró Lidia, doblando en una convulsión la aguja. Nébel la miró aún y se encogió de hombros.

Si embargo, como la madre repetía sus inyecciones con una frecuencia terrible para ahogar los dolores de su riñón que la morfina concluía de matar, Nébel se decidió a intentar la salvación de aquella desgraciada, sustrayéndole la droga.

—¡Octavio! ¡me va a matar!—clamó ella con ronca súplica. —¡Mi hijo Octavio! ¡no podría vivir un día!

—¡Es que no vivirá dos horas si le dejo eso!—cortó Nébel. —¡No importa, mi Octavio! ¡Dame, dame la morfina!

Nébel dejó que los brazos se tendieran inútilmente a él, y salió con Lidia.

—¿Tú sabes la gravedad del estado de tu madre?

—Sí. Los médicos me habían dicho... El la miró fijamente.

—Es que está mucho peor de lo que imaginas.

Lidia se puso lívida, y mirando afuera entrecerró los ojos y se mordió los labios en un casi sollozo.

—¿No hay médico aquí?—murmuró.

—Aquí no, ni en diez leguas a la redonda; pero buscaremos.

Esa tarde llegó el correo cuando estaban solos en el comedor, y Nébel abrió una carta.

—¿Noticias?—preguntó Lidia levantando inquieta los ojos a él.

—Sí—repuso Nébel, prosiguiendo la lectura.

—¿Del médico?—volvió Lidia al rato, más ansiosa aún.

—No, de mi mujer—repuso él con la voz dura, sin levantar los ojos. A las diez de la noche Lidia llegó corriendo a la pieza de Nébel.

—¡Octavio! ¡mamá se muere!...

Corrieron al cuarto de la enferma. Una intensa palidez cadaverizaba ya el rostro. Tenía los labios desmesuradamente hinchados y azules, y por entre ellos se escapaba un remedo de palabra, gutural y a boca llena:

—Pla. pla. pla. Nébel vió en seguida sobre el velador el frasco de morfina, casi vacío.

—¡Es claro, se muere! ¿Quién le ha dado esto?—preguntó.

—¡No sé, Octavio! Hace un rato sentí ruido. Seguramente lo fué a buscar a tu cuarto cuando no estabas. ¡Mamá, pobre mamá!—cayó sollozando sobre el miserable brazo que pendía hasta el piso.

Nébel la pulsó; el corazón no daba más, y la temperatura caía. Al rato los labios callaron su pla...pla, y en la piel aparecieron grandes manchas violeta.

A la una de la mañana murió. Esa tarde, tras el entierro, Nébel esperó que Lidia concluyera de vestirse, mientras los peones cargaban las valijas en el carruaje.

—Toma esto—le dijo cuando se aproximó a él, tendiéndole un cheque de diez mil pesos.

Lidia se estremeció violentamente, y sus ojos enrojecidos se fijaron de lleno en los de Nébel. Pero éste sostuvo la mirada.

—¡Toma, pues!—repitió sorprendido.

Lidia lo tomó y se bajó a recoger su valijita. Nébel se inclinó sobre ella. —Perdóname—le dijo. —No me juzgues peor de lo que soy.

En la estación esperaron un rato y sin hablar, junto a la escalerilla del vagón, pues el tren no salía aún. Cuando la campana sonó, Lidia le tendió la mano y se dispuso a subir. Nébel la oprimió, y quedó un largo rato sin soltarla, mirándola. Luego, avanzando, recogió a Lidia de la cintura y la besó hondamente en la boca.

El tren partió. Inmóvil, Nébel siguió con la vista la ventanilla que se perdía.

Pero Lidia no se asomó.

# LOS OJOS SOMBRIOS

**D**espués de las primeras semanas de romper con Elena, una noche no pude evitar asistir a un baile. Hallábame hacía largo rato sentado y aburrido en exceso, cuando Julio Zapiola, viéndome allí, vino a saludarme. Es un hombre joven, dotado de rara elegancia y virilidad de carácter. Lo había estimado muchos años atrás, y entonces volvía de Europa, después de larga ausencia.

Así nuestra charla, que en otra ocasión no hubiera pasado de ocho o diez frases, se prolongó esta vez en larga y desahogada sinceridad. Supe que se había casado; su mujer estaba allí mismo esa noche. Por mi parte, lo informé de mi noviazgo con Elena—y su reciente ruptura. Posiblemente me quejé de la amarga situación, pues recuerdo haberle dicho que creía de todo punto imposible cualquier arreglo.

—No crea en esas sacudidas—me dijo Zapiola con aire tranquilo y serio.

—Casi nunca se sabe al principio lo que pasará o se hará después. Yo tengo en mi matrimonio una novela infinitamente

más complicada que la suya; lo cual no obsta para que yo sea hoy el marido más feliz de la tierra. Oigala, porque a usted podrá serle de gran provecho. Hace cinco años me vi con gran frecuencia con Vezzera, un amigo del colegio a quien había querido mucho antes, y sobre todo él a mí. Cuanto prometía el muchacho se realizó plenamente en el hombre; era como antes inconstante, apasionado, con depresiones y exaltamientos femeniles. Todas sus ansias y suspicacias eran enfermizas, y usted no ignora de qué modo se sufre y se hace sufrir con este modo de ser.

Un día me dijo que estaba enamorado, y que posiblemente se casaría muy pronto. Aunque me habló con loco entusiasmo de la belleza de su novia, esta apreciación suya de la hermosura en cuestión no tenía para mí ningún valor. Vezzera insistió, irritándose con mi orgullo.

—No sé qué tiene que ver el orgullo con esto—le observé.

—¡Si es eso! Yo soy enfermizo, excitable, expuesto a continuos mirajes y debo equivocarme siempre. ¡Tú, no! ¡Lo que dices es la ponderación justa de lo que has visto!

—Te juro. —¡Bah; déjame en paz!—concluyó cada vez más irritado con mi tranquilidad, que era para él otra manifestación de orgullo.

Cada vez que volví a verlo en los días sucesivos, lo hallé más exaltado con su amor. Estaba más delgado, y sus ojos cargados de ojeras brillaban de fiebre.

—¿Quiere hacer una cosa? Vamos esta noche a su casa. Ya le he hablado de ti. Vas a ver si es o no como te he dicho.

Fuimos. No sé si usted ha sufrido una impresión semejante; pero cuando ella me extendió la mano y nos miramos, sentí que por ese contacto tibio, la espléndida belleza de aquellos ojos sombríos y de aquel cuerpo mudo, se infiltraba en una caliente onda en todo mi ser.

Cuando salimos, Vezzera me dijo:

—¿Y?. ¿es como te he dicho?

—Sí—le respondí.

—¿La gente impresionable puede entonces comunicar una impresión conforme a la realidad?

—Esta vez, sí—no pude menos de reirme.

Vezzera me miró de reojo y se calló por largo rato.

—¡Parece—me dijo de pronto—que no hicieras sino concederme por suma gracia su belleza!

—¿Pero estás loco?—le respondí.

Vezzera se encogió de hombros como si yo hubiera esquivado su respuesta. Siguió sin hablarme, visible mente disgustado, hasta que al fin volvió otra vez a mí sus ojos de fiebre.

—De veras, de veras me juras que te parece linda?

—¡Pero claro, idiota! Me parece lindísima; ¿quieres más?

Se calmó entonces, y con la reacción inevitable de sus nervios femeninos, pasó conmigo una hora de loco entusiasmo, abrasándose al recuerdo de su novia.

Fuí varias veces más con Vezzera. Una noche, a una nueva invitación, respondí que no me hallaba bien y que lo dejaríamos para otro momento. Diez días más tarde respondí lo mismo, y de igual modo en la siguiente semana. Esta vez Vezzera me miró fijamente a los ojos:

—¿Por qué no quieres ir?

—No es que no quiera ir, sino que me hallo hoy con poco humor para esas cosas.

—¡No es eso! ¡Es que no quieres ir más!

—¿Yo?

—Sí; y te exijo como a un amigo, o como a ti, que me digas justamente esto: ¿Por qué no quieres ir más?

—¡No tengo ganas!. ¿Te gusta?

Vezzera me miró como miran los tuberculosos condenados al reposo, a un hombre fuerte que no se jacta de ello. Y en realidad, creo que ya se precipitaba su tisis.

Se observó en seguida las manos sudorosas, que le temblaban.

—Hace días que las noto más flacas. ¿Sabes por qué no quieres ir más?

¿Quieres que te lo diga?

Tenía las ventanas de la nariz contraídas, y su respiración acelerada le cerraba los labios.

—¡Vamos! No seas. cálmate, que es lo mejor.

—¡Es que te lo voy a decir!

—¿Pero no ves que estás delirando, que estás muerto de fiebre?—le interrumpí. Por dicha, un violento acceso de tos lo detuvo. Lo empujé cariñosamente.

—Acuéstate un momento estás mal.

Vezzera se recostó en mi cama y cruzó sus dos manos sobre la frente. Pasó un largo rato en silencio. De pronto me llegó su voz, lenta:

—¿Sabes lo que te iba a decir?. Que no querías que María se enamorara de ti. Por eso no ibas.

—¡Qué estúpido!—me sonreí.

—Sí, estúpido! ¡Todo, todo lo que quieras! Quedamos mudos otra vez. Al fin me acerqué a él.

—Esta noche vamos—le dije. —¿Quieres?

—Sí, quiero.

Cuatro horas más tarde llegábamos allá. María me saludó como si hubiera dejado de verme el día anterior, sin parecer en lo más mínimo preocupada de mi larga ausencia.

—Pregúntale siquiera—se rió Vezzera con visible afectación—por qué ha pasado tanto tiempo sin venir.

María arrugó imperceptiblemente el ceño, y se volvió a mí con risueña sorpresa:

—¡Pero supongo que no tendría deseo de visitarnos!

Aunque el tono de la exclamación no pedía respuesta, María quedó un instante en suspenso, como si la esperara. Vi que Vezzera me devoraba con los ojos.

—Aunque deba avergonzarme eternamente—re puse—confieso que hay algo de verdad.

—¿No es verdad?—se rió ella. Pero ya en el movimiento de los pies y en la dilatación de las narices de Vezzera, conocí su tensión de nervios.

—Dile que te diga—se dirigió a María—por qué realmente no quería venir.

Era tan perverso y cobarde el ataque, que lo miré con verdadera rabia. Vezzera afectó no darse cuenta, y sostuvo la tirante expectativa con el convulsivo golpeteo del pie, mientras María tornaba a contraer las cejas.

—¿Hay otra cosa?—se sonrió con esfuerzo.

—Sí, Zapiola te va a decir.

—¡Vezzera!—exclamé.

—...Es decir, no el motivo suyo, sino el que yo le atribuía para no venir más aquí. ¿sabes por qué?

—Porque él cree que usted se va a enamorar de mí—me adelanté, dirigiéndome a María.

Ya antes de decir esto, vi bien claro la ridiculez en que iba a caer; pero tuve que hacerlo. María soltó la risa, notándose así mucho más el cansancio de sus ojos.

—¿Sí? ¿Pensabas eso, Antenor?

—No, supondrás. era una broma—se rió él también.

La madre entró de nuevo en la sala, y la conversación cambió de rumbo.

—Eres un canalla—me apresuré a decirle en los ojos a Vezzera, cuando salimos.

—Sí—me respondió mirándome claramente.

—Lo hice a propósito.

—¿Querías ridiculizarme?

—Sí. quería.

—¿Y no te da vergüenza? ¿Pero qué diablos te pasa?  
¿Qué tienes contra mí?

No me contestó, encogiéndose de hombros.

—¡Anda al demonio!—murmuré. Pero un momento después, al separarme, sentí su mirada cruel y desconfiada fija en la mía.

—¿Me juras por lo que más quieras, por lo que quieras más, que no sabes lo que pienso?

—No—le respondí secamente.

—¡No mientes, no estás mintiendo?

—No miento.

Y mentía profundamente.

—Bueno, me alegro... Dejemos esto. Hasta mañana.

¿Cuándo quieres que volvamos allá?

—¡Nunca! Se acabó.

Vi que verdadera angustia le dilataba los ojos.

—¿No quieres ir más?—me dijo con voz ronca y extraña.

—No, nunca más.

—Como quieras, mejor... No estás enojado, ¿verdad?

—¡Oh, no seas criatura!—me reí.

Y estaba verdaderamente irritado contra Vezza, contra mí...

Al día siguiente Vezza entró al anochecer en mi cuarto. Llovía desde la mañana, con fuerte temporal, y la humedad y el frío me agobiaban. Desde el primer momento noté que Vezza ardía en fiebre.

—Vengo a pedirte una cosa—comenzó.

—¡Déjate de cosas!—interrumpí.—¿Por qué has salido con esta noche?

¿No ves que estás jugando tu vida con esto?

—La vida no me importa... dentro de unos meses esto se acaba... mejor. Lo que quiero es que vayas otra vez allá.

—¡No! ya te dije.

—¡No, vamos! ¡No quiero que no quieras ir! ¡Me mata esto! ¿Por qué no quieres ir?

—Ya te he dicho: ¡no-qui-e-ro! Ni una palabra más sobre esto, ¿oyes? La angustia de la noche anterior tornó a desmesurarle los ojos.

—Entonces—articuló con voz profundamente tomada— es lo que pienso, lo que tú sabes que yo pensaba cuando mentiste anoche. De modo...

Bueno, dejemos, no es nada. Hasta mañana.

Lo detuve del hombro y se dejó caer en seguida en la silla, con la cabeza sobre sus brazos en la mesa.

—Quédate—le dije.—Vas a dormir aquí conmigo. No estés solo.

Durante un rato nos quedamos en profundo silencio. Al fin articuló sin entonación alguna:

—Es que me dan unas ganas locas de matarme...

—¡Por eso! ¡Quédate aquí!... No estés solo.

Pero no pude contenerlo, y pasé toda la noche inquieto.

Usted sabe qué terrible fuerza de atracción tiene el suicidio, cuando la idea fija se ha enredado en una madeja de nervios enfermos. Habría sido menester que a toda costa Vezzera no estuviera solo en su cuarto. Y aún así, persistía siempre el motivo.

Pasó lo que temía. A las siete de la mañana me trajeron una carta de Vezzera, muerto ya desde cuatro horas atrás. Me decía en ella que era demasiado claro que yo estaba

enamorado de su novia, y ella de mí. Que en cuanto a María, tenía la más completa certidumbre y que yo no había hecho sino confirmarle mi amor con mi negativa a ir más allá. Que estuviera yo lejos de creer que se mataba de dolor, absolutamente no.

Pero él no era hombre capaz de sacrificar a nadie a su egoísta felicidad, y por eso nos dejaba libre a mí y a ella. Además, sus pulmones no daban más... era cuestión de tiempo. Que hiciera feliz a María, como él hubiera deseado... , etc.

Y dos o tres frases más. Inútil que le cuente en detalle mi turbación de esos días. Pero lo que resaltaba claro para mí en su carta—para mí que lo conocía—era la desesperación de celos que lo llevó al suicidio. Ese era el único motivo; lo demás: sacrificio y conciencia tranquila, no tenía ningún valor.

En medio de todo quedaba vivísima, radiante de brusca felicidad, la imagen de María. Yo sé el esfuerzo que debí hacer, cuando era de Vezzera, para dejar de ir a verla. Y había creído adivinar también que algo semejante pasaba en ella. Y ahora, ¡libres! sí, solos los dos, pero con un cadáver entre nosotros.

Después de quince días fuí a su casa. Hablamos vagamente, evitando la menor alusión. Apenas me respondía; y aunque se esforzaba en ello, no podía sostener mi mirada un solo momento.

—Entonces,—le dije al fin levantándome—creo que lo más discreto es que no vuelva más a verla.

—Creo lo mismo—me respondió. Pero no me moví.

—¿Nunca más?—añadí.

—No, nunca... como usted quiera—rompió en un sollozo, mientras dos lágrimas vencidas rodaban por sus mejillas.

Al acercarme se llevó las manos a la cara, y apenas sintió mi contacto se estremeció violentamente y rompió en sollozos. Me incliné detrás de ella y le abracé la cabeza.

—Sí, mi alma querida... ¿quieres? Podremos ser muy felices. Eso no importa nada... ¿quieres?

—¡No, no!—me respondió—no podríamos... no, ¡imposible!

—¡Después, sí, mi amor!... ¿Sí, después?

—¡No, no, no!—redobló aún sus sollozos.

Entonces salí desesperado, y pensando con rabiosa amargura que aquel imbécil, al matarse, nos había muerto también a nosotros dos.

Aquí termina mi novela. Ahora, ¿quiere verla?

—¡María!—se dirigió a una joven que pasaba del brazo.—Es hora ya; son las tres.

—¿Ya? ¿las tres?—se volvió ella.—No hubiera creído. Bueno, vamos. Un momentito.

Zapiola me dijo entonces:

—Ya ve, amigo mío, como se puede ser feliz después de lo que le he contado. Y su caso... Espere un segundo. Y mientras me presentaba a su mujer:

—Le contaba a X cómo estuvimos nosotros a punto de no ser felices.

La joven sonrió a su marido, y reconocí aquellos ojos sombríos de que él me había hablado, y que como todos los de ese carácter, al reír destellan felicidad.

—Sí,—repuso sencillamente—sufrimos un poco...

—¡Ya ve!—se rió Zapiola despidiéndose.—Yo en lugar suyo volvería al salón.

Me quedé solo. El pensamiento de Elena volvió otra vez; pero en medio de mi disgusto me acordaba a cada instante de la impresión que recibió Zapiola al ver por primera vez los ojos de María.

Y yo no hacía sino recordarlos.

# EL SOLITARIO

**K**assim era un hombre enfermizo, joyero de profesión, bien que no tuviera tienda establecida. Trabajaba para las grandes casas, siendo su especialidad el montaje de las piedras preciosas. Pocas manos como las suyas para los engarces delicados. Con más arranque y habilidad comercial, hubiera sido rico. Pero a los treinta y cinco años proseguía en su pieza, aderezada en taller bajo la ventana.

Kassim, de cuerpo mezquino, rostro exangüe sombreado por rala barba negra, tenía una mujer hermosa y fuertemente apasionada. La joven, de origen callejero, había aspirado con su hermosura a un más alto enlace. Esperó hasta los veinte años, provocando a los hombres y a sus vecinas con su cuerpo. Temerosa al fin, aceptó nerviosamente a Kassim.

No más sueños de lujo, sin embargo. Su marido, hábil—artista aún,— carecía completamente de carácter para hacer una fortuna. Por lo cual, mientras el joyero trabajaba doblado sobre sus pinzas, ella, de codos, sostenía sobre su marido una

lenta y pesada mirada, para arrancarse luego bruscamente y seguir con la vista tras los vidrios al transeunte de posición que podía haber sido su marido.

Cuanto ganaba Kassim, no obstante, era para ella. Los domingos trabajaba también a fin de poderle ofrecer un suplemento. Cuando María deseaba una joya—¡y con cuánta pasión deseaba ella!—trabajaba de noche. Después había tos y puntadas al costado; pero María tenía sus chispas de brillante.

Poco a poco el trato diario con las gemas llegó a hacerle amar las tareas del artífice, y seguía con ardor las íntimas delicadezas del engarce. Pero cuando la joya estaba concluída—debía partir, no era para ella,—caía más hondamente en la decepción de su matrimonio. Se probaba la alhaja, deteniéndose ante el espejo. Al fin la dejaba por ahí, y se iba a su cuarto. Kassim se levantaba al oír sus sollozos, y la hallaba en la cama, sin querer escucharlo.

—Hago, sin embargo, cuanto puedo por ti,—decía él al fin, tristemente.

Los sollozos subían con esto, y el joyero se reinstalaba lentamente en su banco.

Estas cosas se repitieron, tanto que Kassim no se levantaba ya a consolarla. ¡Consolarla! ¿de qué? Lo cual no obstaba para que Kassim prolongara más sus veladas a fin de un mayor suplemento.

Era un hombre indeciso, irresoluto y callado. Las miradas de su mujer se detenían ahora con más pesada fijeza sobre aquella muda tranquilidad.

—¡Y eres un hombre, tú!—murmuraba.

Kassim, sobre sus engarces, no cesaba de mover los dedos.

—No eres feliz conmigo, María—expresaba al rato.

—¡Feliz! ¡Y tienes el valor de decirlo! ¿Quién puede ser feliz contigo? ¡Ni la última de las mujeres!... ¡Pobre diablo!—concluía con risa nerviosa, yéndose.

Kassim trabajaba esa noche hasta las tres de la mañana, y su mujer tenía luego nuevas chispas que ella consideraba un instante con los labios apretados.

—Sí... ¡no es una diadema sorprendente!... ¿cuando la hiciste?

—Desde el martes—mirábala él con descolorida ternura—dormías de noche...

—¡Oh, podías haberte acostado!... ¡Inmensos, los brillantes!

Porque su pasión eran las voluminosas piedras que Kassim montaba. Seguía el trabajo con loca hambre de que concluyera de una vez, y apenas aderezada la alhaja, corría con ella al espejo. Luego, un ataque de sollozos.

—¡Todos, cualquier marido, el último, haría un sacrificio para halagar a su mujer! Y tú... y tú... ni un miserable vestido que ponerme, tengo!

Cuando se franquea cierto límite de respeto al varón, la mujer puede llegar a decir a su marido cosas increíbles.

La mujer de Kassim franqueó ese límite con una pasión igual por lo menos a la que sentía por los brillantes. Una tarde, al guardar sus joyas, Kassim notó la falta de un prendedor—cinco mil pesos en dos solitarios.— Buscó en sus cajones de nuevo.

—¿No has visto el prendedor, María? Lo dejé aquí.

—Sí, lo he visto.

—¿Dónde está?—se volvió extrañado.

—¡Aquí!

Su mujer, los ojos encendidos y la boca burlona, se erguía con el prendedor puesto.

—Te queda muy bien—dijo Kassim al rato.—  
Guardémoslo. María se rió.

—Oh, no! es mío.

—Broma?...

—Sí, es broma! ¡es broma, sí! ¡Cómo te duele pensar que podría ser mío... Mañana te lo doy. Hoy voy al teatro con él.

Kassim se demudó.

—Haces mal... podrían verte. Perderían toda confianza en mí.

—¡Oh!—cerró ella con rabioso fastidio, golpeando violentamente la puerta.

Vuelta del teatro, colocó la joya sobre el velador. Kassim se levantó y la guardó en su taller bajo llave. Al volver, su mujer estaba sentada en la cama.

—¡Es decir, que temes que te la robe! ¡Qué soy una ladrona!

—No mires así... Has sido imprudente, nada más.

—¡Ah! ¡Y a ti te lo confían! ¡A ti, a ti! ¡Y cuando tu mujer te pide un poco de halago, y quiere... me llamas ladrona a mí! ¡Infame!

Se durmió al fin. Pero Kassim no durmió.

Entregaron luego a Kassim para montar, un solitario, el brillante más admirable que hubiera pasado por sus manos.

—Mira, María, qué piedra. No he visto otra igual. Su mujer no dijo nada; pero Kassim la sintió respirar hondamente sobre el solitario.

—Una agua admirable... —prosiguió él—costará nueve o diez mil pesos.

—Un anillo!—murmuró María al fin.

—No, es de hombre... Un alfiler.

A compás del montaje del solitario, Kassim recibió sobre su espalda trabajadora cuanto ardía de rencor y cocotaje frustrado en su mujer. Diez veces por día interrumpía a su marido para ir con el brillante ante el espejo. Después se lo probaba con diferentes vestidos.

—Si quieres hacerlo después... —se atrevió Kassim.— Es un trabajo urgente.

Esperó respuesta en vano; su mujer abría el balcón.

—María, te pueden ver!

—Toma! ¡ahí está tu piedra!

El solitario, violentamente arrancado, rodó por el piso.

Kassim, lívido, lo recogió examinándolo, y alzó luego desde el suelo la mirada a su mujer.

—Y bueno, ¿por qué me miras así? ¿Se hizo algo tu piedra?

—No—repuso Kassim. Y reanudó en seguida su tarea, aunque las manos le temblaban hasta dar lástima.

Pero tuvo que levantarse al fin a ver a su mujer en el dormitorio, en plena crisis de nervios. El pelo se había soltado y los ojos le salían de las órbitas.

—¡Dame el brillante!—clamó.—¡Dámelo! ¡Nos escaparemos! ¡Para mí! ¡Dámelo!

—María... —tartamudeó Kassim, tratando de desasirse.

—¡Ah!—rugió su mujer enloquecida.—¡Tú eres el ladrón, miserable! ¡Me has robado mi vida, ladrón, ladrón! Y creías que no me iba a desquitar... cornudo! ¡Ajá! Mírame... no se te había ocurrido nunca, ¿eh? ¡Ah!—y se llevó las dos manos a la garganta ahogada. Pero cuando Kassim se iba, saltó de la cama y cayó, alcanzando a cogerlo de un botín.

—¡No importa! ¡El brillante, dámelo! ¡No quiero más que eso! ¡Es mío, Kassim miserable!

Kassim la ayudó a levantarse, lívido.

—Estás enferma, María. Después hablaremos... acuéstate.

—¡Mi brillante!

—Bueno, veremos si es posible... acuéstate.

—Dámelo!

La bola montó de nuevo a la garganta.

Kassim volvió a trabajar en su solitario. Como sus manos tenían una seguridad matemática, faltaban pocas horas ya.

María se levantó para comer, y Kassim tuvo la solicitud de siempre con ella. Al final de la cena su mujer lo miró de frente.

—Es mentira, Kassim—le dijo.

—¡Oh!—repuso Kassim sonriendo—no es nada.

—¡Te juro que es mentira!—insistió ella.

Kassim sonrió de nuevo, tocándole con torpe cariño la mano.

—¡Loca! Te digo que no me acuerdo de nada.

Y se levantó a proseguir su tarea. Su mujer, con la cara entre las manos, lo siguió con la vista.

—Y no me dice más que eso... —murmuró. Y con una honda náusea por aquello pegajoso, fofo e inerte que era su marido, se fué a su cuarto.

No durmió bien. Despertó, tarde ya, y vió luz en el taller; su marido continuaba trabajando. Una hora después, éste oyó un alarido.

—¡Dámelo!

—Sí, es para ti; falta poco, María—repuso presuroso, levantándose. Pero su mujer, tras ese grito de pesadilla, dormía de nuevo. A las dos de la mañana Kassim pudo dar por terminada su tarea; el brillante resplandecía, firme y varonil en su engarce. Con paso silencioso fué al dormitorio y encendió la veladora. María dormía de espaldas, en la blancura helada de su camisón y de la sábana.

Fué al taller y volvió de nuevo. Contempló un rato el seno casi descubierto, y con una descolorida sonrisa apartó un poco más el camisón desprendido.

Su mujer no lo sintió.

No había mucha luz. El rostro de Kassim adquirió de pronto una dura inmovilidad, y suspendiendo un instante la joya a flor del seno desnudo, hundió, firme y perpendicular como un clavo, el alfiler entero en el corazón de su mujer.

Hubo una brusca apertura de ojos, seguida de una lenta caída de párpados. Los dedos se arqueron, y nada más.

La joya, sacudida por la convulsión del ganglio herido, tembló un instante desequilibrada. Kassim esperó un momento; y cuando el solitario quedó por fin perfectamente

inmóvil, pudo entonces retirarse, cerrando tras de sí la puerta sin hacer ruido.



# LA MUERTE DE ISOLDA

**C**oncluía el primer acto de *Tristán e Isolda*. Cansado de la agitación de ese día, me quedé en mi butaca, muy contento con la falta de vecinos.

Volví la cabeza a la sala, y detuve en seguida los ojos en un palco balcón.

Evidentemente, un matrimonio. El, un marido cualquiera, y tal vez por su mercantil vulgaridad y la diferencia de año con su mujer, menos que cualquiera. Ella, joven, pálida, con una de esas profundas bellezas que más que en el rostro, aún bien hermoso, están en la perfecta solidaridad de mirada, boca, cuello, modo de entrecerrar los ojos. Era, sobre todo, una belleza para hombres, sin ser en lo más mínimo provocativa; y esto es precisamente lo que no entenderán nunca las mujeres.

La miré largo rato a ojos descubiertos porque la veía muy bien, y porque cuando el hombre está así en tensión de aspirar fijamente un cuerpo hermoso, no recurre al arbitrio femenino de los anteojos.

Comenzó el segundo acto. Volví aún la cabeza al palco, y nuestras miradas se cruzaron. Yo, que había apreciado ya el encanto de aquella mirada vagando por uno y otro lado de la sala, viví en un segundo, al sentirla directamente apoyada en mí, el más adorable sueño de amor que haya tenido nunca.

Fué aquello muy rápido: los ojos huyeron, pero dos o tres veces, en mi largo minuto de insistencia, tornaron fugazmente a mí.

Fué asimismo, con la súbita dicha de haberme soñado un instante su marido, el más rápido desencanto de un idilio. Sus ojos volvieron otra vez, pero en ese instante sentí que mi vecino de la izquierda miraba hacia allá, y después de un momento de inmovilidad de ambas partes, se saludaron.

Así, pues, yo no tenía el más remoto derecho a considerarme un hombre feliz, y observé a mi compañero. Era un hombre de más de treinta y cinco años, barba rubia y ojos azules de mirada clara y un poco dura, que expresaba inequívoca voluntad.

—Se conocen—me dije—y no poco.

En efecto, después de la mitad del acto mi vecino, que no había vuelto a apartar los ojos de la escena, los fijó en el palco. Ella, la cabeza un poco echada atrás, y en la penumbra, lo miraba también. Me pareció más pálida aún. Se miraron

fijamente, insistentemente, aislados del mundo en aquella recta paralela de alma a alma que los mantenía inmóviles.

Durante el tercero, mi vecino no volvió un instante la cabeza. Pero antes de concluir aquél salió por el pasillo opuesto. Miré al palco, y ella también se había retirado.

—Final de idilio—me dije melancólicamente. El no volvió más y el palco quedó vacío.

\* \* \*

—Sí, se repiten—sacudió amargamente la cabeza.— Todas las situaciones dramáticas pueden repetirse, aún las más inverosímiles, y se repiten. Es menester vivir, y usted es muy muchacho... Y las de su *Tristán* también, lo que no obsta para que haya allí el más sostenido alarido de pasión que haya gritado alma humana... Yo quiero tanto como usted a esa obra, y acaso más... No me refiero, querrá creer, al drama de *Tristán*, con las treinta y dos situaciones del dogma, fuera de las cuales todas son repeticiones. No; la escena que vuelve como una pesadilla, los personajes que sufren la alucinación de una dicha muerta, es otra cosa... Usted asistió al prelude de una de esas repeticiones... Sí, ya sé que se acuerda... No nos conocíamos con usted entonces... Y precisamente a usted debía de hablarle de esto! Pero juzga mal lo que vió y creyó un acto mío feliz...

¡Feliz!... Oígame. ¡El buque parte dentro de un momento, y esta vez no

vuelvo más... Le cuento esto a usted, como si se lo pudiera escribir, por dos razones: Primero, porque usted tiene un parecido pasmoso con lo que era yo entonces—en lo bueno únicamente, por suerte.—Y segundo, porque usted, mi joven amigo, es perfectamente incapaz de pretenderla, después de lo que va a oír. Oígame:

La conocí hace diez años, y durante los seis meses que fui su novio, hice cuanto me fué posible para que fuera mía. La quería mucho, y ella, inmensamente a mí. Por esto cedió un día, y desde ese instante, privado de tensión, mi amor se enfrió.

Nuestro ambiente social era distinto, y mientras ella se embriagaba con la dicha de mi nombre—se me consideraba buen mozo entonces—yo vivía en una esfera de mundo donde me era inevitable flirtear con muchachas de apellido, fortuna, y a veces muy lindas.

Una de ellas llevó conmigo el flirteo bajo parasoles de garden party a un extremo tal, que me exasperé y la pretendí seriamente. Pero si mi persona era interesante para esos juegos, mi fortuna no alcanzaba a prometerle el tren necesario, y me lo dió a entender claramente.

Tenía razón, perfecta razón. En consecuencia flirteé con una amiga suya, mucho más fea, pero infinitamente

menos hábil para estas torturas del tête-a-tête a diez centímetros, cuya gracia exclusiva consiste en enloquecer a su flirt, manteniéndose uno dueño de sí. Y esta vez no fuí yo quien se exasperó.

Seguro, pues, del triunfo, pensé entonces en el modo de romper con Inés. Continuaba viéndola, y aunque no podía ella engañarse sobre el amortiguamiento de mi pasión, su amor era demasiado grande para no iluminarle los ojos de dicha cada vez que me veía entrar.

La madre nos dejaba solos; y aunque hubiera sabido lo que pasaba, habría cerrado los ojos para no perder la más vaga posibilidad de subir con su hija a una esfera mucho más alta.

Una noche fuí allá dispuesto a romper, con visible malhumor, por lo mismo. Inés corrió a abrazarme, pero se detuvo, bruscamente pálida.

—Qué tienes—me dijo.

—Nada—le respondí con sonrisa forzada, acariciándole la frente. Dejó hacer, sin prestar atención a mi mano y mirándome insistentemente. Al fin apartó los ojos contraídos y entramos.

La madre vino, pero sintiendo cielo de tormenta, estuvo sólo un momento y desapareció.

Romper, es palabra corta y fácil; pero comenzarlo... Nos habíamos sentado y no hablábamos. Inés se inclinó, me

apartó la mano de la cara y me clavó los ojos, dolorosos de angustioso examen.

—¡Es evidente!...—murmuró.

—Qué—le pregunté fríamente.

La tranquilidad de mi mirada le hizo más daño que mi voz, y su rostro se demudó:

—¡Que ya no me quieres!—articuló en una desesperada y lenta oscilación de cabeza.

—Esta es la quincuagésima vez que dices lo mismo—respondí.

No podía darse respuesta más dura; pero yo tenía ya el comienzo.

Inés me miró un rato casi como a un extraño, y apartando bruscamente mi mano y el cigarro, su voz se rompió:

—¡Esteban!

—Qué—torné a decirle.

Esta vez bastaba. Dejó lentamente mi mano y se reclinó atrás en el sofá, manteniendo fijo en la lámpara su rostro lívido. Pero un momento después su cara caía de costado bajo el brazo crispado al respaldo.

Pasó un rato aún. La injusticia de mi actitud—no veía más que injusticia— acrecentaba el profundo disgusto de mí mismo. Por eso cuando oí, o más bien sentí, que las lágrimas salían al fin, me levanté con un violento chasquido de lengua.

—Yo creía que no íbamos a tener más escenas—le dije paseándome. No me respondió, y agregué:

—Pero que sea ésta la última.

Sentí que las lágrimas se detenían, y bajo ellas me respondió un momento después:

—Como quieras.

Pero en seguida cayó sollozando sobre el sofá:

—¡Pero qué te hecho! ¡qué te he hecho!

—¡Nada!—le respondí.—Pero yo tampoco te he hecho nada a ti... Creo que estamos en el mismo caso. Estoy harto de estas cosas!

Mi voz era seguramente mucho más dura que mis palabras. Inés se incorporó, y sosteniéndose en el brazo del sofá, repitió, helada:

—Como quieras.

Era una despedida. Yo iba a romper, y se me adelantaban.

El amor propio, el vil amor propio tocado a vivo, me hizo responder:

—Perfectamente... Me voy. Que seas más feliz... otra vez.

No comprendió, y me miró con extrañeza. Había cometido la primer infamia; y como en esos casos, sentí el vértigo de enlodarme más aún.

—¡Es claro!—apoyé brutalmente—porque de mí no has tenido queja...

¿no?

Es decir: te hice el honor de ser tu amante, y debes estar agradecida.

Comprendió más mi sonrisa que las palabras, y salió a buscar mi sombrero en el corredor, mientras que con un ¡ah!, su cuerpo y su alma se desplomaban en la sala.

Entonces, en ese instante en que crucé la galería, sentí intensamente cuánto la quería y lo que acababa de hacer. Aspiración de lujo, matrimonio encumbrado, todo me resaltó como una llaga en mi propia alma. Y yo, que me ofrecía en subasta a las mundanas feas con fortuna, que me ponía en venta, acababa de cometer el acto más ultrajante, con la mujer que nos ha querido demasiado... Flaqueza en el Monte de los Olivos, o momento vil en un hombre que no lo es, llevan al mismo fin: ansia de sacrificio, de reconquista más alta del propio valer. Y luego, la inmensa sed de ternura, de borrar beso tras beso las lágrimas de la mujer adorada, cuya primera sonrisa tras la herida que le hemos causado, es la más bella luz que pueda inundar un corazón de hombre.

¡Y concluído! No me era posible ante mí mismo volver a tomar lo que acababa de ultrajar de ese modo: ya no era digno de ella, ni la merecía más. Había enlodado en un segundo el amor más puro que hombre alguno haya sentido

sobre sí, y acababa de perder con Inés la irreencontrable felicidad de poseer a quien nos ama entrañablemente.

Desesperado, humillado, crucé por delante de la puerta, y la vi echada en el sofá, sollozando el alma entera sobre sus brazos. ¡Inés! ¡Perdida ya!

Sentí más honda mi miseria ante su cuerpo, todo amor, sacudido por los sollozos de su dicha muerta. Sin darme cuenta casi, me detuve.

—¡Inés!—llamé.

Mi voz no era ya la de antes. Y ella debió notarlo bien, porque su alma sintió, en aumento de sollozos, el desesperado llamado que le hacía mi amor, esta vez sí, inmenso amor!

—No, no...—me respondió.—¡Es demasiado tarde!

\*\*\*

Padilla se detuvo. Pocas veces he visto amargura más agotada y tranquila que la de sus ojos cuando concluyó. Por mi parte, no podían apartar de los míos aquella adorable belleza del palco, sollozando sobre el sofá...

—Me creerá—reanudó Padilla—si le digo que en mis muchos insomnios de soltero descontento de sí mismo, la tuve así ante mí... Salí de Buenos Aires sin ver casi a nadie, y menos a mi flirt de gran fortuna... Volví a los ocho años,

y supe entonces que se había casado, a los seis meses de haberme ido yo. Torné a alejarme, y hace un mes regresé, bien tranquilizado ya, y en paz.

No había vuelto a verla. Era para mí como un primer amor, con todo el encanto dignificante que un idilio virginal tiene para el hombre hecho, que después amó cien veces... Si usted es querido alguna vez como yo lo fuí, y ultraja como yo lo hice, comprenderá toda la pureza viril que hay en mi recuerdo.

Hasta que una noche tropecé con ella. Sí, esa misma noche en el teatro... Comprendí, al ver a su marido de opulenta fortuna, que se había precipitado en el matrimonio, como yo al Ucayali... Pero al verla otra vez, a veinte metros de mí, mirándome, sentí que en mi alma, dormida en paz, surgía sangrando la desolación de haberla perdido, como si no hubiera pasado un solo día de esos diez años. ¡Inés! Su hermosura, su mirada, única entre todas las mujeres, habían sido más bien más, porque me habían sido entregadas con adoración—también apreciará usted esto algún día.

Hice lo humanamente posible para olvidar, me rompí las muelas tratando de concentrar todo mi pensamiento en la escena. Pero la prodigiosa partitura de Wagner, ese grito de pasión enfermante, encendió en llama viva lo que quería olvidar. En el segundo o tercer acto no pude más y volví la

cabeza. Ella también sufría la sugestión de Wagner, y me miraba. ¡Inés, mi vida! Durante medio minuto su boca, sus manos, estuvieron bajo mi boca, mis ojos, y durante ese tiempo ella concentró en su palidez la sensación de esa dicha muerta hacia diez años. ¡Y *Tristán* siempre, sus alaridos de pasión sobrehumana, sobre nuestra felicidad yerta!

Salí entonces, atravesé las butacas como un sonámbulo, aproximándome a ella sin verla, sin que me viera, como si durante diez años no hubiera yo sido un miserable...

Y como diez años atrás, sufrí la alucinación de que llevaba mi sombrero en la mano e iba a pasar delante de ella.

Pasé, la puerta del palco estaba abierta, y me detuve enloquecido. Como diez años antes sobre el sofá, ella, Inés, tendida en el diván del antepalco, sollozaba la pasión de Wagner y su dicha deshecha.

¡Inés!... Sentí que el destino me colocaba en un momento decisivo. ¡Diez años!... ¿Pero habían pasado? ¡No, no, Inés mía!

Y como entonces, al ver su cuerpo todo amor, sacudido por los sollozos, murmuré:

—¡Inés!

Y como diez años antes, los sollozos redoblaron, y como entonces me respondió bajo sus brazos:

—No, no... ¡Es demasiado tarde!...



# EL INFIERNO ARTIFICIAL

**L**as noches en que hay luna, el sepulturero avanza por entre las tumbas con paso singularmente rígido. Va desnudo hasta la cintura y lleva un gran sombrero de paja. Su sonrisa, fija, da la sensación de estar pegada con cola a la cara. Si fuera descalzo, se notaría que camina con los pulgares del pie doblados hacia abajo.

No tiene esto nada de extraño, porque el sepulturero abusa del cloroformo. Incidencias del oficio lo han llevado a probar el anestésico, y cuando el cloroformo muere en un hombre, difícilmente suelta. Nuestro conocido espera la noche para destapar su frasco, y como su sensatez es grande, escoge el cementerio para inviolable teatro de sus borracheras.

El cloroformo dilata el pecho a la primera inspiración; la segunda, inunda la boca de saliva; las extremidades hormiguean, a la tercera; a la cuarta, los labios, a la par de las ideas, se hinchan, y luego pasan cosas singulares.

Es así como la fantasía de su paso ha llevado al sepulturero hasta una tumba abierta en que esa tarde ha

habido remoción de huesos— inconclusa por falta de tiempo. Un ataúd ha quedado abierto tras la verja, y a su lado, sobre la arena, el esqueleto del hombre que estuvo encerrado en él.

... ¿Ha oído algo, en verdad? Nuestro conocido descorre el cerrojo, entra, y luego de girar suspenso alrededor del hombre de hueso, se arrodilla y junta sus ojos a las órbitas de la calavera.

Allí, en el fondo, un poco más arriba de la base del cráneo, sostenido como en un pretil en una rugosidad del occipital, está acurrucado un hombrecillo tiritante, amarillo, el rostro cruzado de arrugas. Tiene la boca amoratada, los ojos profundamente hundidos, y la mirada enloquecida de ansia.

Es todo cuanto queda de un cocainómano.

—¡Cocaína! ¡Por favor, un poco de cocaína!

El sepulturero, sereno, sabe bien que él mismo llegaría a disolver con la saliva el vidrio de su frasco, para alcanzar el cloroformo prohibido. Es, pues, su deber ayudar al hombrecillo tiritante.

Sale y vuelve con la jeringuilla llena, que el botiquín del cementerio le ha proporcionado. ¿Pero cómo, al hombrecillo diminuto?...

—¡Por las fisuras craneanas!... ¡Pronto!

¡Cierto! ¿Cómo no se le había ocurrido a él? Y el sepulturero, de rodillas, inyecta en las fisuras el contenido entero de la jeringuilla, que filtra y desaparece entre las grietas.

Pero seguramente algo ha llegado hasta la fisura a que el hombrecillo se adhiere desesperadamente. Después de ocho años de abstinencia, ¿qué molécula de cocaína no enciende un delirio de fuerza, juventud, belleza?

El sepulturero fijó sus ojos a la órbita de la calavera, y no reconoció al hombrecillo moribundo. En el cutis, firme y terso, no había el menor rastro de arruga. Los labios, rojos y vitales, se entremordían con perezosa voluptuosidad que no tendría explicación viril, si los hipnóticos no fueran casi todos femeninos; y los ojos, sobre todo, antes vidriosos y apagados, brillaban ahora con tal pasión que el sepulturero tuvo un impulso de envidiosa sorpresa.

—Y eso, así... ¿la cocaína?—murmuró.

La voz de adentro sonó con inefable encanto.

—¡Ah! ¡Preciso es saber lo que son ocho años de agonía! ¡Ocho años, desesperado, helado, prendido a la eternidad por la sola esperanza de una gota!... Sí, es por la cocaína... ¿Y usted? Yo conozco ese olor...

¿cloroformo?

—Sí—repuso el sepulturero avergonzado de la mezquindad de su paraíso artificial. Y agregó en voz baja:—El

cloroformo también... Me mataría antes que dejarlo. La voz sonó un poco burlona.

—¡Matarse! Y concluiría seguramente; sería lo que cualquiera de esos vecinos míos... Se pudriría en tres horas, usted y sus deseos.

—Es cierto;—pensó el sepulturero—acabarían conmigo. Pero el otro no se había rendido. Ardía aún después de ocho años aquella pasión que había resistido a la falta misma del vaso de deleite; que ultrapasaba la muerte capital del organismo que la creó, la sostuvo, y no fué capaz de aniquilarla consigo; que sobrevivía monstruosamente de sí misma, transmutando el ansia causal en supremo goce final, manteniéndose ante la eternidad en una rugosidad del viejo cráneo.

La voz cálida y arrastrada de voluptuosidad sonaba aún burlona.

—Usted se mataría... ¡Linda cosa! Yo también me maté... ¡Ah, le interesa!

¿verdad? Pero somos de distinta pasta... Sin embargo, traiga su cloroformo, respire un poco más y óigame. Apreciará entonces lo que va de su droga a la cocaína. Vaya.

El sepulturero volvió, y echándose de pecho en el suelo, apoyado en los codos y el frasco bajo las narices, esperó.

—¡Su cloro! No es mucho, que digamos. Y aún morfina... ¿Usted conoce el amor por los perfumes? ¿No? ¿Y el Jicky de

Guerlain? Oiga, entonces. A los treinta años me casé, y tuve tres hijos. Con fortuna, una mujer adorable y tres criaturas sanas, era perfectamente feliz. Sin embargo, nuestra casa era demasiado grande para nosotros. Usted ha visto. Usted no... en fin... ha visto que las salas lujosamente puestas parecen más solitarias e inútiles. Sobre todo solitarias. Todo nuestro palacio vivía así en silencio su estéril y fúnebre lujo.

Un día, en menos de diez y ocho horas, nuestro hijo mayor nos dejó por seguir tras la difteria. A la tarde siguiente el segundo se fué con su hermano, y mi mujer se echó desesperada sobre lo único que nos quedaba: nuestra hija de cuatro meses. ¿Qué nos importaba la difteria, el contagio y todo lo demás? A pesar de la orden del médico, la madre dió de mamar a la criatura, y al rato la pequeña se retorció convulsa, para morir ocho horas después, envenenada por la leche de la madre.

Sume usted: 18, 24, 9. En 51 horas, poco más de dos días, nuestra casa quedó perfectamente silenciosa, pues no había nada que hacer. Mi mujer estaba en su cuarto, y yo me paseaba al lado. Fuera de eso nada, ni un ruido. Y dos días antes teníamos tres hijos...

Bueno. Mi mujer pasó cuatro días arañando la sábana, con un ataque cerebral, y yo acudí a la morfina.

—Deje eso—me dijo el médico,—no es para usted.

—¿Qué, entonces?—le respondí. Y señalé el fúnebre lujo de mi casa que continuaba encendiendo lentamente catástrofes, como rubíes.

El hombre se compadeció.

—Prueba sulfonal, cualquier cosa... Pero sus nervios no darán.

Sulfonal, brional, estramonio... ¡bah! ¡Ah, la cocaína! Cuánto de infinito va de la dicha desparramada en cenizas al pie de cada cama vacía, al radiante rescate de esa misma felicidad quemada, cabe en una sola gota de cocaína! Asombro de haber sufrido un dolor inmenso, momentos antes; súbita y llana confianza en la vida, ahora; instantáneo rebrote de ilusiones que acercan el porvenir a diez centímetros del alma abierta, todo esto se precipita en las venas por entre la aguja de platino. ¡Y su cloroformo!... Mi mujer murió. Durante dos años gasté en cocaína muchísimo más de lo que usted puede imaginarse. ¿Sabe usted algo de tolerancias? Cinco centigramos de morfina acaban fatalmente con un individuo robusto. Quincey llegó a tomar durante quince años dos gramos por día; vale decir, cuarenta veces más que la dosis mortal.

Pero eso se paga. En mí, la verdad de las cosas lúgubres, contenida, emborrachada día tras día, comenzó a vengarse, y ya no tuve más nervios retorcidos que echar por delante

a las horribles alucinaciones que me asediaban. Hice entonces esfuerzos inauditos para arrojar fuera el demonio, sin resultado. Por tres veces resistí un mes a la cocaína, un mes entero. Y caía otra vez. Y usted no sabe, pero sabrá un día, qué sufrimiento, qué angustia, qué sudor de agonía se siente cuando se pretende suprimir un solo día la droga!

Al fin, envenenado hasta lo más íntimo de mi ser, preñado de torturas y fantasmas, convertido en un tembloroso despojo humano; sin sangre, sin vida—misericordia a que la cocaína prestaba diez veces por día radiante disfraz, para hundirme en seguida en un estupor cada vez más hondo, al fin un resto de dignidad me lanzó a un sanatorio, me entregué atado de pies y manos para la curación.

Allí, bajo el imperio de una voluntad ajena, vigilado constantemente para que no pudiera procurarme el veneno, llegaría forzosamente a descocainizarme.

¿Sabe usted lo que pasó? Que yo, conjuntamente con el heroísmo para entregarme a la tortura, llevaba bien escondido en el bolsillo un frasquito con cocaína... Ahora calcule usted lo que es pasión.

Durante un año entero, después de ese fracaso, proseguí inyectándome. Un largo viaje emprendido dióme no sé qué misteriosas fuerzas de reacción, y me enamoré entonces.

La voz calló. El sepulturero, que escuchaba con la babeante sonrisa fija siempre en su cara, acercó su ojo y creyó notar un velo ligeramente opaco y vidrioso en los de su interlocutor. El cutis, a su vez, se resquebrajaba visiblemente.

—Sí,—prosiguió la voz,—es el principio... Concluiré de una vez. A usted, un colega, le debo toda esta historia. Los padres hicieron cuanto es posible para resistir: ¡un morfínmano, o cosa así! Para la fatalidad mía, de ella, de todos, había puesto en mi camino a una supernerviosa. ¡Oh, admirablemente bella! No tenía sino diez y ocho años. El lujo era para ella lo que el cristal tallado para una esencia: su envase natural.

La primera vez que, habiéndome yo olvidado de darme una nueva inyección antes de entrar, me vió decaer bruscamente en su presencia, idiotizarme, arrugarme, fijó en mí sus ojos inmensamente grandes, bellos y espantados. ¡Curiosamente espantados! Me vió, pálida y sin moverse, darme la inyección. No cesó un instante en el resto de la noche de mirarme. Y tras aquellos ojos dilatados que me habían visto así, yo veía a mi vez la tara neurótica, al tío internado, y a su hermano menor epiléptico...

Al día siguiente la hallé respirando Jicky, su perfume favorito; había leído en veinticuatro horas cuanto es posible sobre hipnóticos.

Ahora bien: basta que dos personas sorban los deleites de la vida de un modo anormal, para que se comprendan tanto más íntimamente, cuanto más extraña es la obtención del goce. Se unirán en seguida, excluyendo toda otra pasión, para aislarse en la dicha alucinada de un paraíso artificial.

En veinte días, aquel encanto de cuerpo, belleza, juventud y elegancia, quedó suspenso del aliento embriagador de los perfumes. Comenzó a vivir, como yo con la cocaína, en el cielo delirante de su Jicky.

Al fin nos pareció peligroso el mutuo sonambulismo en su casa, por fugaz que fuera, y decidimos crear nuestro paraíso. Ninguno mejor que mi propia casa, de la que nada había tocado, y a la que no había vuelto más. Se llevaron anchos y bajos divanes a la sala; y allí, en el mismo silencio y la misma suntuosidad fúnebre que había incubado la muerte de mis hijos; en la profunda quietud de la sala, con lámpara encendida a la una de la tarde; bajo la atmósfera pesada de perfumes, vivimos horas y horas nuestro fraternal y taciturno idilio, yo tendido inmóvil con los ojos abiertos, pálido como la muerte; ella echada sobre el diván, manteniendo bajo las narices, con su mano helada, el frasco de Jicky.

Porque no había en nosotros el menor rastro de deseo—¡y cuán hermosa estaba con sus profundas ojeras, su peinado descompuesto, y, el ardiente lujo de su falda inmaculada!

Durante tres meses consecutivos raras veces faltó, sin llegar yo jamás a explicarme qué combinaciones de visitas, casamientos y garden party debió hacer para no ser sospechada. En aquellas raras ocasiones llegaba al día siguiente ansiosa, entraba sin mirarme, tiraba su sombrero con un ademán brusco, para tenderse en seguida, la cabeza echada atrás y los ojos entornados, al sonambulismo de su Jicky.

Abrevio: una tarde, y por una de esas reacciones inexplicables con que los organismos envenenados lanzan en explosión sus reservas de defensa— los morfinómanos las conocen bien!—sentí todo el profundo goce que había, no en mi cocaína, sino en aquel cuerpo de diez y ocho años, admirablemente hecho para ser deseado. Esa tarde, como nunca, su belleza surgía pálida y sensual, de la suntuosa quietud de la sala iluminada. Tan brusca fué la sacudida, que me hallé sentado en el diván, mirándola. ¡Diez y ocho años... y con esa hermosura!

Ella me vió llegar sin hacer un movimiento, y al inclinarme me miró con fría extrañeza.

—Sí...—murmuré.

—No, no... —repuso ella con la voz blanca, esquivando la boca en pesados movimiento de su cabellera.

Al fin, al fin echó la cabeza atrás y cedió cerrando los ojos.

¡Ah! ¡Para qué haber resucitado un instante, si mi potencia viril, si mi orgullo de varón no revivía más! ¡Estaba muerto para siempre, ahogado, disuelto en el mar de cocaína! Caí a su lado, sentado en el suelo, y hundí la cabeza entre sus faldas, permaneciendo así una hora entera en hondo silencio, mientras ella, muy pálida, se mantenía también inmóvil, los ojos abiertos fijos en el techo.

Pero ese fustazo de reacción que había encendido un efímero relámpago de ruina sensorial, traía también a flor de conciencia cuanto de honor masculino y vergüenza viril agonizaba en mí. El fracaso de un día en el sanatorio, y el diario ante mi propia dignidad, no eran nada en comparación del de ese momento, ¿comprende usted? ¡Para qué vivir, si el infierno artificial en que me había precipitado y del que no podía salir, era incapaz de absorberme del todo! ¡Y me había soltado un instante, para hundirme en ese final!

Me levanté y fuí adentro, a las piezas bien conocidas, donde aún estaba mi revólver. Cuando volví, ella tenía los párpados cerrados.

—Matémonos—le dije.

Entreabrió los ojos, y durante un minuto no apartó la mirada de mí. Su frente límpida volvió a tener el mismo movimiento de cansado éxtasis:

—Matémonos—murmuró.

Recorrió en seguida con la vista el fúnebre lujo de la sala, en que la lámpara ardía con alta luz, y contrajo ligeramente el ceño.

—Aquí no—agregó.

Salimos juntos, pesados aún de alucinación, y atravesamos la casa resonante, pieza tras pieza. Al fin ella se apoyó contra una puerta y cerró los ojos. Cayó a lo largo de la pared. Volví el arma contra mí mismo, y me maté a mi vez.

Entonces, cuando a la explosión mi mandíbula se descolgó bruscamente, y sentí un inmenso hormigueo en la cabeza; cuando el corazón tuvo dos o tres sobresaltos, y se detuvo paralizado; cuando en mi cerebro y en mis nervios y en mi sangre no hubo la más remota probabilidad de que la vida volviera a ellos, sentí que mi deuda con la cocaína estaba cumplida. ¡Me había matado, pero yo la había muerto a mi vez!

¡Y me equivoqué! Porque un instante después pude ver, entrando vacilantes y de la mano, por la puerta de la sala, a nuestros cuerpos muertos, que volvían obstinados...

La voz se quebró de golpe.

—¡Cocaína, por favor! ¡Un poco de cocaína!

# LA GALLINA DEGOLLADA

**T**odo el día, sentados en el patio en un banco, estaban los cuatro hijos idiotas del matrimonio Mazzini-Ferraz. Tenían la lengua entre los labios, los ojos estúpidos, y volvían la cabeza con la boca abierta.

El patio era de tierra, cerrado al oeste por un cerco de ladrillos. El banco quedaba paralelo a él, a cinco metros, y allí se mantenían inmóviles, fijos los ojos en los ladrillos. Como el sol se ocultaba tras el cerco, al declinar los idiotas tenían fiesta. La luz enceguecedora llamaba su atención al principio, poco a poco sus ojos se animaban, se reían al fin estrepitosamente, congestionados por la misma hilaridad ansiosa, mirando el sol con alegría bestial, como si fuera comida.

Otras veces, alineados en el banco, zumbaban horas enteras, imitando al tranvía eléctrico. Los ruidos fuertes sacudían asimismo su inercia, y corrían entonces, mordiéndose la lengua y mugiendo, alrededor del patio. Pero casi siempre estaban apagados en un sombrío letargo de idiotismo, y pasaban todo el día sentados en su banco, con

las piernas colgantes y quietas, empapando de glutinosa saliva el pantalón.

El mayor tenía doce años y el menor, nueve. En todo su aspecto sucio y desvalido se notaba la falta absoluta de un poco de cuidado maternal.

Esos cuatro idiotas, sin embargo, habían sido un día el encanto de sus padres. A los tres meses de casados, Mazzini y Berta orientaron su estrecho amor de marido y mujer y mujer y marido hacia un porvenir mucho más vital: un hijo: ¿Qué mayor dicha para dos enamorados que esa honrada consagración de su cariño, libertado ya del vil egoísmo de un mutuo amor sin fin ninguno y, lo que es peor para el amor mismo, sin esperanzas posibles de renovación?

Así lo sintieron Mazzini y Berta, y cuando el hijo llegó, a los catorce meses de matrimonio, creyeron cumplida su felicidad. La criatura creció, bella y radiante, hasta que tuvo año y medio. Pero en el vigésimo mes sacudiéronlo una noche convulsiones terribles, y a la mañana siguiente no conocía más a sus padres. El médico lo examinó con esa atención profesional que está visiblemente buscando la causa del mal, en las enfermedades de los padres.

Después de algunos días los miembros paralizados recobraron el instinto; pero la inteligencia, el alma, aún el instinto, se habían ido del todo; había quedado profundamente idiota,

baboso, colgante, muerto para siempre sobre las rodillas de su madre.

—¡Hijo, mi hijo querido!—sollozaba ésta, sobre aquella espantosa ruina de su primogénito.

El padre, desolado, acompañó al médico afuera.

—A usted se le puede decir; creo que es un caso perdido. Podrá mejorar, educarse en todo lo que permita su idiotismo, pero no más allá.

—¡Sí!... ¡sí!... —asentía Mazzini.—Pero dígame: ¿Usted cree que es herencia, que...?

—En cuanto a la herencia paterna, ya le dije lo que creí cuando vi a su hijo. Respecto a la madre, hay allí un pulmón que no sopla bien. No veo nada más, pero hay un soplo un poco rudo. Hágala examinar bien.

Con el alma destrozada de remordimiento, Mazzini redobló su amor a su hijo, el pequeño idiota que pagaba los excesos del abuelo. Tuvo asimismo que consolar, sostener sin tregua a Berta, herida en lo más profundo por aquel fracaso de su joven maternidad.

Como es natural, el matrimonio puso todo su amor en la esperanza de otro hijo. Nació éste, y su salud y limpidez de risa reencendieron el porvenir extinguido. Pero a los diez y ocho meses las convulsiones del primogénito se repetían, y al día siguiente amanecía idiota.

Esta vez los padres cayeron en honda desesperación. ¡Luego su sangre, su amor estaba maldito! ¡Su amor, sobre todo! Veintiocho años él, veintidós ella, y toda su apasionada ternura no alcanzaba a crear un átomo de vida normal. Ya no pedían más belleza e inteligencia como en el primogénito; pero un hijo, un hijo como todos!

Del nuevo desastre brotaron nuevas llamaradas de dolorido amor, un loco anhelo de redimir de una vez para siempre la santidad de su ternura. Sobrevinieron mellizos, y punto por punto repitióse el proceso de los dos mayores.

Mas, por encima de su inmensa amargura, quedaba a Mazzini y Berta gran compasión por sus cuatro hijos. Hubo que arrancar del limbo de la más honda animalidad, no ya sus almas, sino el instinto mismo abolido.

No sabían deglutir, cambiar de sitio, ni aún sentarse. Aprendieron al fin a caminar, pero chocaban contra todo, por no darse cuenta de los obstáculos. Cuando los lavaban mugían hasta inyectarse de sangre el rostro. Animábanse sólo al comer, cuando veían colores brillantes u oían truenos. Se reían entonces, echando afuera lengua y ríos de baba, radiantes de frenesí bestial. Tenían, en cambio, cierta facultad imitativa; pero no se pudo obtener nada más.

Con los mellizos pareció haber concluído la aterradora descendencia. Pero pasados tres años desearon de nuevo

ardientemente otro hijo, confiando en que el largo tiempo transcurrido hubiera aplacado a la fatalidad.

No satisfacían sus esperanzas. Y en ese ardiente anhelo que se exasperaba, en razón de su infructuosidad, se agriaron. Hasta ese momento cada cual había tomado sobre sí la parte que le correspondía en la miseria de sus hijos; pero la desesperanza de redención ante las cuatro bestias que habían nacido de ellos, echó afuera esa imperiosa necesidad de culpar a los otros, que es patrimonio específico de los corazones inferiores.

Iniciáronse con el cambio de pronombres: *tus* hijos. Y como a más del insulto había le insidia, la atmósfera se cargaba.

—Me parece—díjole una noche Mazzini, que acababa de entrar y se lavaba las manos—que podrías tener más limpios a los muchachos.

Berta continuó leyendo, como si no hubiera oído.

—Es la primera vez—repuso al rato—que te veo inquietarte por el estado de tus hijos.

Mazzini volvió un poco la cara a ella con una sonrisa forzada:

—De nuestros hijos, ¿me parece?

—Bueno; de nuestros hijos. ¿Te gusta así?—alzó ella los ojos. Esta vez Mazzini se expresó claramente:

—¿Creo que no vas a decir que yo tenga la culpa, no?

—¡Ah, no!—se sonrió Berta, muy pálida—¡pero yo tampoco, supongo!...

¡No faltaba más!...—murmuró.

—¿Qué no faltaba más?

—¡Que si alguien tiene la culpa, no soy yo, entiéndelo bien! Eso es lo que te quería decir.

Su marido la miró un momento, con brutal deseo de insultarla.

—¡Dejemos!—articuló, secándose por fin las manos.

—Como quieras; pero si quieres decir...

—¡Berta!

—¡Como quieras!

Este fué el primer choque y le sucedieron otros. Pero en las inevitables reconciliaciones, sus almas se unían con doble arrebató y locura por otro hijo.

Nació así una niña. Vivieron dos años con la angustia a flor de alma, esperando siempre otro desastre. Nada acaeció, sin embargo, y los padres pusieron en ella toda su complacencia, que la pequeña llevaba a los más extremos límites del mimo y la mala crianza.

Si aún en los últimos tiempos Berta cuidaba siempre de sus hijos, al nacer Bertita olvidóse casi del todo de los otros. Su solo recuerdo la horrorizaba, como algo atroz

que la hubieran obligado a cometer. A Mazzini, bien que en menor grado, pasábale lo mismo.

No por eso la paz había llegado a sus almas. La menor indisposición de su hija echaba ahora afuera, con el terror de perderla, los rencores de su descendencia podrida. Habían acumulado hiel sobrado tiempo para que el vaso no quedara distendido, y al menor contacto el veneno se vertía afuera. Desde el primer disgusto emponzoñado habíanse perdido el respeto; y si hay algo a que el hombre se siente arrastrado con cruel fricción, es, cuando ya se comenzó, a humillar del todo a una persona.

Antes se contenían aún por la común falta de éxito; ahora que éste había llegado, cada cual, atribuyéndolo a sí mismo, sentía mayor la infamia de los cuatro engendros que el otro habíale forzado a crear.

Con estos sentimientos, no hubo ya para los cuatro hijos mayores afecto posible. La sirvienta los vestía, les daba de comer, los acostaba, con visible brutalidad. No los lavaban casi nunca. Pasaban casi todo el día sentados frente al cerco, abandonados de toda remota caricia.

De este modo Bertita cumplió cuatro años, y esa noche, resultado de las golosinas que era a los padres absolutamente imposible negarle, la criatura tuvo algún escalofrío y fiebre. Y el temor a verla morir o quedar idiota, tornó a reabrir la eterna llaga.

Hacía tres horas que no hablaban, y el motivo fué, como casi siempre, los fuertes pasos de Mazzini.

—¡Mi Dios! ¿No puedes caminar más despacio? ¿Cuántas veces?...

—Bueno, es que me olvido; ¡se acabó! No lo hago a propósito. Ella se sonrió, desdeñosa:

—¡No, no te creo tanto!

—Ni yo, jamás, te hubiera creído tanto a ti... ¡tisiquilla!

—¡Qué! ¿qué dijiste?...

—¡Nada!

—¡Si, te oí algo! Mira: ¡no sé lo que dijiste; pero te juro que prefiero cualquier cosa a tener un padre como el que has tenido tú!

Mazzini se puso pálido.

—¡Al fin!—murmuró con los dientes apretados.—¡Al fin, víbora, has dicho lo que querías!

—¡Sí, víbora, sí! ¡Pero yo he tenido padres sanos, ¿oyes?, ¡sanos! ¡Mi padre no ha muerto de delirio! ¡Yo hubiera tenido hijos como los de todo el mundo! ¡Esos son hijos tuyos, los cuatro tuyos!

Mazzini explotó a su vez:

—¡Víbora tísica! ¡eso es lo que te dije, lo que te quiero decir! ¡Pregúntale, pregúntale al médico quién tiene la mayor culpa de la meningitis de tus hijos: mi padre o tu pulmón picado, víbora!

Continuaron cada vez con mayor violencia, hasta que un gemido de Bertita selló instantáneamente sus bocas. A la una de la mañana la ligera indigestión había desaparecido, y como pasa fatalmente con todos los matrimonios jóvenes que se han amado intensamente, una vez siquiera, la reconciliación llegó, tanto más efusiva cuanto hiriente fueron los agravios.

Amaneció un espléndido día, y mientras Berta se levantaba, escupió sangre. Las emociones y mala noche pasada tenían, sin duda, su gran culpa. Mazzini la retuvo abrazada largo rato, y ella lloró desesperadamente, pero sin que ninguno se atreviera a decir una palabra.

A las diez decidieron salir, después de almorzar. Como apenas tenían tiempo, ordenaron a la sirvienta que matara una gallina.

El día radiante había arrancado a los idiotas de su banco. De modo que mientras la sirvienta degollaba en la cocina al animal, desangrándola con parsimonia (Berta había aprendido de su madre este buen modo de conservar frescura a la carne), creyó sentir algo como respiración tras ella. Volvióse, y vió a los cuatro idiotas, con los hombros pegados uno a otro, mirando estupefactos la operación. Rojo... rojo...

—¡Señora! Los niños están aquí, en la cocina.

Berta llegó; no quería que jamás pisaran allí. ¡Y ni aún en esas horas de pleno perdón, olvido y felicidad reconquistada,

podía evitarse esa horrible visión! Porque, naturalmente, cuanto más intensos eran los raptos de amor a su marido e hija, más irritable era su humor con los monstruos.

—¡Que salgan, María! ¡Echelos! ¡Echelos, le digo!

Las cuatro pobres bestias, sacudidas, brutalmente empujadas, fueron a dar a su banco.

Después de almorzar, salieron todos. La sirvienta fué a Buenos Aires, y el matrimonio a pasear por las quintas. Al bajar el sol volvieron, pero Berta quiso saludar un momento a sus vecinas de enfrente. Su hija escapóse en seguida a casa.

Entretanto los idiotas no se habían movido en todo el día de su banco. El sol había transpuesto ya el cerco, comenzaba a hundirse, y ellos continuaban mirando los ladrillos, más inertes que nunca.

De pronto, algo se interpuso entre su mirada y el cerco. Su hermana, cansada de cinco horas paternas, quería observar por su cuenta.

Detenida al pie del cerco, miraba pensativa la cresta. Quería trepar, eso no ofrecía duda. Al fin decidióse por una silla desfondada, pero faltaba aún. Recurrió entonces a un cajón de kerosene, y su instinto topográfico hízole colocar vertical el mueble, con lo cual triunfó.

Los cuatro idiotas, la mirada indiferente, vieron cómo su hermana lograba pacientemente dominar el equilibrio, y

cómo en puntas de pie apoyaba la garganta sobre la cresta del cerco, entre sus manos tirantes. Viéronla mirar a todos lados, y buscar apoyo con el pie para alzarse más.

Pero la mirada de los idiotas se había animado; una misma luz insistente estaba fija en sus pupilas. No apartaban los ojos de su hermana, mientras creciente sensación de gula bestial iba cambiando cada línea de sus rostros. Lentamente avanzaron hacia el cerco. La pequeña, que habiendo logrado calzar el pie, iba ya a montar a horcajadas y a caerse del otro lado, seguramente, sintióse cogida de la pierna. Debajo de ella, los ocho ojos clavados en los suyos le dieron miedo.

—¡Soltáme! ¡dejáme!—gritó sacudiendo la pierna. Pero fué atraída.

—¡Mamá! ¡Ay, mamá! ¡Mamá, papá!—lloró imperiosamente. Trató aún de sujetarse del borde, pero sintióse arrancada y cayó.

—Mamá, ¡ay! Ma... —No pudo gritar más. Uno de ellos le apretó el cuello, apartando los bucles como si fueran plumas, y los otros la arrastraron de una sola pierna hasta la cocina, donde esa mañana se había desangrado a la gallina, bien sujeta, arrancándole la vida segundo por segundo.

Mazzini, en la casa de enfrente, creyó oír la voz de su hija.

—Me parece que te llama—le dijo a Berta.

Prestaron oído, inquietos, pero no oyeron más. Con todo, un momento después se despidieron, y mientras Berta iba a dejar su sombrero, Mazzini avanzó en el patio:

—¡Bertita!

Nadie respondió.

—¡Bertita!—alzó más la voz, ya alterada.

Y el silencio fué tan fúnebre para su corazón siempre aterrado, que la espalda se le heló de horrible presentimiento.

—¡Mi hija, mi hija!—corrió ya desesperado hacia el fondo. Pero al pasar frente a la cocina vió en el piso un mar de sangre. Empujó violentamente la puerta entornada, y lanzó un grito de horror.

Berta, que ya se había lanzado corriendo a su vez al oír el angustioso llamado del padre, oyó el grito y respondió con otro. Pero al precipitarse en la cocina, Mazzini, lívido como la muerte, se interpuso, conteniéndola:

—¡No entres! ¡No entres!

Berta alcanzó a ver el piso inundado de sangre. Sólo pudo echar sus brazos sobre la cabeza y hundirse a lo largo de él con un ronco suspiro.

# LOS BUQUES SUICIDANTES

**R**esulta que hay pocas cosas más terribles que encontrar en el mar un buque abandonado. Si de día el peligro es menor, de noche no se ven ni hay advertencia posible: el choque se lleva a uno y otro.

Estos buques abandonados por a o por b, navegan obstinadamente a favor de las corrientes o del viento, si tienen las velas desplegadas.

Recorren así los mares, cambiando caprichosamente de rumbo.

No pocos de los vapores que un buen día no llegaron a puerto, han tropezado en su camino con uno de estos buques silenciosos que viajan por su cuenta. Siempre hay probabilidad de hallarlos, a cada minuto. Por ventura las corrientes suelen enredarlos en los mares de sargazo. Los buques se detienen, por fin, aquí o allá, inmóviles para siempre en ese desierto de algas. Así, hasta que poco a poco se van deshaciendo. Pero otros llegan cada día, ocupan su lugar en silencio, de modo que el tranquilo y lúgubre puerto, siempre está frecuentado.

El principal motivo de estos abandonos de buque son sin duda las tempestades y los incendios que dejan a la deriva negros esqueletos errantes. Pero hay otras causas singulares entre las que se puede incluir lo acaecido al *María Margarita*, que zarpó de Nueva York el 24 de Agosto de 1903, y que el 26 de mañana se puso al habla con una corbeta, sin acusar novedad alguna. Cuatro horas más tarde, un paquete, no teniendo respuesta, desprendió una chalupa que abordó al *María Margarita*. En el buque no había nadie. Las camisetas de los marineros se secaban a proa. La cocina estaba prendida aún. Una máquina de coser tenía la aguja suspendida sobre la costura, como si hubiera sido dejada un momento antes. No había la menor señal de lucha ni de pánico, todo en perfecto orden; y faltaban todos. ¿Qué pasó?

La noche que aprendí esto estábamos reunidos en el puente. Ibamos a Europa, y el capitán nos contaba su historia marina, perfectamente cierta, por otro lado.

La concurrencia femenina, ganada por la sugestión del campo de batalla presente, oía estremecida. Las chicas nerviosas prestaban sin querer inquieto oído a la voz de los marineros en proa. Una señora recién casada se atrevió:

—¿No serán águilas?...

El capitán se sonrió bondadosamente:

—¿Qué, señora? ¿Aguilas que se lleven a la tripulación?

Todos se rieron y la joven hizo lo mismo, un poco avergonzada.

Felizmente un pasajero sabía algo de eso. Lo miramos curiosamente. Durante el viaje había sido un excelente compañero, admirando por su cuenta y riesgo, y hablando poco.

—¡Ah! ¡si nos contara, señor!—suplicó la joven de las águilas.

—No tengo inconveniente—asintió el discreto individuo.— En dos palabras—y en los mares del norte, como el *María Margarita* del capitán—encontramos una vez un barco a vela. Nuestro rumbo— viajábamos también a vela—nos llevó casi a su lado. El singular aire de abandono que no engaña en un buque, llamó nuestra atención, y disminuimos la marcha observándolo. Al fin desprendimos una chalupa; abordó no se halló a nadie, y todo estaba también en perfecto orden. Pero la última anotación del diario databa de cuatro días atrás, de modo que no sentimos mayor impresión. Aún nos reímos un poco de las famosas desapariciones súbitas.

Ocho de nuestros hombres quedaron abordó para el gobierno del nuevo buque. Viajaríamos de conserva. Al anoecer nos tomó un poco de camino. Al día siguiente lo alcanzamos, pero no vimos a nadie sobre el puente. Desprendióse de nuevo la chalupa, y los que fueron recorrieron en vano el buque: todos habían desaparecido. Ni un

objeto fuera de lugar. El mar estaba absolutamente terso en toda su extensión. En la cocina hervía aún una olla con papas.

Como ustedes comprenderán, el terror supersticioso de nuestra gente llegó a su colmo. A la larga, seis se animaron a llenar el vacío, y yo fuí con ellos. Apenas abordo, mis nuevos compañeros se decidieron a beber para desterrar toda preocupación. Estaban sentados en rueda y a la hora la mayoría cantaba ya.

Llegó mediodía y pasó la siesta. A las cuatro, la brisa cesó y las velas cayeron. Un marinero se acercó a la borda y miró el mar aceitoso. Todos se habían levantado, paseándose, sin ganas ya de hablar. Uno se sentó en un cabo y se sacó la camiseta para remendarla. Cosió un rato en silencio.

De pronto se levantó y lanzó un largo silbido. Sus compañeros se volvieron. El los miró vagamente, sorprendido también, y se sentó de nuevo. Un momento después dejó la camiseta en el cabo arrollado, avanzó a la borda y se tiró al agua. Al sentir el ruido, los otros dieron vuelta la cabeza, con el ceño ligeramente fruncido. En seguida se olvidaron, volviendo a la apatía común.

Al rato otro se desperezó, restregóse los ojos caminando, y se tiró al agua. Pasó media hora; el sol iba cayendo. Sentí de pronto que me tocaban en el hombro.

—¿Qué hora es?

—Las cinco—respondí. El viejo marinero me miró desconfiado, con las manos en los bolsillos, recostándose enfrente de mí. Miró largo rato mi pantalón, distraído. Al fin se tiró al agua.

Los tres que quedaban se acercaron rápidamente y observaron el remolino. Se sentaron en la borda, silbando despacio, con la vista perdida a lo lejos. Uno se bajó y se tendió en el puente, cansado. Los otros desaparecieron uno tras otro. A las seis, el último se levantó, se compuso la ropa, apartó el pelo de la frente, caminó con sueño aún, y se tiró al agua.

Entonces quedé solo, mirando como un idiota el mar desierto. Todos, sin saber lo que hacían, se habían arrojado al mar, envueltos en el sonambulismo moroso que flotaba en el buque. Cuando uno se tiraba al agua, los otros se volvían momentáneamente preocupados, como si recordaran algo, para olvidarse en seguida. Así habían desaparecido todos, y supongo que lo mismo los del día anterior, y los otros y los de los demás buques. Esto es todo.

Nos quedamos mirando al raro hombre con excesiva curiosidad.

—¿Y usted no sintió nada?—le preguntó mi vecino de camarote.

—Sí, un gran desgano y obstinación de las mismas ideas, pero nada más. No sé por qué no sentí nada más.

Presumo que el motivo es éste: en vez de agotarme en una defensa angustiosa y a *toda costa* contra lo que sentía, como deben de haber hecho todos, y aún los marineros sin darse cuenta, acepté sencillamente esa muerte hipnótica, como si estuviese anulado ya. Algo muy semejante ha pasado sin duda a los centinelas de aquella guardia célebre, que noche a noche se ahorcaban.

Como el comentario era bastante complicado, nadie respondió. Se fué al rato. El capitán lo siguió un rato de reojo.

—¡Farsante!—murmuró.

—Al contrario—dijo un pasajero enfermo, que iba a morir a su tierra.—Si fuera farsante no habría dejado de pensar en eso, y se hubiera tirado al agua.

# EL ALMOHADÓN DE PLUMA

**S**u luna de miel fué un largo escalofrío. Rubia, angelical y tímida, el carácter duro de su marido heló sus soñadas niñerías de novia. Lo quería mucho, sin embargo, a veces con un ligero estremecimiento cuando volviendo de noche juntos por la calle, echaba una furtiva mirada a la alta estatura de Jordán, mudo desde hacía una hora. El, por su parte, la amaba profundamente, sin darlo a conocer.

Durante tres meses—se habían casado en abril—vivieron una dicha especial. Sin duda hubiera ella deseado menos severidad en ese rígido cielo de amor, más expansiva e incauta ternura; pero el impassible semblante de su marido la contenía en seguida.

La casa en que vivían influía no poco en sus estremecimientos. La blancura del patio silencioso—frisos, columnas y estatuas de mármol— producía una otoñal impresión de palacio encantado. Dentro, el brillo glacial del estuco, sin el más leve rasguño en las altas paredes, afirmaba aquella

sensación de despacible frío. Al cruzar de una pieza a otra, los pasos hallaban eco en toda la casa, como si un largo abandono hubiera sensibilizado su resonancia.

En ese extraño nido de amor, Alicia pasó todo el otoño. No obstante, había concluído por echar un velo sobre sus antiguos sueños, y aún vivía dormida en la casa hostil, sin querer pensar en nada hasta que llegaba su marido.

No es raro que adelgazara. Tuvo un ligero ataque de influenza que se arrastró insidiosamente días y días; Alicia no se reponía nunca. Al fin, una tarde pudo salir al jardín apoyada en el brazo de él. Miraba indiferente a uno y otro lado. De pronto Jordán, con honda ternura, le pasó la mano por la cabeza, y Alicia rompió en seguida en sollozos, echándole los brazos al cuello. Lloró largamente todo su espanto callado, redoblando el llanto a la menor tentativa de caricia. Luego los sollozos fueron retardándose, y aún quedó largo rato escondida en su cuello, sin moverse ni decir una palabra.

Fué ese el último día que Alicia estuvo levantada. Al día siguiente amaneció desvanecida. El médico de Jordán la examinó con suma detención, ordenándole calma y descanso absolutos.

—No sé—le dijo a Jordán en la puerta de calle, con la voz todavía baja.— Tiene una gran debilidad que no me

explico, y sin vómitos, nada... Si mañana se despierta como hoy, llámeme en seguida.

Al otro día Alicia seguía peor. Hubo consulta. Constatóse una anemia de marcha agudísima, completamente inexplicable. Alicia no tuvo más desmayos, pero se iba visiblemente a la muerte. Todo el día el dormitorio estaba con las luces prendidas y en pleno silencio. Pasábanse horas sin oír el menor ruido. Alicia dormitaba. Jordán vivía casi en la sala, también con toda la luz encendida. Paseábase sin cesar de un extremo a otro, con incansable obstinación. La alfombra ahogaba sus pasos. A ratos entraba en el dormitorio y proseguía su mudo vaivén a lo largo de la cama, mirando a su mujer cada vez que caminaba en su dirección.

Pronto Alicia comenzó a tener alucinaciones, confusas y flotantes al principio, y que descendieron luego a ras del suelo. La joven, con los ojos desmesuradamente abiertos, no hacía sino mirar la alfombra a uno y otro lado del respaldo de la cama. Una noche se quedó de repente mirando fijamente. Al rato abrió la boca para gritar, y sus narices y labios se perlaron de sudor.

—¡Jordán! ¡Jordán!—clamó, rígida de espanto, sin dejar de mirar la alfombra.

Jordán corrió al dormitorio, y al verlo aparecer Alicia dió un alarido de horror.

—¡Soy yo, Alicia, soy yo!

Alicia lo miró con extravío, miró la alfombra, volvió a mirarlo, y después de largo rato de estupefacta confrontación, se serenó. Sonrió y tomó entre las suyas la mano de su marido, acariciándola temblando.

Entre sus alucinaciones más porfiadas, hubo un antropoide, apoyado en la alfombra sobre los dedos, que tenía fijos en ella los ojos.

Los médicos volvieron inútilmente. Había allí delante de ellos una vida que se acababa, desangrándose día a día, hora a hora, sin saber absolutamente cómo. En la última consulta Alicia yacía en estupor mientras ellos la pulsaban, pasándose de uno a otro la muñeca inerte. La observaron largo rato en silencio y pasaron al comedor.

—Pst... —se encogió de hombros desalentado su médico.—Es un caso serio... poco hay que hacer...

—¡Sólo eso me faltaba!—resopló Jordán. Y tamborileó bruscamente sobre la mesa.

Alicia fué extinguiéndose en subdelirio de anemia, agravado de tarde, pero que remitía siempre en las primeras horas. Durante el día no avanzaba su enfermedad, pero cada mañana amanecía lívida, en síncope casi. Parecía que únicamente de noche se le fuera la vida en nuevas olas de sangre. Tenía siempre al despertar la sensación de estar desplomada

en la cama con un millón de kilos encima. Desde el tercer día este hundimiento no la abandonó más. Apenas podía mover la cabeza. No quiso que le tocaran la cama, ni aún que le arreglaran el almohadón. Sus terrores crepusculares avanzaron en forma de monstruos que se arrastraban hasta la cama y trepaban dificultosamente por la colcha.

Perdió, luego, el conocimiento. Los dos días finales deliró sin cesar a media voz. Las luces continuaban fúnebremente encendidas en el dormitorio y la sala. En el silencio agónico de la casa, no se oía más que el delirio monótono que salía de la cama, y el rumor ahogado de los eternos pasos de Jordán.

Murió, por fin. La sirvienta, que entró después a deshacer la cama, sola ya, miró un rato extrañada el almohadón.

—Señor—llamó a Jordán en voz baja.—En el almohadón hay manchas que parecen de sangre.

Jordán se acercó rápidamente y se dobló a su vez. Efectivamente, sobre la funda, a ambos lados del hueco que había dejado la cabeza de Alicia, se veían manchas de sangre.

—Parecen picaduras—murmuró la sirvienta después de un rato de inmóvil observación.

—Levántelo a la luz—le dijo Jordán.

La sirvienta lo levantó, pero en seguida lo dejó caer, y se quedó mirando a aquél, lívida y temblando. Sin saber por qué, Jordán sintió que los cabellos se le erizaban.

—¿Qué hay?—murmuró con la voz ronca.

—Pesa mucho—articuló la sirvienta, sin dejar de temblar.

Jordán lo levantó; pesaba extraordinariamente. Salieron con él, y sobre la mesa del comedor Jordán cortó funda y envoltura de un tajo. Las plumas superiores volaron, y la sirvienta dió un grito de horror con toda la boca abierta, llevándose las manos crispadas a los bandós:—sobre el fondo, entre las plumas, moviendo lentamente las patas velludas, había un animal monstruoso, una bola viviente y viscosa. Estaba tan hinchado que apenas se le pronunciaba la boca.

Noche a noche, desde que Alicia había caído en cama, había aplicado sigilosamente su boca—su trompa, mejor dicho—a las sientes de aquella, chupándole la sangre. La picadura era casi imperceptible. La remoción diaria del almohadón había impedido sin duda su desarrollo, pero desde que la joven no pudo moverse, la succión fué vertiginosa. En cinco días, en cinco noches, había vaciado a Alicia.

Estos parásitos de las aves, diminutos en el medio habitual, llegan a adquirir en ciertas condiciones proporciones enormes. La sangre humana parece serles particularmente favorable, y no es raro hallarlos en los almohadones de pluma.

# EL PERRO RABIOSO

**E**l 20 de marzo de este año, los vecinos de un pueblo del Chaco santafecino persiguieron a un hombre rabioso que en pos de descargar su escopeta contra su mujer, mató de un tiro a un peón que cruzaba delante de él. Los vecinos, armados, lo rastrearon en el monte como a una fiera, hallándolo por fin trepado en un árbol, con su escopeta aún, y aullando de un modo horrible. Viéronse en la necesidad de matarlo de un tiro.

\*\*\*

Marzo 9

Hoy hace treinta y nueve días, hora por hora, que el perro rabioso entró de noche en nuestro cuarto. Si un recuerdo ha de perdurar en mi memoria, es el de las dos horas que siguieron a aquel momento.

La casa no tenía puertas sino en la pieza que habitaba mamá, pues como había dado desde el principio en tener

miedo, no hice otra cosa, en los primeros días de urgente instalación, que aserrar tablas para las puertas y ventanas de su cuarto. En el nuestro, y a la espera de mayor desahogo de trabajo, mi mujer se había contentado— verdad que bajo un poco de presión por mi parte—con magníficas puertas de arpillera. Como estábamos en verano, este detalle de riguroso ornamento no dañaba nuestra salud ni nuestro miedo. Por una de estas arpilleras, la que da al corredor central, fué por donde entró y me mordió el perro rabioso.

Yo no sé si el alarido de un epiléptico da a los demás la sensación de clamor bestial y fuera de toda humanidad que me produce a mí. Pero estoy seguro de que el aullido de un perro rabioso, que se obstina de noche alrededor de nuestra casa, provocará en todos la misma fúnebre angustia. Es un grito corto, metálico, de agonía, como si el animal boqueara ya, y todo él empapado en cuanto de lúgubre sugiere un animal rabioso.

Era un perro negro, grande, con las orejas cortadas. Y para mayor contrariedad, desde que llegáramos no había hecho más que llover. El monte cerrado por el agua, las tardes rápidas y tristísimas; apenas salíamos de casa, mientras la desolación del campo, en un temporal sin tregua, había ensombrecido al exceso el espíritu de mamá.

Con esto, los perros rabiosos. Una mañana el peón nos dijo que por su casa había andado uno la noche anterior, y que había mordido al suyo. Dos noches antes, un perro barcino había aullado *feo* en el monte. Había muchos, según él. Mi mujer y yo no dimos mayor importancia al asunto, pero no así mamá, que comenzó a hallar terriblemente desamparada nuestra casa a medio hacer. A cada momento salía al corredor para mirar el camino.

Sin embargo, cuando nuestro chico volvió esa mañana del pueblo, confirmó aquello. Había explotado una fulminante epidemia de rabia. Una hora antes acababan de perseguir a un perro en el pueblo. Un peón había tenido tiempo de asestarle un machetazo en la oreja, y el animal, babeando, el hocico en tierra y el rabo entre las patas delanteras, había cruzado por nuestro camino, mordiendo a un potrillo y un chanco que halló en el trayecto.

Más noticias aún. En la chacra vecina a la nuestra, y esa misma madrugada, otro perro había tratado inútilmente de saltar el corral de las vacas. Un inmenso perro flaco había corrido a un muchacho a caballo, por la picada del puerto viejo. Todavía de tarde se sentía dentro del monte el aullido agónico del perro. Como dato final, a las nueve llegaron al galope dos agentes a darnos la filiación de los perros rabiosos vistos, y a recomendarnos sumo cuidado.

Había de sobra para que mamá perdiera el resto de animación que le quedaba. Aunque de una serenidad a toda prueba, tiene terror a los perros rabiosos, a causa de cierta cosa horrible que presencié en su niñez. Sus nervios, ya enfermos por el cielo constantemente encapotado y lluvioso, provocáronle verdaderas alucinaciones de perros que entraban al trote por la portera.

Había un motivo real para este temor. Aquí, como en todas partes donde la gente pobre tiene muchos más perros de los que puede mantener, las casas son todas las noches merodeadas por perros hambrientos, a que los peligros del oficio—un tiro o una mala pedrada—han dado verdadero proceder de fieras. Avanzan al paso, agachados, los músculos flojos. No se siente jamás su marcha. Roban—si la palabra tiene sentido aquí—cuánto les exige su atroz hambre. Al menor rumor—no huyen porque esto haría ruido, sino se alejan al paso, doblando las patas. Al llegar al pasto se agazapan, y esperan así, tranquilamente, media o una hora, para avanzar de nuevo.

De aquí la ansiedad de mamá, pues siendo nuestra casa una de las tantas merodeadas, estábamos desde luego amenazados por la visita de los perros rabiosos, que recordarían el camino nocturno.

En efecto, esa misma tarde, mientras mamá, un poco olvidada, iba caminando despacio hacia la portera, oí su grito:

—Federico! ¡Un perro rabioso!

Un perro barcino, con el lomo arqueado, avanzaba al trote en ciega línea recta. Al verme llegar se detuvo, erizando el lomo. Retrocedí, sin volver el cuerpo, para descolgar la escopeta, pero el animal se fué. Recorrí inútilmente el camino, sin volverlo a hallar.

Pasaron dos días. El campo continuaba desolado de lluvia y tristeza, mientras el número de perros rabiosos aumentaba. Como no se podía exponer a los chicos a un terrible tropiezo en los caminos infestados, la escuela se cerró, y la carretera, ya sin tráfico, privada de este modo de la bulla escolar que animaba su desamparo, a las siete y a las doce, adquirió lúgubre silencio.

Mamá no se atrevía a dar un paso fuera del patio. Al menor ladrido miraba sobresaltada hacia la portera, y apenas anochecía, veía avanzar por entre el pasto ojos fosforescentes. Concluída la cena se encerraba en su cuarto, el oído atento al más hipotético aullido.

Hasta que la tercera noche me desperté, muy tarde ya: tenía la impresión de haber oído un grito, pero no podía precisar la sensación. Esperé un rato. Y de pronto un aullido corto, metálico, de atroz sufrimiento, tembló bajo el corredor.

—¡Federico!—oí la voz traspasada de emoción de mamá—¿sentiste?

—Sí—respondí, deslizándome de la cama. Pero ella oyó el ruido.

—¡Por Dios, es un perro rabioso! ¡Federico, no salgas, por Dios! ¡Juana!

¡Dile a tu marido que no salga!—clamó desesperada, dirigiéndose a mi mujer.

Otro aullido explotó, esta vez en el corredor central, delante de la puerta. Una finísima lluvia de escalofríos me bañó la médula hasta la cintura. No creo que haya nada más profundamente lúgubre que un aullido de perro rabioso a esa hora. Subía tras él la voz desesperada de mamá.

—¡Federico! ¡Va a entrar en tu cuarto! ¡No salgas, mi Dios, no salgas! ¡Juana! ¡Dile a tu marido!...

—¡Federico!—se cogió mi mujer a mi brazo.

Pero la situación podía tornarse muy crítica si esperaba a que el animal entrara, y encendiendo la lámpara descolgué la escopeta. Levanté de lado la arpillera de la puerta, y no vi más que el negro triángulo de la profunda tiniebla de afuera. Tuve apenas tiempo de asomar el cuerpo, cuando sentí que algo firme y tibio me rozaba el muslo; el perro rabioso se entraba en nuestro cuarto. Le eché violentamente atrás la cabeza con un golpe de rodilla, y súbitamente me lanzó un mordisco, que falló en un claro golpe de dientes. Pero un instante después sentí un dolor agudo.

Ni mi mujer ni mi madre se dieron cuenta de que me había mordido.

—¡Federico! ¿Qué fué eso?—gritó mamá que había oído mi detención y la dentellada al aire.

—Nada: quería entrar.

—¡Oh!...

De nuevo, y esta vez detrás del cuarto de mamá, el fatídico aullido explotó.

—¡Federico! ¡Está rabioso! ¡Está rabioso! ¡No salgas!—clamó enloquecida, sintiendo el animal a un metro de ella.

Hay cosas absurdas que tienen toda la apariencia de un legítimo razonamiento: Salí afuera con la lámpara en una mano y la escopeta en la otra, exactamente como para buscar a una rata aterrorizada, que me daría perfecta holgura para colocar la luz en el suelo y matarla en el extremo de un horcón.

Recorrí los corredores. No se oía un rumor, pero de dentro de las piezas me seguía la tremenda angustia de mamá y mi mujer que esperaban el estampido.

El perro se había ido.

—¡Federico!—exclamó mamá al sentirme volver por fin.—¿Se fué el perro?

—Creo que sí; no lo veo. Me parece haber oído un trote cuando salí.

—Sí, yo también sentí... Federico: ¿no estará en tu cuarto?... ¡No tiene puerta, mi Dios! ¡Quédate adentro! ¡Puede volver!

En efecto, podía volver. Eran las dos y veinte de la mañana. Y juro que fueron fuertes las dos horas que pasamos mi mujer y yo, con la luz prendida hasta que amaneció, ella acostada, yo sentado en la cama, vigilando sin cesar la arpillera flotante.

Antes me había curado. La mordedura era nítida, dos agujeros violeta, que oprimí con todas mis fuerzas, y lavé con permanganato.

Yo creía muy restrictivamente en la rabia del animal. Desde el día anterior se había empezado a envenenar perros, y algo en la actitud abrumada del nuestro me prevenía en pro de la estricnina. Quedaban el fúnebre aullido y el mordisco; pero de todos modos me inclinaba a lo primero. De aquí, seguramente, mi relativo descuido con la herida.

Llegó por fin el día. A las ocho, y a cuatro cuadras de casa, un transeunte mató de un tiro de revólver al perro negro que trotaba en inequívoco estado de rabia. En seguida lo supimos, teniendo de mi parte que librar una verdadera batalla contra mamá y mi mujer para no bajar a Buenos Aires a darme inyecciones. La herida, franca, había sido bien oprimida, y lavada con mordiente lujo de permanganato. Todo esto, a los cinco

minutos de la mordedura. ¿Qué demonios podía temer tras esa corrección higiénica? En casa concluyeron por tranquilizarse, y como la epidemia— provocada seguramente por una crisis de llover sin tregua como jamás se viera aquí—había cesado casi de golpe, la vida recobró su línea habitual.

Pero no por ello mamá y mi mujer dejaron ni dejan de llevar cuenta exacta del tiempo. Los clásicos cuarenta días pesan fuertemente, sobre todo en mamá, y aún hoy, con treinta y nueve transcurridos sin el más leve trastorno, ella espera el día de mañana para echar de su espíritu, en un inmenso suspiro, el terror siempre vivo que guarda de aquella noche.

El único fastidio, acaso, que para mí ha tenido esto, es recordar punto por punto lo que ha pasado. Confío en que mañana de noche concluya, con la cuarentena, esta historia, que mantiene fijos en mí los ojos de mi mujer y de mi madre, como si buscaran en mi expresión el primer indicio de enfermedad.

\*\*\*

Marzo 10

¡Por fin! Espero que de aquí en adelante podré vivir como un hombre cualquiera, que no tiene suspendidas sobre su cabeza coronas de muerte.

Ya han pasado los famosos cuarenta días, y la ansiedad, la manía de persecuciones y los horribles gritos que esperaban de mí, pasaron también para siempre.

Mi mujer y mi madre han festejado el fausto acontecimiento de un modo particular: contándome, punto por punto, todos los terrores que han sufrido sin hacérmelo ver. El más insignificante desgano mío las sumía en mortal angustia: ¡Es la rabia que comienza!—gemían. Si alguna mañana me levanté tarde, durante horas no vivieron, esperando otro síntoma. La fastidiosa infección en un dedo que me tuvo tres días febril e impaciente, fué para ellas una absoluta prueba de la rabia que comenzaba, de donde su consternación, más angustiosa por furtiva.

Y así el menor cambio de humor, el más leve abatimiento, provocáronles, durante cuarenta días, otras tantas horas de inquietud.

No obstante esas confesiones retrospectivas, desagradables siempre para el que ha vivido engañado, aún con la más arcangélica buena voluntad, con todo me he reído buenamente.—¡Ah, mi hijo! ¡No puedes figurarte lo horrible que es para una madre el pensamiento de que su hijo pueda estar rabioso! Cualquier otra cosa... ¡pero rabioso, rabioso!...

Mi mujer, aunque más sensata, ha divagado también bastante más de lo que confiesa. ¡Pero ya se acabó, por suerte!

Esta situación de mártir, de bebé vigilado segundo a segundo contra tal disparatada amenaza de muerte, no es seductora, a pesar de todo. ¡Por fin, de nuevo! Viviremos en paz, y ojalá que mañana o pasado no amanezca con dolor de cabeza, para resurrección de las locuras.

\*~\*~\*

Marzo 15

Hubiera querido estar absolutamente tranquilo, pero es imposible. No hay ya más, creo, posibilidad de que esto concluya. Miradas de soslayo todo el día, cuchicheos incesantes, que cesan de golpe en cuanto oyen mis pasos, un crispante espionaje de mi expresión cuando estamos en la mesa, todo esto se va haciendo intolerable.—¡Pero qué tienen, por favor!

—acabo de decirles.—¿Me hallan algo anormal, no estoy exactamente como siempre? ¡Ya es un poco cansadora esta historia del perro rabioso!

—¡Pero Federico!—me han respondido, mirándome con sorpresa.—¡Si no te decimos nada, ni nos hemos acordado de eso!

¡Y no hacen, sin embargo, otra cosa, otra que espíarme noche y día, día y noche, a ver si la estúpida rabia de su perro se ha infiltrado en mí!

\*\*\*

Marzo 18

Hace tres días que vivo como debería y desearía hacerlo toda la vida. ¡Me han dejado en paz, por fin, por fin, por fin!

\*\*\*

Marzo 19

¡Otra vez! ¡Otra vez han comenzado! Ya no me quitan los ojos de encima, como si sucediera lo que parecen desear: que esté rabioso. ¡Cómo es posible tanta estupidez en dos personas sensatas! Ahora no disimulan más, y hablan precipitadamente en voz alta de mí; pero, no sé por qué, no puedo entender una palabra. En cuanto llego cesan de golpe, y apenas me alejo un paso recomienza el vertiginoso parloteo. No he podido contenerme y me he vuelto con rabia:—¡Pero hablen, hablen delante, que es menos cobarde!

No he querido oír lo que han dicho y me he ido. ¡Ya no es vida la que llevo!

\*\*\*

8 p.m.

¡Quieren irse! ¡Quieren que nos vayamos! ¡Ah, yo sé por qué quieren dejarme!...

\*\*\*

Marzo 20 (6 a.m.)

¡Aullidos, aullidos! ¡Toda la noche no he oído más que aullidos! ¡He pasado toda la noche despertándome a cada momento! ¡Perros, nada más que perros ha habido anoche alrededor de casa! ¡Y mi mujer y mi madre han fingido el más perfecto sueño, para que yo solo absorbiera por los ojos los aullidos de todos los perros que me miraban!...

\*\*\*

7 a.m.

¡No hay más que víboras! ¡Mi casa está llena de víboras! ¡Al lavarme había tres enroscadas en la palangana! ¡En el forro del saco había muchas! ¡Y hay más! ¡Hay otras cosas! ¡Mi mujer me ha llenado la casa de víboras! ¡Ha traído enormes arañas peludas que me persiguen! ¡Ahora comprendo por qué me espiaba día y noche! ¡Ahora comprendo todo!

¡Quería irse por eso!

\*\*\*

7.15 a.m.

¡El patio está lleno de víboras! ¡No puedo dar un paso!  
¡No, no!...  
¡Socorro!...

\*\*\*

¡Mi mujer se va corriendo! ¡Mi madre se va! ¡Me han  
asesinado!... ¡Ah, la escopeta!... ¡Maldición! ¡Está cargada  
con munición! Pero no importa...

\*\*\*

¡Qué grito ha dado! Le erré... ¡Otra vez las víboras! ¡Allí,  
allí hay una enorme!... ¡Ay! ¡Socorro, socorro!!

\*\*\*

¡Todos me quieren matar! ¡Las han mandado contra  
mí, todas! ¡El monte está lleno de arañas! ¡Me han seguido  
desde casa!...

Ahí viene otro asesino... ¡Las trae en la mano! ¡Viene echando víboras en el suelo! ¡Viene sacando víboras de la boca y las echa en el suelo contra mí! ¡Ah! pero ese no vivirá mucho... ¡Le pegué! ¡Murió con todas las víboras!... ¡Las arañas! ¡Ay! ¡Socorro!!

\*\*\*

¡Ahí vienen, vienen todos!... ¡Me buscan, me buscan!... ¡Han lanzado contra mí un millón de víboras! ¡Todos las ponen en el suelo! ¡Y yo no tengo más cartuchos!... ¡Me han visto!... Uno me apunta...



# A LA DERIVA

**E**l hombre pisó algo blanduzco, y en seguida sintió la mordedura en el pie. Saltó adelante, y al volverse con un juramento, vió una yararacusú que arrollada sobre sí misma esperaba otro ataque.

El hombre echó una veloz ojeada a su pie, donde dos gotitas de sangre engrosaban dificultosamente, y sacó el machete de la cintura. La víbora vió la amenaza, y hundió más la cabeza en el centro mismo de su espiral; pero el machete cayó de plano, dislocándole las vértebras.

El hombre se bajó hasta la mordedura, quitó las gotitas de sangre, y durante un instante contempló. Un dolor agudo nacía de los dos puntitos violeta, y comenzaba a invadir todo el pie. Apresuradamente se ligó el tobillo con su pañuelo y siguió por la picada hacia su rancho.

El dolor en el pie aumentaba, con sensación de tirante abultamiento, y de pronto el hombre sintió dos o tres fulgurantes puntadas que como relámpagos habían irradiado desde la herida hasta la mitad de la pantorrilla. Movía la

pierna con dificultad; una metálica sequedad de garganta, seguida de sed quemante, le arrancó un nuevo juramento.

Llegó por fin al rancho, y se echó de brazos sobre la rueda de un trapiche. Los dos puntitos violeta desaparecían ahora en la monstruosa hinchazón del pie entero. La piel parecía adelgazada y a punto de ceder, de tensa.

Quiso llamar a su mujer, y la voz se quebró en un ronco arrastre de garganta reseca. La sed lo devoraba.

—¡Dorotea!—alcanzó a lanzar en un estertor.— ¡Dame caña!

Su mujer corrió con un vaso lleno, que el hombre sorbió en tres tragos. Pero no había sentido gusto alguno.

—¡Te pedí caña, no agua!—rugió de nuevo.—¡Dame caña!

—¡Pero es caña, Paulino!—protestó la mujer espantada.

—¡No, me diste agua! ¡Quiero caña, te digo!

La mujer corrió otra vez, volviendo con la damajuana. El hombre tragó uno tras otro dos vasos, pero no sintió nada en la garganta.

—Bueno; esto se pone feo—murmuró entonces, mirando su pie lívido y ya con lustre gangrenoso. Sobre la honda ligadura del pañuelo, la carne desbordaba como una monstruosa morcilla.

Los dolores fulgurantes se sucedían en continuos relampagueos, y llegaban ahora a la ingle. La atroz sequedad

de garganta que el aliento parecía caldear más, aumentaba a la par. Cuando pretendió incorporarse, un fulminante vómito lo mantuvo medio minuto con la frente apoyada en la rueda de palo.

Pero el hombre no quería morir, y descendiendo hasta la costa subió a su canoa. Sentóse en la popa y comenzó a palear hasta el centro del Paraná. Allí la corriente del río, que en las inmediaciones del Iguazú corre seis millas, lo llevaría antes de cinco horas a Tacurú-Pucú.

El hombre, con sombría energía, pudo efectivamente llegar hasta el medio del río; pero allí sus manos dormidas dejaron caer la pala en la canoa, y tras un nuevo vómito—de sangre esta vez—dirigió una mirada al sol que ya trasponía el monte.

La pierna entera, hasta medio muslo, era ya un bloque deforme y durísimo que reventaba la ropa. El hombre cortó la ligadura y abrió el pantalón con su cuchillo: el bajo vientre desbordó hinchado, con grandes manchas lívidas y terriblemente dolorido. El hombre pensó que no podría jamás llegar él solo a Tacurú-Pucú, y se decidió a pedir ayuda a su compadre Alves, aunque hacía mucho tiempo que estaban disgustados.

La corriente del río se precipitaba ahora hacia la costa brasileña, y el hombre pudo fácilmente atracar. Se arrastró

por la picada en cuesta arriba, pero a los veinte metros, exhausto, quedó tendido de pecho.

—¡Alves!—gritó con cuanta fuerza pudo; y prestó oído en vano.

—¡Compadre Alves! ¡No me niegue este favor!— clamó de nuevo, alzando la cabeza del suelo.—En el silencio de la selva no se oyó un sólo rumor. El hombre tuvo aún valor para llegar hasta su canoa, y la corriente, cogiéndola de nuevo, la llevó velozmente a la deriva.

El Paraná corre allí en el fondo de una inmensa hoya, cuyas paredes, altas de cien metros, encajonan fúnebremente el río. Desde las orillas bordeadas de negros bloques de basalto, asciende el bosque, negro también. Adelante, a los costados, detrás, la eterna muralla lúgubre, en cuyo fondo el río arremolinado se precipita en incesantes borbollones de agua fangosa. El paisaje es agresivo, y reina en él un silencio de muerte.

Al atardecer, sin embargo, su belleza sombría y calma cobra una majestad única.

El sol había caído ya cuando el hombre, semi-tendido en el fondo de la canoa, tuvo un violento escalofrío. Y de pronto, con asombro, enderezó pesadamente la cabeza: se sentía mejor. La pierna le dolía apenas, la sed disminuía, y su pecho, libre ya, se abría en lenta inspiración.

El veneno comenzaba a irse, no había duda. Se hallaba casi bien, y aunque no tenía fuerzas para mover la mano, contaba con la caída del rocío para reponerse del todo. Calculó que antes de tres horas estaría en Tacurú-Pucú.

El bienestar avanzaba, y con él una somnolencia llena de recuerdos. No sentía ya nada ni en la pierna ni en el vientre. ¿Viviría aún su compadre Gaona en Tacurú-Pucú? Acaso viera también a su ex-patrón míster Dougald, y al recibidor del obraje.

¿Llegaría pronto? El cielo, al poniente, se abría ahora en pantalla de oro, y el río se había coloreado también. Desde la costa paraguaya, ya entenebrecida, el monte dejaba caer sobre el río su fresca crepuscular, en penetrantes efluvios de azahar y miel silvestre. Una pareja de guacamayos cruzó muy alto y en silencio hacia el Paraguay.

Allá abajo, sobre el río de oro, la canoa derivaba velozmente, girando a ratos sobre sí misma ante el borbollón de un remolino. El hombre que iba en ella se sentía cada vez mejor, y pensaba entretanto en el tiempo justo que había pasado sin ver a su ex-patrón Dougald. ¿Tres años? Tal vez no, no tanto. ¿Dos años y nueve meses? Acaso. ¿Ocho meses y medio? Eso sí, seguramente.

De pronto sintió que estaba helado hasta el pecho. ¿Qué sería? Y la respiración también...

Al recibidor de maderas de míster Dougald, Lorenzo Cubilla, lo había conocido en Puerto Deseado, un viernes santo... ¿Viernes? Sí, o jueves...

El hombre estiró lentamente los dedos de la mano.

—Un jueves...

Y cesó de respirar.

# LA INSOLACIÓN

**E**l cachorro Old salió por la puerta y atravesó el patio con paso recto y perezoso. Se detuvo en la linde del pasto, estiró al monte, entrecerrando los ojos, la nariz vibrátil y, se sentó tranquilo. Veía la monótona llanura del Chaco, con sus alternativas de campo y monte, monte y campo, sin más color que el crema del pasto y el negro del monte. Este cerraba el horizonte, a doscientos metros, por tres lados de la chacra. Hacia el oeste, el campo se ensanchaba y extendía en abra, pero que la ineludible línea sombría enmarcaba a lo lejos.

A esa hora temprana, el confín, ofuscante de luz a mediodía, adquiriría reposada nitidez. No había una nube ni un soplo de viento. Bajo la calma del cielo plateado, el campo emanaba tónica fresca que traía al alma pensativa, ante la certeza de otro día de seca, melancolías de mejor compensado trabajo.

Milk, el padre del cachorro, cruzó a su vez el patio y se sentó al lado de aquél, con perezoso quejido de bienestar. Permanecían inmóviles, pues aún no había moscas.

Old, que miraba hacía rato la vera del monte, observó:

—La mañana es fresca.

Milk siguió la mirada del cachorro y quedó con la vista fija, parpadeando distraído. Después de un momento, dijo:

—En aquel árbol hay dos halcones.

Volvieron la vista indiferente a un buey que pasaba, y continuaron mirando por costumbre las cosas.

Entretanto, el oriente comenzaba a empurpurarse en abanico, y el horizonte había perdido ya su matinal precisión. Milk cruzó las patas delanteras y sintió leve dolor. Miró sus dedos sin moverse, decidiéndose por fin a olfatearlos. El día anterior se había sacado un pique, y en recuerdo de lo que había sufrido lamió extensamente el dedo enfermo.

—No podía caminar—exclamó, en conclusión. Old no entendió a qué se refería. Milk agregó:

—Hay muchos piques.

Esta vez el cachorro comprendió. Y repuso por su cuenta, después de largo rato:

—Hay muchos piques.

Callaron de nuevo, convencidos.

El sol salió, y en el primer baño de luz, las pavas del monte lanzaron al aire puro el tumultuoso trompeteo de su charanga. Los perros, dorados al sol oblicuo, entornaron los ojos, dulcificando su molicie en beato pestañeo. Poco a poco,

la pareja aumentó con la llegada de los otros compañeros: Dick, el taciturno preferido; Prince, cuyo labio superior, partido por un coatí, dejaba ver dos dientes, e Isondú, de nombre indígena. Los cinco fox-terriers, tendidos y muertos de bienestar, durmieron.

Al cabo de una hora irguieron la cabeza; por el lado opuesto del bizarro rancho de dos pisos—el inferior de barro y el alto de madera, con corredores y baranda de chalet—habían sentido los pasos de su dueño que bajaba la escalera. Míster Jones, la toalla al hombro, se detuvo un momento en la esquina del rancho y miró el sol, alto ya. Tenía aún la mirada muerta y el labio pendiente, tras su solitaria velada de whisky, más prolongada que las habituales.

Mientras se lavaba, los perros se acercaron y le olfatearon las botas, meneando con pereza el rabo. Como las fieras amaestradas, los perros conocen el menor indicio de borrachera en su amo. Se alejaron con lentitud a echarse de nuevo al sol. Pero el calor creciente les hizo presto abandonar aquél por la sombra de los corredores.

El día avanzaba igual a los precedentes de todo ese mes; seco, límpido, con catorce horas de sol calcinante que parecía mantener en fusión el cielo, y que en un instante resquebrajaba la tierra mojada en costras blanquecinas. Míster Jones fué a la chacra, miró el trabajo del día anterior y retornó al

rancho. En toda esa mañana no hizo nada. Almorzó y subió a dormir la siesta.

Los peones volvieron a las dos a la carpición, no obstante la hora de fuego, pues los yuyos no dejaban el algodonal. Tras ellos fueron los perros, muy amigos del cultivo, desde que el invierno pasado habían aprendido a disputar a los halcones los gusanos blancos que levantaba el arado. Cada uno se echó bajo un algodonero, acompañando con su jadeo los golpes sordos de la azada.

Entretanto el calor crecía. En el paisaje silencioso y encegueciente de sol, el aire vibraba a todos lados, dañando la vista. La tierra removida exhalaba vaho de horno, que los peones soportaban sobre la cabeza, rodeada hasta los hombros por el flotante pañuelo, con el mutismo de sus trabajos de chacra. Los perros cambiaban de planta, en procura de más fresca sombra. Tendíanse a lo largo, pero la fatiga los obligaba a sentarse sobre las patas traseras para respirar mejor.

Reverberaba ahora delante de ellos un pequeño páramo de greda que ni siquiera se había intentado arar. Allí, el cachorro vió de pronto a míster Jones que lo miraba fijamente, sentado sobre un tronco. Old se puso en pie, meneando el rabo. Los otros levantáronse también, pero erizados.

—Es el patrón,—exclamó el cachorro, sorprendido.

—No, no es él,—replicó Dick.

Los cuatro perros estaban juntos gruñendo sordamente, sin apartar los ojos de míster Jones, que continuaba inmóvil, mirándolos. El cachorro, incrédulo, fué a avanzar, pero Prince le mostró los dientes:

—No es él, es la Muerte.

El cachorro se erizó de miedo y retrocedió al grupo.

—¿Es el patrón muerto?—preguntó ansiosamente.

Los otros, sin responderle, rompieron a ladrar con furia, siempre en actitud de miedoso ataque. Sin moverse, míster Jones se desvaneció en el aire ondulante.

Al oír los ladridos, los peones habían levantado la vista, sin distinguir nada. Giraron la cabeza para ver si había entrado algún caballo en la chacra, y se doblaron de nuevo.

Los fox-terriers volvieron al paso al rancho. El cachorro, erizado aún, se adelantaba y retrocedía con cortos trotes nerviosos, y supo de la experiencia de sus compañeros, que cuando una cosa va a morir, aparece antes.

—¿Y cómo saben que ese que vimos no era el patrón?—preguntó.

—Porque no era él,—le respondieron displicentes.

Luego la Muerte, y con ella el cambio de dueño, las miserias, las patadas, estaba sobre ellos. Pasaron el resto de la tarde al lado de su patrón, sombríos y alerta. Al menor ruido

gruñían, sin saber adonde. Míster Jones sentíase satisfecho de su guardiana inquietud.

Por fin el sol se hundió tras el negro palmar del arroyo, y en la calma de la noche plateada, los perros se estacionaron alrededor del rancho, en cuyo piso alto míster Jones recomenzaba su velada de whisky. A media noche oyeron sus pasos, luego la doble caída de las botas en el piso de tablas, y la luz se apagó. Los perros, entonces, sintieron más el próximo cambio de dueño, y solos, al pie de la casa dormida, comenzaron a llorar. Lloraban en coro, volcando sus sollozos convulsivos y secos, como masticados, en un aullido de desolación, que la voz cazadora de Prince sostenía, mientras los otros tomaban el sollozo de nuevo. El cachorro ladraba. Había pasado media hora, y los cuatro perros de edad, agrupados a la luz de la luna, el hocico extendido e hinchado de lamentos—bien alimentados y acariciados por el dueño que iban a perder—continuaban llorando su doméstica miseria.

A la mañana siguiente míster Jones fué él mismo a buscar las mulas y las unció a la carpidora, trabajando hasta las nueve. No estaba satisfecho, sin embargo. Fuera de que la tierra no había sido nunca bien rastreada, las cuchillas no tenían filo, y con el paso rápido de las mulas, la carpidora saltaba. Volvió con ésta y afiló sus rejas; pero un tornillo en que ya al comprar la máquina había notado una falla,

se rompió al armarla. Mandó un peón al obraje próximo, recomendándole el caballo, un buen animal, pero asoleado. Alzó la cabeza al sol fundente de mediodía e insistió en que no galopara un momento. Almorzó en seguida y subió. Los perros, que en la mañana no habían dejado un momento a su patrón, se quedaron en los corredores.

La siesta pesaba, agobiaba de luz y silencio. Todo el contorno estaba brumoso por las quemazones. Alrededor del rancho, la tierra blanquizca del patio, deslumbraba por el sol a plomo, parecía deformarse en trémulo hervor, que adormecía los ojos parpadeantes de los fox-terriers.

—No ha aparecido más—dijo Milk.

Old, al oír *aparecido*, levantó las orejas sobre los ojos.

Esta vez el cachorro, incitado por la evocación, se puso en pie y ladró, buscando a qué. Al rato el grupo calló, entregado de nuevo a su defensiva cacería de moscas.

—No vino más—dijo Isondú.

—Había una lagartija bajo el raigón,—recordó por primera vez Prince.

Una gallina, el pico abierto y las alas caídas y apartadas del cuerpo, cruzó el patio incandescente con su pesado trote de calor. Prince la siguió perezosamente con la vista, y saltó de golpe:

—¡Viene otra vez!—gritó.

Por el norte del patio avanzaba solo el caballo en que había ido el peón. Los perros se arquearon sobre las patas, ladrando con prudente furia a la Muerte que se acercaba. El animal caminaba con la cabeza baja, aparentemente indeciso sobre el rumbo que iba a seguir. Al pasar frente al rancho dió unos cuantos pasos en dirección al pozo, y se degradó progresivamente en la cruda luz.

Míster Jones bajó; no tenía sueño. Disponíase a proseguir el montaje de la carpidora, cuando vió llegar inesperadamente al peón a caballo. A pesar de su orden, tenía que haber galopado para volver a esa hora.

Culpólo, con toda su lógica nacional, a lo que el otro respondía con evasivas razones. Apenas libre y concluída su misión, el pobre caballo, en cuyos ijares era imposible contar el latido, tembló agachando la cabeza, y cayó de costado. Míster Jones mandó al peón a la chacra, aún rebenque en mano, para no echarlo si continuaba oyendo sus jesuíticas disculpas.

Pero los perros estaban contentos. La Muerte, que buscaba a su patrón, se había conformado con el caballo. Sentíanse alegres, libres de preocupación, y en consecuencia disponíanse a ir a la chacra tras el peón, cuando oyeron a míster Jones que gritaba a éste, lejos ya, pidiéndole el tornillo. No había tornillo: el almacén estaba cerrado, el

encargado dormía, etc. Míster Jones, sin replicar, descolgó su casco y salió él mismo en busca del utensilio. Resistía el sol como un peón, y el paseo era maravilloso contra su mal humor.

Los perros le acompañaron, pero se detuvieron a la sombra del primer algarrobo; hacía demasiado calor. Desde allí, firmes en las patas, el ceño contraído y atento, lo veían alejarse. Al fin el temor a la soledad pudo más, y con agobiado trote siguieron tras él.

Míster Jones obtuvo su tornillo y volvió. Para acortar distancia, desde luego, evitando la polvorienta curva del camino, marchó en línea recta a su chacra. Llegó al riacho y se internó en el pajonal, el diluviano pajonal del Saladito, que ha crecido, secado, retoñado desde que hay paja en el mundo, sin conocer fuego. Las matas, arqueadas en bóveda a la altura del pecho, se entrelazan en bloques macizos. La tarea, seria ya con día fresco, era muy dura a esa hora. Míster Jones lo atravesó, sin embargo, braceando entre la paja restallante y polvorienta por el barro que dejaban las crecientes, ahogado de fatiga y acres vahos de nitratos.

Salió por fin y se detuvo en la linde; pero era imposible permanecer quieto bajo ese sol y ese cansancio; marchó de nuevo. Al calor quemante que crecía sin cesar desde tres días atrás, agregábase ahora el sofocamiento del tiempo

descompuesto. El cielo estaba blanco y no se sentía un soplo de viento. El aire faltaba, con angustia cardíaca que no permitía concluir la respiración.

Míster Jones se convenció de que había traspasado su límite de resistencia. Desde hacía rato le golpeaba en los oídos el latido de las carótidas. Sentíase en el aire, como si de dentro de la cabeza le empujaran violentamente el cráneo hacia arriba. Se mareaba mirando el pasto.

Apresuró la marcha para acabar con eso de una vez... y de pronto volvió en sí y se halló en distinto paraje: había caminado media cuadra, sin darse cuenta de nada. Miró atrás y la cabeza se le fué en un nuevo vértigo.

Entretanto, los perros seguían tras él, trotando con toda la lengua de fuera. A veces, agotados, deteníanse en la sombra de un espartillo; se sentaban precipitando su jadeo, pero volvían al tormento del sol. Al fin, como la casa estaba ya próxima, apuraron el trote.

Fué en ese momento cuando Old, que iba adelante, vió tras el alambrado de la chacra a míster Jones, vestido de blanco, que caminaba hacia ellos. El cachorro, con súbito recuerdo, volvió la cabeza y confrontó.

—¡La Muerte, la Muerte!—aulló.

Los otros la habían visto también, y ladraban erizados. Vieron que atravesaba el alambrado, y un instante creyeron

que se iba a equivocar; pero al llegar a cien metros se detuvo, miró el grupo con sus ojos celestes, y marchó adelante.

—¡Que no camine ligero el patrón!—exclamó Prince.

—¡Va a tropezar con él!—aullaron todos.

En efecto, el otro, tras breve hesitación, había avanzado, pero no directamente sobre ellos como antes, sino en línea oblicua y en apariencia errónea, pero que debía llevarlo justo al encuentro de míster Jones. Los perros comprendieron que esta vez todo concluía, porque su patrón continuaba caminando a igual paso como un autómeta, sin darse cuenta de nada. El otro llegaba ya. Hundieron el rabo y corrieron de costado, aullando. Pasó un segundo, y el encuentro se produjo. Míster Jones se detuvo, giró sobre sí mismo y se desplomó.

Los peones, que lo vieron caer, lo llevaron a prisa al rancho, pero fué inútil toda el agua; murió sin volver en sí. Míster Moore, su hermano materno, fué de Buenos Aires, estuvo una hora en la chacra y en cuatro días liquidó todo, volviéndose en seguida. Los indios se repartieron los perros que vivieron en adelante flacos y sarnosos, e iban todas las tardes con hambriento sigilo a comer espigas de maíz en las chacras ajenas.



## EL ALAMBRE DE PÚA

**D**urante quince días el alazán había buscado en vano la senda por donde su compañero se escapaba del potrero. El formidable cerco, de capuera— desmonte que ha rebrotado inextricable—no permitía paso ni aún a la cabeza del caballo. Evidentemente, no era por allí por donde el malacara pasaba.

Ahora recorría de nuevo la chacra, trotando inquieto con la cabeza alerta. De la profundidad del monte, el malacara respondía a los relinchos vibrantes de su compañero, con los suyos cortos y rápidos, en que había sin duda una fraternal promesa de abundante comida. Lo más irritante para el alazán era que el malacara reaparecía dos o tres veces en el día para beber. Prometíase aquél entonces no abandonar un instante a su compañero, y durante algunas horas, en efecto, la pareja pastaba en admirable conserva. Pero de pronto el malacara, con su soga a rastra, se internaba en el chircal, y cuando el alazán, al darse cuenta de su soledad, se lanzaba en su persecución, hallaba el monte inextricable. Esto sí, de

adentro, muy cerca aún, el maligno malacara respondía a sus desesperados relinchos, con un relinchillo a boca llena.

Hasta que esa mañana el viejo alazán halló la brecha muy sencillamente: Cruzando por frente al chircal que desde el monte avanzaba cincuenta metros en el campo, vió un vago sendero que lo condujo en perfecta línea oblicua al monte. Allí estaba el malacara, deshojando árboles.

La cosa era muy simple: el malacara, cruzando un día el chircal, había hallado la brecha abierta en el monte por un incienso desarraigado.

Repitió su avance a través del chircal, hasta llegar a conocer perfectamente la entrada del túnel. Entonces usó del viejo camino que con el alazán habían formado a lo largo de la línea del monte. Y aquí estaba la causa del trastorno del alazán: la entrada de la senda formaba una línea sumamente oblicua con el camino de los caballos, de modo que el alazán, acostumbrado a recorrer ésta de sur a norte y jamás de norte a sur, no hubiera hallado jamás la brecha.

En un instante estuvo unido a su compañero, y juntos entonces, sin más preocupación que la de despuntar torpemente las palmeras jóvenes, los dos caballos decidieron alejarse del malhadado potrero que sabían ya de memoria.

El monte, sumamente raleado, permitía un fácil avance, aún a caballos. Del bosque no quedaba en verdad sino una

franja de doscientos metros de ancho. Tras él, una capuera de dos años se empenachaba de tabaco salvaje. El viejo alazán, que en su juventud había correteado capueras hasta vivir perdido seis meses en ellas, dirigió la marcha, y en media hora los tabacos inmediatos quedaron desnudos de hojas hasta donde alcanza un pescuezo de caballo.

Caminando, comiendo, curioseando, el alazán y el malacara cruzaron la capuera hasta que un alambrado los detuvo.

—Un alambrado,—dijo el alazán.

—Sí, alambrado,—asintió el malacara. Y ambos, pesando la cabeza sobre el hilo superior, contemplaron atentamente. Desde allí se veía un alto pastizal de viejo rozado, blanco por la helada; un bananal y una plantación nueva. Todo ello poco tentador, sin duda; pero los caballos entendían ver eso, y uno tras otro siguieron el alambrado a la derecha.

Dos minutos después pasaban: un árbol, seco en pie por el fuego, había caído sobre los hilos. Atravesaron la blancura del pasto helado en que sus pasos no sonaban, y bordeando el rojizo bananal, quemado por la escarcha, vieron entonces de cerca qué eran aquellas plantas nuevas.

—Es yerba,—constató el malacara, haciendo temblar los labios a medio centímetro de las hojas coriáceas. La decepción pudo haber sido grande; mas los caballos, si bien golosos, aspiraban sobre todo a pasear. De modo que cortando oblicuamente

el yerbal, prosiguieron su camino, hasta que un nuevo alambrado contuvo a la pareja. Costearonlo con tranquilidad grave y paciente, llegando así a una tranquera, abierta para su dicha, y los paseantes se vieron de repente en pleno camino real.

Ahora bien, para los caballos, aquello que acababan de hacer tenía todo el aspecto de una proeza. Del potrero aburridor a la libertad presente, había infinita distancia. Más por infinita que fuera, los caballos pretendían prolongarla aún, y así, después de observar con perezosa atención los alrededores, quitáronse mutuamente la caspa del pescuezo, y en mansa felicidad prosiguieron su aventura.

El día, en verdad, favorecía tal estado de alma. La bruma matinal de Misiones acababa de disiparse del todo, y bajo el cielo súbitamente puro, el paisaje brillaba de esplendorosa claridad. Desde la loma, cuya cumbre ocupaban en ese momento los dos caballos, el camino de tierra colorada cortaba el pasto delante de ellos con precisión admirable, descendía al valle blanco de espartillo helado, para tornar a subir hasta el monte lejano. El viento, muy frío, cristalizaba aún más la claridad de la mañana de oro, y los caballos, que sentían de frente el sol, casi horizontal todavía, entrecerraban los ojos al dichoso deslumbramiento.

Seguían así, solos y gloriosos de libertad en el camino encendido de luz, hasta que al doblar una punta de monte,

vieron a orillas del camino cierta extensión de un verde inusitado. ¿Pasto? Sin duda. Mas en pleno invierno...

Y con las narices dilatadas de gula, los caballos se acercaron al alambrado. ¡Sí, pasto fino, pasto admirable! ¡Y entrarían, ellos, los caballos libres!

Hay que advertir que el alazán y el malacara poseían desde esa madrugada, alta idea de sí mismos. Ni tranquera, ni alambrado, ni monte, ni desmonte, nada era para ellos obstáculo. Habían visto cosas extraordinarias, salvando dificultades no creíbles, y se sentían gordos, orgullosos y facultados para tomar la decisión más estrafalaria que ocurrírseles pudiera.

En este estado de énfasis, vieron a cien metros de ellos varias vacas detenidas a orillas del camino, y encaminándose allá llegaron a la tranquera, cerrada con cinco robustos palos. Las vacas estaban inmóviles, mirando fijamente el verde paraíso inalcanzable.

—¿Por qué no entran?—preguntó el alazán a las vacas.

—Porque no se puede—le respondieron.

—Nosotros pasamos por todas partes,—afirmó el alazán, altivo.—Desde hace un mes pasamos por todas partes.

Con el fulgor de su aventura, los caballos habían perdido sinceramente el sentido del tiempo. Las vacas no se dignaron siquiera mirar a los intrusos.

—Los caballos no pueden,—dijo una vaquillona movediza.—Dicen eso y no pasan por ninguna parte. Nosotras sí pasamos por todas partes.

—Tienen sogas—añadió una vieja madre sin volver la cabeza.

—¡Yo no, yo no tengo sogas!—respondió vivamente el alazán.—Yo vivía en las capuerras y pasaba.

—¡Sí, detrás de nosotras! Nosotras pasamos y ustedes no pueden. La vaquillona movediza intervino de nuevo:

—El patrón dijo el otro día: a los caballos con un solo hilo se los contiene.

¿Y entonces?... ¿Ustedes no pasan?

—No, no pasamos,—repuso sencillamente el malacara, convencido por la evidencia.

—¡Nosotras sí!

Al honrado malacara, sin embargo, se le ocurrió de pronto que las vacas, atrevidas y astutas, impenitentes invasoras de chacras y del Código Rural, tampoco pasaban la tranquera.

—Esta tranquera es mala,—objetó la vieja madre.— ¡El sí! Corre los palos con los cuernos.

—¿Quién?—preguntó el alazán.

Todas las vacas volvieron a él la cabeza con sorpresa.

—¡El toro, Barigüí! El puede más que los alambrados malos.

—¿Alambrados?... ¿Pasa?

—¡Todo! Alambre de púa también. Nosotras pasamos después.

Los dos caballos, vueltos ya a su pacífica condición de animales a que un solo hilo contiene, se sintieron ingenuamente deslumbrados por aquel héroe capaz de afrontar el alambre de púa, la cosa más terrible que puede hallar el deseo de pasar adelante.

De pronto las vacas se removieron mansamente: a lento paso llegaba el toro. Y ante aquella chata y obstinada frente dirigida en tranquila recta a la tranquera, los caballos comprendieron humildemente su inferioridad.

Las vacas se apartaron, y Barigüí, pasando el testuz bajo una tranca, intentó hacerla correr a un lado.

Los caballos levantaron las orejas, admirados, pero la tranca no corrió. Una tras otra, el toro probó sin resultado su esfuerzo inteligente: el chacarero, dueño feliz de la plantación de avena, había asegurado la tarde anterior los palos con cuñas.

El toro no intentó más. Volviéndose con pereza, olfateó a lo lejos entrecerrando los ojos, y costeo luego el alambrado, con ahogados mugidos sibilantes.

Desde la tranquera, los caballos y las vacas miraban. En determinado lugar el toro pasó los cuernos bajo el alambre

de púa, tendiéndolo violentamente hacia arriba con el testuz, y la enorme bestia pasó arqueando el lomo. En cuatro pasos más estuvo entre la avena, y las vacas se encaminaron entonces allá, intentando a su vez pasar. Pero a las vacas falta evidentemente la decisión masculina de permitir en la piel sangrientos rasguños, y apenas introducían el cuello, lo retiraban presto con mareante cabeceo.

Los caballos miraban siempre.

—No pasan,—observó el malacara.

—El toro pasó,—repuso el alazán.—Come mucho.

Y la pareja se dirigía a su vez a costear el alambrado por la fuerza de la costumbre, cuando un mugido, claro y berreante ahora, llegó hasta ellos: dentro del avenal, el toro, con cabriolas de falso ataque, bramaba ante el chacarero, que con un palo trataba de alcanzarlo.

—¡Añá!... Te voy a dar saltitos... —gritaba el hombre.

Barigüí, siempre danzando y berreando ante el hombre, esquivaba los golpes. Maniobraron así cincuenta metros, hasta que el chacarero pudo forzar a la bestia contra el alambrado. Pero ésta, con la decisión pesada y bruta de su fuerza, hundió la cabeza entre los hilos y pasó, bajo un agudo violineo de alambres y de grampas lanzadas a veinte metros. Los caballos vieron cómo el hombre volvía precipitadamente a su rancho, y tornaba a salir con el rostro pálido.

Vieron también que saltaba el alambrado y se encaminaba en dirección de ellos, por lo cual los compañeros, ante aquel paso que avanzaba decidido, retrocedieron por el camino en dirección a su chacra.

Como los caballos marchaban dócilmente a pocos pasos delante del hombre, pudieron llegar juntos a la chacra del dueño del toro, siéndoles dado oír la conversación.

Es evidente, por lo que de ello se desprende, que el hombre había sufrido lo indecible con el toro del polaco. Plantaciones, por inaccesibles que hubieran sido dentro del monte; alambrados, por grande que fuera su tensión e infinito el número de hilos, todo lo arrolló el toro con sus hábitos de pillaje. Se deduce también que los vecinos estaban hartos de la bestia y de su dueño, por los incesantes destrozos de aquella. Pero como los pobladores de la región difícilmente denuncian al Juzgado de Paz perjuicios de animales, por duros que les sean, el toro proseguía comiendo en todas partes menos en la chacra de su dueño, el cual, por otro lado, parecía divertirse mucho con esto.

De este modo, los caballos vieron y oyeron al irritado chacarero y al polaco cazarro.

—¡Es la última vez, don Zaninski, que vengo a verlo por su toro! Acaba de pisotearme toda la avena. ¡Ya no se puede más!

El polaco, alto y de ojillos azules, hablaba con extraordinario y meloso falsete.

—¡Ah, toro, malo! ¡Mí no puede! ¡Mí ata, escapa! ¡Vaca tiene culpa! ¡Toro sigue vaca!

—¡Yo no tengo vacas, usted bien sabe!

—¡No, no! ¡Vaca Ramírez! ¡Mí queda loco, toro!

—Y lo peor es que afloja todos los hilos, usted lo sabe también!

—¡Sí, sí, alambre! ¡Ah, mí no sabe!...

—¡Bueno!, vea don Zaninski: yo no quiero cuestiones con vecinos, pero tenga por última vez cuidado con su toro para que no entre por el alambrado del fondo; en el camino voy a poner alambre nuevo.

—¡Toro pasa por camino! ¡No fondo!

—Es que ahora no va a pasar por el camino.

—¡Pasa, toro! ¡No púa, no nada! ¡Pasa todo!

—No va a pasar.

—¿Qué pone?

—Alambre de púa... pero no va a pasar.

—¡No hace nada púa!

—Bueno; haga lo posible porque no entre, porque si pasa se va a lastimar.

El chacarero se fué. Es como lo anterior, evidente, que el maligno polaco, riéndose una vez más de las gracias del

animal, compadeció, si cabe en lo posible, a su vecino que iba a construir un alambrado infranqueable por su toro. Seguramente se frotó las manos:

—¡Mí no podrán decir nada esta vez si toro come toda avena!

Los caballos reemprendieron de nuevo el camino que los alejaba de su chacra, y un rato después llegaban al lugar en que Barigüí había cumplido su hazaña. La bestia estaba allí siempre, inmóvil en medio del camino, mirando con solemne vaciedad de idea desde hacía un cuarto de hora, un punto fijo de la distancia. Detrás de él, las vacas dormitaban al sol ya caliente, rumiando.

Pero cuando los pobres caballos pasaron por el camino, ellas abrieron los ojos despreciativas:

—Son los caballos. Querían pasar el alambrado. Y tienen sogas.

—¡Barigüí sí pasó!

—A los caballos un solo hilo los contiene.

—Son flacos.

Esto pareció herir en lo vivo al alazán, que volvió la cabeza:

—Nosotros no estamos flacos. Ustedes, sí están. No va a pasar más aquí,

—añadió señalando los alambres caídos, obra de Barigüí.

—Barigüí pasa siempre! Después pasamos nosotras. Ustedes no pasan.

—No va a pasar más. Lo dijo el hombre.

—El comió la avena del hombre. Nosotras pasamos después.

El caballo, por mayor intimidad de trato, es sensiblemente más afecto al hombre que la vaca. De aquí que el malacara y el alazán tuvieran fe en el alambrado que iba a construir el hombre.

La pareja prosiguió su camino, y momentos después, ante el campo libre que se abría ante ellos, los dos caballos bajaron la cabeza a comer, olvidándose de las vacas.

Tarde ya, cuando el sol acababa de entrarse, los dos caballos se acordaron del maíz y emprendieron el regreso. Vieron en el camino al chacarero que cambiaba todos los postes de su alambrado, y a un hombre rubio, que detenido a su lado a caballo, lo miraba trabajar.

—Le digo que va a pasar,—decía el pasajero.

—No pasará dos veces,—replicaba el chacarero.

—¡Usted verá! ¡Esto es un juego para el maldito toro del polaco! ¡Va a pasar!

—No pasará dos veces,—repetía obstinadamente el otro. Los caballos siguieron, oyendo aún palabras cortadas:

—... reir!

—... veremos.

Dos minutos más tarde el hombre rubio pasaba a su lado a trote inglés. El malacara y el alazán, algo sorprendidos de aquel paso que no conocían, miraron perderse en el valle al hombre presuroso.

—¡Curioso!—observó el malacara después de largo rato.—El caballo va al trote y el hombre al galope.

Prosiguieron. Ocupaban en ese momento la cima de la loma, como esa mañana. Sobre el cielo pálido y frío, sus siluetas se destacaban en negro, en mansa y cabizbaja pareja, el malacara delante, el alazán detrás. La atmósfera, ofuscada durante el día por la excesiva luz del sol, adquiría a esa hora crepuscular una transparencia casi fúnebre. El viento había cesado por completo, y con la calma del atardecer, en que el termómetro comenzaba a caer velozmente, el valle helado expandía su penetrante humedad, que se condensaba en ras-treante neblina en el fondo sombrío de las vertientes. Revivía, en la tierra ya enfriada, el invernal olor de pasto quemado; y cuando el camino costaba el monte, el ambiente, que se sentía de golpe más frío y húmedo, se tornaba excesivamente pesado de perfume de azahar.

Los caballos entraron por el portón de su chacra, pues el muchacho, que hacía sonar el cajoncito de maíz, oyó su ansioso trémulo. El viejo alazán obtuvo el honor de que se le

atribuyera la iniciativa de la aventura, viéndose gratificado con una soga, a efectos de lo que pudiera pasar.

Pero a la mañana siguiente, bastante tarde ya a causa de la densa neblina, los caballos repitieron su escapatoria, atravesando otra vez el tabacal salvaje, hollando con mudos pasos el pastizal helado, salvando la tranquera abierta aún.

La mañana encendida de sol, muy alto ya, reverberaba de luz, y el calor excesivo prometía para muy pronto cambio de tiempo. Después de trasponer la loma, los caballos vieron de pronto a las vacas detenidas en el camino, y el recuerdo de la tarde anterior excitó sus orejas y su paso: querían ver cómo era el nuevo alambrado.

Pero su decepción, al llegar, fué grande. En los postes nuevos,—oscuros y torcidos,—había dos simples alambres de púa, gruesos, tal vez, pero únicamente dos.

No obstante su mezquina audacia, la vida constante en chacras había dado a los caballos cierta experiencia en cercados. Observaron atentamente aquello, especialmente los postes.

—Son de madera de ley—observó el malacara.

—Sí, cernes quemados.

Y tras otra larga mirada de examen, constató:

—El hilo pasa por el medio, no hay grampas.

—Están muy cerca uno de otro.

Cerca, los postes, sí, indudablemente: tres metros. Pero en cambio, aquellos dos modestos alambres en reemplazo de los cinco hilos del cercado anterior, desilusionaron a los caballos. ¿Cómo era posible que el hombre creyera que aquel alambrado para terneros iba a contener al terrible toro?

—El hombre dijo que no iba a pasar—se atrevió, sin embargo, el malacara, que en razón de ser el favorito de su amo, comía más maíz, por lo cual sentíase más creyente.

Pero las vacas lo habían oído.

—Son los caballos. Los dos tienen sogas. Ellos no pasan. Barigüí pasó ya.

—¿Pasó? ¿Por aquí?—preguntó descorazonado el malacara.

—Por el fondo. Por aquí pasa también. Comió la avena.

Entretanto, la vaquilla locuaz había pretendido pasar los cuernos entre los hilos; y una vibración aguda, seguida de un seco golpe en los cuernos dejó en suspenso a los caballos.

—Los alambres están muy estirados—dijo después de largo examen el alazán.

—Sí. Más estirados no se puede...

Y ambos, sin apartar los ojos de los hilos, pensaban confusamente en cómo se podría pasar entre los dos hilos.

Las vacas, mientras tanto, se animaban unas a otras.

—El pasó ayer. Pasa el alambre de púa. Nosotras después.

—Ayer no pasaron. Las vacas dicen sí, y no pasan,—  
oyeron al alazán.

—¡Aquí hay púa, y Barigüí pasa! ¡Allí viene!

Costeando por adentro el monte del fondo, a doscientos metros aún, el toro avanzaba hacia el avenal. Las vacas se colocaron todas de frente al cercado, siguiendo atentas con los ojos a la bestia invasora. Los caballos, inmóviles, alzaron las orejas.

—¡Come toda avena! ¡Después pasa!

—Los hilos están muy estirados...—observó aún el malacara, tratando siempre de precisar lo que sucedería si...

—¡Comió la avena! ¡El hombre viene! ¡Viene el hombre!— lanzó la vaquilla locuaz.

En efecto, el hombre acababa de salir del rancho y avanzaba hacia el toro. Traía el palo en la mano, pero no parecía iracundo; estaba sí muy serio y con el ceño contraído.

El animal esperó a que el hombre llegara frente a él, y entonces dió principio a los mugidos con bravatas de cornadas. El hombre avanzó más, y el toro comenzó a retroceder, berreando siempre y arrasando la avena con sus bestiales cabriolas. Hasta que, a diez metros ya del camino, volvió grupas con un postrer mugido de desafío burlón, y se lanzó sobre el alambrado.

—¡Viene Barigüí! ¡El pasa todo! ¡Pasa alambre de púa!—  
alcanzaron a clamar las vacas.

Con el impulso de su pesado trote, el enorme toro bajó la cabeza y hundió los cuernos entre los dos hilos. Se oyó un agudo gemido de alambre, un estridente chirrido que se propagó de poste a poste hasta el fondo, y el toro pasó.

Pero de su lomo y de su vientre, profundamente abiertos, canalizados desde el pecho a la grupa, llovían ríos de sangre. La bestia, presa de estupor, quedó un instante atónita y temblando. Se alejó luego al paso, inundando el pasto de sangre, hasta que a los veinte metros se echó, con un ronco suspiro.

A mediodía el polaco fué a buscar a su toro, y lloró en falsete ante el chacarero impasible. El animal se había levantado, y podía caminar. Pero su dueño, comprendiendo que le costaría mucho trabajo curarlo—si esto aún era posible—lo carneó esa tarde, y al día siguiente al malacara le tocó en suerte llevar a su casa, en la maleta, dos kilos de carne del toro muerto.



# LOS MENSÚ

**C**ayetano Maidana y Esteban Podeley, peones de obraje, volvían a Posadas en el Silex, con quince compañeros. Podeley, labrador de madera, tornaba a los nueve meses, la contrata concluída, y con pasaje gratis, por lo tanto. Cayé—mensualero—llegaba en iguales condiciones, mas al año y medio, tiempo necesario para cancelar su cuenta.

Flacos, despeinados, en calzoncillos, la camisa abierta en largos tajos, descalzos como la mayoría, sucios como todos ellos, los dos mensú devoraban con los ojos la capital del bosque, Jerusalem y Gólgota de sus vidas. ¡Nueve meses allá arriba! ¡Año y medio! Pero volvían por fin, y el hachazo aún doliente de la vida del obraje, era apenas un roce de astilla ante el rotundo goce que olfateaban allí.

De cien peones, sólo dos llegan a Posadas con haber. Para esa gloria de una semana a que los arrastra el río aguas abajo, cuentan con el anticipo de una nueva contrata. Como intermediario y coadyuvante, espera en la playa un grupo de

muchachas alegres de carácter y de profesión, ante las cuales los mensú sedientos lanzan su ¡ahijú! de urgente locura.

Cayé y Podeley bajaron tambaleantes de orgía pregustada, y rodeados de tres o cuatro amigas, se hallaron en un momento ante la cantidad suficiente de caña para colmar el hambre de eso de un mensú.

Un instante después estaban borrachos, y con nueva contrata sellada. ¿En qué trabajo? ¿En dónde? Lo ignoraban, ni les importaba tampoco.

Sabían, sí, que tenían cuarenta pesos en el bolsillo, y facultad para llegar a mucho más en gastos. Babeantes de descanso y dicha alcohólica, dóciles y torpes, siguieron ambos a las muchachas a vestirse. Las avisadas doncellas condujéronlos a una tienda con la que tenían relaciones especiales de un tanto por ciento, o tal vez al almacén de la casa contratista. Pero en una u otro las muchachas renovaron el lujo detonante de sus trapos, anidáronse la cabeza de peinetones, ahorcáronse de cintas—robado todo con perfecta sangre fría al hidalgo alcohol de su compañero, pues lo único que el mensú realmente posee, es un desprendimiento brutal de su dinero.

Por su parte Cayé adquirió muchos más extractos y lociones y aceites de los necesarios para sahumar hasta la náusea su ropa nueva, mientras Podeley, más juicioso, insistía en un

traje de paño. Posiblemente pagaron muy cara una cuenta entreoída y abonada con un montón de papeles tirados al mostrador. Pero de todos modos una hora después lanzaban a un coche descubierto sus flamantes personas, calzados de botas, poncho al hombro—y revólver 44 en el cinto, desde luego—repleta la ropa de cigarrillos que deshacían torpemente entre los dientes, dejando caer de cada bolsillo la punta de un pañuelo. Acompañábanlos dos muchachas, orgullosas de esa opulencia, cuya magnitud se acusaba en la expresión un tanto hastiada de los mensú, arrastrando consigo mañana y tarde por las calles caldeadas, una infección de tabaco negro y extracto de obraje.

La noche llegaba por fin, y con ella la bailanta, donde las mismas damiselas avisadas inducían a beber a los mensú, cuya realenza en dinero de anticipo les hacía lanzar 10 pesos por una botella de cerveza, para recibir en cambio 1.40, que guardaban sin ojear siquiera.

Así en constantes derroches de nuevos adelantos—necesidad irresistible de compensar con siete días de gran señor las miserias del obraje—el

*Silex* volvió a remontar el río. Cayé llevó compañera, y ambos, borrachos como los demás peones, se instalaron en el puente, donde ya diez mulas se hacinaban en íntimo contacto con baúles, atados, perros, mujeres y hombres.

Al día siguiente, ya despejada las cabezas, Podeley y Cayé examinaron sus libretas: era la primera vez que lo hacían desde la contrata. Cayé había recibido 120 en efectivo, y 35 en gasto, y Podeley 130 y 75, respectivamente.

Ambos se miraron con expresión que pudiera haber sido de espanto, si un mensú no estuviera perfectamente curado de ese malestar. No recordaban haber gastado ni la quinta parte.

—¡Añá...!—murmuró Cayé—No voy a cumplir nunca...

Y desde ese momento tuvo sencillamente—como justo castigo de su despilfarro—la idea de escaparse de allá.

La legitimidad de su vida en Posadas era, sin embargo, tan evidente para él, que sintió celos del mayor adelanto acordado a Podeley.

—Vos tenés suerte... dijo.—Grande, tu anticipo...

—Vos traés compañera—objetó Podeley—eso te cuesta para tu bolsillo...

Cayé miró a su mujer, y aunque la belleza y otras cualidades de orden más moral pesan muy poco en la elección de un mensú, quedó satisfecho. La muchacha deslumbraba, efectivamente, con su traje de raso, falda verde y blusa amarilla; luciendo en el cuello sucio un triple collar de perlas; zapatos Luis XV, las mejillas brutalmente pintadas, y un desdeñoso cigarro de hoja bajo los párpados entornados.

Cayé consideró a la muchacha y su revólver 44: era realmente lo único que valía de cuanto llevaba con él. Y aún lo último corría el riesgo de naufragar tras el anticipo, por minúscula que fuera su tentación de tallar.

A dos metros de él, sobre un baúl de punta, los mensú jugaban concienzudamente al monte cuanto tenían. Cayé observó un rato riéndose, como se ríen siempre los peones cuando están juntos, sea cual fuere el motivo, y se aproximó al baúl, colocando a una carta, y sobre ella, cinco cigarros.

Modesto principio, que podía llegar a proporcionarle el dinero suficiente para pagar el adelanto en el obraje, y volverse en el mismo vapor a Posadas a derrochar un nuevo anticipo.

Perdió; perdió los demás cigarros, perdió cinco pesos, el poncho, el collar de su mujer, sus propias botas, y su 44. Al día siguiente recuperó las botas, pero nada más, mientras la muchacha compensaba la desnudez de su pescuezo con incesantes cigarros despreciativos.

Podeley ganó, tras infinito cambio de dueño, el collar en cuestión, y una caja de jabones de olor que halló modo de jugar contra un machete y media docena de medias, quedando así satisfecho.

Habían llegado, por fin. Los peones treparon la interminable cinta roja que escalaba la barranca, desde cuya cima

el “Silex” aparecía mezquino y hundido en el lúgubre río. Y con ahijús y terribles invectivas en guaraní, bien que alegres todos, despidieron al vapor, que debía ahogar, en una baldeada de tres horas, la nauseabunda atmósfera de desaseo, patchulí y mulas enfermas, que durante cuatro días remontó con él.

\*\*\*

Para Podeley, labrador de madera, cuyo diario podía subir a siete pesos, la vida de obraje no era dura. Hecho a ella, domada su aspiración de estricta justicia en el cubicaje de la madera, compensando las rapiñas rutinarias con ciertos privilegios de buen peón, su nueva etapa comenzó al día siguiente, una vez demarcada su zona de bosque. Construyó con hojas de palmera su cobertizo—techo y pared sur—dió nombre de cama a ocho varas horizontales, nada más; y de un horcón colgó la provista semanal. Recomenzó, automáticamente, sus días de obraje: silenciosos mates al levantarse, de noche aún, que se sucedían sin desprender la mano de la pava; la exploración en descubierta de madera; el desayuno a las ocho, harina, charque y grasa; el hacha luego, a busto descubierto, cuyo sudor arrastraba tábanos, barigüís y mosquitos; después el almuerzo, esta vez porotos y maíz flotando en la inevitable grasa, para concluir de

noche, tras nueva lucha con las piezas de 8 por 30, con el yopará del mediodía.

Fuera de algún incidente con sus colegas labradores, que invadían su jurisdicción; del hastío de los días de lluvia que lo relegaban en cuclillas frente a la pava, la tarea proseguía hasta el sábado de tarde. Lavaba entonces su ropa, y el domingo iba al almacén a proveerse.

Era éste el real momento de solaz de los mensú, olvidándolo todo entre los anatemas de la lengua natal, sobrellevando con fatalismo indígena la suba siempre creciente de la provista, que alcanzaba entonces a cinco pesos por machete, y ochenta centavos por kilo de galleta. El mismo fatalismo que aceptaba esto con un ¡añá! y una riente mirada a los demás compañeros, le dictaba, en elemental desagravio, el deber de huir del obraje en cuanto pudiera. Y si esta ambición no estaba en todos los pechos, todos los peones comprendían esa mordedura de contra-justicia, que iba, en caso de llegar, a clavar los dientes en la entraña misma del patrón. Este, por su parte, llevaba la lucha a su extremo final, vigilando día y noche a su gente, y en especial a los mensualeros.

Ocupábanse entonces los mensú en la planchada, tumbando piezas entre inacabable gritería, que subía de punto cuando las mulas, impotentes para contener la alzaprima,

que bajaba a todo escape, rodaban unas sobre otras dando tumbos, vigas, animales, carretas, todo bien mezclado.

Raramente se lastimaban las mulas; pero la algazara era la misma.

Cayé, entre risa y risa, meditaba siempre su fuga. Harto ya de revirados y yoparás, que el pregusto de la huída tornaba más indigestos, deteníase aún por falta de revólver, y ciertamente, ante el winchester del capataz.

¡Pero si tuviera un 44!...

La fortuna llególe esta vez en forma bastante desviada.

La compañera de Cayé, que desprovista ya de su lujoso atavío lavaba la ropa a los peones, cambió un día de domicilio. Cayé esperó dos noches, y a la tercera fué a casa de su reemplazante, donde propinó una soberbia paliza a la muchacha. Los dos mensú quedaron solos charlando, resultas de lo cual convinieron en vivir juntos, a cuyo efecto el seductor se instaló con la pareja. Esto era económico y bastante juicioso. Pero como el mensú parecía gustar realmente de la dama—cosa rara en el gremio— Cayé ofrecióse la en venta por un revólver con balas, que él mismo sacaría del almacén. No obstante esta sencillez, el trato estuvo a punto de romperse, porque a última hora Cayé pidió se agregara un metro de tabaco en cuerda, lo que pareció excesivo al mensú. Concluyóse por fin el mercado, y mientras el fresco

matrimonio se instalaba en su rancho, Cayé cargaba concienzudamente su 44, para dirigirse a concluir la tarde lluviosa tomando mate con aquellos.

\*\*\*

El otoño finalizaba, y el cielo, fijo en sequía con chubascos de cinco minutos, se descomponía por fin en mal tiempo constante, cuya humedad hinchaba el hombro de los mensú. Podeley, libre hasta entonces, sintióse un día con tal desgano al llegar a su viga, que se detuvo, mirando a todas partes qué podía hacer. No tenía ánimo para nada. Volvió a su cobertizo, y en el camino sintió un ligero cosquilleo en la espalda.

Sabía muy bien qué eran aquel desgano y aquel hormigueo a flor de estremecimiento. Sentóse filosóficamente a tomar mate, y media hora después un hondo y largo escalofrío recorrióle la espalda bajo la camisa.

No había nada que hacer. Se echó en la cama, tiritando de frío, doblado en gatillo bajo el poncho, mientras los dientes, incontenibles, castañeaban a más no poder.

Al día siguiente el acceso, no esperado hasta el crepúsculo, tornó a mediodía, y Podeley fué a la comisaría a pedir quinina. Tan claramente se denunciaba el chucho en

el aspecto del mensú, que el dependiente bajó los paquetes sin mirar casi al enfermo, quien volcó tranquilamente sobre su lengua la terrible amargura aquella.

Al volver al monte, halló al mayordomo.

—Vos también—le dijo éste, mirándolo—y van cuatro.

Los otros no importa... poca cosa. Vos sos cumplidor... ¿Cómo está tu cuenta?

—Falta poco... pero no voy a poder trabajar...

—¡Bah! Curate bien y no es nada... Hasta mañana.

—Hasta mañana—se alejó Podeley apresurando el paso, porque en los talones acababa de sentir un leve cosquilleo.

El tercer ataque comenzó una hora después, quedando Podeley aplomado en una profunda falta de fuerzas, y la mirada fija y opaca, como si no pudiera ir más allá de uno o dos metros.

El descanso absoluto a que se entregó por tres días—bálsamo específico para el mensú, por lo inesperado— no hizo sino convertirle en un bulto castañeteante y arrebujado sobre un raigón. Podeley, cuya fiebre anterior había tenido honrado y periódico ritmo, no presagió nada bueno para él de esa galopada de accesos casi sin intermitencia. Hay fiebre y fiebre. Si la quinina no había cortado a ras el segundo ataque, era inútil que se quedara allá arriba, a morir hecho un ovillo en cualquier vuelta de picada. Y bajó de nuevo al almacén.

—¡Otra vez vos!—lo recibió el mayordomo.—Eso no anda bien... ¿No tomaste quinina?

—Tomé... No me hallo con esta fiebre... No puedo trabajar. Si querés darme para mi pasaje, te voy a cumplir en cuanto me sane...

El mayordomo contempló aquella ruina, y no estimó en gran cosa la vida que quedaba allí.

—¿Cómo está tu cuenta?—preguntó otra vez.

—Debo veinte pesos todavía... El sábado entregué... Me hallo muy enfermo...

—Sabés bien que mientras tu cuenta no esté pagada, debés quedar. Abajo... podés morirte. Curate aquí, y arreglás tu cuenta en seguida.

¿Curarse de una fiebre perniciosa, allí donde se la adquirió? No, por cierto; pero el mensú que se va puede no volver, y el mayordomo prefería hombre muerto a deudor lejano.

Podeley jamás había dejado de cumplir nada, única altanería que se permite ante su patrón un mensú de talla.

—¡No me importa que hayas dejado o no de cumplir!— replicó el mayordomo.—¡Pagá tu cuenta primero, y después veremos!

Esta injusticia para con él creó lógica y velozmente el deseo de desquite. Fué a instalarse con Cayé, cuyo espíritu

conocía bien, y ambos decidieron escaparse el próximo domingo.

Pero al día siguiente, viernes, hubo en el obraje inusitado movimiento.

—¡Ahí tenés!—gritó el mayordomo, tropezando con Podeley.—Anoche se han escapado tres... ¿Eso es lo que te gusta, no? ¡Esos también eran cumplidores! ¡Como vos! Pero antes vas a reventar aquí, que salir de la planchada! ¡Y mucho cuidado, vos y todos los que están oyendo! ¡Ya saben!

La decisión de huir, y sus peligros, para los que el mensú necesita todas sus fuerzas, es capaz de contener algo más que una fiebre perniciosa. El domingo, por lo demás, había ya llegado; y con falsas maniobras de lavaje de ropa, simulados guitarreos en el rancho de tal o cual, la vigilancia pudo ser burlada, y Podeley y Cayé se encontraron de pronto a mil metros de la comisaría. Mientras no se sintieran perseguidos, no abandonarían la picada; Podeley caminaba mal. Y aún así...

La resonancia peculiar del bosque trájoles, lejana, una voz ronca:

—¡A la cabeza! ¡A los dos!

Y un momento después surgían de un recodo de la picada, el capataz y tres peones corriendo. La cacería comenzaba.

Cayé amartilló su revólver sin dejar de avanzar.

—¡Entregáte, añá!—gritóles el capataz.

—Entremos en el monte—dijo Podeley.—Yo no tengo fuerza para mi machete.

—¡Volvé o te tiro!—llegó otra voz.

—Cuando estén más cerca... —comenzó Cayé.—Una bala de winchester pasó silbando por la picada.

—¡Entrá!—gritó Cayé a su compañero.—Y parapetándose tras un árbol, descargó hacia allá los cinco tiros de su revólver.

Una gritería aguda respondiósles, mientras otra bala de winchester hacía saltar la corteza del árbol.

—¡Entregáte o te voy a dejar la cabeza...!

—¡Andá no más!—instó Cayé a Podeley.—Yo voy a... Y tras nueva descarga, entró en el monte.

Los perseguidores, detenidos un momento por las explosiones, lanzáronse rabiosos adelante, fusilando, golpe tras golpe de winchester, el derrotero probable de los fugitivos.

A 100 metros de la picada, y paralelos a ella, Cayé y Podeley se alejaban, doblados hasta el suelo para evitar las lianas. Los perseguidores lo presumían; pero como dentro del monte, el que ataca tiene cien probabilidades contra una de ser detenido por una bala en mitad de la frente, el capataz se contentaba con salvas de winchester y aullidos desafiantes. Por lo demás, los tiros errados hoy habían hecho lindo blanco la noche del jueves...

El peligro había pasado. Los fugitivos se sentaron, rendidos. Podeley se envolvió en el poncho, y recostado en la espalda de su compañero, sufrió con dos terribles horas de chucho, el contragolpe de aquel esfuerzo.

Prosiguieron la fuga, siempre a la vista de la picada, y cuando la noche llegó, por fin, acamparon. Cayé había llevado chipas, y Podeley encendió fuego, no obstante los mil inconvenientes en un país donde, fuera de los pavones, hay otros seres que tienen debilidad por la luz, sin contar los hombres.

El sol estaba muy alto ya, cuando a la mañana siguiente encontraron al riacho, primera y última esperanza de los escapados. Cayé cortó doce tacuaras sin más prolija elección, y Podeley, cuyas últimas fuerzas fueron dedicadas a cortar los isipós, tuvo apenas tiempo de hacerlo antes de enroscarse a tiritar.

Cayé, pues, construyó solo la jangada—diez tacuaras atadas longitudinalmente con lianas, llevando en cada extremo una atravesada.

A los diez segundos de concluída se embarcaron. Y la hangadilla, arrastrada a la deriva, entró en el Paraná. Las noches son esa época excesivamente frescas, y los dos menús, con los pies en el agua, pasaron la noche helados, uno junto al otro. La corriente del Paraná que llegaba cargado de

inmensas lluvias, retorció la jangada en el borbollón de sus remolinos, y aflojaba lentamente los nudos de isipó.

En todo el día siguiente comieron dos chipas, último resto de provisión, que Podeley probó apenas. Las tacuaras taladradas por los tambús se hundían, y al caer la tarde, la jangada había descendido a una cuarta del nivel del agua.

Sobre el río salvaje, encajonado en los lúgubres murallones de bosque, desierto del más remoto ¡ay!, los dos hombres, sumergidos hasta la rodilla, derivaban girando sobre sí mismos, detenidos un momento inmóviles ante un remolino, siguiendo de nuevo, sosteniéndose apenas sobre las tacuaras casi sueltas que se escapaban de sus pies, en una noche de tinta que no alcanzaban a romper sus ojos desesperados.

El agua llegábales ya al pecho cuando tocaron tierra. ¿Dónde? No sabían... un pajonal. Pero en la misma orilla quedaron inmóviles, tendidos de espaldas.

Ya deslumbraba el sol cuando despertaron. El pajonal se extendía veinte metros tierra adentro, sirviendo de litoral a río y bosque. A media cuadra al sur, el riacho Paranaí, que decidieron vadear cuando hubieran recuperado las fuerzas. Pero éstas no volvían tan rápidamente como era de desear, dado que los cogollos y gusanos de tacuara son tardos fortificantes. Y durante veinte horas la lluvia transformó al

Paraná en aceite blanco, y al Paranaí en furiosa avenida. Todo imposible. Podeley se incorporó de pronto chorreando agua, apoyándose en el revólver para levantarse, y apuntó. Volaba de fiebre.

—¡Pasá, añá!...

Cayé vió que poco podía esperar de aquel delirio, y se inclinó disimuladamente para alcanzar a su compañero de un palo. Pero el otro insistió:

—¡Andá al agua! ¡Vos me trajiste! ¡Bandeá el río! Los dedos lívidos temblaban sobre el gatillo.

Cayé obedeció; dejóse llevar por la corriente, y desapareció tras el pajonal, al que pudo abordar con terrible esfuerzo.

Desde allí, y de atrás, acechó a su compañero, recogiendo el revólver caído; pero Podeley yacía de nuevo de costado, con las rodillas recogidas hasta el pecho, bajo la lluvia incesante. Al aproximarse Cayé alzó la cabeza, y sin abrir casi los ojos, cegados por el agua, murmuró:

—Cayé... caray... Frío muy grande...

Llovió aún toda la noche sobre el moribundo, la lluvia blanca y sorda de los diluvios otoñales, hasta que a la madrugada Podeley quedó inmóvil para siempre en su tumba de agua.

Y en el mismo pajonal, sitiado siete días por el bosque, el río y la lluvia, el mensú agotó las raíces y gusanos posible;

perdió poco a poco sus fuerzas, hasta quedar sentado, muriéndose de frío y hambre, con los ojos fijos en el Paraná.

El *Silex*, que pasó por allí al atardecer, recogió al mensú ya casi moribundo. Su felicidad transformóse en terror, al darse cuenta al día siguiente de que el vapor remontaba el río.

—¡Por favor te pido!—lloriqueó ante el capitán—¡No me bajen en Puerto X! ¡Me van a matar!... ¡Te lo pido de veras!...

El *Silex* volvió a Posadas, llevando con él al mensú empapado aún en pesadillas nocturnas.

Pero a los diez minutos de bajar a tierra, estaba ya borracho, con nueva contrata, y se encaminaba tambaleando a comprar extractos.



# YAGUAI

**A**hora bien, no podía ser sino allí. Yaguaí olfateó la piedra—un sólido bloque de mineral de hierro—y dió una cautelosa vuelta en torno. Bajo el sol a mediodía de Misiones, el aire vibraba sobre el negro peñasco, fenómeno éste que no seducía al fox-terrier. Allí abajo, sin embargo, estaba la lagartija. Giró nuevamente alrededor, resopló en un intersticio, y, para honor de la raza, rascó un instante el bloque ardiente. Hecho lo cual regresó con paso perezoso, que no impedía un sistemático olfateo a ambos lados.

Entró en el comedor, echándose entre el aparador y la pared, fresco refugio que él consideraba como suyo, a pesar de tener en su contra la opinión de toda la casa. Pero el sombrío rincón, admirable cuando a la depresión de la atmósfera acompaña la falta de aire, tornábase imposible en un día de viento norte. Era éste un flamante conocimiento del fox-terrier, en quien luchaba aún la herencia del país templado—Buenos Aires, patria de sus abuelos y

suya—donde sucede precisamente lo contrario. Salió, por lo tanto, afuera, y se sentó bajo un naranjo, en pleno viento de fuego, pero que facilitaba inmensamente la respiración. Y como los perros transpiran muy poco, Yaguaí apreciaba cuanto es debido el viento evaporizador sobre la lengua danzante puesta a su paso.

El termómetro alcanzaba en ese momento a 40°. Pero los fox-terriers de buena cuna son singularmente falaces en cuanto a promesas de quietud se refiera. Bajo aquel mediodía de fuego, sobre la meseta volcánica que la roja arena tornaba aún más calcinante, había lagartijas.

Con la boca ahora cerrada, Yaguaí transpuso el tejido de alambre y se halló en pleno campo de caza. Desde septiembre no había logrado otra ocupación a las siestas bravas. Esta vez rastreó cuatro de las pocas que quedaban ya, cazó tres, perdió una, y se fué entonces a bañar. A cien metros de la casa, en la base de la meseta y a orillas del bananal, existía un pozo en piedra viva de factura y forma originales, pues siendo comenzado a dinamita por un profesional, habíalo concluído un aficionado con pala de punta. Verdad es que no media sino dos metros de hondura, tendiéndose en larga escarpa por un lado, a modo de tajamar.

Su fuente, bien que superficial, resistía a secas de dos meses, lo que es bien meritorio en Misiones.

Allí se bañaba el fox-terrier, primero la lengua, después el vientre sentado en el agua, para concluir con una travesía a nado. Volvía luego a la casa, siempre que algún rastro no se atravesara en su camino. Al caer el sol, tornaba al pozo; de aquí que Yaguái sufriera vagamente de pulgas, y con bastante facilidad el calor tropical para el que su raza no había sido creada.

El instinto combativo del fox-terrier se manifestó normalmente contra las hojas secas; subió luego a las mariposas y su sombra, y se fijó por fin en las lagartijas. Aún en noviembre, cuando tenía ya en jaque a todas las ratas de la casa, su gran encanto eran los saurios. Los peones que por a o b llegaban a la siesta, admiraron siempre la obstinación del perro, resoplando en cuevitas bajo un sol de fuego, si bien la admiración de aquellos no pasaba del cuadro de caza.

—Eso—dijo uno un día, señalando al perro con una vuelta de cabeza,—no sirve más que para bichitos...

El dueño de Yaguái lo oyó:

—Tal vez—repuso,—pero ninguno de los famosos perros de ustedes sería capaz de hacer lo que hace ese.

Los hombres se sonrieron sin contestar.

Cooper, sin embargo, conocía bien a los perros de monte, y su maravillosa aptitud para la caza a la carera, que su fox-terrier ignoraba.

¿Enseñarle? Acaso; pero él no tenía cómo hacerlo.

Precisamente esa misma tarde un peón se quejó a Cooper de los venados que estaban concluyendo con los porotos. Pedía escopeta, porque aunque él tenía un perro, no podía sino *a veces* alcanzarlos de un palo...

Cooper prestó la escopeta, y aún propuso ir esa noche al rozado.

—No hay luna—objetó el peón.

—No importa. Suelte el perro y veremos si el mío lo sigue.

Esa noche fueron al plantío. El peón soltó a su perro, y el animal se lanzó en seguida en las tinieblas del monte, en busca de un rastro.

Al ver partir a su compañero, Yaguaí intentó en vano forzar la barrera de caragatá. Logrólo al fin, y siguió la pista del otro. Pero a los dos minutos regresaba, muy contento de aquella escapatoria nocturna. Eso sí, no quedó agujerito sin olfatear en diez metros a la redonda.

Pero cazar tras el rastro, en el monte, a un galope que puede durar muy bien desde la madrugada hasta las tres de la tarde, eso no. El perro del peón halló una pista, muy lejos, que perdió en seguida. Una hora después volvía a su amo, y todos juntos regresaron a la casa.

La prueba, si no concluyente, desanimó a Cooper. Se olvidó luego de ello, mientras el fox-terrier continuaba cazando ratas, algún lagarto o zorro en su cueva, y lagartijas.

Entretanto, los días se sucedían unos a otros, enceguecien-  
cien- pesados, en una obstinación de viento norte que  
doblaba las verduras en lacios colgajos, bajo el blanco cielo de  
los mediodías tórridos. El termómetro se mantenía a 38-40,  
sin la más remota esperanza de lluvia. Durante cuatro días el  
tiempo se cargó; con asfixiante calma y aumento de calor. Y  
cuando se perdió al fin la esperanza de que el sur devolviera  
en torrentes de agua todo el viento de fuego recibido un mes  
entero del norte, la gente se resignó a una desastrosa sequía.

El fox-terrier vivió desde entonces sentado bajo su na-  
ranjo, porque cuando el calor traspasa cierto límite razonable,  
los perros no respiran bien, echados. Con la lengua de fuera y  
los ojos entornados, asistió a la muerte progresiva de cuanto  
era brotación primaveral. La huerta se perdió rápidamente.  
El maizal pasó del verde claro a una blancura amarillenta, y a  
fines de Noviembre sólo quedaban de él columnitas truncas  
sobre la negrura desolada del rozado. La mandioca, heroica  
entre todas, resistía bien.

El pozo del fox-terrier—agotada su fuente—perdió día a  
día su agua verdosa, y tan caliente que Yaguaí no iba a él sino  
de mañana, si bien ahora hallaba rastros de apereás, agutíes y  
hurones, que la sequía del monte forzaba hasta aquél.

En vuelta de su baño, el perro se sentaba de nuevo, vien-  
do aumentar poco a poco el viento, mientras el termómetro,

refrescado a 15 al amanecer, llegaba a 41 a las dos de la tarde. La sequedad del aire llevaba a beber al fox-terrier cada media hora, debiendo entonces luchar con las avispas y abejas que invadían los baldes, muertas de sed. Las gallinas, con las alas en tierra, jadeaban tendidas a la triple sombra de los bananos, la glorieta y la enredadera de flor roja, sin atreverse a dar un paso sobre la arena abrasada, y bajo un sol que mataba instantáneamente a las hormigas rubias.

Alrededor, cuanto abarcaba los ojos del fox-terrier, los bloques de hierro, el pedregullo volcánico, el monte mismo, danzaba, mareado de calor. Al oeste, en el fondo del valle boscoso, hundido en la depresión de la doble sierra, el Paraná yacía, muerto a esa hora en su agua de cinc, esperando la caída de la tarde para revivir. La atmósfera, entonces, ligeramente ahumada hasta esa hora, se velaba al horizonte en denso vapor, tras el cual el sol, cayendo sobre el río, sosteníase asfixiado en perfecto círculo de sangre. Y mientras el viento cesaba por completo y en el aire aún abrasado Yaguai arrastraba por la meseta su diminuta mancha blanca, las palmeras, recortándose inmóviles sobre el río cuajado en rubí, infundían en el paisaje una sensación de lujoso y sombrío oasis.

Los días se sucedían iguales. El pozo del fox-terrier se secó, y las asperezas de la vida, que hasta entonces evitaran a Yaguai, comenzaron para él esa misma tarde.

Desde tiempo atrás, el perrito blanco había sido muy solicitado por un amigo de Cooper, hombre de selva cuyos muchos ratos perdidos se pasaban en el monte tras los tatetos. Tenía tres perros magníficos para esta caza, aunque muy inclinados a rastrear coatíes, lo que envolviendo una pérdida de tiempo para el cazador, constituye también la posibilidad de un desastre, pues la dentellada de un coatí degüella sistemáticamente al perro que no supo cogerlo.

Fragoso, habiendo visto un día trabajar al fox-terrier en un asunto de irara, que Yaguaí forzó a estarse definitivamente quieta, dedujo que un perrito que tenía ese talento especial para moder justamente entre cruz y pescuezo, no era un perro cualquiera, por más corta que tuviera la cola.

Por lo que instó repetidas veces a Cooper a que le prestara a Yaguaí.

—Yo te lo voy a enseñar bien a usted, patrón—le decía.

—Tiene tiempo—respondía Cooper.

Pero en esos días abrumadores—la visita de Fragozo avivando el recuerdo de aquello—Cooper le entregó su perro a fin de que le enseñara a correr.

Corrió, sin duda, mucho más de lo que hubiera deseado el mismo Cooper.

Fragoso vivía en la margen izquierda del Yabebirí, y había plantado en octubre un mandiocal que no producía

aún, y media hectárea de maíz y porotos, totalmente perdida. Esto último, específico para el cazador, tenía para Yaguaí muy poca importancia, trastornándole en cambio la nueva alimentación. El, que en casa de Cooper coleaba ante la mandioca simplemente cocida, para no ofender a su amo, y olfateaba por tres o cuatro lados el locro, para no quebrar del todo con la cocinera, conoció la angustia de los ojos brillantes y fijos en el amo que come, para concluir lamiendo el plato que sus tres compañeros habían pulido ya, esperando ansiosamente el puñado de maíz sancochado que les daban cada día.

Los tres perros salían de noche a cazar por su cuenta—maniobra ésta que entraba en el sistema educacional del cazador;—pero el hambre, que llevaba a aquellos naturalmente al monte a rastrear para comer, inmovilizaba al fox-terrier en el rancho, único lugar del mundo donde podía hallar comida. Los perros que no devoran la caza, serán siempre malos cazadores; y justamente la raza a que pertenecía Yaguaí, caza desde su creación por simple sport.

Fragoso intentó algún aprendizaje con el fox-terrier. Pero siendo Yaguaí mucho más perjudicial que útil al trabajo desenvuelto de sus tres perros, lo relegó desde entonces en el rancho a espera de mejores tiempos para esa enseñanza.

Entretanto, la mandioca del año anterior comenzaba a concluirse, las últimas espigas de maíz rodaron por el suelo,

blancas y sin un grano, y el hambre, ya dura para los tres perros nacidos con ella, royó las entrañas de Yaguái. En aquella nueva vida había adquirido con pasmosa rapidez el aspecto humillado, servil y traicionero de los perros del país. Aprendió entonces a merodear de noche en los ranchos vecinos, avanzando con cautela, las piernas dobladas y elásticas, hundiéndose lentamente al pie de una mata de espartillo, al menor rumor hostil. Aprendió a no ladrar por más furor o miedo que tuviera, y a gruñir de un modo particularmente sordo, cuando el cuzco de un rancho defendía a éste del pillaje. Aprendió a visitar los gallineros, a separar dos platos encimados con el hocico, y a llevarse en la boca una lata con grasa, a fin de vaciarla en la impunidad del pajonal. Conoció el gusto de las guascas enebadas, de los zapatones untados de grasa, del hollín pegoteado de una olla, y— alguna vez—de la miel recogida y guardada en un trozo de tacuara.

Adquirió la prudencia necesaria para apartarse del camino cuando un

pasajero avanzaba, siguiéndolo con los ojos, aguachado entre el pasto. Y a fines de enero, de la mirada encendida, las orejas firmes sobre los ojos, y el rabo alto y provocador del fox-terrier, no quedaba sino un esqueletillo sarnoso, de orejas echadas atrás y rabo hundido y traicionero, que trotaba furtivamente por los caminos.

La sequía continuaba; el monte quedó poco a poco desierto, pues los animales se concentraban en los hilos de agua que habían sido grandes arroyos. Los tres perros forzaban la distancia que los separaba del abrevadero de las bestias, con éxito mediano, pues siendo éste muy frecuentado a su vez por los yaguareteí, la caza menor tornábase desconfiada. Fragoso, preocupado con la ruina del rozado y disgustos con el propietario de su tierra, no tenía humor para cazar, ni aún por hambre. Y la situación amenazaba así tornarse muy crítica, cuando una circunstancia fortuita trajo un poco de aliento a la lamentable jauría.

Fragoso debió ir a San Ignacio, y los cuatro perros, que fueron con él, sintieron en sus narices dilatadas una impresión de frescura vegetal—vaguísima, si se quiere,—pero que acusaba un poco de vida en aquel infierno de calor y seca. En efecto, la región había sido menos azotada, resultas de lo cual algunos maizales, aunque miserables, se sostenían en pie.

No comieron ese día; pero al regresar jadeando detrás del caballo, los perros no olvidaron aquella sensación de frescura, y a la noche siguiente salían juntos en mudo trote hacia San Ignacio. En la orilla del Yabibirí se detuvieron oliendo el agua y levantando el hocico trémulo a la otra costa. La luna salía entonces, con su amarillenta luz de menguante. Los perros avanzaron cautelosamente sobre el río a flor de

piedra, saltando aquí, nadando allá, en un paso que en agua normal no da fondo a tres metros.

Sin sacudirse casi, reanudaron el trote silencioso y tenaz hacia el maizal más cercano. Allí el fox-terrier vió cómo sus compañeros quebraban los tallos con los dientes, devorando en secos mordiscos que entraban hasta el marlo, las espigas en choclo. Hizo lo mismo; y durante una hora, en el rozado negro de árboles quemados, que la fúnebre luz del menguante volvía más espectral, los perros se movieron de aquí para allá entre las cañas, gruñéndose mutuamente.

Volvieron tres veces más, hasta que la última noche un estampido demasiado cercano los puso en guardia. Mas coincidiendo esta aventura con la mudanza de Fragoso a San Ignacio, los perros no sintieron mucho.

\*\*\*

Fragoso había logrado por fin trasladarse allá, en el fondo de la colonia. El monte, entretejido de tacuapí, denunciaba tierra excelente; y aquellas inmensas madejas de bambú, tendidas en el suelo con el machete, debían de preparar magníficos rozados.

Cuando Fragoso se instaló, el tacuapí comenzaba a secarse. Rozó y quemó rápidamente un cuarto de hectárea,

confiando en algún milagro de lluvia. El tiempo se descompuso, en efecto; el cielo blanco se tornó plomo, y en las horas más calientes se transparentaban en el horizonte lívidas orlas de cúmulos. El termómetro a 39 y el viento norte soplando con furia, trajeron al fin doce milímetros de agua, que Fragoso aprovechó para su maíz, muy contento. Lo vió nacer, lo vió crecer magníficamente hasta cinco centímetros, pero nada más.

En el tacupí, bajo él y alimentándose acaso de sus brotos, viven infinidad de roedores. Cuando aquél se seca, sus huéspedes se desbandan, el hambre los lleva forzosamente a las plantaciones; y de este modo los tres perros de Fragoso, que salían una noche, volvieron en seguida restregándose el hocico mordido. Fragoso mató esa misma noche cuatro ratas que asaltaban su lata de grasa.

Yaguái no estaba allí. Pero a la noche siguiente, él y sus compañeros se internaban en el monte (aunque el fox-terrier no corría tras el rastro, sabía perfectamente desenfundar tatús y hallar nidos de urúes), cuando el primero se sorprendió del rodeo que efectuaban sus compañeros para no cruzar el rozado. Yaguái avanzó por éste, no obstante; y un momento después lo mordían en una pata, mientras rápidas sombras corrían a todos lados.

Yaguái vió lo que era; e instantáneamente, en plena barbarie de bosque tropical y miseria, surgieron los ojos

brillantes, el rabo alto y duro, y la actitud batalladora del admirable perro inglés. Hambre, humillación, vicios adquiridos, todo se borró en un segundo ante las ratas que salían de todas partes. Y cuando volvió por fin a echarse, ensangrentado, muerto de fatiga, tuvo que saltar tras las ratas hambrientas que invadían literalmente el rancho.

Fragoso quedó encantado de aquella brusca energía de nervios y músculos que no recordaba más, y subió a su memoria el recuerdo del viejo combate con la irara; era la misma mordida sobre la cruz: un golpe seco de mandíbula, y a otra rata.

Comprendió también de dónde provenía aquella nefasta invasión, y con larga serie de juramentos en voz alta, dió su maizal por perdido. ¿Qué podía hacer Yaguaí solo? Fué al rozado, acariciando al fox-terrier, y silbó a sus perros; pero apenas los rastreadores de tigres sentían los dientes de las ratas en el hocico, chillaban, restregándolo a dos patas. Fragoso y Yaguaí hicieron solos el gasto de la jornada, y si el primero sacó de ella la muñeca dolorida, el segundo echaba al respirar burbujas sanguinolentas por la nariz.

En doce días, a pesar de cuanto hicieron Fragoso y el fox-terrier para salvarlo, el rozado estaba perdido. Las ratas, al igual de las martinetas, saben muy bien desenterrar el grano adherido aún a la plantita. El tiempo, otra vez de fuego,

no permitía ni la sombra de nueva plantación, y Fragoso se vió forzado a ir a San Ignacio en busca de trabajo, llevando al mismo tiempo su perro a Cooper, que él no podía ya entretener poco ni mucho. Lo hacía con verdadera pena, pues las últimas aventuras, colocando al fox-terrier en su verdadero teatro de caza, habían levantado muy alta la estima del cazador por el perrito blanco.

En el camino, el fox-terrier oyó, lejano, el ruido de carretería de los pajonales del Yabebirí ardiendo con la sequía; vió a la vera del bosque a las vacas que soportando la nube de tábanos, doblaban los catiguás con el pecho, avanzando montadas sobre el tronco arqueado hasta alcanzar las hojas. Vió al mismo monte subtropical secándose en los pedregales, y sobre el brumoso horizonte de las tardes de 38-40, volvió a ver el sol cayendo asfixiado en un círculo rojo y mate.

Media hora después llegaban a San Ignacio, y siendo ya tarde para llegar hasta lo de Cooper, Fragoso aplazó para la mañana siguiente su visita.

Los tres perros, aunque muertos de hambre, no se aventuraron mucho a merodear en país desconocido, con excepción de Yaguaí, al que el recuerdo bruscamente despierto de las viejas carreras delante del caballo de Cooper, llevaba en línea recta a casa de su amo.

Las circunstancias anormales porque pasaba el país con la sequía de cuatro meses—y es preciso saber lo que esto supone en Misiones—hacía que los perros de los peones, ya famélicos en tiempo de abundancia, llevaran sus pillajes nocturnos a un grado intolerable. En pleno día, Cooper había tenido ocasión de perder tres gallinas, arrebatadas por los perros hacia el monte. Y si se recuerda que el ingenio de un poblador haragán llega a enseñar a sus cachorros esta maniobra para aprovecharse ambos de la presa, se comprenderá que Cooper perdiera la paciencia, descargando irremisiblemente su escopeta sobre todo ladrón nocturno.

Aunque no usaba sino perdigones, la lección era asimismo dura.

Así una noche, en el momento que se iba a acostar, percibió su oído alerta el ruido de las uñas enemigas, tratando de forzar el tejido de alambre.

Con un gesto de fastidio descolgó la escopeta, y saliendo afuera vió una mancha blanca que avanzaba dentro del patio. Rápidamente hizo fuego, y a los aullidos transpasantes del animal arrastrándose sobre las patas traseras, tuvo un fugitivo sobresalto, que no pudo explicar y se

desvaneció en seguida. Llegó hasta el lugar, pero el perro había desaparecido ya, y entró de nuevo.

—¿Qué fué, papá?—le preguntó desde la cama su hija.—¿Un perro?

—Sí—repuso Cooper colgando la escopeta.—Le tiré un poco de cerca...

—¿Grande el perro, papá?

—No, chico.

Pasó un momento.

—¡Pobre Yaguaí!—prosiguió Julia.—¡Cómo estará!

Súbitamente Cooper recordó la impresión sufrida al oír aullar al perro: algo de su Yaguaí había allí... Pero pensando también en cuán remota era esa probabilidad, se durmió.

Fué a la mañana siguiente, muy temprano, cuando Cooper, siguiendo el rastro de sangre, halló a Yaguaí muerto al borde del pozo del bananal.

De pésimo humor volvió a casa, y la primer pregunta de Julia fué por el perro chico.

—¿Murió, papá?

—Sí, allá en el pozo... es Yaguaí.

Cogió la pala, y seguido de sus dos hijos consternados, fué al pozo. Julia, después de mirar un momento inmóvil, se acercó despacio a sollozar junto al pantalón de Cooper.

—¡Qué hiciste, papá!

—No sabía, chiquita... Apártate un momento.

En el bananal enterró a su perro, apisonó la tierra encima, y regresó profundamente disgustado, llevando de la mano a sus dos chicos, que lloraban despacio para que su padre no los sintiera.



# LOS PESCADORES DE VIGAS

**E**l motivo fué cierto juego de comedor que míster Hall no tenía aún, y su fonógrafo fué quien le sirvió de anzuelo.

Candiyú lo vió en la oficina provisoria de la *Yerba Company*, donde míster Hall maniobraba su fonógrafo a puerta abierta.

Candiyú, como buen indígena, no manifestó sorpresa alguna, contentándose con detener su caballo un poco al través delante del chorro de luz, y mirar a otra parte. Pero como un inglés, a la caída de la noche, en mangas de camisa por el calor, y con una botella de whisky al lado, es cien veces más circunspecto que cualquier mestizo, míster Hall no levantó la vista del disco. Con lo que vencido y conquistado, Candiyú concluyó por arrimar su caballo a la puerta, en cuyo umbral apoyó el codo.

—Buenas noches, patrón ¡Linda música!

—Sí, linda—repuso míster Hall.

—¡Linda!—repitió el otro.—¡Cuánto ruido!

—Sí, mucho ruido—asintió míster Hall, que hallaba no desprovistas de profundidad las observaciones de su visitante.

Candiyú admiraba los nuevos discos:

—¿Te costó mucho a usted, patrón?

—Costó... qué?

—Ese hablero... los mozos que cantan.

La mirada turbia, inexpresiva e insistente de míster Hall, se aclaró. El contador comercial surgía.

—¡Oh, cuesta mucho!... ¿Usted quiere comprar?

—Si usted querés venderme... —contestó llanamente

Candiyú, convencido de la imposibilidad de tal compra.

Pero míster Hall proseguía mirándolo con pesada fijeza, mientras la membrana saltaba del disco a fuerza de marchas metálicas.

—Vendo barato a usted... ¡cincuenta pesos!

Candiyú sacudió la cabeza, sonriendo al aparato y a su maquinista, alternativamente:

—¡Mucha plata! No tengo.

—¿Usted qué tiene, entonces?

El hombre se sonrió de nuevo, sin responder.

—¿Dónde usted vive?—prosiguió míster Hall, evidentemente decidido a desprenderse de su gramófono.

—En el puerto.

—¡Ah! yo conozco usted... ¿Usted llama Candiyú?

—Así es.

—¿Y usted pesca vigas?

—A veces, alguna viguita sin dueño...

—¡Vendo por vigas!... Tres vigas aserradas. Yo mando carreta. ¿Conviene? Candiuyú se reía.

—No tengo ahora. Y esa... maquinaria, tiene mucha delicadeza?

—No; botón acá, y botón acá... yo enseño. ¿Cuándo tiene madera?

—Alguna creciente... Ahora debe venir una. ¿Y qué palo querés usted?

—Palo rosa. ¿Conviene?

—¡Hum!... No baja ese palo casi nunca... Mediante una creciente grande, solamente. ¡Lindo palo! Te gusta palo bueno, a usted.

—Y usted lleva buen gramófono. ¿Conviene?

El mercado prosiguió a son de cantos británicos, el indígena esquivando la vía recta, y el contador acorralándolo en el pequeño círculo de la precisión. En el fondo, y descontados el calor y el whisky, el ciudadano inglés no hacía un mal negocio, cambiando un perro gramófono por varias docenas de bellas tablas, mientras el pescador de vigas, a su vez, entregaba algunos días de habitual trabajo a cuenta de una maquina prodigiosamente ruidera.

Por lo cual el mercado se realizó, a tanto tiempo de plazo.

Candiyú vive en la costa del Paraná, desde hace treinta años; y si su hígado es aún capaz de combinar cualquier cosa después del último ataque de fiebre, en diciembre pasado, debe vivir todavía unos meses más. Pasa ahora los días sentado en su catre de varas, con el sombrero puesto. Sólo sus manos, lívidas zarpas veteadas de verde que penden inmensas de las muñecas, como proyectadas en primer término en una fotografía, se mueven monótonamente sin cesar, con temblor de loro implume.

Pero en aquel tiempo Candiyú era otra cosa. Tenía entonces por oficio honorable el cuidado de un bananal ajeno, y—poco menos lícito—el de pescar vigas. Normalmente, y sobre todo en época de creciente, derivan vigas escapadas de los obrajes, bien que se desprendan de una jangada en formación, bien que un peón bromista corte de un machetazo la soga que las retiene. Candiyú era poseedor de un antejo telescopado, y pasaba las mañanas apuntando al agua, hasta que la línea blanquecina de una viga, destacándose en el horizonte montuoso, lo lanzaba en su chalana al encuentro de la presa. Vista la viga a tiempo, la empresa no es extraordinaria, porque la pala de un hombre de coraje, recostado o halando de un pieza de 10 x 40, vale cualquier remolcador.

Allá en el obraje de Castelhum, más arriba de Puerto Felicidad, las lluvias habían comenzado después de setenta y cinco días de seca absoluta que no dejó llanta en las alzaprimas. El haber realizable del obraje consistía en ese momento en siete mil vigas—bastante más que una fortuna. Pero como las dos toneladas de una viga, mientras no están en el puerto, no pesan dos escrúpulos en caja, Castelhum y Cía. distaban muchísimas leguas de estar contentos.

De Buenos Aires llegaron órdenes de movilización inmediata; el encargado del obraje pidió mulas y alzaprimas; le respondieron que con el dinero de la primera jangada a recibir le remitirían las mulas, y el gerente contestó que con esa mulas anticipadas, les mandaría la primer jangada.

No había modo de entenderse. Castelhum subió hasta el obraje y vió el stock de madera en el campamento, sobre la barranca del Ñacanguazú al norte.

—¿Cuánto?—preguntó Castelhum a su encargado.

—Treinticinco mil pesos—repuso éste.

Era lo necesario para trasladar las vigas al Paraná. Y sin contar la estación impropia.

Bajo la lluvia que unía en un solo hilo de agua su capa de goma y su caballo, Castelhum consideró largo rato el

arroyo arremolinado. Señalando luego el torrente con un movimiento del capuchón:

—¿Las aguas llegarán a cubrir el salto?—preguntó a su compañero.

—Si llueve mucho, sí.

—¿Tiene todos los hombres en el obraje?

—Hasta este momento; esperaba órdenes tuyas.

—Bien—dijo Castelhum.—Creo que vamos a salir bien.

Míster Fernández: Esta misma tarde refuerce la maroma en la barra, y comience a arrimar todas las vigas aquí a la barranca. El arroyo está limpio, según me dijo.

Mañana de mañana bajo a Posadas, y desde entonces, con el primer temporal que venga, eche los palos al arroyo. ¿Entiende? Una buena lluvia.

El encargado lo miró abriendo cuanto pudo los ojos.

—La maroma va a ceder antes que lleguen cien vigas.

—Ya sé, no importa. Y nos costará muchísimos miles.

Volvamos y hablaremos más largo.

Fernández se encogió de hombros y silbó a los capataces.

En el resto del día, sin lluvia pero empapado en calma de agua, los peones tendieron de una orilla a otra en la barra del arroyo, la cadena de vigas, y el tumbaje de palos comenzó en el campamento. Castelhum bajó a Posadas sobre una agua

de inundación que iba corriendo nueve millas, y que al salir del Guayra se había alzado siete metros la noche anterior.

Tras gran sequía, grandes lluvias. A mediodía comenzó el diluvio, y durante cincuenta y dos horas consecutivas el monte tronó de agua. El arroyo, venido a torrente, pasó a rugiente avalancha de agua ladrillo. Los peones, calados hasta los huesos, con su flacura en relieve por la ropa pegada al cuerpo, despeñaban las vigas por la barranca. Cada esfuerzo arrancaba un unísono grito de ánimo, y cuando la monstruosa viga rodaba dando tumbos y se hundía con un cañonazo en el agua, todos los peones lanzaban su ¡a... ¡jú! de triunfo. Y luego, los esfuerzos malgastados en el barro líquido, la zafadura de las palancas, las costaladas bajo la lluvia torrencial. Y la fiebre.

Bruscamente, por fin, el diluvio cesó. En el súbito silencio circunstante, se oyó el tronar de la lluvia todavía sobre el bosque inmediato. Más sordo y más hondo, el retumbo del Ñacanguazú. Algunas gotas, distanciadas y livianas, caían aún del cielo exhausto. Pero el tiempo proseguía cargado, sin el más ligero soplo. Se respiraba agua, y apenas los peones hubieron descansado un par de horas, la lluvia recommenzó—la lluvia a plomo, maciza y blanca de las crecidas. El trabajo urgía—los sueldos habían subido valientemente—y mientras el temporal siguió, los

peones continuaron gritando, cayéndose y tumbando bajo el agua fría.

En la barra del Ñacanguazú, la barrera flotante con-  
tuvo a los primeros palos que llegaron, y resistió arqueada  
y gimiendo a muchas más; hasta que al empuje incontras-  
table de las vigas que llegaban como catapultas contra la  
maroma, el cable cedió.

\*\*\*

Candiyú observaba el río con su anteojo, consideran-  
do que la creciente actual, que allí en San Ignacio había  
subido dos metros más el día anterior—llevándose por lo  
demás su chalana—sería más allá de Posadas, formidable  
inundación. Las maderas habían comenzado a descender,  
pero todas ellas, a juzgar por su alta flotación, eran cedros  
o poco menos, y el pescador reservaba prudentemente  
sus fuerzas.

Esa noche el agua subió un metro aún, y a la tarde  
siguiente Candiyú tuvo la sorpresa de ver en el extremo  
de su anteojo una barra, una verdadera jangada de vigas  
seltas que doblaban la punta de Itacurubí. Madera de  
lomo blanquecino, y perfectamente seca. Allí estaba su  
lugar. Saltó en su guabiroba, y paleó al encuentro de la caza.

Ahora bien, en una creciente del Alto Paraná se encuentran muchas cosas antes de llegar a la viga elegida. Árboles enteros, desde luego, arrancados de cuajo y con las raíces negras al aire, como pulpos. Vacas y mulas muertas, en compañía de buen lote de animales salvajes ahogados, fusilados o con una flecha plantada aún en el vientre. Altos conos de hormigas amontonadas sobre un raigón. Algún tigre, tal vez; camalotes y espuma a discreción,—sin contar, claro está, las víboras.

Candiyú esquivó, derivó, tropezó y volcó muchas veces más de las necesarias para llegar a la presa. Al fin la tuvo; un machetazo puso al vivo la veta sanguínea del palo rosa, y recostándose a la viga pudo derivar con ella oblicuamente algún trecho. Pero las ramas, los árboles, pasaban sin cesar arrastrándolo. Cambió de táctica; enlazó su presa, y comenzó entonces la lucha muda y sin tregua, echando silenciosamente el alma a cada palada.

Una viga, derivando con una gran creciente, lleva un impulso suficientemente grande para que tres hombres titubeen antes de atreverse con ella. Pero Candiyú unía a su gran aliento, treinta años de piraterías en río bajo o alto, deseando—además—ser dueño de un gramófono.

La noche, negra, le deparó incidentes a su plena satisfacción. El río, a flor de ojo casi, corría velozmente con

untuosidad de aceite. A ambos lados pasaban y pasaban sin cesar sombras densas. Un hombre ahogado tropezó con la guabiroba; Candiýú se inclinó y vió que tenía la garganta abierta. Luego visitantes incómodos, víboras al asalto, las mismas que en las crecidas trepan por las ruedas de los vapores hasta los camarotes.

El hercúleo trabajo proseguía, la pala temblaba bajo el agua, pero era arrastrado a pesar de todo. Al fin se rindió; cerró más el ángulo de abordaje, y sumó sus últimas fuerzas para alcanzar el borde de la canal, que rasaba los peñascos del Teyucuaré. Durante diez minutos el pescador de vigas, los tendones del cuello duros y los pectorales como piedra, hizo lo que jamás volverá a hacer nadie para salir de la canal en una creciente, con una viga a remolque. La guabiroba se estrelló por fin contra las piedras, se tumbó, justamente cuando a Candiýú quedaba la fuerza suficiente—y nada más,—para sujetar la soga y desplomarse de boca.

Solamente un mes más tarde tuvo míster Hall sus tres docenas de tablas, y veinte segundos después,—ni más ni menos—entregó a Candiýú el gramófono, incluso veinte discos.

La firma Castelhum y Cía., no obstante la flotilla de lanchas a vapor que lanzó contra las vigas—y esto por bastante más de treinta días—perdió muchas. Y si alguna vez Castelhum llega a San Ignacio y visita a míster Hall, admirará

sinceramente los muebles del citado contador, hechos de palo rosa.



# LA MIEL SILVESTRE

**T**engo en el Salto Oriental dos primos, hoy hombres ya, que a sus doce años, y en consecuencia de profundas lecturas de Julio Verne, dieron en la rica empresa de abandonar su casa para ir a vivir al monte. Este queda a dos leguas de la ciudad. Allí vivirían primitivamente de la caza y la pesca. Ciertamente es que los dos muchachos no se habían acordado particularmente de llevar escopetas ni anzuelos; pero de todos modos el bosque estaba allí, con su libertad como fuente de dicha, y sus peligros como encanto.

Desgraciadamente, al segundo día fueron hallados por quienes les buscaban. Estaban bastante atónitos todavía, no poco débiles, y con gran asombro de sus hermanos menores—iniciados también en Julio Verne— sabían aún andar en dos pies y recordaban el habla.

Acaso, sin embargo, la aventura de los dos robinsones fuera más formal, a haber tenido como teatro otro bosque menos dominguero. Las escapatorias llevan aquí

en Misiones a límites imprevistos, y a tal extremo arrastró a Gabriel Benincasa el orgullo de sus strom-boot.

Benincasa, habiendo concluído sus estudios de contaduría pública, sintió fulminante deseo de conocer la vida de la selva. No que su temperamento fuera ese, pues antes bien era un muchacho pacífico, gordinflón y de cara uniformemente rosada, en razón de gran bienestar. En consecuencia, lo suficientemente cuerdo para preferir un té con leche y pastelitos a quién sabe qué fortuita e infernal comida del bosque. Pero así como el soltero que fué siempre juicioso, cree de su deber, la víspera de sus bodas, despedirse de la vida libre con una noche de orgía en compañía de sus amigos, de igual modo Benincasa quiso honrar su vida aceitada con dos o tres choques de vida intensa. Y por este motivo remontaba el Paraná hasta un obraje, con sus famosos strom-boot.

Apenas salido de Corrientes, había calzado sus botas fuertes, pues los yacarés de la orilla calentaban ya el paisaje. Mas a pesar de ello el contador público cuidaba mucho de su calzado, evitándole arañazos y sucios contactos.

De este modo llegó al obraje de su padrino, y a la hora tuvo éste que contener el desenfado de su ahijado.

—¿A dónde vas ahora?—le había preguntado sorprendido.

—Al monte; quiero recorrerlo un poco—repuso Benincasa, que acababa de colgarse el winchester al hombro.

—¡Pero infeliz! no vas a poder dar un paso. Sigue la picada, si quieres... O mejor, deja esa arma y mañana te haré acompañar por un peón.

Benincasa renunció. No obstante, fué hasta la vera del bosque y se detuvo. Intentó vagamente un paso adentro, y quedó quieto. Metióse las manos en los bolsillos, y miró detenidamente aquella inextricable maraña, silbando débilmente aires truncos. Después de observar de nuevo el bosque a uno y otro lado, retornó bastante desilusionado.

Al día siguiente, sin embargo, recorrió la picada central por espacio de una legua, y aunque su fusil volvió profundamente dormido, Benincasa no deploró el paseo. Las fieras llegarían poco a poco.

Llegaron éstas a la segunda noche—aunque de un carácter singular. Dormía profundamente, cuando fué despertado por su padrino.

—¡Eh, dormilón! levántate que te van a comer vivo.

Benincasa se sentó bruscamente en la cama, alucinado por la luz de los tres faroles de viento que se movían de un lado a otro en la pieza. Su padrino y dos peones regaban el piso.

—¿Qué hay, qué hay?—preguntó, echándose al suelo.

—Nada... cuidado con los pies; la corrección.

Benincasa había sido ya enterado de las curiosas hormigas a que llamamos *corrección*. Son pequeñas, negras,

brillantes, y marchan velozmente en ríos más o menos anchos. Son esencialmente carnívoras. Avanzan devorando todo lo que encuentran a su paso: arañas, grillos, alacranes, sapos, víboras, y a cuanto ser no puede resistirles. No hay animal, por grande y fuerte que sea, que no huya de ellas. Su entrada en una casa supone la exterminación absoluta de todo ser viviente, pues no hay rincón ni agujero profundo donde no se precipite el río devorador. Los perros aullan, los bueyes mugen, y es forzoso abandonarles la casa, a trueque de ser roído en diez horas hasta el esqueleto. Permanecen en el lugar uno, dos, hasta cinco días, según su riqueza en insectos, carne o grasa. Una vez devorado todo, se van.

No resisten sin embargo a la creolina o droga similar, y como en el obraje abundaba aquella, antes de una hora quedó libre de la corrección.

Benincasa se observaba muy de cerca en los pies la placa lívida de la mordedura.

—Pican muy fuerte, realmente—dijo sorprendido, levantando la cabeza a su padrino.

Este, para quien la observación no tenía ya ningún valor, no respondió, felicitándose en cambio de haber contenido a tiempo la invasión.

Benincasa reanudó el sueño, aunque sobresaltado toda la noche por pesadillas tropicales.

Al día siguiente se fué al monte, esta vez con un machete, pues había concluído por comprender que tal expediente le sería en el monte mucho más útil que el fusil. Cierto es que su pulso no era maravilloso y su acierto, mucho menos. Pero de todos modos lograba trozar las ramas, azotarse la cara y cortarse las botas, todo en uno.

El monte crepuscular y silencioso lo cansó pronto. Dábale la impresión— exacta por lo demás—de un escenario visto de día. De la bullente vida tropical, no hay más que el teatro helado; ni un animal, ni un pájaro, ni un ruido casi. Benincasa volvía, cuando un sordo zumbido le llamó la atención. A diez metros de él, en un tronco hueco, diminutas abejas aureolaban la entrada del agujero. Se acercó con cautela, y vió en el fondo de la abertura diez o doce bolas oscuras, del tamaño de un huevo.

—Esto es miel—se dijo el contador público con íntima gula.—Deben de ser bolitas de cera, llenas de miel...

Pero entre él, Benincasa, y las bolsitas, estaban las abejas. Después de un momento de desencanto, pensó en el fuego: levantaría una buena humareda. La suerte quiso que mientras el ladrón acercaba cautelosamente la hojarasca húmeda, cuatro o cinco abejas se posaran en su mano, sin picarlo. Benincasa cogió una en seguida, y oprimiéndole el abdomen constató que no tenía aguijón. Su saliva, ya

liviana, se clarificó en milífica abundancia. ¡Maravillosos y buenos animalitos!

En un instante el contador desprendió las bolsitas de cera, y alejándose un buen trecho para escapar al pegajoso contacto de las abejas, se sentó en un raigón. De las doce bolas, siete contenían polen. Pero las restantes estaban llenas de miel, una miel oscura, de sombría transparencia, que Benincasa paladeó golosamente. Sabía distintamente a algo. ¿A qué? El contador no pudo precisarlo. Acaso a resina de frutales o de eucalipto. Y por igual motivo, tenía la densa miel un vago dejo áspero. ¡Mas qué perfume, en cambio!

Benincasa, una vez bien seguro de que sólo cinco bolsitas le serían útiles, comenzó. Su idea era sencilla: tener suspendido el panal goteante sobre su boca. Pero como la miel era espesa, tuvo que agrandar el agujero, después de haber permanecido medio minuto con la boca inútilmente abierta. Entonces la miel asomó, adelgazándose en pesado hilo hasta la lengua del contador.

Uno tras otro, los cinco panales se vaciaron así dentro de la boca de Benincasa. Fué inútil que prolongara la suspensión y mucho más que repasara los globos exhaustos; tuvo que resignarse.

Entretanto, la sostenida posición de la cabeza en alto lo había mareado un poco. Pesado de miel, quieto y los ojos bien

abiertos, Benincasa consideró de nuevo el monte crepuscular. Los árboles y el suelo tomaban posturas por demás oblicuas, y su cabeza acompañaba el vaivén del paisaje.

—Qué curioso mareo... —pensó el contador—y lo peor es...

Al levantarse e intentar dar un paso, se había visto obligado a caer de nuevo sobre el tronco. ¡Sentía su cuerpo de plomo, sobre todo las piernas, como si estuvieran inmensamente hinchadas. Y los pies y las manos le hormigueaban.

—¡Es muy raro, muy raro, muy raro!—se repitió estúpidamente Benincasa, sin escrudiñar sin embargo el motivo de esa rareza.—Como si tuviera hormigas... la corrección—concluyó.

Y de pronto la respiración se le cortó en seco, de espanto.

—¡Debe de ser la miel!... ¡Es venenosa!... ¡Estoy envenenado!

Y a un segundo esfuerzo para incorporarse, se le erizó el cabello de terror; no había podido ni aún moverse. Ahora la sensación de plomo y el hormigueo subían hasta la cintura. Durante un rato el horror de morir allí, miserablemente solo, lejos de su madre y sus amigos, le cohibió todo medio de defensa.

—¡Voy a morir ahora!... ¡De aquí a un rato voy a morir!... ¡Ya no puedo mover la mano!...

En su pánico constató sin embargo que no tenía fiebre ni ardor de garganta, y el corazón y pulmones conservaban su ritmo normal. Su angustia cambió de forma.

—¡Estoy paralítico, es la parálisis! ¡Y no me van a encontrar!...

Pero una invencible somnolencia comenzaba a apoderarse de él, dejándole íntegras sus facultades, a la par que el mareo se aceleraba. Creyó así notar que el suelo oscilante se volvía negro y se agitaba vertiginosamente. Otra vez subió a su memoria el recuerdo de la corrección, y en su pensamiento se fijó como una suprema angustia, la posibilidad de que eso negro que invadía el suelo...

Tuvo aún fuerzas para arrancarse a ese último espanto, y de pronto lanzó un grito, un verdadero alarido en que la voz del hombre recobra la tonalidad del niño aterrado: por sus piernas trepaba un precipitado río de hormigas negras. Alrededor de él la corrección devoradora oscurecía el suelo, y el contador sintió por bajo el calzoncillo, el río de hormigas carnívoras que subían.

\*\*\*

Su padrino halló por fin dos días después, sin la menor partícula de carne, el esqueleto cubierto de ropa de Benincasa.

La corrección que merodeaba aún por allí, y las bolsitas de cera, lo iluminaron suficientemente.

No es común que la miel silvestre tenga esas propiedades narcóticas o paralizantes, pero se la halla. Las flores con igual carácter abundan en el trópico, y ya el sabor de la miel denuncia en la mayoría de los casos su condición—tal el de la resina de eucalipto que creyó sentir Benincasa.



# NUESTRO PRIMER CIGARRO

**N**inguna época de mayor alegría que la que nos proporcionó a María y a mí, nuestra tía con su muerte. Inés volvía de Buenos Aires, donde había pasado tres meses. Esa noche, cuando nos acostábamos, oímos que Inés decía a mamá:

—¡Qué extraño!... Tengo las cejas hinchadas.

Mamá examinó seguramente las cejas de tía, pues después de un rato contestó:

—Es cierto... ¿No sientes nada?

—No... sueño.

Al día siguiente, hacia las dos de la tarde, notamos de pronto fuerte agitación en casa, puertas que se abrían y no se cerraban, diálogos cortados de exclamaciones, y semblantes asustados. Inés tenía viruela, y de cierta especie hemorrágica que vivía en Buenos Aires.

Desde luego, a mi hermana y a mí nos entusiasmó el drama. Las criaturas tienen casi siempre la desgracia de que las grandes cosas no pasen en su casa. Esta vez nuestra

tía—¡casualmente nuestra tía!—¡enferma de viruela! Yo, chico feliz, contaba ya en mi orgullo la amistad de un agente de policía, y el contacto con un payaso que saltando las gradas había tomado asiento a mi lado. Pero ahora el gran acontecimiento pasaba en nuestra propia casa; y al comunicarlo al primer chico que se detuvo en la puerta de calle a mirar, había ya en mis ojos la vanidad con que una criatura de riguroso luto pasa por primera vez ante sus vecinillos atónitos y envidiosos.

Esa misma tarde salimos de casa, instalándonos en la única que pudimos hallar con tanta premura, una vieja quinta de los alrededores. Una hermana de mamá, que había tenido viruela en su niñez, quedó al lado de Inés.

Seguramente en los primeros días mamá pasó crueles angustias por sus hijos que habían besado a la virolenta. Pero en cambio nosotros, convertidos en furiosos Robinsones, no teníamos tiempo para acordarnos de nuestra tía. Hacía mucho tiempo que la quinta dormía en su sombrío y húmedo sosiego. Naranjos blanquecinos de diaspis; duraznos rajados en la horqueta; membrillos con aspecto de mimbres; higueras rastreantes a fuerza de abandono, aquello daba, en su tupida hojarasca que ahogaba los pasos, fuerte sensación de paraíso.

Nosotros no éramos precisamente Adán y Eva; pero sí heroicos Robinsones, arrastrados a nuestro destino por una

gran desgracia de familia: la muerte de nuestra tía, acaecida cuatro días después de comenzar nuestra exploración.

Pasábamos el día entero huroneando por la quinta bien que las higueras, demasiado tupidas al pie, nos inquietaran un poco. El pozo también suscitaba nuestras preocupaciones geográficas. Era éste un viejo pozo inconcluso, cuyos trabajos se habían detenido a los catorce metros sobre el fondo de piedra, y que desaparecía ahora entre los culantrillos y doradillas de sus paredes. Era, sin embargo, menester explorarlo, y por vía de avanzada logramos con infinitos esfuerzos llevar hasta su borde una gran piedra. Como el pozo quedaba oculto tras un macizo de cañas, nos fué permitida esta maniobra sin que mamá se enterase. No obstante, María, cuya inspiración poética primó siempre en nuestras empresas, obtuvo que aplazáramos el fenómeno hasta que una gran lluvia, llenando el pozo, nos proporcionara satisfacción artística, a la par que científica.

Pero lo que sobre todo atrajo nuestros asaltos diarios fué el cañaveral. Tardamos dos semanas enteras en explorar como era debido aquel diluviano enredo de varas verdes, varas secas, varas verticales, varas dobladas, atravesadas, rotas hacia tierra. Las hojas secas, detenidas en su caída, entretejían el macizo, que llenaba el aire de polvo y briznas al menor contacto.

Aclaremos el secreto, sin embargo; y sentados con mi hermana en la sombría guarida de algún rincón, bien juntos y mudos en la semioscuridad, gozamos horas enteras el orgullo de no sentir miedo.

Fué allí donde una tarde, avengonzados de nuestra poca iniciativa, inventamos fumar. Mamá era viuda; con nosotros vivían habitualmente dos hermanas suyas, y en aquellos momentos un hermano, precisamente el que había venido con Inés de Buenos Aires.

Este nuestro tío de veinte años, muy elegante y presumido, habíase atribuído sobre nosotros dos cierta potestad que mamá, con el disgusto actual y su falta de carácter, fomentaba.

María y yo, por de pronto, profesábamos cordialísima antipatía al padrastrillo.

—Te aseguro—decía él a mamá, señalándonos con el mentón—que desearía vivir siempre contigo para vigilar a tus hijos. Te van a dar mucho trabajo.

—¡Déjalos!—respondía mamá cansada.

Nosotros no decíamos nada; pero nos mirábamos por encima del plato de sopa.

A este severo personaje, pues, habíamos robado un paquete de cigarrillos; y aunque nos tentaba iniciarnos súbitamente en la viril virtud, esperamos el artefacto. Este consistía en una pipa que yo había fabricado con un trozo

de caña, por depósito; una varilla de cortina, por boquilla; y por cemento, masilla de un vidrio recién colocado. La pipa era perfecta: grande, liviana y de varios colores.

En nuestra madriguera del cañaveral cargámosla María y yo con religiosa y firme unción. Cinco cigarrillos dejaron su tabaco adentro; y sentándonos entonces con las rodillas altas, encendí la pipa y aspiré.

María, que devoraba mi acto con los ojos, notó que los míos se cubrían de lágrimas: jamás se ha visto ni verá cosa, más abominable. Deglutí, sin embargo, valerosamente la nauseosa saliva.

—¿Rico?—me preguntó María ansiosa, tendiendo la mano.

—Rico—le contesté pasándole la horrible máquina.

María chupó, y con más fuerza aún. Yo, que la observaba atentamente, noté a mi vez sus lágrimas y el movimiento simultáneo de labios, lengua y garganta, rechazando aquello. Su valor fué mayor que el mío.

—Es rico—dijo con los ojos llorosos y haciendo casi un puchero. Y se llevó heroicamente otra vez a la boca la varilla de bronce.

Era inminente salvarla. El orgullo, sólo él, la precipitaba de nuevo a aquel infernal humo con gusto a sal de Chantaud, el mismo orgullo que me había hecho alabarle la nausebunda fogata.

—¡Psht!—dije bruscamente, prestando oído;—me parece el gargantilla del otro día... debe de tener nido aquí...

María se incorporó, dejando la pipa de lado; y con el oído atento y los ojos escrudiñantes, nos alejamos de allí, ansiosos aparentemente de ver al animalito, pero en verdad asidos como moribundos a aquel honorable pretexto de mi invención, para retirarnos prudentemente del tabaco, sin que nuestro orgullo sufriera.

Un mes más tarde volví a la pipa de caña, pero entonces con muy distinto resultado.

Por alguna que otra travesura nuestra, el padrastrillo habíanos ya levantado la voz mucho más duramente de lo que podíamos permitirle mi hermana y yo. Nos quejamos a mamá.

—¡Bah!, no hagan caso—nos respondió, sin oírnos casi;—él es así.

—¡Es que nos va a pegar un día!—gimoteó María.

—Si ustedes no le dan motivos, no. ¿Qué le han hecho?—añadió dirigiéndose a mí.

—Nada, mamá... Pero yo no quiero que me toque!—objeté a mi vez. En este momento entró nuestro tío.

—¡Ah! aquí está el buena pieza de tu Eduardo... ¡Te va a sacar canas este hijo, ya verás!

—Se quejan de que quieres pegarles.

—¿Yo?—exclamó el padrastrillo midiéndome.—No lo he pensado aún. Pero en cuanto me faltes al respeto...

—Y harás bien—asintió mamá.

—¡Yo no quiero que me toque!—repetí enfurruñado y rojo.—¡El no es papá!

—Pero a falta de tu pobre padre, es tu tío. ¡En fin, déjenme tranquila!—concluyó apartándonos.

Solos en el patio, María y yo nos miramos con altivo fuego en los ojos.

—¡Nadie me va a pegar a mí!—asenté.

—¡No... ni a mí tampoco!—apoyó ella, por la cuenta que le iba.

—¡Es un zonzo!

Y la inspiración vino bruscamente, y como siempre, a mi hermana, con furibunda risa y marcha triunfal:

—¡Tío Alfonso... es un zonzo! ¡Tío Alfonso... es un zonzo!

Cuando un rato después tropecé con el padrastrillo, me pareció, por su mirada, que nos había oído. Pero ya habíamos planteado la historia del Cigarro Pateador, epíteto éste a la mayor gloria de la mula Maud.

El cigarro pateador consistió, en sus líneas elementales, en un cohete que rodeado de papel de fumar, fué colocado en el atado de cigarrillos que tío Alfonso tenía siempre en su velador, usando de ellos a la siesta.

Un extremo había sido cortado a fin de que el cigarrillo no afectara excesivamente al fumador. Con el violento chorro de chispas había bastante, y en su total, todo el éxito estribaba en que nuestro tío, adormilado, no se diera cuenta de la singular rigidez de su cigarrillo.

Las cosas se precipitan a veces de tal modo, que no hay tiempo ni aliento para contarlas. Sólo sé que una siesta el padrastrillo salió como una bomba de su cuarto, encontrando a mamá en el comedor.

—¡Ah, estás acá! ¿Sabes lo que han hecho? ¡Te juro que esta vez se van a acordar de mí!

—¡Alfonso!

—¿Qué? ¡No faltaba más que tú también!... ¡Si no sabes educar a tus hijos, yo lo voy a hacer!

Al oír la voz furiosa del tío, yo, que me ocupaba inocentemente con mi hermana en hacer rayitas en el brocal del aljibe, evolucioné hasta entrar por la segunda puerta en el comedor, y colocarme detrás de mamá. El padrastrillo me vió entonces y se lanzó sobre mí.

—¡Yo no hice nada!—grité.

—¡Espérate!—rugió mi tío, corriendo tras de mí alrededor de la mesa.

—¡Alfonso, déjalo!

—¡Después te lo dejaré!

—¡Yo no quiero que me toque!

—¡Vamos, Alfonso! ¡Pareces una criatura!

Esto era lo último que se podía decir al padrastrillo. Lanzó un juramento y sus piernas en mi persecución con tal velocidad, que estuvo a punto de alcanzarme. Pero en ese instante salía yo como de una honda por la puerta abierta, y disparaba hacia la quinta, con mi tío detrás.

En cinco segundos pasamos como una exhalación por los durazneros, los naranjos y los perales, y fué en este momento cuando la idea del pozo, y su piedra, surgió terriblemente nítida.

—¡No quiero que me toque!—grité aún.

—¡Espérate!

En ese instante llegamos al cañaveral.

—¡Me voy a tirar al pozo!—aullé para que mamá me oyera.

—¡Yo soy el que te voy a tirar!

Bruscamente desaparecí a sus ojos tras las cañas; corriendo siempre, di un empujón a la piedra exploradora que esperaba una lluvia, y salté de costado, hundiéndome bajo la hojarasca.

Tío desembocó en seguida, a tiempo que dejando de verme, sentía allá en el fondo del pozo el abominable zumbido de un cuerpo que se aplastaba.

El padrastrillo se detuvo, totalmente lívido; volvió a todas partes sus ojos dilatados, y se aproximó al pozo. Trató de mirar adentro, pero los culantrillos se lo impidieron. Entonces pareció reflexionar, y después de una atenta mirada al pozo y sus alrededores, comenzó a buscarme.

Como desgraciadamente para el caso, hacía poco tiempo que el tío Alfonso cesara a su vez de esconderse para evitar los cuerpo a cuerpo con sus padres, conservaba aún muy frescas las estrategias subsecuentes, e hizo por mi persona cuanto era posible hacer para hallarme.

Descubrió en seguida mi cubil, volviendo pertinazmente a él con admirable olfato; pero fuera de que la hojarasca diluviana me ocultaba del todo, el ruido de mi cuerpo estrellándose obsediaba a mi tío, que no buscaba bien, en consecuencia.

Fué pues resuelto que yo yacía aplastado en el fondo del pozo, dando entonces principio a lo que llamaríamos mi venganza póstuma. El caso era bien claro: ¿con qué cara mi tío contaría a mamá que yo me había suicidado para evitar que él me pegara?

Pasaron diez minutos.

—¡Alfonso!—sonó de pronto la voz de mamá en el patio.

—¿Mercedes?—respondió aquél tras una brusca sacudida.

Seguramente mamá presintió algo, porque su voz sonó de nuevo, alterada.

—¿Y Eduardo? ¿Dónde está?—agregó avanzando.

—¡Aquí, conmigo!—contestó riendo.—Ya hemos hecho las paces.

Como de lejos mamá no podía ver su palidez ni la ridícula mueca que él pretendía ser beatífica sonrisa, todo fué bien.

—¿No le pegaste, no?—insistió aún mamá.

—No. ¡Si fué una broma!

Mamá entró de nuevo. ¡Broma! Broma comenzaba a ser la mía para el padrastrillo.

Celia, mi tía mayor, que había concluído de dormir la siesta, cruzó el patio y Alfonso la llamó en silencio con la mano. Momentos después Celia lanzaba un ¡oh! ahogado, llevándose las manos a la cabeza.

—¡Pero, cómo! ¡Qué horror! ¡Pobre, pobre Mercedes! ¡Qué golpe!

Era menester resolver algo antes que Mercedes se enterara. ¿Sacarme, con vida aún?... El pozo tenía catorce metros sobre piedra viva. Tal vez, quién sabe... Pero para ello sería preciso traer sogas, hombres; y Mercedes...

—¡Pobre, pobre madre!—repetía mi tía.

Justo es decir que para mí, el pequeño héroe, mártir de su dignidad corporal, no hubo una sola lágrima. Mamá

acaparaba todos los entusiasmos de aquel dolor, sacrificándole ellos la remota probabilidad de vida que yo pudiera aún conservar allá abajo. Lo cual, hiriendo mi doble vanidad de muerto y de vivo, avivó mi sed de venganza.

Media hora después mamá volvió a preguntar por mí, respondiéndole Celia con tan pobre diplomacia, que mamá tuvo en seguida la seguridad de una catástrofe.

—¡Eduardo, mi hijo!—clamó arrancándose de las manos de su hermana que pretendía sujetarla, y precipitándose a la quinta.

—¡Mercedes! ¡Te juro que no! ¡Ha salido!

—¡Mi hijo! ¡mi hijo! ¡Alfonso!

Alfonso corrió a su encuentro, deteniéndola al ver que se dirigía al pozo. Mamá no pensaba en nada concreto; pero al ver el gesto horrorizado de su hermano, recordó entonces mi exclamación de una hora antes, y lanzó un espantoso alarido.

—¡Ay! ¡Mi hijo! ¡Se ha matado! ¡Déjame, déjenme! ¡Mi hijo, Alfonso! ¡Me lo has muerto!

Se llevaron a mamá sin sentido. No me había conmovido en lo más mínimo la desesperación de mamá, puesto que yo—motivo de aquella— estaba en verdad vivo y bien vivo, jugando simplemente en mis ocho años con la emoción, a manera de los grandes que usan de las sorpresas semi-trágicas: ¡el gusto que va a tener cuando me vea!

Entretanto, gozaba yo íntimo deleite con el fracaso del padrastrillo.

—¡Hum!... ¡Pegarme!—rezongaba yo, aún bajo la hojarasca. Levantándome entonces con cautela, sentéme en cuclillas en mi cubil y recogí la famosa pipa bien guardada entre el follaje. Aquel era el momento de dedicar toda mi seriedad a agotar la pipa.

El humo de aquel tabaco humedecido, seco, vuelto a humedecer y resecar infinitas veces, tenía en aquel momento un gusto a cumbarí, solución Coirre y sulfato de soda, mucho más ventajoso que la primera vez.

Emprendí, sin embargo, la tarea que sabía dura, con el ceño contraído y los dientes crispados sobre la boquilla.

Fumé, quiero creer que cuarta pipa. Sólo recuerdo que al final el cañaveral se puso completamente azul y comenzó a danzar a dos dedos de mis ojos. Dos o tres martillos de cada lado de la cabeza comenzaron a destrozarme las sienes, mientras el estómago, instalado en plena boca, aspiraba él mismo directamente las últimas bocanadas de humo.

\*\*\*

Volví en mí cuando me llevaban en brazos a casa. A pesar de lo horriblemente enfermo que me encontraba, tuve

el tacto de continuar dormido, por lo que pudiera pasar. Sentí los brazos delirantes de mamá sacudiéndome.

—¡Mi hijo querido! ¡Eduardo, mi hijo! ¡Ah, Alfonso, nunca te perdonaré el dolor que me has causado!

—¡Pero, vamos!—decíale mi tía mayor—¡no seas loca, Mercedes! ¡Ya ves que no tiene nada!

—¡Ah!—repuso mamá llevándose las manos al corazón en un inmenso suspiro.—¡Sí, ya pasó!... Pero dime, Alfonso, ¿cómo pudo no haberse hecho nada? ¡Ese pozo, Dios mío!...

El padrastrillo, quebrantado a su vez, habló vagamente de desmoronamiento, tierra blanda, prefiriendo para un momento de mayor calma la solución verdadera, mientras la pobre mamá no se percataba de la horrible infección de tabaco que exhalaba su suicida.

Abrí al fin los ojos, me sonreí y volví a dormirme, esta vez honrada y profundamente.

Tarde ya, el tío Alfonso me despertó.

—¿Qué merecerías que te hiciera?—me dijo con sibilante rencor.—¡Lo que es mañana, le cuento todo a tu madre, y ya verás lo que son gracias!

Yo veía aún bastante mal, las cosas bailaban un poco, y el estómago continuaba todavía adherido a la garganta. Sin embargo, le respondí:

—¡Si le cuentas algo a mamá, lo que es esta vez te juro que me tiro!

¿Los ojos de un joven suicida que fumó heroicamente su pipa, expresan acaso desesperado valor?

Es posible. De todos modos, el padrastrillo, después de mirarme fijamente, se encogió de hombros, levantando hasta mi cuello la sábana un poco caída.

—Me parece que mejor haría en ser amigo de este microbio—murmuró.

—Creo lo mismo—le respondí. Y me dormí.



# LA MENINGITIS Y SU SOMBRA

**N**o vuelvo de mi sorpresa. ¿Qué diablos quieren decir la carta de Funes, y luego la charla del médico? Confieso no entender una palabra de todo esto.

He aquí las cosas. Hace cuatro horas, a las 7 de la mañana, recibo una tarjeta de Funes, que dice así:

*Estimado amigo:*

*Si no tiene inconveniente, le ruego que pase esta noche por casa. Si tengo tiempo iré a verlo antes. Muy suyo  
Luis María Funes.*

Aquí ha comenzado mi sorpresa. No se invita a nadie, que yo sepa, a las siete de la mañana para una presunta conversación en la noche, sin un motivo serio. ¿Qué me puede querer Funes? Mi amistad con él es bastante vaga, y en cuanto a su casa, he estado allí una sola vez. Por cierto que tiene dos hermanas bastante monas.

Así, pues, he quedado intrigado. Esto en cuanto a Funes. Y he aquí que una hora después, en el momento en que salía de casa, llega el doctor Ayestarain, otro sujeto de quien he sido condiscípulo en el colegio nacional, y con quien tengo en suma la misma relación a lo lejos que con Funes.

Y el hombre me habla de a, b y c, para concluir:

—Veamos, Durán: Vd. comprende de sobra que no he venido a verlo a esta hora para hablarle de pavadas; ¿no es cierto?

—Me parece que sí—no pude menos que responderle.

—Es claro. Así, pues, me va a permitir una pregunta, una sola. Todo lo que tenga de indiscreta, se lo explicaré en seguida. ¿Me permite?

—Todo lo que quiera—le respondí francamente, aunque poniéndome al mismo tiempo en guardia.

Ayestarain me miró entonces sonriendo, como se sonríen los hombres entre ellos, y me hizo esta pregunta disparatada:

—¿Qué clase de inclinación siente Vd. hacia María Elvira Funes?

¡Ah, ah! ¡Por aquí andaba la cosa, entonces! ¡María Elvira Funes, hermana de Luis María Funes, todos en María! ¡Pero si apenas conocía a esa persona! Nada extraño, pues, que mirara al médico como quien mira a un loco.

—¿María Elvira Funes?—repetí.—Ningún grado ni ninguna inclinación. La conozco apenas. Y ahora... —No, permítame—me interrumpió.—Le aseguro que es una cosa bastante seria... ¿Me podría dar palabra de compañero de que no hay nada entre Vds. dos?

—¡Pero está loco!—le dije al fin.—¡Nada, absolutamente nada! Apenas la conozco, vuelvo a repetirle, y no creo que ella se acuerde de haberme visto jamás. He hablado un minuto con ella, ponga dos, tres, en su propia casa, y nada más. No tengo, por lo tanto, le repito por décima vez, inclinación particular hacia ella.

—Es raro, profundamente raro... —murmuró el hombre, mirándome fijamente.

Comenzaba ya a serme pesado el galeno, por eminente que fuese—y lo era,—pisando un terreno con el que nada tenían que ver sus aspirinas.

—Creo que tengo ahora el derecho... Pero me interrumpió de nuevo:

—Sí, tiene derecho de sobra... ¿Quiere esperar hasta esta noche? Con dos palabras podrá comprender que el asunto es de todo, menos de broma... La persona de quien hablamos está gravemente enferma, casi a la muerte... ¿Entiende algo?—concluyó mirándome bien a los ojos.

Yo hice lo mismo con él durante un rato.

—Ni una palabra—le contesté.

—Ni yo tampoco—apoyó encogiéndose de hombros.—  
Por eso le he dicho que el asunto es bien serio... Por fin esta  
noche sabremos algo. ¿Irá allá? Es indispensable.

—Iré—le dije, encogiéndome a mi vez de hombros.

Y he aquí por qué he pasado todo el día preguntándome  
como un idiota qué relación puede existir entre la enfermedad  
gravísima de una hermana de Funes, que apenas me conoce,  
y yo, que la conozco apenas.

\*\*\*

Vengo de lo de Funes. Es la cosa más extraordinaria  
que haya visto en mi vida. Metempsícosis, espiritismos, te-  
lepatías y demás absurdos del mundo interior, no son nada  
en comparación de este mi propio absurdo en que me veo  
envuelto. Es un pequeño asunto para volverse loco. Véase:

Fuí a lo de Funes. Luis María me llevó al escritorio.  
Hablamos un rato, esforzándonos como dos zonzos, puesto  
que comprendiéndolo así evitábamos mirarnos, en charlar  
de bueyes perdidos. Por fin entró Ayestarain, y Luis María  
salió, dejándome sobre la mesa el paquete de cigarrillos,  
pues se me habían concluido. Mi ex discípulo me contó  
entonces lo que en resumen es esto:

Cuatro o cinco noches antes, al concluir un recibo en su propia casa, María Elvira se había sentido mal— cuestión de un baño demasiado frío esa tarde, según opinión de la madre. Lo cierto es que había pasado la noche fatigada, y con buen dolor de cabeza. A la mañana siguiente, mayor quebranto, fiebre; y a la noche, una meningitis, con todo su cortejo. El delirio, sobre todo, franco y prolongado a más no pedir.

Concomitantemente, una ansiedad angustiosa, imposible de calmar. Las proyecciones psicológicas del delirio, por decirlo así, se erigieron y giraron desde la primera noche alrededor de un solo asunto, uno solo, pero que absorbe su vida entera. Es una obsesión—prosiguió Ayestarain,—una sencilla obsesión a 42°. Tiene constantemente fijos los ojos en la puerta, pero no llama a nadie. Su estado nervioso se resiente de esa muda ansiedad que la está matando, y desde ayer hemos pensado con mis colegas en calmar eso... No puede seguir así. ¿Y sabe Vd.—concluyó—a quién nombra cuando el sopor la aplasta?

—No sé...—le respondí, sintiendo que mi corazón cambiaba bruscamente de ritmo.

—A Vd.—me dijo, pidiéndome fuego. Quedamos, bien se comprende, un rato mudos.

—¿No entiende todavía?—dijo al fin.

—Ni una palabra... —murmuré aturdido, tan aturdido, como puede estarlo un adolescente que a la salida del teatro ve a la primera gran actriz que desde la penumbra del coche mantiene abierta hacia él la portezuela... Pero yo tenía ya casi treinta años, y pregunté al médico qué explicación razonable se podía dar de eso.

—¿Explicación? Ninguna. Ni la más mínima. ¿Qué quiere Vd. que se sepa de eso? Ah, bueno... Si quiere una a toda costa, supóngase que en una tierra hay un millón, dos millones de semillas distintas, como en cualquier parte. Viene un terremoto, remueve como un demonio eso, tritura el resto, y brota una semilla, una cualquiera, de arriba o del fondo, lo mismo da. Una planta magnífica... ¿Le basta eso? No podría decirle una palabra más. ¿Por qué Vd., precisamente, que apenas la conoce, y a quien la enferma no conoce tampoco más, ha sido en su cerebro delirante la semilla privilegiada? ¿Qué quiere que se sepa de esto?

—Sin duda...—repuso a su mirada siempre interrogante, sintiéndome al mismo tiempo bastante enfriado al verme convertido en sujeto gratuito de divagación cerebral, primero, y en agente terapéutico, después.

En ese momento entró Luis María.

—Mamá lo llama—dijo al médico. Y volviéndose a mí, con una sonrisa forzada:

—¿Lo enteró Ayestarain de lo que pasa?... Sería cosa de volverse loco con otra persona...

Esto de *otra persona* merece una explicación. Los Funes, y en particular la familia de que comenzaba a formar tan ridícula parte, tienen un fuerte orgullo; por motivos de abolengo, supongo, y por su fortuna, que me parece lo más cierto. Siendo así, se daban por pasablemente satisfechos con que las fantasías amorosas del hermoso retoño se hubieran detenido en mí, Carlos Durán, ingeniero, en vez de mariposear sobre un sujeto cualquiera de insuficiente posición social. Así, pues, agradecí en mi fuero interno el distingo de que me hacía honor el joven patricio.

—Es extraordinario...—recomenzó Luis María, haciendo correr con disgusto los fósforos sobre la mesa. Y un momento después, con una nueva sonrisa forzada: —¿No tendría inconveniente en acompañarnos un rato? ¿Ya sabe, no? Creo que vuelve Ayestarain.

En efecto, éste entraba.

—Empieza otra vez...—sacudió la cabeza, mirando únicamente a Luis María. Luis María se dirigió entonces a mí con la tercera sonrisa forzada de esa noche:

—¿Quiere que vayamos?

—Con mucho gusto—le dije. Y fuimos.

Entró el médico sin hacer ruido, entró Luis María, y por fin entré yo, todos con cierto intervalo. Lo que primero me chocó, aunque debía haberlo esperado, fué la penumbra del dormitorio. La madre y la hermana, de pie, me miraron fijamente, respondiendo con una corta inclinación de cabeza a la mía, pues creí no deber pasar de allí. Ambas me parecieron mucho más altas. Miré la cama, y vi, bajo la bolsa de hielo, dos ojos abiertos vueltos a mí. Miré al médico, titubeando, pero éste me hizo una imperceptible seña con los ojos, y me acerqué a la cama.

Yo tengo alguna idea, como todo hombre, de lo que son dos ojos que nos aman, cuando uno se va acercando mucho a ellos. Pero la luz de aquellos ojos, la felicidad en que se iban anegando mientras me acercaba, el mareado relampagueo de dicha, hasta el estrabismo, cuando me incliné sobre ellos, jamás en un amor normal a 37° los volveré a hallar.

Balbuceó algunas palabras, pero con tanta dificultad de sus labios resecos, que nada oí. Creo que me sonreí como un estúpido (¡qué iba a hacer, quiero que me digan!), y ella tendió entonces su brazo hacia mí. Su intención era tan inequívoca que le tomé la mano,

—Siéntese ahí—murmuró.

Luis María corrió el sillón hacia la cama y me senté.

Véase ahora si ha sido dado a persona alguna una situación más extraña y disparatada:

Yo, en primer término, puesto que era el héroe, teniendo en la mía una mano ardida en fiebre y en un amor totalmente equivocado. En el lado opuesto, de pie, el médico. A los pies de la cama, sentado, Luis María. Apoyadas en el respaldo, en el fondo, la madre y la hermana. Y todos sin hablar, mirándonos con el ceño fruncido.

¿Qué iba a hacer? ¿Qué iba a decir? Preciso es que piensen un momento en esto. La enferma, por su parte, arrancaba a veces sus ojos de los míos, y recorría con dura inquietud los rostros presentes uno tras otro, sin reconocerlos, para dejar caer otra vez su mirada sobre mí, confiada en profunda felicidad.

¿Qué tiempo estuvimos así? No sé; acaso media hora, acaso mucho más. Un momento intenté retirar la mano, pero la enferma la oprimió más entre la suya.

—Todavía no...—murmuró, tratando de hallar más cómoda postura a su cabeza. Todos acudieron, se estiraron las sábanas, se renovó el hielo, y otra vez los ojos se fijaron en inmóvil dicha. Pero de vez en cuando tornaban a apartarse inquietos y recorrían las caras desconocidas. Dos o tres veces miré exclusivamente al médico; pero éste bajó las pestañas, indicándome que esperara. Y tuvo razón, al fin, porque de pronto, bruscamente, como un derrumbe de sueño, la enferma cerró los ojos y se durmió.

Salimos todos, menos la hermana, que ocupó mi lugar en el sillón. No era fácil decir algo—yo al menos. La madre por fin se dirigió a mí con una triste y seca sonrisa:

—Qué cosa más horrible, ¿no? ¡Da pena!

¡Horrible, horrible! No era la enfermedad, sino la situación lo que les parecía horrible. Estaba visto que todas las galanterías iban a ser para mí en aquella casa. Primero el hermanito, luego la madre. Ayestarain, que nos había dejado un instante, salió muy satisfecho del estado de la enferma; descansaba con una placidez desconocida aún. La madre miró a otro lado, y yo miré al médico: podía irme, claro que sí, y me despedí.

\*\*\*

He dormido mal, lleno de sueños que nada tienen que ver con mi habitual vida. Y la culpa de ello está en la familia Funes, con Luis María, madre, hermanas, médicos y parientes colaterales. Porque si se concreta bien la situación, ella da lo siguiente:

Hay una joven de diez y nueve años, muy bella sin duda alguna, que apenas me conoce y a quien le soy profunda y totalmente indiferente. Esto en cuanto a María Elvira. Hay, por otro lado, un sujeto joven también—ingeniero, si se

quiere—que no recuerda haber pensado dos veces seguidas en la joven en cuestión. Todo esto es razonable, inteligible y normal.

Pero he aquí que la joven hermosa se enferma, de meningitis o cosa por el estilo, y en el delirio de la fiebre, única y exclusivamente en el delirio, se siente abrasada de amor. ¿Por un primo, un hermano de sus amigos, un joven mundano que ella conoce bien? No señor; por mí.

¿Es esto bastante idiota? Tomo, pues, una determinación, que haré conocer al primero de esa bendita casa que llegue a mi puerta.

\*\*\*

Sí, es claro. Como lo esperaba, Ayestarain estuvo este mediodía a verme. No pude menos que preguntarle por la enferma, y su meningitis.

—¿Meningitis?—me dijo—¡Sabe Dios lo que es! Al principio parecía, y anoche también... Hoy ya no tenemos idea de lo que será.

—Pero, en fin—objeté,—siempre una enfermedad cerebral...

—Y medular, claro está... Con unas lesioncillas quién sabe dónde... ¿Vd. entiende algo de medicina?

—Muy vagamente...

—Bueno; hay una fiebre remitente, que no sabemos de dónde sale... Era un caso para marchar a todo escape a la muerte... Ahora hay remisiones— tac—tac—tac, justas como un reloj...

—Pero el delirio—insistí—¿existe siempre?

—¡Ya lo creo! Hay de todo allí... Y a propósito, esta noche lo esperamos.

Ahora me había llegado el turno de hacer medicina a mi modo. Le dije que mi propia sustancia había cumplido ya su papel curativo la noche anterior, y que no pensaba ir más.

Ayestarain me miró fijamente:

—¿Por qué? ¿Qué le pasa?

—Nada, sino que no creo sinceramente ser necesario allá... Dígame: ¿Vd. tiene idea de lo que es estar en una posición humillantemente ridícula; si o no?

—No se trata de eso...

—Sí, se trata de eso, de desempeñar un papel estúpido... ¡Curioso que no comprenda!

—Comprendo de sobra... Pero me parece algo así como...—no se ofenda— cuestión de amor propio.

—Muy lindo!—salté—¡Amor propio! ¡Y no se les ocurre otra cosa! ¡Les parece cuestión de amor propio ir a sentarse como un idiota para que me tomen la mano la noche entera

ante toda la parentela con el ceño fruncido! Si a Vds. les parece una simple cuestión de amor propio, arréglense entre Vds. Yo tengo otras cosas que hacer.

Ayestarain comprendió al parecer la parte de verdad que había en lo anterior, porque no insistió, y hasta que se fué no volvimos a hablar de aquello.

Todo esto está bien. Lo que no lo está tanto es que hace diez minutos acabo de recibir una esquila del médico, así concebida:

*Amigo Durán:*

*Con todo su bagaje de rencores, nos es indispensable esta noche. Supóngase una vez más que Vd. hace de cloral, brional, el hipnótico que menos le irrite los nervios, y véngase.*

Dije un momento antes que lo malo era la precedente carta. Y tengo razón, porque desde esta mañana no espero sino esa carta...

\*\*\*

Durante siete noches consecutivas—de once a una de la mañana, momento en que remitía la fiebre, y con ella el delirio—he permanecido al lado de María Elvira Funes, tan cerca como pueden estarlo dos amantes. Me ha tendido a veces su mano como la primera noche, y otras se ha preocupado de deletrear

mi nombre, mirándome. Sé a ciencia cierta, pues, que me ama profundamente en ese estado, no ignorando tampoco que en sus momentos de lucidez no tiene la menor preocupación por mi existencia, presente o futura. Esto crea así un caso de psicología singular de que un novelista podría sacar algún partido. Por lo que a mí se refiere, sé decir que esta doble vida sentimental me ha tocado fuertemente el corazón. El caso es éste: María Elvira, si es que acaso no lo he dicho, tiene los ojos más admirables del mundo. Está bien que la primera noche yo no viera en su mirada sino el reflejo de mi propia ridiculez de remedio inocuo. La segunda noche sentí menos mi insuficiencia real. La tercera vez no me costó esfuerzo alguno sentirme el ente dichoso que simulaba ser, y desde entonces vivo y sueño ese amor con que la fiebre enlaza su cabeza a la mía.

¿Qué hacer? Bien sé que todo esto es transitorio, que de día ella no sabe quien soy, y que yo mismo acaso no la ame cuando la vea de pie. Pero los sueños de amor, aunque sean de dos horas y a 40°, se pagan en el día, y mucho me temo que si hay una persona en el mundo a la cual esté expuesto a amar a plena luz, ella no sea mi vano amor nocturno... Amo, pues, una sombra, y pienso con angustia en el día en que Ayestarain considere a su enferma fuera de peligro, y no precise más de mí.

Crueldad ésta que apreciarán en toda su cálida simpatía, los hombres que están enamorados—de una sombra o no.

Ayestarain acaba de salir. Me ha dicho que la enferma sigue mejor, y que mucho se equivoca, o me verá uno de estos días libre de la presencia de María Elvira.

—Sí, compañero—me dice. Libre de veladas ridículas, de amores cerebrales, y ceños fruncidos... ¿Se acuerda?

Mi cara no debe expresar suprema alegría, porque el taimado galeno se echa a reír y agrega:

—Le vamos a dar en cambio una compensación...

Los Funes han vivido estos quince días con la cabeza en el aire, y no extrañe, pues, si han olvidado muchas cosas, sobre todo en lo que a Vd. se refiere... Por lo pronto, hoy cenamos allá. Sin su bienaventurada persona —dicho sea de paso—y el amor de marras, no sé en qué hubiera acabado aquello... ¿Qué dice Vd.?

—Digo—le he respondido—que casi estoy tentado de declinar el honor que me hacen los Funes, admitiéndome a su mesa...

Ayestarain se echó a reír.

—¡No embrome!... Le repito que no sabían dónde tenían la cabeza...

—Pero para opio, y morfina, y calmante de mademoiselle, sí, eh? Para eso no se olvidaban de mí!

Mi hombre se puso serio y me miró detenidamente.

—¿Sabe lo que pienso, compañero?

—Diga.

—Que usted es el individuo más feliz de la tierra.

—¿Yo, feliz?...

—O más suertudo. ¿Entiende ahora?

Y quedó mirándome. ¡Hum!—me dije a mí mismo:

O yo soy un idiota, que es lo más posible, o este galeno merece que lo abrace hasta romperle el termómetro dentro del bolsillo. El maligno tipo sabe más de lo que parece, y acaso, acaso... Pero vuelvo a lo de idiota, que es lo más seguro.

—¿Feliz?...—insistí sin embargo—¿Por el amor estrafalario que Vd. ha inventado con su meningitis?

Ayestarain tornó a mirarme fijamente, pero esta vez creí notar un vago, vaguísimo dejo de amargura.

—Y aunque no fuera más que eso, grandísimo zonzo...—ha murmurado, cogiéndome del brazo para salir.

En el camino—hemos ido al Águila, a tomar el vermut—me ha explicado bien claro tres cosas.

1°: que mi presencia, al lado de la enferma, era absolutamente necesaria, dado el estado de profunda excitación—depresión—todo en uno—de su delirio.—2°: que los Funes lo habían comprendido así, ni más ni menos, a despecho de

lo raro, subrepticio e inconveniente que pudiera parecer la aventura, constándoles, está claro, lo artificial de todo aquel amor.—3°: que los Funes han confiado sencillamente en mi educación, para que me dé cuenta—sumamente clara—del sentido terapéutico que ha tenido mi presencia ante la enferma, y la de la enferma ante mí.

—Sobre todo lo último, ¿eh?—he agregado a guisa de comentario.—El objeto de toda esta charla es éste: que no vaya yo jamás a creer que María Elvira siente la menor inclinación real hacia mí. ¿Es eso?

—¡Claro!—se ha encogido de hombros el médico.—Póngase Vd. en su lugar...

Y tiene razón el bendito hombre. Porque a la sola probabilidad de que ella...

Anoche cené en lo de Funes. No era precisamente una comida alegre, si bien Luis María, por lo menos, estuvo muy cordial conmigo. Querría decir lo mismo de la madre, pero por más esfuerzos que hacía para hacerme grata la mesa, evidentemente no ve en mí sino a un intruso a quien en ciertas horas su hija prefiere un millón de veces. Está celosa, y no debemos condenarla. Por lo demás, se alternaban con su hija para ir a ver a la enferma. Esta había tenido un buen día, tan bueno que por primera vez después de quince días no hubo esa noche subida seria de fiebre, y

aunque me quedé hasta la una por pedido de Ayestarain, tuve que volverme a casa sin haberla visto un instante. ¿Se comprende esto?

¡No verla en todo el día! ¡Ah! Si por bendición de Dios, la fiebre, fiebre de 40, 80, 120°, cualquier fiebre, cayera esta noche sobre su cabeza...

Y aquí está: esta sola línea del bendito Ayestarain:

*Delirio de nuevo. Venga en seguida.*

\*\*\*

Todo lo antedicho es suficiente para enloquecer bien que mal a un hombre discreto. Véase esto ahora:

Cuando entré anoche, María Elvira me tendió su brazo como la primera vez. Acostó su cara sobre la mejilla izquierda, y cómoda así, fijó los ojos en mí. No sé qué me decían sus ojos; posiblemente me daban toda su vida y toda su alma en una entrega infinitamente dichosa. Sus labios me dijeron algo, y tuve que inclinarme para oír:

—Soy feliz—se sonrió.

Pasado un momento sus ojos me llamaron de nuevo, y me incliné otra vez.

—Y después... —murmuró apenas, cerrando los ojos con lentitud. Creo que tuvo una súbita fuga de ideas. Pero la luz, la insensata luz que extravía la mirada en los relámpagos de felicidad, inundó de nuevo sus ojos. Y esta vez oí bien claro, sentí claramente sobre mi rostro esta pregunta:

—Y cuando sane y no tenga más delirio...¿me querrás todavía?

¡Locura que se ha sentado a horcajadas sobre mi corazón! ¡*Después!*

¡Cuando no tenga *más delirio!* ¿Pero estábamos todos locos en la casa, o había allí, proyectado fuera de mí mismo, un eco a mi incesante angustia del *después?* ¿Cómo es posible que ella dijera eso? ¿Había meningitis o no? ¿Había delirio o no? Luego mi María Elvira...

No sé qué contesté; presumo que cualquier cosa a escandalizar a la parentela completa si me hubieran oído. Pero apenas había murmurado yo; apenas había murmurado ella con una sonrisa... y se durmió.

De vuelta a casa, mi cabeza era un vértigo vivo, con locos impulsos de saltar al aire y lanzar alaridos de felicidad. ¿Quién, de entre nosotros, puede jurar que no hubiera sentido lo mismo? Porque las cosas, para ser claras, deben ser planteadas así: La enferma con delirio, que por una aberración psicológica cualquiera, ama, únicamente en su delirio, a X.

Esto por un lado. Por el otro, el mismo X, que desgraciadamente para él, no se siente con fuerzas para concretarse exclusivamente a su papel medicamentoso. Y he aquí que la enferma, con su meningitis y su inconsciencia—su incontestable inconsciencia—murmura a nuestro amigo:

*Y cuando no tenga más delirio... me querrás todavía?*

Esto es lo que yo llamo un pequeño caso de locura, claro y rotundo. Anoche, cuando llegaba a casa, creí un momento haber hallado la solución, que sería ésta: María Elvira, en su fiebre, soñaba que estaba despierta. ¿A quién no ha sido dado soñar que está soñando? Ninguna explicación más sencilla, claro está.

Pero cuando por pantalla de ese amor mentido hay dos ojos inmensos, que empapándonos de dicha se anegan ellos mismos en un amor que no se puede mentir: cuando se ha visto a esos ojos recorrer con dura extrañeza los rostros familiares, para caer en extática felicidad ante uno mismo, pese al delirio y cien mil delirios como ese, uno tiene el derecho de soñar toda la noche con aquel amor—o seamos más explícitos: con María Elvira Funes.

\*\*\*

¡Sueño, sueño y sueño! Han pasado dos meses, y creo a veces soñar aún.

¿Fuí yo o no, por Dios bendito, aquél a quien se le tendió la mano, y el brazo desnudo hasta el codo, cuando la fiebre tornaba hostiles aún los rostros bien amados de la casa? ¿Fuí yo o no el que apaciguó en sus ojos, durante minutos inmensos de eternidad, la mirada mareada de amor de mi María Elvira?

Si, fuí yo. Pero eso está acabado, concluído, finalizado, muerto, inmaterial, como si nunca hubiera sido. Y sin embargo...

Volví a verla a los veinte días después. Ya estaba sana, y cené con ellos. Hubo al principio una evidente alusión a los desvaríos sentimentales de la enferma, todo con gran tacto de la casa, en lo que cooperé cuanto me fué posible, pues en esos veinte días transcurridos no había sido mi preocupación menor, pensar en la discreción de que debía yo hacer gala en esa primera entrevista. Todo fué a pedir de boca, no obstante.

—Y Vd.—me dijo la madre sonriendo—¿ha descansado del todo de las fatigas que le hemos dado?

—Oh, era muy poca cosa!... Y aún—concluí riendo también—estaría dispuesto a soportarlas de nuevo...

María Elvira se sonrió a su vez.

—Vd. sí; pero yo, no, le aseguro! La madre la miró con tristeza:

—¡Pobre, mi hija! Cuando pienso en los disparates que se te han ocurrido... En fin—se volvió a mí con agrado.—Vd. es ahora—podríamos decir—de la casa, y le aseguro que Luis María lo estima muchísimo.

El aludido me puso la mano en el hombro y me ofreció cigarrillos.

—Fume, fume, y no haga caso.

—¡Pero Luis María!—le reprochó la madre, semiseria—cualquiera creería al oírte que le estamos diciendo mentiras a Durán!

—No, mamá; lo que dices está perfectamente bien dicho; pero Durán me entiende.

Lo que yo entendía era que Luis María quería cortar con amabilidades más o menos sosas; pero no se lo agradecí en lo más mínimo.

Entretanto, cuantas veces podía, sin llamar la atención, fijaba los ojos en María Elvira. ¡Al fin! Ya la tenía ante mí, sana, bien sana. Había esperado y temido con ansia ese instante. Había amado una sombra, o más bien dicho, dos ojos y treinta centímetros de brazo, pues el resto era una larga mancha blanca. Y de aquella penumbra, como de un capullo taciturno, se había levantado aquella espléndida

figura fresca, indiferente y alegre, que no me conocía. Me miraba como se mira a un amigo de la casa, en el que es preciso detener un segundo los ojos, cuando se cuenta algo o se comenta una frase risueña. Pero nada más. Ni el más leve rastro de lo pasado, ni siquiera afectación de no mirarme, con lo que había yo contado como último triunfo de mi juego. Era un sujeto—no digamos sujeto, sino ser—absolutamente desconocido para ella. Y piénsese ahora en la gracia que me haría recordar, mientras la miraba, que una noche, esos mismos ojos ahora frívolos me habían dicho, a ocho dedos de los míos:

—¿Y cuando esté sana... me querrás todavía?

¡A qué buscar luces, fuegos fatuos de una felicidad muerta, sellada a fuego en el cofrecillo hormigueante de una fiebre cerebral! Olvidarla... Siendo lo que hubiera deseado, era precisamente lo que no podía hacer.

Más tarde, en el hall, hallé modo de aislarme con Luis María, mas colocando a éste entre su hermana y yo; podía así mirarla impunemente, so pretexto de que mi vista iba naturalmente más allá de mi interlocutor. Y es extraordinario cómo su cuerpo, desde el más invisible cabello de su cabeza al tacón de sus zapatos, era un vivo deseo, y cómo al cruzar el hall para ir adentro, cada golpe de su falda contra el charol iba arrastrando mi alma como un papel.

Volvió, se rió, cruzó rozando a mi lado, sonriéndome forzosamente, pues estaba a su paso, mientras yo, como un idiota, continuaba soñando con una súbita detención a mi lado, y no una, sino dos manos, puestas sobre mis sienes:

—Y bien: ahora que me has visto de pie: ¿me quieres todavía?

¡Bah! Muerto, bien muerto, me despedí, y oprimí un instante aquella mano fría, amable y rápida.

\*\*\*

Hay, sin embargo, una cosa absolutamente cierta, y es ésta: María Elvira puede no recordar lo que sintió en sus días de fiebre, admito esto. Pero está perfectamente enterada de lo que pasó, por los cuentos posteriores. Luego, es imposible que yo esté para ella desprovisto del menor interés. De encantos—¡Dios me perdone!—todo lo que ella quiera. Pero de interés, el hombre con quien se ha soñado veinte noches seguidas, eso no. Por lo tanto, su perfecta indiferencia a mi respecto, no es racional. ¿Qué ventajas, qué remota probabilidad de dicha puede reportarme constatar esto? Ninguna, que yo vea. María Elvira se precave así contra mis posibles pretensiones por aquello; he aquí todo.

En lo que no tiene razón. Que me guste desesperadamente, muy bien. Pero que vaya yo a exigir el pago de un pagaré de amor firmado sobre una carpeta de meningitis, ¡diablo! eso no.

\* \* \*

Nueve de la mañana.—No es hora sobremanera decente de acostarse, pero así es. Del baile de lo de Rodríguez Peña, a Palermo. Luego al bar. Todo perfectamente solo. Y ahora a la cama.

Pero no sin disponerme a concluir el paquete de cigarrillos, antes de que el sueño venga. Y aquí está la causa: bailé anoche con María Elvira. Y después de bailar, hablamos así:

—Estos puntitos de la pupila—me dijo, frente uno de otro en la mesita,— no se me han ido aún. No sé qué será... Antes de mi enfermedad no los tenía.

Precisamente nuestra vecina de mesa acababa de hacerle notar ese detalle. Con lo que sus ojos no quedaban sino más luminosos.

Apenas comencé a responderle, me di cuenta de la caída; pero ya era tarde.

—Sí,—le dije, observando sus ojos;—me acuerdo de que antes no los tenía...

Y miré a otro lado. Pero María Elvira se echó a reir:  
—Es cierto; Vd. debe saberlo más que nadie.

¡Ah! ¡qué sensación de inmensa losa derrumbada por fin de sobre mi pecho! Era posible hablar de eso, por fin!

—Eso creo—repuse.—Más que nadie, no sé... Pero si; en el momento a que se refiere, más que nadie, con seguridad.

Me detuve de nuevo; mi voz comenzaba a bajar demasiado de tono.

¡Ah, sí!—se sonrió María Elvira. Apartó los ojos, seria ya, alzándolos a las parejas que pasaban a nuestro lado.

Corrió un momento, para ella de perfecto olvido de lo que hablábamos, supongo, y de sombría angustia para mí. Pero sin bajar los ojos, como si le interesaran siempre los rostros que cruzaban en sucesión de film, agregó de costado:

—Cuando era mi amor, al parecer.

—Perfectamente bien dicho—le dije—su amor *al parecer*.  
Ella me miró entonces, devolviéndome la sonrisa.

—No...

Y se calló.

—¿No... qué? Concluya.

—¿Para qué? Es una zoncera.

—No importa; concluya. Ella se echó a reir:

—¿Para qué? En fin... ¿no supondrá que no era *al parecer*?

—Es un insulto gratuito—le respondí.—Yo fuí el primero en constatar la exactitud de la cosa, cuando yo era su amor... *al parecer*.

—¡Y dale!...—murmuró.—Pero a mi vez el demonio de la locura me arrastró tras aquel ¡y dale! burlón, a una pregunta que nunca debiera haber hecho.

—Oígame, María Elvira—me incliné:—¿Vd. no recuerda nada, no es cierto, nada de aquella ridícula historia?

Me miró muy seria, con altivez, si se quiere, pero al mismo tiempo con atención, como cuando nos disponemos a oír cosas que a pesar de todo no nos disgustan.

—¿Qué historia?—dijo.

—La otra, cuando yo vivía a su lado... —le hice notar con suficiente claridad.

—Nada... absolutamente nada.

—Veamos; míreme un instante...

—No, ni aunque lo mire... —me lanzó en una carcajada.

—No, no es eso... Usted me ha mirado demasiado antes para que yo no sepa... Quería decirle esto: ¿No se acuerda Vd. de haberme dicho algo... dos o tres palabras nada más... la última noche que tuvo fiebre?

María Elvira contrajo las cejas un largo instante, y las levantó luego, más altas que lo natural. Me miró atentamente, sacudiendo la cabeza:

—No, no recuerdo...

—¡Ah!—me callé.

Pasó un rato. Vi de reojo que me miraba aún.

—¿Qué—murmuró.

—¿Qué... qué?—repetí.

—¿Qué le dije?

—Tampoco me acuerdo ya...

—Sí, se acuerda... ¿Qué le dije?

—No sé, le aseguro...

—Sí, sabe... ¿Qué le dije?

—¡Veamos!—me eché de nuevo sobre la mesa.—Si Vd. no recuerda absolutamente nada, puesto que todo era una alucinación de fiebre, ¿qué puede importarle lo que me haya o no dicho en su delirio?

El golpe era serio. Pero María Elvira no pensó en contestarlo, contentándose con mirarme un instante más y apartar la vista con una corta sacudida de hombros.

—Vamos—me dijo bruscamente.—Quiero bailar este vals.

—Es justo—me levanté.—El sueño de vals que bailábamos no tiene nada de divertido.

No me respondió. Mientras avanzábamos al salón, parecía buscar con los ojos a alguno de sus habituales compañeros de vals.

—¿Qué sueño de vals desagradable para Vd.?—me dijo de pronto, sin dejar de recorrer el salón con la vista.

—Un vals de delirio... no tiene nada que ver con esto—me encogí a mi vez de hombros.

Creí que no hablaríamos más esa noche. Pero aunque María Elvira no dijo una palabra, tampoco pareció hallar al compañero ideal que buscaba. De modo que deteniéndose, me dijo con una sonrisa forzada—la ineludible forzada sonrisa que campeó sobre toda aquella historia:

—Si quiere, entonces, baile este vals con su amor...

—... *al parecer*. No agrego una palabra más—repuse, pasando la mano por su cintura.

\*\*\*

Un mes más transcurrido. ¡Pensar que la madre, Angélica y Luis María están para mí ahora llenos de poético misterio! La madre es, desde luego, la persona a quien María Elvira tutea y besa más íntimamente. Su hermana la ha visto desvestirse. Luis María, por su parte, se permite pasarle la mano por la barbilla cuando entra y ella está sentada de espaldas. Tres personas bien felices, como se ve, e incapaces de apreciar la dicha en que se ven envueltos.

En cuanto a mí, me paso la vida llevando cigarros a la boca como quien quema margaritas: ¿me quiere? ¿no me quiere?

Después del baile en lo de Peña, he estado con ella muchas veces—en su casa, desde luego, todos los miércoles.

Conserva su mismo círculo de amigos, sostiene a todos con su risa, y flirtea admirablemente cuantas veces se lo proponen. Pero siempre halla modo de no perderme de vista. Esto cuando está con los otros. Pero cuando está conmigo, entonces no aparta los ojos de ellos.

¿Es esto razonable? No, no lo es. Y por eso tengo desde hace un mes una buena laringitis, a fuerza de ahumarme la garganta.

Anoche, sin embargo, he tenido un momento de tregua. Era miércoles. Ayestarain conversaba conmigo, y una breve mirada de María Elvira, lanzada hacia nosotros por sobre los hombros del cuádruple flirt que la rodeaba, puso su espléndida figura en nuestra conversación. Hablamos de ella, y fugazmente, de la vieja historia. Un rato después se detenía ante nosotros.

—¿De qué hablan?

—De muchas cosas; de Vd. en primer término— respondió el médico.

—Ah, ya me parecía...—Y recogiendo hacia ella un silloncito romano, se sentó cruzada de piernas, el busto tendido adelante, con la cara sostenida en la mano.

—Sigan; ya escucho.

—Contaba a Durán—dijo Ayestarain,—que casos como el que le ha pasado a Vd. en su enfermedad, son raros, pero hay algunos. Un autor inglés, no recuerdo cual, cita uno. Solamente que es más feliz que el suyo.

—¿Más feliz? ¿Y por qué?

—Porque en aquél no hay fiebre, y ambos se aman en sueños. En cambio, en este caso, Vd. era únicamente quien amaba...

¿Dije ya que la actitud de Ayestarain me había parecido siempre un tanto tortuosa respecto a mí? Si no lo dije, tuve en aquel momento un fulminante deseo de hacérselo sentir, no solamente con la mirada. Algo, no obstante, de ese anhelo debió percibir en mis ojos, porque se levantó riendo:

—Los dejo para que hagan las paces.

—¡Maldito bicho!—murmuré, ya tranquilo cuando se alejó.

—¿Por qué? ¿Qué le ha hecho?

—Dígame, María Elvira—exclamé—¿le ha hecho el amor a Vd. alguna vez?

—¿Quién, Ayestarain?

—Sí, él.

Me miró titubeando al principio. Luego, plenamente en los ojos, sería:

—Sí—me contestó.

—¡Ah, ya me lo esperaba!... Por lo menos ese tiene suerte...—murmuré, ya amargado del todo.

—¿Por qué?—me preguntó.

Sin responderle, me encogí violentamente de hombros y miré a otro lado. Ella siguió mi vista. Pasó un momento.

—¿Por qué?—insistió, con esa obstinación pesada y distraída de las mujeres, cuando comienzan a hallarse perfectamente a gusto con un hombre. Estaba ahora, y estuvo durante los breves momentos que siguieron, de pie, con la rodilla sobre el silloncito. Mordía un papel— jamás supe de dónde pudo salir—y me miraba, subiendo y bajando imperceptiblemente las cejas.

—¿Por qué?—repuse al fin.—Porque él ha tenido por lo menos la suerte de no servir de muñeco ridículo al lado de una cama, y puede hablar seriamente, sin ver subir y bajar las cejas como si no se entendiera lo que digo...¿comprende ahora?

María Elvira me miró unos instantes pensativa, y luego movió negativamente la cabeza, con su papel en los labios.

—¿Es cierto o no?—insistí, pero ya con el corazón a loco escape. Ella tornó a sacudir la cabeza:

—No, no es cierto...

—¡María Elvira!—llamó Angélica de lejos.

Todos saben que la voz de los hermanos suele ser de lo más inoportuna. Pero jamás una voz fraternal ha caído en un diluvio de hielo y pez fría tan fuera de propósito como aquella vez.

María Elvira tiró el papel y bajó la rodilla.

—Me voy—me dijo riendo, con la risa que ya le conocía cuando afrontaba un flirt.

—¡Un solo momento!—le dije.

—¡Ni uno más!—me respondió alejándose ya y negando con la mano.

¿Qué me quedaba por hacer? Nada, a no ser tragar el papelito húmedo, hundir la boca en el hueco que había dejado su rodilla, y estrellar el sillón contra la pared. Y estrellarme en seguida yo mismo contra un espejo, por imbécil. La inmensa rabia de mí mismo me hacía sufrir, sobre todo.

¡Intuiciones viriles! ¡Sicologías de hombre corrido! Y la primer coqueta cuya rodilla está marcada allí, se burla de todo eso con una frescura sin par!

\*\*\*

No puedo más. La quiero como un loco, y no sé, lo que es más amargo aún, si ella me quiere realmente o no. Además, sueño, sueño demasiado, y cosas por el estilo: Ibamos del brazo por un salón, ella toda de blanco, y yo como un bulto

negro a su lado. No había más que personas de edad en el salón, y todas sentadas, mirándonos pasar. Era, sin embargo, un salón de baile. Y decían de nosotros: *La meningitis y Su Sombra*. Me desperté, y volví a soñar: el tal salón de baile estaba frecuentado por los muertos diarios de una epidemia. El traje blanco de María Elvira era un sudario, y yo era la misma sombra de antes, pero tenía ahora por cabeza un termómetro. Eramos siempre *La meningitis y Su Sombra*.

¿Qué puedo hacer con sueños de esta naturaleza? No puedo más. Me voy a Europa, a Norte América, a cualquier parte, donde pueda olvidarla.

¿A qué quedarme? ¿A recomenzar la historia de siempre, quemándome solo, como un payaso, o a desencontrarnos cada vez que nos sentimos juntos? ¡Ah, no! Concluamos con esto. No sé el bien que le podrá hacer a mis planos esta ausencia sentimental (¡y sí, sentimental!, aunque no quiera); pero quedarme sería ridículo, y estúpido, y no hay para qué divertir más a las María Elvira.

\*\*\*

Podría escribir aquí cosas pasablemente distintas de las que acabo de anotar, pero prefiero contar simplemente lo que pasó el último día que vi a María Elvira.

Por bravata, o desafío a mí mismo, o quién sabe por qué mortuoria esperanza de suicida, fui la tarde anterior de mi salida a despedirme de los Funes. Ya hacía diez días que tenía mis pasajes en el bolsillo, por donde se verá cuánto desconfiaba de mí mismo.

María Elvira estaba indispuesta—asunto de garganta o jaqueca—pero visible. Pasé un momento a la antesala a saludarla. La hallé hojeando músicas, desganaada. Al verme se sorprendió un poco, aunque tuvo tiempo de echar una rápida ojeada al espejo. Tenía el rostro abatido, los labios pálidos, y los ojos oscuros de ojeras. Pero era ella siempre, más hermosa aún para mí, porque la perdía. Le dije sencillamente que me iba, y que le deseaba mucha felicidad. Al principio no me comprendió.

—¿Se va? ¿Y adónde?

—A Norte América... Acabo de decírselo.

—¡Ah!—murmuró, marcando bien claramente la contracción de los labios. Pero en seguida me miró, inquieta.

—¿Está enfermo?

—¡Pst!... no precisamente... No estoy bien.

—¡Ah!—murmuró de nuevo. Y miró hacia afuera a través de los vidrios, abriendo bien los ojos, como cuando uno pierde el pensamiento.

Por lo demás, llovía en la calle, y la antesala no estaba clara. Se volvió a mí.

—¿Por qué se va?—me preguntó.

—¡Hum!—me sonreí—Sería muy largo, infinitamente largo de contar... En fin, me voy.

María Elvira fijó aún los ojos en mí, y su expresión, preocupada y atenta, se tornó sombría.

Concluyamos, me dije. Y adelanteme:

—Bueno, María Elvira...

Me tendió lentamente la mano, una mano fría y húmeda, de jaqueca.

—Antes de irse—me dijo—¿no me quiere decir por qué se va?

Su voz había bajado un tono. El corazón me latió locamente, pero como en un relámpago, la vi ante mí, como aquella noche, alejándose riendo y negando con la mano: “no, ya estoy satisfecha”... ¡Ah, no, yo también!

¡Con aquello tenía bastante!

—Me voy—le dije bien claro—porque estoy hasta aquí, de dolor, ridiculez y vergüenza de mí mismo! ¿Está contenta ahora?

Tenía aún la mano en la mía. La retiró, se volvió lentamente, quitó la música del atril para colocarla sobre el piano, todo con pausa y mesura, y me miró de nuevo con esforzada y dolorosa sonrisa:

—¿Y si yo... le pidiera que no se fuera?...

—¡Pero por Dios bendito!—exclamé—¡No se da cuenta de que me está matando con estas cosas! ¡Estoy harto de

sufrir y echarme en cara mi infelicidad! ¿Qué ganamos, qué gana Vd. con estas cosas? ¡No, basta ya!

¿Sabe Vd.—agregué adelantándome—lo que Vd. me dijo aquella última noche de su enfermedad? ¿Quiere que se lo diga? ¿Quiere?

Quedó inmóvil, toda ojos.

—Si, dígame...

—¡Bueno! Vd. me dijo, y maldita sea la noche en que lo oí, Vd. me dijo bien claro esto: y—cuan—do—no tenga—más—de—li—rio, me que—rrás toda—ví—a? Vd. tenía delirio aún, ya lo sé... ¿Pero qué quiere que haga yo ahora? ¿Quedarme aquí, a su lado, desangrándome vivo con su modo de ser, porque la quiero como un idiota!... Esto es bien claro también, eh?

¡Ah! le aseguro que no es vida la que llevo! ¡No, no es vida!

Había apoyado la frente en los vidrios, deshecho, sintiendo que después de lo que había dicho, mi amor, mi alma, mi vida, se derrumbaban para siempre jamás.

Pero era menester concluir y me volví: ella estaba a mi lado, y en sus ojos

—como en un relámpago, de felicidad esta vez—vi en sus ojos resplandecer, marearse, sollozar, la luz de húmeda dicha que creía muerta ya.

—¡María Elvira!—exclamé, grité, creo.—¡Mi amor querido! ¡Mi alma adorada!

Y ella, en silenciosas lágrimas de tormento concluído, vencida, entregada, dichosa, había hallado por fin sobre mi pecho, postura cómoda a su cabeza.

\*\*\*

Y nada más. ¿Habrá cosa más sencilla que todo esto? Yo he sufrido, es bien posible, llorado, aullado de dolor, y debo creerlo porque así lo he escrito. ¡Pero qué endiabladamente lejos está todo eso! Y tanto más lejos porque—y aquí está lo más gracioso de esta nuestra historia—ella está aquí, a mi lado, leyendo con la cabeza sobre la lapicera, lo que escribo. Ha protestado, bien se ve, ante no pocas observaciones mías; pero en honor del arte literario en que nos hemos engolfado con tanta frescura, se resigna como buena esposa. Por lo demás, ella cree conmigo que la impresión general de la narración, reconstruída por etapas, es un reflejo bastante acertado de lo que pasó, sentimos y sufrimos. Lo cual, para obra de un ingeniero, no está del todo mal.

En este momento María Elvira me interrumpe para decirme que la última línea escrita no es verdad: Mi narración no sólo no está del todo mal, sino que está bien, muy

bien. Y como argumento irrefutable, me echa los brazos al cuello y me mira, no sé si a mucho más de cinco centímetros.

—¿Es verdad?—murmura—o arrulla, mejor dicho.

—¿Se puede poner arrulla?—le pregunto.

—¡Sí, y esto, y esto! Y me da un beso.

¿Qué más puedo añadir?



# MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura  
**livre**

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

[www.mojo.org.br](http://www.mojo.org.br)

# FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO  
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no  
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

**Presidente do Conselho Regional**

[Regional Board Chairman]

**Abram Szajman**

**Diretor do Departamento Regional**

[Regional Department Director]

**Danilo Santos de Miranda**

## **Superintendente de Comunicação Social**

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

## **Superintendente Técnico-Social**

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

## **Gerentes**

[Departments]

## **Sesc Digital**

Fernando Amoedo Tuacek

## **Ação Cultural**

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

## **Assessoria de Relações Internacionais**

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO  
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

**Diretor Executivo**

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

**Vice-Diretor Executivo**

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

**Diretoria**

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

**Conselheiro de Negócios**

[Business Advisor]

Abel Reis

## **Curadoria Acadêmica**

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

## **Organizador e Produtor Literatura Livre**

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

## **Curadores e Editores**

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

## **Revisores**

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

## **Direção de Arte**

[Art Director]

George Farwell

## **Ilustrações**

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

## **Editoração Digital e Ebooks**

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

### **Desenvolvedor**

[Developer]

Andre Resende

### **Tradutores**

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

## Literatura Livre

### Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

***O Leviatã*** (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);  
***Crônicas do Japão*** (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)  
e Ō-no-Yasumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's  
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,  
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);  
***Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2*** (*The Folk Tales from  
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);  
*Zanzibar Tales* (1901), George W. Bateman (1850–1940);  
*Where Animals Talk* (1912), Robert Hamill Nassau (1835–  
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.  
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far  
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***  
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,  
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,  
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti  
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***  
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);  
***Coração das trevas*** (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad  
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South  
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

## Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

**Mil novecentos e oitenta e quatro** (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta<sup>ʿ</sup>lab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)